

MESTRADO EM MUSEOLOGIA

Famílias em Museus: Proposta para a Casa-Museu Marta Ortigão Sampaio.

Andreia dos Santos Diogo

M

2018



Andreia dos Santos Diogo

Famílias em Museus:

Proposta para a Casa-Museu Marta Ortigão Sampaio.

Relatório de Estágio realizado no âmbito do Mestrado em Museologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto e desenvolvido na Casa-Museu Marta Ortigão Sampaio (à Divisão Municipal de Museus e Património Cultural da Câmara Municipal do Porto). Orientado pela Professora Doutora Alice Lucas Semedo e coorientado pela Doutora Inês Spratley Ferreira.

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Dezembro 2018

Famílias em Museus: Proposta para a Casa-Museu Marta Ortigão Sampaio.

Andreia dos Santos Diogo

Relatório de Estágio realizado no âmbito do Mestrado em Museologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto e desenvolvido na Casa-Museu Marta Ortigão Sampaio (à Divisão Municipal de Museus e Património Cultural da Câmara Municipal do Porto). Orientado pela Professora Doutora Alice Lucas Semedo e coorientado pela Doutora Inês Spratley Ferreira.

Membros do Júri

Professora Doutora Maria Alice Duarte
Faculdade de Letras – Universidade do Porto

Professora Doutora Alice Lucas Semedo
Faculdade de Letras – Universidade do Porto

Mestre Liliana Aguiar
Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão – Técnico Superior

Classificação obtida: 18 valores

Sumário

Declaração de honra	viii
Agradecimentos.....	ix
Resumo e palavras-chave	x
Abstract and keywords	xi
Índice de figuras	xii
Índice de tabelas	xiii
Lista de abreviaturas e siglas.....	xiv
 Introdução.....	 1
 PARTE I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO: PROBLEMÁTICA E CONCEITOS	 5
Capítulo 1 – Educação e aprendizagem em museus.....	6
1.1. Mudança de paradigmas	11
1.2. O papel do sector educativo	15
1.2.1. A figura do/a educador/a	16
Capítulo 2 – A família como visitante do museu	19
2.1. O que se entende por “família”	19
2.1.1. Mudanças na composição da família.....	23
2.2. Famílias e estudos de público.....	26
2.3. Motivações e comportamentos	31
2.4. Aprender em família.....	34
2.5. A relação família-museu: benefícios, carências e desafios	35
2.6. Implicações para a prática: reflexão geral	40
Capítulo 3 – Casos práticos de programação para famílias.....	45
3.1. Panorama internacional	45
3.2. Panorama nacional	48
3.2.1. Os Museus Municipais do Porto.....	50
 PARTE II – PENSAR E TRABALHAR NA PRÁTICA.....	 52
Capítulo 4 – Instituição de acolhimento do estágio: Casa-Museu Marta Ortigão Sampaio	53
4.1. O serviço educativo da Casa-Museu Marta Ortigão Sampaio.....	57
Capítulo 5 – Atividades desenvolvidas no estágio curricular.....	60
5.1. Pesquisa e consulta documental	62
5.2. Acompanhamento e participação em ações de educação	63
5.2.1. Programa “Porto de Crianças”	63

5.2.2.	Programa “Educação para o Património”	66
5.2.3.	Projeto “Nos Bastidores da Cidade”	69
5.2.4.	Diários gráficos	70
5.2.5.	Percursos pela cidade	71
5.2.6.	Oficina “Flores de papel”	72
5.2.7.	Visitas e atividades isoladas	72
5.3.	Participação em workshops e conferências	75
5.3.1.	Uso de técnicas artísticas nos processos de educação em museus	75
5.3.2.	Representação da deficiência nos museus	76
5.3.3.	Seminário “Comunicar: Aliando sectores, potenciando ferramentas, promovendo competências em museus”	77
5.3.4.	International Meeting: +Digital Future – competences for the cultural sector.....	77
5.4.	Grupo de trabalho para famílias	78
PARTE III – NOVOS RUMOS: PROPOSTA DE ATIVIDADE.....		82
Capítulo 6 – Planeamento e organização de atividades e materiais educativos		83
6.1.	Visita orientada e visita oficina: <i>A arte de retratar – Uma visita com Aurélia de Sousa</i>	85
6.1.1.	Descrição sumária	85
6.1.2.	Tema	86
6.1.3.	Recursos	88
6.1.4.	Metas e objetivos	90
6.1.5.	Resultados e indicadores	91
6.1.6.	Divulgação.....	93
6.1.7.	Avaliação.....	93
6.1.8.	Estrutura e desenvolvimento	94
6.2.	Material de apoio – desdobrável.....	99
CONSIDERAÇÕES FINAIS		100
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS		103
ANEXOS.....		111
Anexo A – Modelo Lógico de desenvolvimento de programas de educação para o Museu da Cidade do Porto		111
ANEXO B – Atividades com fotografia estenopeica que serviram de inspiração para a proposta de atividade		112
APÊNDICES		114

Apêndice A – Quadro analítico dos estudos de público, com referência para as características das famílias, as motivações para visitar museus e os comportamentos observados e apontados nesses estudos.....	114
Apêndice B – Exercício de construção de personas	120
Apêndice C – Casos práticos de museus e instituições com programação para famílias: tipologias de oferta.....	124
Apêndice D – Cronograma de estágio.....	129
Apêndice E – Atividades e tarefas realizadas/observadas no estágio curricular: datas de realização, abordagens educativas, competências/conhecimentos adquiridos e relevância para práticas futuras	131
Apêndice F – Atividades para famílias propostas pelos Museus Municipais do Porto em 2016	145
Apêndice G – Atividades para famílias propostas pelos Museus Municipais do Porto em 2018 ...	147
Apêndice H – Proposta de ficha de diagnóstico para as atividades e programas educativos dos Museus Municipais do Porto	148
Apêndice I – Calendarização das reuniões e conteúdos abordados no grupo de famílias durante o período de estágio.....	150
Apêndice J – <i>Toolkit</i> famílias (desenvolvido em contexto de estágio e pelo grupo de trabalho para famílias).....	151
Apêndice K – Objetos propostos para a atividade.....	189
Apêndice L – Desdobrável para famílias	208
Apêndice M – Modelo lógico da proposta de atividade <i>A arte de retratar – Uma visita com Aurélia de Sousa</i>	210
Apêndice N – Quadro síntese geral da temática.....	213

Declaração de honra

Declaro que o presente Relatório de Estágio é de minha autoria e não foi utilizado previamente noutro curso ou unidade curricular, desta ou de outra instituição. As referências a outros autores (afirmações, ideias, pensamentos) respeitam escrupulosamente as regras da atribuição, e encontram-se devidamente indicadas no texto e nas referências bibliográficas, de acordo com as normas de referenciação. Tenho consciência de que a prática de plágio e auto-plágio constitui um ilícito académico.

Porto, 13 de dezembro de 2018

Andreia dos Santos Diogo

Agradecimentos

À orientadora deste Relatório, a Professora Doutora Alice Semedo, um profundo agradecimento pelo apoio, entusiasmo, amizade, ensinamentos e conselhos prestados. Obrigada por acreditar nas minhas capacidades.

À Doutora Inês Ferreira, coorientadora deste trabalho e orientadora do estágio realizado na Casa-Museu Marta Ortigão Sampaio, pelos conselhos e preocupação. Pelas ideias, gargalhadas e desenhos fantásticos com que me brindou.

À Doutora Isabel Andrade, que me fez ver que a definição de “gostar do que se faz” pode ser encontrada numa pessoa. Obrigada por todas as conversas e conselhos.

A toda a restante equipa da Casa-Museu Marta Ortigão Sampaio e a outros estagiários com quem me cruzei, obrigada por me receberem tão bem e me fazerem sentir em casa.

Aos meus pais e irmão, os maiores do universo, por tudo e mais alguma coisa. Isto aqui é para vocês. Que um dia vos dê tanto orgulho como aquele que sinto em ser vossa filha e irmã.

Aos amigos do coração, que de perto ou longe me apoiaram nesta aventura. Obrigada por tudo e mais qualquer coisinha.

A todos os que se cruzaram e privaram comigo durante o meu percurso académico e que deram sempre uma ideia ou outra para o trabalho que aqui se apresenta, ou que, no pior dos cenários, ouviram os meus profundos lamentos sobre como a motivação e criatividade por vezes desaparecem sem deixar rasto.

Por fim, a alguém que me mostrou que a vida não é um conto de fadas, mas que isso nada importa quando queremos mesmo uma coisa.

Obrigada!

Resumo e palavras-chave

Os museus são locais com uma função educativa e social cada vez mais forte. Simultaneamente é necessário desenvolver a sua ligação aos públicos, através de estratégias que apoiem a aprendizagem nos seus espaços. Embora apresentem um peso significativo no número de visitantes em dispositivos de lazer e em museus, as famílias são um dos públicos para os quais ainda não existem muitos estudos em contexto nacional. Da mesma forma, são também poucos os museus que apresentam programação especificamente para este público.

O presente Relatório tem como objetivo apresentar uma revisão sumária da bibliografia sobre este tópico e uma reflexão sobre o estágio curricular realizado na Casa-Museu Marta Ortigão Sampaio. Por fim, propõe-se uma atividade para famílias a aplicar na Casa-Museu, dividida entre visita orientada e visita oficina, e a criação de um desdobrável como material de apoio às visitas em família. Para tal exploram-se questões como: O que são famílias? Que características apresentam? Por que razão visitam museus? Que tipo de programação é pensada para famílias? Que dificuldades sentem durante as visitas? Quais as implicações que as características das famílias apresentam nas práticas dos museus? Como é que os Museus Municipais do Porto veem as famílias? O que oferecem os Museus Municipais do Porto às famílias que os visitam?

Como principais resultados, apresentam-se as famílias como um grupo multigeracional e variável na sua composição, sendo possível encontrar diferentes tipos familiares na sociedade contemporânea. O estágio curricular foi essencial para se conhecer o espaço, públicos, dinâmicas e potencialidades da Casa-Museu, mostrando que as famílias não constituem a maior fatia de representação entre o público visitante, mas que o desejo de mudança nesse panorama se encontra presente.

Palavras-Chave: famílias; sector educativo; Museus Municipais do Porto; políticas e práticas de educação

Abstract and keywords

Museums are places with an increasingly strong educational and social function. At the same time, it is necessary to develop connections with the public through strategies that support learning in their spaces. Although they have a significant influence on the number of visitors in leisure facilities and museums, families are one of the publics for which there aren't many studies in the national context. Similarly, very few museums have programmes specifically for this audience.

This Report aims to present a summary review of the bibliography on this topic and a reflection on the curricular internship at the Casa-Museu Marta Ortigão Sampaio. Finally, a family activity is proposed to be applied in the Casa-Museu, divided between guided visit and workshop visit, and the creation of a fold-out as a support material for family visits. To do so, this Report explore issues such as: What are families? What characteristics do they have? Why do they visit museums? What kind of programmes are planned to families? What difficulties do they feel during the visit? What are the implications of family characteristics in museum practices? How do Museus Municipais do Porto sees families? What do Museus Municipais do Porto offer to families who visit them?

As main results, families are presented as a multigenerational group with a variable composition, allowing to find different family types in contemporary society. The curricular internship was essential to know the space, public, dynamics and potential of the Casa-Museu, showing that families aren't the large slice among the visiting public, but that the desire for changing the panorama is present.

Keywords: families; educational sector; Museus Municipais do Porto; education policies and practices

Índice de figuras

Figura 1 – Teorias de educação.....	8
Figura 2 – Transformações no papel da educação em museus..	14
Figura 3 – Fachada da Casa-Museu Marta Ortigão Sampaio	53
Figura 4 – Espaços da Casa-Museu Marta Ortigão Sampaio.....	56
Figura 5 – Páginas do diário mantido durante a realização do estágio.	61
Figura 6 – Acompanhamento de atividades desenvolvidas pelo serviço educativo da Casa-Museu Marta Ortigão Sampaio.	61
Figura 7 – Índice do <i>toolkit</i>	79
Figura 8 – Métodos e rotinas para mediação de atividades	80
Figura 9 – Definição de objetivos para atividade educativa	90

Índice de tabelas

Tabela 1 – Combinações familiares	24
Tabela 2 – Exercício de avaliação de risco para visitas em família à Casa-Museu Marta Ortigão Sampaio.....	39
Tabela 3 – Aspetos a ter em conta na receção do público familiar	42
Tabela 4 – Distribuição, por pisos, da coleção e serviços na Casa-Museu Marta Ortigão Sampaio.....	56
Tabela 5 – Dinâmicas do serviço educativo da Casa-Museu Marta Ortigão Sampaio	58
Tabela 6 – Checklist para planeamento de atividades e programas educativos para famílias	84
Tabela 7 – Tipologias de retrato, segundo Morais (2011, p. 8)	87
Tabela 8 – Categorias de retrato, segundo Flor (2008, p. 117).	87
Tabela 9 – Recursos necessários à atividade.....	89
Tabela 10 – Resultados e indicadores da atividade	92
Tabela 11 – Análise das sessões do programa “Porto de Crianças”	131
Tabela 12 – Análise das sessões do programa “O meu Porto é Património Mundial”	133
Tabela 13 – Análise da sessão do projeto “Nos Bastidores da Cidade”	134
Tabela 14 – Análise das sessões da atividade “Diários Gráficos”	135
Tabela 15 – Análise dos percursos pela cidade	136
Tabela 16 – Análise da oficina “Flores de Papel”	138
Tabela 17 – Análise das atividades isoladas	139
Tabela 18 – Análise do workshop “Uso de técnicas artísticas nos processos de educação em museus”	141
Tabela 19 – Análise do workshop “Representação da deficiência nos museus”	142
Tabela 20 – Análise do “Seminário Comunicar: Aliando sectores, potenciando ferramentas, promovendo competências em museus”	143
Tabela 21 – Análise do “International Meeting: +Digital Future – competences for the cultural sector”	143

Lista de abreviaturas e siglas

CI – Casa do Infante

CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória»

CMMOS – Casa-Museu Marta Ortigão Sampaio

DRCN – Direção Regional da Cultura do Norte

EUA – Estados Unidos da América

FEDER – Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional

FLUP – Faculdade de Letras da Universidade do Porto

ICOM – *International Council of Museums* / Conselho Internacional de Museus

INE – Instituto Nacional de Estatística

IPSS – Instituição Particular de Solidariedade Social

MoMA – *Museum of Modern Art*

MRQM – Museu Romântico da Quinta da Macieirinha

Mu.SA – *Museum Sector Alliance*

MVP – Museu do Vinho do Porto

OEPE – *Observatorio de Educación Patrimonial en España*

PISEC – *Philadelphia/Camden Informal Science Education Collaborative*

SMART – *Specific, Measurable, Attainable, Relevant & Realistic, Time-bound* / Específico, Mensurável, Atingível, Relevante e Realista, Temporizável

SWOT – *Strengths, Weaknesses, Opportunities, Threats* / Forças, Fraquezas, Oportunidades, Ameaças

TIC – Tecnologias de Informação e Comunicação

UNESCO – *United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization* / Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

Introdução

A evolução do conceito, funções, abordagens e responsabilidades dos museus ao longo da sua história, com especial enfoque durante o século XX e XXI, ergueu uma nova tipologia de museu e de formas comunicativas entre este e os seus públicos. Essa evolução aliada à ânsia dos museus se abrirem mais para o que (e quem) os rodeia e à consciência da crescente importância do seu papel social e educacional, tem levado os espaços museológicos a alargar a sua atenção das coleções para o visitante, adotando políticas e práticas mais ligadas a este. (Studart, 2000, p. 14).

Não significa isto que os museus deixem de debruçar a sua atenção e recursos no estudo e preservação das coleções, pelo contrário, esses recursos são agora distribuídos entre as coleções e o visitante, com vista à articulação entre estes dois centros de atenção. É neste contexto que o papel educativo dos museus se torna preponderante, uma vez que possibilita o estreitamento das relações entre esses e o seu espaço envolvente (Pereira, 2015, p. 1), atuando com pretensões de se introduzirem abordagens inovadoras nas suas políticas e práticas, incentivando a participação direta do visitante (Studart, 2000, p. 14).

Mas se os museus pretendem proporcionar experiências significativas para aqueles que os visitam, é necessário, em primeiro lugar, conhecer esses visitantes nas suas demais vertentes: Quem são? Como é que aprendem no museu? De que forma se pode estimular a sua aprendizagem? Como pensar a exposição para esse público específico? (Studart, 2000, p. 15). Ou seja, é importante a realização de estudos de público que proporcionem conhecimento sobre as necessidades, motivações e interesses dos visitantes, pois o crescimento e evolução do museu articula-se com a “sua capacidade de adaptação às coordenadas em que a sociedade actual se move; é através do reconhecimento daquilo que interessa e estimula a comunidade em que se insere que o discurso de uma qualquer instituição museológica ganha impacto e eficácia” (Roque, 1990, p. 3).

Sabendo que é em criança e essencialmente em contexto familiar que a identidade cultural e o gosto pela participação em ações desse âmbito se definem em cada um, uma estratégia lógica para o desenvolvimento e sustentabilidade da presença de públicos nos museus passará por cativar as famílias com as suas crianças (Santos, 2014, p. 5). Foi neste sentido, e no âmbito do projeto atualmente em curso de desenho de políticas e estratégias de educação para os Museus que integram o Museu da Cidade do Porto, que os grupos familiares foram eleitos como

sendo prioritários. Definiu-se ainda como prioridade e metodologia estruturante, a criação de *toolkits* internos que permitissem aos profissionais desses Museus desenvolver competências específicas para trabalhar não só com famílias, mas com outros dois segmentos de públicos – os seniores e as escolas secundárias e profissionais.

Resultando do estágio curricular realizado na Casa-Museu Marta Ortigão Sampaio (CMMOS), um dos espaços sob tutela da Divisão Municipal de Museus e Património Cultural da Câmara Municipal do Porto, e inserido no plano curricular do segundo ano do Mestrado em Museologia, este Relatório tem como objetivo central a produção de estratégias e programas para famílias (proposta de atividade na parte III), onde a presença na instituição museológica e o acompanhamento das ações de educação por si promovidas foram de extrema importância, assumindo-se como metodologia principal.

Assim, o trabalho desenvolvido durante o estágio e o presente Relatório caminharam no sentido de desenvolver os seguintes objetivos específicos:

- Reconhecer de que forma o museu se afirmou como espaço educativo, nomeadamente em contexto nacional, evidenciando a importância do sector educativo na comunicação com o público;
- Explorar o conceito de “família”, de forma a entender as suas dinâmicas e composições;
- Perceber a *real* presença das famílias nos museus: as suas motivações, comportamentos, interesses e necessidades;
- Demonstrar a relação família-museu, enunciando os seus benefícios, carências e desafios;
- Compreender o que tem sido feito (programas e atividades) e o que funciona para famílias nos museus;
- Executar um diagnóstico e fazer o ponto da situação sobre a programação para famílias no contexto específico dos Museus Municipais do Porto;
- Analisar a relação do serviço educativo da Casa-Museu Marta Ortigão Sampaio com os seus públicos;
- Avaliar de que forma as teorias educativas (teorias de aprendizagem e de comunicação) são aplicadas nas práticas do serviço educativo da Casa-Museu Marta Ortigão Sampaio;

- Criar relações entre os conceitos teóricos e os conhecimentos adquiridos durante a prática (estágio curricular).

Para facilitar a sua leitura e compreensão, o Relatório encontra-se estruturado em 3 partes essenciais, divididas entre capítulos e subcapítulos.

A parte I – *Enquadramento Teórico: Problemática e Conceitos* – oferece o contexto onde se situa o tema em investigação, apresentando os apontamentos da revisão bibliográfica. Aborda-se em primeiro lugar as questões da educação em espaços museológicos e algumas das teorias de educação e de aprendizagem, seguindo-se a definição do conceito de família, onde se enunciam algumas pesquisas importantes para a compreensão da presença deste público em museus, nomeadamente no que concerne às suas motivações, interesses, comportamentos e necessidades. Por último referem-se exemplos de tipologias de atividades e programas desenvolvidos para famílias em museus, oferecendo-se exemplos internacionais e nacionais, e neste último focando o caso dos Museus Municipais do Porto.

A parte II – *Pensar e Trabalhar na Prática* – remete para as questões mais práticas, designadamente as que se relacionam com o desenvolvimento do estágio curricular na Casa-Museu Marta Ortigão Sampaio. Começa-se por apresentar a instituição e as atividades aí desenvolvidas, ao mesmo tempo que, tendo presente a parte I e os conceitos aí enunciados, se reflete sobre essas mesmas atividades e sobre a sua relevância. Nesta parte faz-se ainda a descrição dos conteúdos do *toolkit* de como trabalhar para/e com famílias, desenvolvido durante o período de estágio no âmbito do grupo de trabalho para famílias, mencionando-se também os seus objetivos primários, o contexto de criação e os destinatários imediatos.

A parte III – *Novos Rumos: Proposta de Atividade* – apresenta, com base nas partes anteriores e seguindo a proposta de Semedo (no prelo) para o sector educativo do Museu da Cidade do Porto, a sugestão de uma atividade a desenvolver para famílias. Esta atividade é sugerida articulando-se entre visita orientada e visita oficina e tendo como alvo a exploração de alguns retratos expostos na Casa-Museu Marta Ortigão Sampaio. Propõe-se ainda um desdobrável como material de apoio às visitas familiares, contendo informações e ideias para explorar esses retratos.

Por último apresentam-se as considerações finais, como forma de articular e refletir sobre os conceitos abordados na parte I e as competências e conhecimentos adquiridos na parte II,

argumentando simultaneamente quanto à sua relevância para a elaboração da parte III e da realização dos objetivos propostos para este trabalho.

Desta forma, este Relatório pretende assumir-se como uma reflexão e instrumento de divulgação quanto à necessidade e relevância dos estudos de público em museus, nomeadamente do público familiar, sobre o qual os registos são ainda ínfimos no contexto dos Museus Municipais do Porto. Acima de tudo apresenta-se este Relatório como forma de evidenciar a importância de se elaborarem os conteúdos museológicos e os programas/atividades de acordo com o público que visita o museu e daquele que se pretende que comece a visitar. Para tal é preciso um novo olhar para o museu e para as suas políticas e práticas, pensando-se em novos públicos, rotinas, estratégias e métodos, abraçando temas pertinentes para a sociedade atual, produzindo mais documentos de avaliação e bases de informação. Pretende-se ainda agir como suporte e inspiração para novos e melhores trabalhos sobre estas temáticas.

Todas as traduções e fotografias presentes no Relatório são da responsabilidade da autora, salvo quando mencionado em contrário.

PARTE I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO: PROBLEMÁTICA E CONCEITOS

Esta primeira parte do Relatório expõe uma revisão sumária de alguns pontos de destaque da bibliografia sobre a problemática em questão, atuando como contexto teórico para o trabalho em si e para as partes seguintes.

Uma vez que o estágio desenvolvido teve um especial enfoque no serviço educativo da Casa-Museu Marta Ortigão Sampaio e, como ao pesquisar a relação entre famílias e museus existem algumas variáveis possíveis de serem analisadas, nomeadamente a educação e a aprendizagem (Santos, 2014, p. 16), optou-se por apresentar, primeiramente, uma reflexão crítica sobre o museu na sociedade contemporânea, especialmente da sua função educativa, abordando-se tópicos como as mudanças de paradigma na aprendizagem e o papel do sector educativo.

De seguida, apresenta-se a definição do conceito de “família”, quer a que se encontra em áreas como a sociologia quer a tida em contexto museológico. Esta definição é importante para se conseguir perceber as dinâmicas da presença familiar nos museus, destacando-se para isso estudos e pesquisas que permitem enunciar algumas das suas características, motivações e interesses. Faz-se ainda referência à configuração legal que o conceito apresenta em Portugal, nomeadamente a forma como a Constituição Portuguesa vê as famílias e citando a definição tida pelo Instituto Nacional de Estatística (INE).

Num último ponto referem-se exemplos de casos práticos de atividades, programas e projetos pensados para este segmento de público, em museus internacionais e nacionais, com enfoque nestes últimos para os Museus Municipais do Porto.

Capítulo 1 – Educação e aprendizagem em museus

No início do século XX tornou-se comum a ideia de que os museus deveriam cumprir um papel na rápida e emergente expansão do sistema público de educação (Hein, 2004, p. 423). No seu artigo *Space, Time, and Family Interaction: Visitor Behavior at the Science Museum of Minnesota*, Cone e Kendall (1978, p. 245) demonstravam existir na altura um aumento do interesse nos museus como espaços de aprendizagem e não apenas como locais de armazenamento de objetos. Foi efetivamente a partir da segunda metade desse século que os museus ganharam reconhecimento como espaços intrinsecamente educativos (Marandino, 2008, p. 10), passando a educação a ser uma das suas funções primárias, a par da sua vertente cultural e social. A própria evolução da definição de museu pelo ICOM demonstra o crescente reconhecimento desta função (Hein, 2006, p. 342).¹

Assim, de lugares elitistas e depósitos de objetos, os museus foram-se convertendo, pouco a pouco, em espaços abertos (Nunes, 2013, p. 13). No seu seio foi-se promovendo cada vez mais a educação e aprendizagem. A primeira considerada ativa, voluntária, coletiva e exploratória (Nunes, 2013, p. 14), e a segunda, ligada às relações que cada um estabelece com os outros (Barros, 2008, p. 45), encoraja o aumento das capacidades de compreensão, interpretação, apreciação e análise (Hooper-Greenhill, 1991, p. 26).

Allard e Boucher (1991) (citado por Marandino, 2008, p. 8) apontam que o desenvolvimento dessa promoção educativa dos museus se verificou em três etapas: a primeira remeteu para a introdução dos museus em instituições de ensino formais; a segunda marcou-se pela entrada no espaço museológico de um público mais vasto e de classes sociais diversas, que levariam, depois, ao surgimento dos sectores educativos; já a terceira etapa assentou na consolidação do papel educativo dos museus, com a introdução de práticas que simplificassem a comunicação com o público no contexto expositivo.

¹ Desde a sua criação em 1946, que o ICOM altera a sua definição de museu consoante a evolução da sociedade. Em 1946 a definição tinha que “a palavra “museus” inclui todas as coleções abertas ao público, de material artístico, técnico, científico, histórico ou arqueológico, incluindo zoológicos e jardins botânicos, mas excluindo bibliotecas, exceto na medida em que mantenham salas de exposições permanentes”. Foi apenas na sua terceira definição, em 1961, que a educação surgiu como um dos propósitos dos museus. Desde 2007, e até ao momento, o ICOM define museu como “uma instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberto ao público, que adquire, conserva, pesquisa, comunica e exhibe o património tangível e intangível da humanidade e do seu ambiente para fins de educação, estudo e prazer.” (ICOM, 2009).

Hooper-Greenhill (1998, p. 191) realça o facto de a educação não ser unidimensional mas sim complexa e composta por vários níveis. Por esta razão, o sistema educacional pode apresentar-se sob a forma de “formal”, “não formal” e “informal”. De forma breve, os trabalhos de Philip Coombs, Roy Prosser e Manzoor Ahmed² (citados por Almeida, 2003) afirmam que:

- A educação formal é “um sistema educativo altamente institucionalizado, cronologicamente graduado e hierarquicamente estruturado, que se estende desde os primeiros anos do ensino primário até aos últimos anos da universidade.” (Almeida, 2003, p. 41);
- A educação não formal remete para “qualquer atividade educacional organizada e sistemática, entregue fora do quadro do sistema formal, para fornecer certos tipos de aprendizagem a subgrupos específicos da população, tanto adultos como crianças.” (Almeida, 2003, p. 43);
- A educação informal é “um processo que dura toda a vida e no qual as pessoas adquirem e acumulam conhecimentos, habilidades, atitudes e modos de discernimento através de experiências quotidianas e a sua relação com o meio ambiente.” (Almeida, 2003, p. 45).

Almeida (2003) indica ainda a obra de Abraham Pain, *Éducation Informelle: les effets formateurs dans le quotidien*, de 1990, afirmando que o autor menciona a comparação entre os níveis de educação como sendo feita consoante os elementos que definem a organização da ação educativa: a educação formal precisa de definir todos os elementos com detalhe; a não formal define apenas os objetivos, o *curriculum* e a duração; e a informal não define nada à *priori*, acontece espontaneamente (Almeida, 2003, p. 40).

Hein (2006, p. 345) admite que as teorias de educação incluem pontos de vista sobre dois domínios, as teorias da aprendizagem e as teorias do conhecimento, em que a sua combinação desenvolve práticas educativas específicas, dando origem a diferentes paradigmas e teorias (figura 1).

² Estes autores foram dos primeiros a abordar a diferenciação entre os tipos de educação com a sua obra Coombs, P. H., Prosser, R. & Ahmed, M. (1973). *New Paths to Learning for Rural Children and Youth*. International Council for Educational Development.

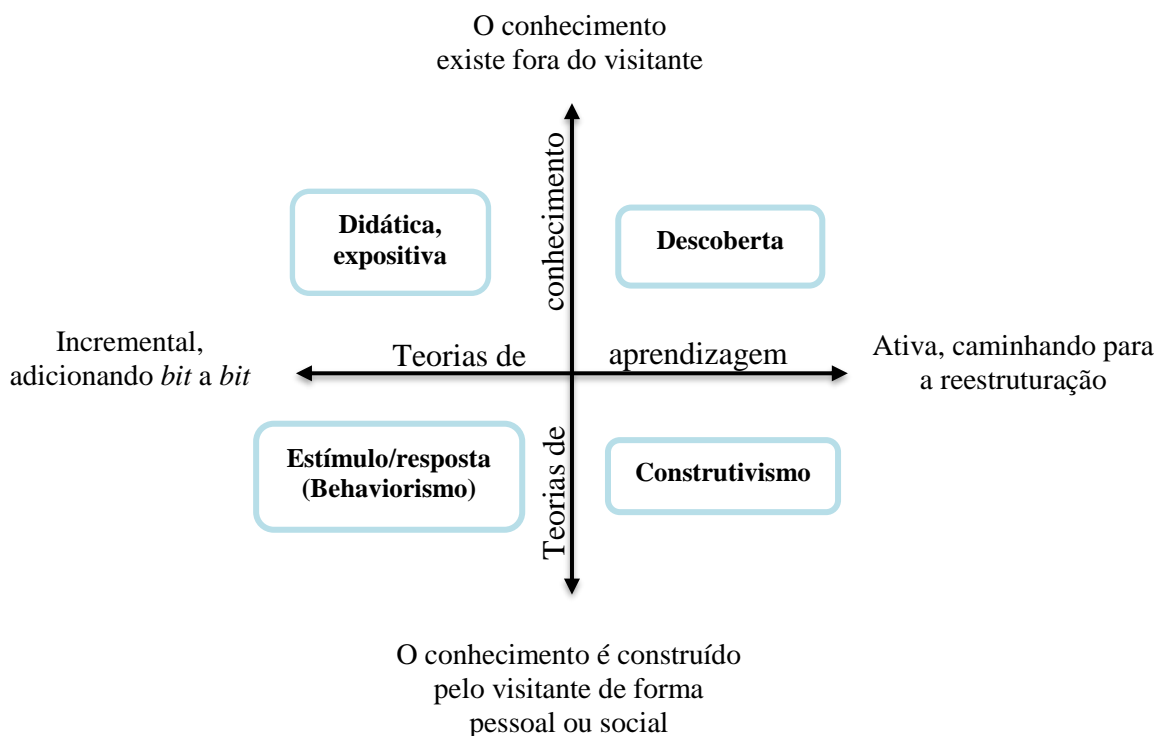


Figura 1 – Teorias de educação. (Adaptado de Hein, 2006, p. 346).

O autor agrupa as teorias de aprendizagem ao longo de um *continuum* de “passivo” a “ativo”, colocando num extremo aquelas que consideram o visitante de museu como um mero recetor da informação fornecida, e no extremo oposto as que afirmam que a aprendizagem se verifica com o envolvimento ativo do visitante, em que este ganha conhecimento pensando e agindo quanto à informação facultada. Neste *continuum* de teorias de aprendizagem destaca-se o Modelo Contextual de Aprendizagem defendido e apresentado por John Falk e Lynn Dierking (2000), no qual toda a aprendizagem é considerada um processo cumulativo, a longo prazo, de criação de significados e conexões. A aprendizagem é considerada o produto das interações entre três contextos sobrepostos: o pessoal, o sociocultural e o físico. Nos últimos anos de pesquisa, os autores passaram a considerar que a aprendizagem necessita de uma quarta dimensão – o tempo. (Falk & Dierking, 2000, p. 10).

Já em relação às teorias do conhecimento, Hein (2006, p. 345) defende que se referem à natureza daquilo que é aprendido, colocando num extremo o conhecimento que existe independentemente do visitante, como conhecimento absoluto e que é adquirido por si, e noutro extremo o conhecimento construído pessoal ou culturalmente pelo visitante na sua mente.

Desta forma, Hein (1995, 2006) apresenta as seguintes teorias educativas, tal como a figura 1 evidencia e onde cada um dos quadrantes representa uma abordagem diferente para a educação:

- Teoria educativa didática e expositiva – o conhecimento existe independentemente do visitante, que o recebe do/a educador/a através de uma sequência lógica, onde se começa com os elementos mais simples do assunto passando para os mais complexos (Hein, 1995, pp. 2-3);
- Teoria educativa estímulo/resposta (Behaviorismo) – a memorização e o treino podem substituir experiências significativas; o conhecimento é ganho incrementalmente, não existindo fora do visitante; mais utilizado nas escolas, não é apropriada para a aprendizagem nos museus (Hein, 1995, p. 4; 2006, p. 345);
- Teoria educativa da descoberta – os visitantes percebem conceitos e ideias usando faculdades pessoais e mentais, em que o conhecimento existe para além de si; contudo, para aprender e construir esse conhecimento é necessária experiência anterior (Hein, 1995, p. 3);
- Teoria educativa construtivista³ – quer o conhecimento como a forma como é obtido depende da mente do visitante; a aprendizagem no museu representa a criação e reorganização constante desse conhecimento pelo visitante, através de um processo individual ou social; esse conhecimento é mediado pelos objetos do museu, pela maneira como são exibidos, mas também pela cultura do visitante e pela sua experiência pessoal anterior (Hein, 1995, pp. 3-4; 2006, p. 347).

Considerando os tipos de educação enunciados anteriormente, existem duas questões que se colocam: Que tipo de espaço educativo é o museu? Que teoria educativa se aplica nas práticas dos museus?

Analisando as definições de cada um desses tipos de educação, a localização dos museus num só deles não parece assim tão imediata, tanto que alguns autores situam os museus em espaços de educação não formal e outros em espaços de educação informal. A designação que

³ Desta teoria outras se desenvolveram, nomeadamente o socioconstrutivismo e o construtivismo social. O socioconstrutivismo é uma abordagem da psicologia contemporânea criada a partir da obra de Lev Vygotsky, com o objetivo de explicar as relações entre o funcionamento da mente humana e as situações culturais, institucionais e históricas nas quais este funcionamento ocorre; sugere que o conhecimento é uma construção social fruto da interação entre sujeitos. Já o construtivismo social (também associado ao termo *strong programme*) é uma abordagem da sociologia associada a Barry Barnes e David Bloor, e cuja ideia central é a que todo o conhecimento é, exclusivamente, uma construção social. (Castañón, 2015, pp. 218-219, 227).

se mostra mais adequada, contudo, é a que Falk e Dierking (2000) apresentam, afirmando que os museus são espaços de *free-choice learning*, uma vez que a aprendizagem que proporcionam é não-linear e fruto da motivação pessoal do visitante, onde este escolhe sobre o quê, quando e onde aprender (Falk & Dierking, 2000, p. 13).

Seguindo essa perspectiva, Marandino (2008) complementa que o tipo de espaço educativo em que os museus se inserem depende do contexto e do ponto de vista segundo o qual se olha para eles. Ou seja, o museu não é um espaço onde se processe apenas uma forma de educação (formal, não formal ou informal), podendo, pelo contrário,

(...) ser nomeado como um espaço de educação não-formal quando o pensamos como instituição, com um projeto de alguma forma estruturado e com um determinado conteúdo programático. Mas, ao pensarmos sob o olhar do público, poderíamos considerá-lo como educação formal, quando alunos o visitam com uma atividade totalmente estruturada por sua escola (...). E podemos, ainda sob o olhar do público, imaginá-lo como educação informal, ao pensarmos em um visitante que procura um museu para se divertir em um final de semana com seus amigos ou familiares. (Marandino, 2008, p. 15)

O que leva a acreditar que se pode estar perante um novo paradigma quanto ao tipo de espaço educativo em que se inserem os museus, e onde os diferentes tipos de educação não são estáticos, mas sim contínuos, tal como Alan Rogers (2004, para. 25) defende. Falk e Dierking (2000) também abordaram esta questão, referindo que os limites e as definições que dividem os espaços educativos “formais” dos “informais” se encontravam cada vez mais imprecisos e desaconselhados (Falk & Dierking, 2000, p. 229).

Quanto à teoria educativa, e, portanto, às teorias de aprendizagem e do conhecimento, não existe uma regra para as práticas educativas dos museus. Embora se tenha consciência de que a maioria das instituições museológicas seguirá um modelo construtivista, a realidade é que a função educativa não surgiu nos museus com esse modelo nem seguindo as teorias que o defendem, pelo que existirá, certamente, instituições que assentam as suas atividades e programas noutras teorias.

O ponto que aqui importa ressaltar, contudo, é o facto de os museus necessitarem cada vez mais de ser “espaços abertos, sem fronteiras, de discussão, de debate” (Barros, 2008, p. 1) e a importância que a sua função educativa tem nesses aspetos, ao criar oportunidades de

aprendizagem e discussão de novos conceitos e ideias, respeitando sempre os conhecimentos, crenças e experiências anteriores de cada um.

A questão que se coloca agora, não só aos educadores, mas a todos os envolvidos no campo museológico, e independentemente da designação atribuída ao método ou teoria escolhida, é como aplicar estas informações sobre educação e aprendizagem aos públicos que visitam os museus. No caso deste trabalho, importa perceber e responder em específico: Como é que as famílias aprendem nos museus? Que teorias e abordagens têm sido usadas no contacto com as famílias? De que forma se pode promover a aprendizagem familiar? Quais as ferramentas e estratégias que os educadores devem utilizar para atender aos objetivos de visita dos grupos familiares?

1.1. Mudança de paradigmas

Já foi referida no capítulo anterior a evolução da definição de museu segundo o ICOM, fruto da evolução da sociedade. Da mesma forma sabe-se que existem várias teorias de educação, fruto da combinação das diferentes teorias de aprendizagem e conhecimento, que por sua vez evoluem consoante as necessidades e interesses da sociedade. Efetivamente, a história dos museus acompanha a própria evolução da sociedade, pelo que os diferentes paradigmas decorrem dessa evolução.

Com efeito, as últimas décadas não têm sido exceção, pois têm-se verificado novas tendências e desenvolvimentos nas abordagens construtivistas no sentido de incluírem outras vertentes, nomeadamente o construtivismo social. Também o constante desenvolvimento tecnológico, a nível das TIC, terá cada vez mais efeitos sobre a forma como se gere a informação e o conhecimento, pelo que não será surpresa uma mudança de paradigma num futuro próximo (Semedo, no prelo).

Portanto, os paradigmas educativos contemporâneos concentrar-se-ão na efetiva orientação, navegação e facilitação do conhecimento. Por esta razão, a política de estratégias de educação proposta para os Museus integrantes do Museu da Cidade do Porto aponta para um enquadramento que inclua programas coerentes com o paradigma navegacionista (Semedo, no prelo).

PAPEL DESEMPENHADO	P	P	F
	PASSADO ERA DA ADOÇÃO DE CONHECIMENTO / 1.0	PRESENTE ERA DA PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO / 2.0	FUTURO ERA DA NAVEGAÇÃO NO CONHECIMENTO / 3.0
Visitante	Adoção de conhecimento (empregar, exercer ou utilizar); visão passiva e homogênea dos públicos; os públicos assumem papéis predeterminados	Produção de conhecimento; visão dos públicos como ativos; cocriação de recursos; os públicos colaboram e criam conhecimento	Navegação no conhecimento; O jogo torna-se espaço de invenção para descobrir e experimentar algo novo; A curiosidade é o novo agente de aprendizagem; Omnívoro cultural
	O visitante é estatística	O visitante é “um sujeito”; necessário cultivar confiança e relações	O visitante não só é “um sujeito” como faz parte de comunidades interpretativas
Educador	Instrução / exposição / decodificação; Fonte de Conhecimento	Facilitação / mediação de conhecimento; Facilitador e fonte de conhecimento; Abordagens tradicionais transferidas para tecnologias mais abertas;	<i>Coaching</i> e orientação / <i>mentoring</i> / <i>peer-to-peer</i> ; <i>Orquestrador</i> de criação colaborativa de conhecimento
	Educador (museu) sem corpo	Educador (museu) profissional	Educador sujeito implicado / profissional ativista
Educador/Programas	Design instrucional; Baseado em conteúdos / estrutura e orientado por tarefas; Princípios conservadores de didática; Aquisição de conhecimentos	Design de atividades para facilitação da aprendizagem; Baseado em competências e orientado por estratégias de aprendizagem; Aplicação de conhecimentos	Desenho de atividades de <i>coaching</i> e orientação/ <i>mentoring</i> / <i>peer-to-peer</i> ; preferência por abordagens exploratórias, experimentais e multidisciplinares para a produção de conhecimento
	Normalização / rigidez	Abertura a diferentes dimensões	Desenho de atividades que têm em conta o desenvolvimento de competências para aprendizagem flexível, abrindo caminho

	Programas criados sem grande investigação de base ou anedótica	Identificação de expectativas e necessidades; maioritariamente desenho responsivo de programas sem avaliação generalizada	para a criatividade fora dos limites tradicionais; Personalização
	Comunicação unidirecional; Transmissão de conhecimento	Comunicação bidirecional; Centrado no Visitante	Os públicos são cocriadores de experiências personalizadas; Públicos partilham responsabilidade de gestão de programas, modelando expectativas e programas
	Hierarquia <i>top-down</i>	Coprodução; paradigma colaborativo e participativo; Hierarquia <i>bottom-up</i> ; Inclusão	Diálogo ativo com os públicos; comunicação e acessibilidade multidimensional em diferentes níveis; Espaço dialógico e social de encontro entre educador, coleções e visitantes; Conhecimento localizado, aberto e negociável
	Processos autoritários	Processos de democratização	Paradigma colaborativo e participativo; Museu recurso, plataforma em estado (beta) β ; Igualdade e empoderamento
	Síntese de conteúdos	Reconfiguração do conhecimento	Processos democráticos
	Paradigma lógico-científico	Construtivismo e conectivismo; paradigma crítico; interpretação / narrativa: análise e avaliação interpretativa para a construção de significados; negociação de significados	Configuração de instrumentos de navegação no conhecimento
	Invisibilidade do sujeito		Socioconstrutivismo, pedagogia relacional e novos materialismos, paradigma crítico – pedagogia de fronteira / transformativo / holístico/ interpretativo / narrativo; Empoderamento, florescimento; tendência para foco em processos (<i>versus</i> objetos)

Museu/educador	Foco em disciplinas (fronteiras), compartimentalizado, abstrato; paradigma único; Pensamento analítico	Multidisciplinaridade; abertura a multiparadigmas; parte de ideias, conceitos; Síntese e integração	Transdisciplinaridade, multiparadigmático: espaços <i>queer</i> ; mundo real; contextual, ética e direitos humanos; Pensamento crítico e criatividade
	Narrativa única; Significados fixos (um objeto ou obra de arte contém a sua própria "verdade" exclusiva); Autoridade do Especialista	Multiculturalismo; Significados construídos (o conhecimento é ativo e é criado pelo visitante); Abertura à disrupção de hierarquias	Diversidade; Significados renegociados: o conhecimento é aberto e negociável, as práticas representacionais ou "formas de ver" podem ser desafiadas, a fim de abrir novos modos (ou modificados) de ver / abordagem hermenêutica moderada; Emergências de novas narrativas; pós- hierárquico: disrupção de hierarquias
	Tecnologia como território inimigo a evitar	Integração cuidadosa de tecnologia, mas, na generalidade, adotando paradigmas de conhecimento 1.0	Tecnologia imersão + participação + espaço aberto e dialógico + personalização
	Recolha e provisão de conteúdos	Configuração da informação	Facilitação da informação
	Provisão de conhecimento; Fronteiras definidas (exemplo: disciplinas); entreparedes; ambientes controlados e regulamentados	Gestão do conhecimento; Crescente colaboração em rede; Entreparedes e online; Experimentação em ambientes abertos, mas regulamentados	Facilitação de conhecimento; Cocriação de recursos de conhecimento / liderança por pares; Redes abertas com fronteiras esbatidas (ex. multidisciplinaridade); Arquitetura / Cultura da participação; Museu plataforma; Multimodalidade; [O museu] em qualquer parte, e completamente envolvido com o mundo / espaço público; Estrutura ecológica, orgânica de gestão / poder (funções do museu e sociedade); Temporalidade contínua e potencialmente infinita

Figura 2 – Transformações no papel da educação em museus. (Fonte: Semedo, no prelo).

Contudo, qualquer que seja o novo paradigma que se apresente, este deverá primar por uma maior ligação com a comunidade. É importante que os museus apostem num modelo que inclua a museologia e a pedagogia crítica, desenvolvendo conteúdos e atividades que afirmem a identidade⁴ local, que estimulem a participação e criatividade de cada um e que apresentem a possibilidade de diferentes perspetivas e interpretações das suas coleções. Para tal é crucial o papel de todos os sectores do museu, mas essencialmente do educativo. (Nunes, 2013, pp. 16-17).

1.2. O papel do sector educativo

A abertura dos museus à sociedade e o reconhecimento, por parte dos seus profissionais, da existência de diferentes tipos de público, refletiu-se na presença e importância cada vez maior do sector educativo nas instituições museológicas (Figurello, 2015, p. 118).

Não obstante, o primeiro serviço educativo em Portugal foi criado em 1953 por João Couto e Madalena Cabral no Museu Nacional de Arte Antiga em Lisboa (Moura, 2011, p. 3). Até aí, as ações educativas aconteciam de maneira espontânea e sem um objetivo maior. A partir do 25 de abril de 1974, com a criação de um novo cenário nacional mais preocupado com a educação e cultura, os sectores educativos ganharam maior importância para muitos dos museus. (Figurello, 2015, pp. 118, 122). De tal forma que, seis anos depois, seria criada a categoria de monitor no quadro dos museus do Estado, legitimada por despacho do Decreto-Lei nº 45/80 e consagrada no artigo 23º, e ao qual caberia colaborar “na ação cultural do museu, exercendo junto do público, funções de educação, animação e informação” (Decreto-Lei nº 45/80, p. 497).

No caso português, Faria (2000, p. 15) afirma que os “museus concebidos para serem espaços fundamentalmente educacionais” encontraram a sua força na construção de espaços como o Pavilhão do Conhecimento em Lisboa e, em menor grau, em locais que apresentavam exposições estrangeiras. Atualmente, é consensual o entendimento do sector educativo como espaço de participação, atuando como mediador entre o museu e os seus públicos, bem como com a comunidade em que se insere (Barriga, 2011, p. 2). Barros (2008) complementa esta

⁴ O processo de identificação é um “processo dinâmico de construção de identidade em diálogo com o meio ambiente e onde o indivíduo é um agente ativo de construção.” (Gómez Redondo, C. & Fontal Merillas, O., 2017, p. 301). Para um esclarecimento mais aprofundado das questões de identidade e dos processos de identificação veja-se, por exemplo, Gómez Redondo, C. (2013). *Procesos de patrimonialización en el arte contemporáneo: diseño de un artefacto educativo para la identificación* (Tese de Doutoramento). Universidade de Valladolid.

noção afirmando que “(...) o actual campo da educação em museus extravasa extraordinariamente a tradicional e reduzida área das visitas guiadas e do apoio aos grupos escolares” (Barros, 2008, p. 33), pelo que os sectores educativos devem promover a reflexão e construção de conhecimento por parte dos seus públicos, criando conteúdos e atividades que ofereçam a possibilidade de se criarem múltiplas interpretações, admitindo diferentes formas de aprender, ver e sentir (Barriga, 2011, p. 2).

Mas o sector educativo não é um sector destacado dos restantes do museu, pelo contrário, deve ser uma “plataforma de sinergias” (Nunes, 2013, p. 15). E engane-se quem pensa que os museus já fizeram e experimentaram de tudo a nível de práticas educativas, até porque as mudanças de paradigma são uma evidência em como há sempre algo novo a experimentar. É dessa forma que Barros (2008, p. 1) afirma que o desafio dos museus e dos seus sectores educativos se encontra em proporcionar a descoberta de novas interpretações que não se fiquem pelo interior do museu, mas que os visitantes levem consigo para casa, refletindo sobre elas e aplicando-as no seu dia-a-dia.

1.2.1. A figura do/a educador/a

Segundo Ferreira (2014, p. 5), não basta produzir exposições e planear atividades, é necessário criar ferramentas que auxiliem os visitantes e participantes a explorar e participar criativamente no museu, potenciando-se a construção de relações, significados e conhecimento. A ação que possibilita esses momentos de reflexão crítica e experiências significativas é compreendida por mediação (Semedo & Freitas, 2017, p. 49).

O projeto internacional Museum Mediators definiu a mediação como “[...] um conceito amplo, abrangendo atividades relacionadas com a educação do museu e da comunicação, que visa promover um novo papel social e mais inclusivo dos museus no âmbito do paradigma pós-moderno e pós-colonial através: do alargamento dos públicos; do trabalho aprofundado com as partes interessadas específicas (comunidades locais, professores, parceiros institucionais, etc.); do envolvimento diferentes grupos sociais na discussão sobre a educação do museu e comunicação; do enfrentamento - entre outros - de questões interculturais, questões de género, etc. (Semedo & Freitas, 2017, p. 63).

Embora os agentes e instrumentos de mediação possam ser diversos – o próprio edifício do museu, os conteúdos temáticos, os textos, as conversas, os *websites* e redes sociais, entre

outros – são as pessoas, na figura dos educadores⁵, que mantêm uma participação mais acentuada nesses processos de mediação (Ferreira, 2015a, pp. 99-100; Marandino, 2008, p. 28). Mas quem são esses educadores?

Faria (2000, p. 14) responde que são figuras algo contestadas e Marandino (2008) completa que são “a “voz” da instituição, mesmo que nem sempre se tenha plena consciência do que isso representa” (Marandino, 2008, p. 5). Para esta última autora, os educadores são todos os que atuam nos sectores educativos e/ou culturais de qualquer instituição, realizando ações de mediação entre o conteúdo e conhecimento apresentado na instituição com o seu público (Marandino, 2008, p. 5).

O/a educador/a não é um mero intermediário entre o museu e o público, e, por isso, não se limita a transmitir informação e conhecimento sobre o que está exposto ou é visto. Pelo contrário, o/a educador/a é um agente que associa e simultaneamente transforma aquilo que é mediado (Ferreira, 2014, p. 6; Ferreira, 2015a, pp. 59, 98). O seu papel e desafio é levar o visitante a olhar, refletir, perguntar, duvidar, abrir pontos de vista, ... (Ferreira, 2015a, p. 186; Marandino, 2008, p. 23). Não existe um manual de como se ser educador/a, mas existem, sim, apontamentos, sugestões e ideias de como orientar e mediar visitas ou outras atividades, pelo que a formação contínua em consonância com a prática e a reflexão das políticas educativas continua a ser a melhor estratégia de se melhorar e evoluir como tal (Coutinho, 2009, p. 3744).

Sem alongar muito este tópico, o/a educador/a precisa, em primeiro lugar, de procurar conhecimento quer sobre o público quer sobre a exposição ou objeto com que vai trabalhar, de forma a produzir um discurso eloquente e adequado (Coutinho, 2009, p. 3744). Já durante o decorrer da ação educativa precisa estar consciente de que o visitante não deve ser sujeito a longos períodos de exposição oral ou à leitura de textos muito longos, correndo-se o risco de esse se cansar e/ou perder o interesse. O/a educador/a deve estar sensibilizado para as diferentes necessidades e contextos do visitante. (Marandino, 2008, p. 20).

Assim, e como Semedo (no prelo) resume, é recomendável que as competências dos educadores circulem entre quatro áreas: trabalhar com visitantes no contexto do museu; competências de comunicação; conhecimento e pedagogia; profissionalismo. O objetivo da

⁵ A designação atribuída a estes profissionais pode variar consoante os autores e pesquisas. No presente trabalho opta-se pelo termo “educador/a” para referir todos os que exercem funções no sector educativo do museu.

mediação e dos educadores será sempre colocar o visitante à vontade para interagir e intervir, de forma a exponenciar a sua experiência de visita (Marandino, 2008, p. 20).

Assim, e terminando este primeiro capítulo, entende-se que os museus são locais conscientes da sua função social e educativa, onde a própria definição de museu tida pelo ICOM o demonstra. Esta função educativa continua, no entanto, a ser alvo de reformulações e teorias, pelo que diferentes autores apresentam diferentes opiniões e argumentos quanto ao tipo de espaço educativo em que inserem os museus. Neste âmbito, o desenvolvimento tecnológico a nível das TIC poderá ter efeitos no desenvolvimento de um novo paradigma quanto à educação e aprendizagem em museus. Ainda assim, e independentemente do paradigma, tornou-se claro que os museus pretendem uma maior ligação com as comunidades, e entre estas e as suas coleções. Neste sentido, o sector educativo, e em específico os educadores, continuam a ser a ponte entre essas comunidades e os museus, na medida em que atuam como mediadores entre ambas as partes.

Capítulo 2 – A família como visitante do museu

Os museus são possivelmente as únicas instituições que conseguem oferecer oportunidades distintas de aprendizagem, satisfazendo as necessidades de qualquer pessoa, desde a que procura uma experiência com muito conteúdo educativo até à que procura com pouco conteúdo e independentemente da sua idade (Hooper-Greenhill, 1998, pp. 191, 211).

A visita em família ao museu é uma experiência coletiva, mas também individual, fazendo parte de um projeto educacional destinado a transmitir ou mesmo a adquirir capital cultural (Jonchéry & Biraud, 2014, p. 88). Para além de um ato social, a visita em família é também um ato de aprendizagem. Por esta razão, e como Colinvaux (2005) afirma, a “experiência museológica deve considerar, de um lado, a capacidade de agir, interrogar e experimentar do visitante, e de outro, os contextos museológicos específicos que convidam e propõem, mas que também delimitam estas possibilidades de ação, interrogação e experimentação do visitante” (Colinvaux, 2005, p. 79).

Ou seja, como profissionais de museus é necessário conhecer o público familiar para depois pensar naquilo que irá suscitar o seu interesse e motivação. Segundo Gaskins (2016, p. 451), muitos museus têm colocado, nas últimas décadas, maior ênfase na resposta aos interesses, capacidades e papéis dos seus públicos, tendo noção que as famílias os veem como um espaço onde podem aproveitar o seu tempo livre.

2.1. O que se entende por “família”

Definir o conceito de “família” não é tarefa fácil. Em primeiro lugar, este conceito não apresenta uma única dimensão, pelo contrário exhibe dimensões de natureza estrutural (a forma como se adquire a qualidade de membro da família), de natureza funcional (a forma como satisfaz determinadas necessidades do indivíduo, como a proteção e socialização das crianças ou apoio emocional entre os conjugues) e de natureza relacional (certas definições acentuam as relações que se estabelecem entre os membros da família, como relações afetivas, de poder ou outras) (Amaro, 2006, p. 14); em segundo, a sua definição torna-se difícil quando o que se pretende não é apenas o sentido sugerido por áreas como a sociologia, mas a forma como este conceito é entendido em contexto museológico.

Antes de analisar o que a literatura expõe, é importante ter uma ideia do significado/aplicação da própria palavra, recorrendo, para tal, ao dicionário online da Porto Editora:

Família

Nome feminino

Do latim *família*-, «idem»

- Conjunto de pessoas com relação de parentesco que vivem juntas; agregado familiar;
- Grupo de pessoas formado pelos progenitores e seus descendentes; linhagem, estirpe;
- Grupo de pessoas unidas pelo vínculo do casamento, afinidade ou adoção;
- Conjunto de pessoas unidas por quaisquer laços de parentesco;
- Grupo de pessoas com origem, ocupação, ou outra característica em comum;
- Conjunto de coisas com propriedades ou características idênticas;
- Biologia: grupo taxonómico (categoria sistemática) constituído por seres que se assemelham por determinados caracteres e que compreende um ou mais géneros;
- Linguística: grupo de línguas que derivam de uma língua comum.

A palavra “família” adquire, assim, vários sentidos, que, como Osswald (2015, p. 33) afirma, abrangem laços de sangue e parentesco espiritual, espaços de poder, a casa-edifício e a morada. Entende-se agora o porquê de ser difícil estabelecer um consenso para o seu conceito. Tendo noção desta multiplicidade de significados, é possível partir para a revisão da literatura, inicialmente a mais virada para a área da sociologia e depois a que permite localizar este conceito em contexto museológico, o enfoque deste trabalho.

Assim, as famílias tornaram-se objeto de estudo da História em plena época contemporânea, sabendo-se que a sua forma inicial de representação era o da família ligada à terra, pelo que os valores, crenças, estratégias e comportamentos familiares resultavam desse âmbito (Osswald, 2015, pp. 32-33). Fernandes e Maia (2015, p. 9) afirmam que, embora as famílias por esse mundo fora e em todas as épocas se pareçam iguais, elas são ao mesmo tempo todas diferentes, pois cada período e cada país tem famílias com características específicas. Desta forma, “o termo família designa uma variedade de formas de organização da vida em comum,

as quais são distintas em função dos contextos históricos, sociais e culturais em que se inscrevem” (Dias, 2015, p. 9).

A definição clássica do conceito de família é tida como a apresentada em 1949 na obra *Social Structure* de George Murdock, onde o autor afirma que

a família é o grupo social caracterizado por residência em comum, cooperação económica e reprodução. Inclui adultos de ambos os sexos, dois dos quais, pelo menos, mantêm uma relação sexual socialmente aprovada, e uma ou mais crianças dos adultos que coabitam com relacionamento sexual, sejam dos próprios ou adotadas. (Murdock, 1949, p. 1).

Contudo, e como Amaro (2006, p. 13) afirma, esta definição encontra-se desatualizada, não tendo aplicação perante as configurações familiares que se encontram na sociedade contemporânea.

Dierking (1989, p. 9), mas também Beaumont e Sterry (2005, slide 25), consideram a família como uma unidade social, ao mesmo tempo que Jonchéry (2008, p. 4) a vê como um marco e microcosmo revelador do social. Efetivamente, a família é uma instituição social no seio da qual ocorrem os processos de socialização mais significativos na vida de cada um, nomeadamente a construção de identidade (Giddens, 1997, citado por Coelho, 2008, p. 15; Gomes, 2015, p. 15), pois é nas famílias que nasce, se enraíza e cresce o desejo daquilo que cada um é (Fernandes & Maia, 2015, p. 10). Por este motivo, François Singly, sociólogo francês, defende que as famílias têm duas funções importantes: a contribuição para a reprodução das relações sociais e o contributo para a produção de uma identidade pessoal (Singly, 2003, p. 43).

Na sua dissertação de mestrado, Santos (2014, p. 17) levanta a questão de como definir uma família em contexto museológico. E a verdade é que esta questão é muito importante, não só por ser o ponto fulcral deste trabalho, mas pela razão de as galerias de arte, museus e restantes instituições culturais diferirem na definição que atribuem aos grupos familiares que os visitam. A leitura de estudos sobre visitas deste grupo a museus permite ter uma ideia de como os museólogos e profissionais da área estabelecem o conceito de família.

Nestes termos, o primeiro apontamento a fazer é de que não existe, em contexto museológico, uma definição universal do conceito de “família”. Todavia, as várias “sugestões” assentam no mesmo ponto: a família é um grupo multigeracional (Santos, 2014, p. 17). Por

consequente tem-se que a sua definição deve ser suficientemente abrangente para incorporar os vários tipos e combinações de famílias (Borun, Cleghorn e Garfield, 1995, p. 262).

Como exemplos, Dierking (1989, p. 9) afirma que as famílias podem ser descritas como um grupo social composto, no mínimo, por um adulto e uma criança. De acordo com esta definição encontra-se a própria definição que Santos (2014, p. 29) apresenta no seu trabalho, considerando como família todos os grupos com no mínimo dois elementos, tendo um deles obrigatoriamente até 14 anos. De igual forma, Wu (2007) considerou que família se refere a “qualquer grupo social multigeracional de mais de duas pessoas, contendo pelo menos uma criança, com laços biológicos ou legais entre si e que visitam um museu como uma unidade” (Wu, 2007, p. 2).

Por outro lado, no caso de Beaumont e Sterry (2005, slide 3), a família aparece como qualquer grupo social multigeracional com no máximo cinco/seis pessoas, com crianças e que visitam uma galeria de arte ou museu em conjunto. Já Borun, Chambers e Cleghorn (1996, p. 124) consideram a família como uma unidade multigeracional de visitantes, com seis membros no máximo e pelo menos um adulto e uma criança com idade entre os cinco e os dez anos. Por sua vez, na realização da sua pesquisa, Diamond (1986, p. 141) considerou como família os grupos com três ou quatro membros, em que pelo menos um era adulto e outro uma criança entre os dois e os 18 anos.

No caso específico dos Museus Municipais do Porto, a família é vista como um grupo que integra pelo menos duas gerações, crianças e/ou jovens acompanhados pelos pais, tios, avós ou mesmo por amigos da família (Câmara Municipal do Porto, 2018, p. 4). Esta definição encontra-se de acordo com as anteriores, embora seja mais abrangente, uma vez que não estipula um número máximo de elementos que a família pode apresentar, não limita a idade das crianças nem se foca numa determinada relação obrigatória entre os vários elementos.

Do ponto de vista legal e estatístico é também necessário adotar uma definição que tenha firme aplicação em determinado país ou conjunto de países. Assim, segundo o ponto três do artigo 16º da Declaração Universal dos Direitos Humanos, “a família é o elemento natural e fundamental da sociedade”. Já no caso específico de Portugal, o artigo 67º da Constituição da República Portuguesa (1976, com revisão de 2005) afirma que “a família, como elemento fundamental da sociedade, tem direito à proteção da sociedade e do Estado e à efetivação de todas as condições que permitam a realização pessoal dos seus membros”. Por seu lado, o INE define a família clássica como:

Conjunto de pessoas que residem no mesmo alojamento e que têm relações de parentesco (de direito ou de facto) entre si, podendo ocupar a totalidade ou parte do alojamento. Considera-se também como família clássica qualquer pessoa independente que ocupe uma parte ou a totalidade de uma unidade de alojamento. São incluídos na família clássica o(a)s empregados domésticos internos, desde que não se desloquem todas ou quase todas as semanas à residência da respetiva família (INE, 2003, p. 56).

Desta forma, conclui-se que a família, enquanto conceito, cobre uma grande diversidade de experiências e relações (Dias, 2015, p. 9). É de realçar ainda que estas definições não se focam no parentesco entre os elementos (com exceção de Wu (2007) que afirma que deve existir um laço biológico ou legal entre eles), o que mostra que são formuladas de maneira a serem aplicadas a diferentes tipos de famílias que não a clássica. Todavia, as várias definições apresentadas indicam que um grupo para ser considerado família tem de apresentar no mínimo uma criança. Mas o que acontece com uma família, pais e filhos por exemplo, em que todos são adultos? Deixa-se de considerar este grupo uma família por nenhum dos elementos ser criança ou jovem? Veja-se que das definições legais abordadas nenhuma estabelece que a família deve conter crianças.

Embora com consciência de que estas definições tenham resultado de estudos específicos e sejam fruto dos objetivos e perceção dos seus investigadores, tem-se também consciência que vários espaços museológicos encaram como família apenas os grupos multigeracionais que contenham, no mínimo, uma criança. Por este motivo julga-se pertinente que os museus reconsiderem a sua definição de família, quer por se considerar que nem todas as famílias são, necessariamente, grupos multigeracionais com crianças, quer de forma a se considerarem os novos tipos e composições familiares que vêm resultando das constantes mudanças na sociedade.

2.1.1. Mudanças na composição da família

No que toca aos tipos de família, de forma mais abrangente, Amaro (2006, p. 71) estabelece a distinção entre a família nuclear, constituída pelos pais e filhos, e a família extensa, a junção da família nuclear com os outros parentes (avós, tios, primos, etc.); e entre a família de orientação, aquela onde o indivíduo nasce e é criado, e a família de procriação, aquela a que o indivíduo dá origem quando sai da família de orientação para criar a sua própria. Quanto à

sua composição, Déchaux (2007, p. 3, citado por Dias, 2015, p. XII) afirma que a família não cessa de se (re)inventar. É uma instituição em contínua evolução, em que, não só a sua organização, funções, configurações e as relações que os seus membros estabelecem entre si se vão modificando (Amaro, 2006, pp. 14-15), como o seu próprio conceito tem evoluído nos vários níveis socioculturais (Faria, 2012, p. 11).

Estudando a história do ocidente europeu verifica-se que existiram múltiplas estruturas familiares no decorrer de vários séculos, resultantes de diferentes ambientes, nomeadamente socioeconómicos (Osswald, 2015, p. 34). É por este motivo que Amaro (2006, p. 47) considera que uma das explicações para a evolução da família tem como suporte a teoria das necessidades do capitalismo, estabelecendo uma conexão entre a evolução familiar e o desenvolvimento da sociedade industrial. A família clássica seria disfuncional e mais numerosa, procurando formar a geração seguinte nos modelos transmitidos pela geração anterior e vivendo muito centrada na comunidade e na rede de parentes (Amaro, 2006, p. 45). Com o tempo, essa sociedade patriarcal foi passando para uma sociedade de parceiros (Osswald, 2015, p. 41), pelo que a família nuclear, dita clássica, deixou de ser única.

Assim, a estrutura que as famílias apresentam não é singular, existindo várias categorias e organizações familiares com uma agenda repleta de novos interesses e necessidades. As famílias apresentam-se agora em todas as formas e tamanhos, estabelecendo entre si diferentes relações. Perante estas transformações, é cultural e socialmente mais apropriado discutir “famílias” do que “a família” (Sterry e Beumont, 2005, p. 6), passando-se da individualidade de cada uma para as diversas estruturas familiares que vão surgindo (Gomes, 2015, p. 9).

Desta forma é possível falar de uma (re)dimensionalidade da família, pelo que Gomes (2015, p. 15) apresenta uma lista com 21 combinações familiares possíveis de serem encontradas na sociedade contemporânea. Sendo elas as seguintes:

Tabela 1 – Combinações familiares. (Fonte: Gomes, 2015, p. 15).

Designação	Composição
Família díade nuclear	Casal sem filhos
Família grávida	A mulher está grávida, independentemente da restante estrutura
Família nuclear ou simples	Pais e filhos

Família alargada ou extensa	Progenitores e filhos que coabitam com ascendentes ou descendentes, consanguíneos ou não
Família com prole extensa ou numerosa	Família com jovens de idades muito diferentes, independentemente da restante estrutura
Família reconstruída, combinada ou recombinação	Família com nova união conjugal, com ou sem descendentes de relações anteriores
Família homossexual	União conjugal entre duas pessoas do mesmo sexo
Família monoparental	Um progenitor e filhos
Família <i>dança a dois</i>	Família constituída por familiares de sangue ou não, sem relação conjugal ou parental – avós e netos; tios e sobrinhos
Família unitária	Pessoa que vive sozinha independentemente de relação conjugal sem coabitação
Família de coabitação	Pessoas que vivem juntas sem qualquer relação parental ou conjugal
Família comunitária	Várias famílias que coabitam (seitas, ciganos, comunas)
Família hospedeira	Receção temporária de elemento exterior à família
Família adotiva	Adoção de outras crianças
Família consanguínea	Existe uma relação conjugal consanguínea
Família com dependente	Elemento dependente dos cuidados dos outros
Família acordeão	Cônjuges ausentes por períodos prolongados
Família flutuante	Elementos mudam constantemente de habitação ou o progenitor muda constantemente de parceiro
Família múltipla	Certo elemento integra mais do que uma família
Família com fantasma	Falecimento de alguém, rapto ou desaparecimento que impede o normal funcionamento da restante família
Família descontrolada	Elemento da família tem problemas crónicos de comportamento

A sociologia da família contemporânea encara este grupo como um dos protagonistas nos processos de mudanças sociais (Dias, 2015, p. 8). Embora a sua multiplicidade de formas possa tornar trabalhosa a enumeração de características comuns aos vários tipos, saber de que maneira

se organizam estas novas famílias é importante para o desenvolvimento de políticas e práticas educativas dos museus, uma vez que essa organização acaba por ditar, de certa forma, as motivações, interesses e necessidades do grupo durante a visita (Santos, 2014, p. 18).

2.2. Famílias e estudos de público

As mudanças e os desafios que os museus enfrentam hoje em dia decorrem da escolha dos seus visitantes por novas opções de lazer, cultura e educação (Santos, 2014, p. 10). Por este motivo, a investigação sobre os públicos que os visitam tem-se intensificado (Studart, 2005, p. 56). Santos (2014, p. 13) descreve que os estudos de públicos de museus tornaram-se mais consistentes nas duas últimas décadas do século XX, contribuindo, para tal, o surgimento de grupos de investigação e associações profissionais sobre o tema, como o International Laboratory for Visitor Studies (University of Wisconsin, EUA), a associação Visitor Studies Association (EUA), o Observatoire Permanent des Publics (França), o Visitor Studies Group (Reino Unido) e o Laboratorio Permanente de Público de Museos (Espanha). No caso português, a partir dos anos 90 começaram a verificar-se estudos e pesquisas no âmbito da sociologia sobre públicos da cultura.

Não é apenas crucial desenhar a exposição ou a atividade certa, é preciso, acima de tudo, compreender a motivação, a atitude, a perceção, a aprendizagem, a cultura e os antecedentes dos públicos (Sterry & Beaumont, 2006, p. 223). É por esta razão que Bitgood (1997, p. 6, citado por Santos, 2014, p. 11) agrupa os estudos de público em cinco áreas de investigação: pesquisa e desenvolvimento de públicos, desenho e desenvolvimento de exposições, desenho e desenvolvimento de programas, desenho de instalações e serviços para o visitante.

Estes estudos, pesquisas e investigações fazem também parte da função e responsabilidade social dos museus, tal como descreve o artigo 57º da Lei Quadro dos Museus Portugueses: “o museu deve realizar periodicamente estudos de público e de avaliação em ordem a melhorar a qualidade do seu funcionamento e atender às necessidades dos visitantes.” (Lei nº 47/2004, p. 5386). No caso específico das famílias, os estudos sobre a sua presença nos museus assumem uma certa importância, não só pelo facto de as visitas familiares serem uma modalidade de visita com algum peso quantitativo, mas por ser no seu âmbito que as crianças desenvolvem a sua identidade cultural (Santos, 2014, p. 4).

No seu artigo de 1989, Lynn Dierking afirma que, apesar de as famílias constituírem uma parte importante do leque de visitantes em museus, pouca era a pesquisa educacional que se centrava nesse público (Dierking, 1989, p. 9). Borun *et al* (1996, p. 135) corrobora esta ideia, afirmando que, na altura, eram raros os estudos que examinavam as famílias como uma unidade educativa. Contudo, ainda no artigo de 1989, Lynn Dierking aponta que os focos de pesquisa começavam a entrar em mudança, com o início da construção de um corpo de conhecimento que descrevesse o porquê de as famílias visitarem museus e o que faziam durante a visita (Dierking, 1989, p. 9). Após 15 anos destas mudanças terem sido indicadas por Dierking (1989), Wu (2007, p. 2) afirma que os sectores dos museus reconheciam efetivamente a necessidade de compreender os seus públicos, mas que, mesmo assim, continuavam a ser poucos os museus a coletar informações sobre os visitantes familiares e que as pesquisas sobre as necessidades desse grupo eram ainda reduzidas.

Recentemente, Santos (2014, pp. 16-17) afirma que as pesquisas e estudos quanto a este público específico têm, efetivamente, aumentado, e que esse aumento decorreu principalmente a partir do início do século XXI. Surgindo nos EUA foram-se dispersando, através de publicações e conferências internacionais, sofrendo, nos últimos anos, um bom impulso pela Europa. A sua aplicação tem permitido um novo olhar sobre o comportamento familiar (no que toca à relação entre os vários membros do grupo, em relação à exposição/objeto, quanto à existência de diferentes comportamentos conforme o sexo do indivíduo e no respeitante ao papel dos adultos durante a visita, entre outros); sobre os motivos, interesses e preferências que levam o grupo ao museu; as expectativas; o tempo que dedicam à visita; e quanto à aprendizagem: modos como aprendem e o que aprendem (ganhos cognitivos e afetivos) (Studart, 2005, p. 56). São, assim, ferramentas importantes que permitem uma melhor compreensão das qualidades e dinâmicas da experiência museológica familiar (Studart, 2005, p. 57).

Para tal, e de forma a corroborar o que se acabou de enunciar, apresentam-se de seguida algumas destas pesquisas, nomeadamente os seus objetivos, metodologias e principais resultados.⁶

⁶ Na escolha destas pesquisas tentou-se apresentar um exemplar para cada um dos parâmetros da visita familiar abordados neste trabalho: definição e composição das famílias, motivações e comportamentos, aprendizagem no museu, desafios. Veja-se Apêndice A para uma análise mais objetiva dos resultados destas pesquisas.

No que toca a estudos de público em museus fora de Portugal podemos enunciar o exemplo de D.D. Hilke que em 1989 descreveu a pesquisa que fez num museu de História Natural⁷ relacionada com as questões de aprendizagem em família nos museus. Para tal, a autora observou 53 famílias, num total de 132 indivíduos, durante 8min cada. Como resultados, aponta que 86% do que os visitantes disseram ou fizeram estava relacionado com a exposição e que 66% do comportamento do visitante era relacionado com o ganhar ou trocar informação.

Christine Brown (1995)⁸ observou a resposta parental em doze exposições diferentes, durante 1h, em tempo de férias escolares. A autora concluiu que a maioria das crianças a visitar as exposições eram rapazes, mas que os seus acompanhantes eram na maioria do sexo feminino; conseguiu estabelecer oito tipos de resposta parental: zelador, suporte, ajudante, iniciante, assistente, parceiro, líder e demonstrador.

Em 1997 Cody Sandifer conduziu um estudo num museu de ciência interativo, o Fleet Science Center (Califórnia)⁹, com o objetivo de entender as diferenças na aprendizagem e no tempo de visita entre os grupos de semana e fim de semana e entre os grupos familiares e não familiares. O autor observou um total de 47 pessoas, focando a sua atenção nos seus comportamentos. A principal conclusão foi a de que os grupos familiares são multigeracionais e que, independentemente do dia, são os que passam mais tempo na exposição/museu.

Denise Studart (2005) pretendeu verificar, em três exposições distintas (“All Hands Gallery” no National Maritime Museum (Londres), “Launch Pad” no Science Museum (Londres) e “Me & My Body” no Eureka! The Museum for Children (Halifax))¹⁰, se os adultos e as crianças entre os sete e os onze anos se percebem num espaço museológico ou se necessitam de algo mais dedicado à diversão. Simultaneamente investigou a forma como o contexto social da visita afeta a experiência museológica. Para tal recorreu a três instrumentos: entrevistas, realizadas logo após a visita (50 famílias em cada exposição); desenhos das crianças (num total de 120); observações discretas das interações familiares (150 famílias em cada exposição). Como principais conclusões, a autora admitiu que os pais e acompanhantes das crianças olharam para as exposições como espaços relaxantes e de lazer, considerando-os bons locais

⁷ Veja-se Hilke, D. D. (1989). Strategies for Family Learning in Museums. *Visitor Studies*, 1 (1) 120-134.

⁸ Veja-se Brown, C. (1995). Making the Most of Family Visits: Some Observations of Parents with Children in a Museum Science Centre. *Museum Management and Curatorship*, 14 (1), 65-71.

⁹ Veja-se Sandifer, C. (1997). Time-Based Behaviors at an Interactive Science Museum: Exploring the Differences between Weekday/Weekend and Family/Nonfamily Visitors. *Science Education*, 81 (6), 689-701.

¹⁰ Veja-se Studart, D. C. (2005). Museus e famílias: percepções e comportamentos de crianças e seus familiares em exposições para o público infantil. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, 12, 55-77.

para as suas crianças aprenderem; por sua vez, 61% das crianças afirmou preferir a visita em família do que com a escola.

Por sua vez, Anne Jonchéry (2008)¹¹ estudou a composição e as características sociais do grupo familiar, tentando entender os contextos, processos e motivações da sua visita a três museus diferenciados: Galerie de Paléontologie et d'Anatomie Comparée du Muséum National d'Histoire Naturelle (Paris), Musée d'Orsay (Paris) e Musée National de la Marine (Paris). Para tal, a autora utilizou inquéritos por questionário (350 grupos familiares) e entrevistas semidirectas (112). Com a pesquisa percebeu que os adultos veem a visita ao museu como uma forma de investimento no futuro educativo das crianças e que o museu de ciência é menos elitista e o de arte mais elitista.

No caso português podemos falar sobre o estudo de Ana Coelho (2008), que na sua dissertação de mestrado¹² teve como objetivo identificar e interpretar as experiências e estilos de visita entre o público não-escolar no Pavilhão do Conhecimento – Ciência Viva (Lisboa). A autora procurou também entender de que forma o contexto da visita e os fatores relacionados com as trajetórias biográficas de cada um influenciam essas experiências. Para tal, utilizou como metodologia a pesquisa documental, observação e entrevistas a monitores e aos próprios visitantes (num total de 20 indivíduos). A autora concluiu que os visitantes não-escolares mais preponderantes são as famílias e que as diferenças nas motivações de visita e de comportamento durante a mesma são decorrentes de fatores como a escolaridade, a profissão, os interesses pessoais, as modalidades de acompanhamento e o conhecimento prévio do espaço.

Na sua dissertação de mestrado¹³, Joana Santos (2014) teve como objetivo conhecer as famílias que visitam o Museu da Eletricidade (Lisboa) e saber os motivos que as levam a realizar essa visita. Para tal recorreu a inquéritos por questionário, entregues às famílias na bilheteira do museu, e a entrevistas. Como resultado, a autora percebeu que os visitantes apresentam diferenças quanto às suas trajetórias de vida, mas no que concerne às motivações para a visita existe um consenso de visitar o museu por ser uma forma de passar um bom momento em família e, principalmente, para aprender. Com base nas famílias analisadas, a autora reconheceu sete composições familiares: pais e filhos; pai/mãe e filhos; família com

¹¹ Veja-se Jonchéry, A. (2008). Se rendre au musée en famille. *La Lettre de l'OCIM*, 115, 4-14.

¹² Veja-se Coelho, A. R. (2008). *Experiências de Visita a um Centro de Ciência: um Estudo Qualitativo sobre o Público Não-Escolar do Pavilhão do Conhecimento - Ciência Viva* (Dissertação de Mestrado). ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa.

¹³ Veja-se Santos, J. C. (2014). *Públicos dos Museus: um estudo qualitativo sobre as visitas em família – o caso do Museu da Eletricidade*. (Dissertação de Mestrado). ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa.

enteados ou padrastos; três gerações; avós e netos; pai e/ou mãe, filhos e outros; outros casos (crianças com tios, padrinhos ou irmãos).

A nível de estudos no norte do país, e no caso específico do Porto, destaca-se o estudo de famílias que Inês Ferreira (2001)¹⁴ apresenta no relatório do programa para famílias “À Descoberta dos Museus do Porto”. O objetivo recaiu em conhecer as necessidades, interesses e hábitos recreativos/culturais de famílias, considerando-se as crianças até aos doze anos. Como amostra consultaram-se 30 pais, de contextos diferentes, e doze professores, de três tipos de ensino: oficial, privado e uma IPSS. A metodologia escolhida foi o inquérito, redigindo-se um para os pais e outro para os professores. Embora a autora refira que por apresentar uma amostra pequena este estudo não deva ser lido como o “perfil das famílias do Porto” foi possível concluir que: a maioria dos pais gosta de visitar museus com os filhos, mas são aqueles que têm crianças no primeiro ciclo que o faz com maior frequência; famílias com crianças no ensino privado visitam museus mais frequentemente; a dificuldade em explorar o museu com as crianças e a existência de outros programas mais atrativos são as razões apontadas para a pouca frequência nos museus; temas relacionados com a natureza, animais, vida familiar e assuntos do quotidiano são os mais atraentes para as crianças.

Já Diana Rodrigues (2012)¹⁵ teve como objetivo conhecer os públicos do Museu Municipal de Penafiel, escolhendo como metodologia a análise documental, a entrevista (aos profissionais do Museu e aos públicos), a observação e os inquéritos por questionário. Como resultados gerais a autora concluiu que 61,1% dos visitantes apresentavam idades entre os 26 e os 35 anos, sendo, na sua maioria, do género masculino (55,6%) e solteiros (58,9%). Quanto às entrevistas realizadas (oito dos 56 inquiridos), a autora conseguiu perceber que a maioria tinha por hábito em criança visitar museus ou espaços culturais com a família e a escola. O fator de enraizamento cultural por parte dos progenitores e a frequência dos temas relacionados com arte e cultura no seio da família denotou-se também na maioria dos entrevistados.

Por sua vez, o estudo de Alice Semedo, Rafaela Ganga e Célia Oliveira (2018)¹⁶, comissionado pela DRCN teve como objetivo entender as razões de visita, a construção de significados e a perceção dos espaços pelos visitantes em três museus/monumentos (Paço dos

¹⁴ Veja-se Ferreira, I. (2001). “À Descoberta dos Museus do Porto”: *Um programa para Famílias* (Relatório final). Porto.

¹⁵ Veja-se Rodrigues, D. M. F. (2012). *Estudo de públicos do Museu Municipal de Penafiel* (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

¹⁶ Veja-se Semedo, A., Ganga, R. & Oliveira, C. (2018). *Visitar museus e monumentos: Um estudo piloto de fatores motivacionais*. Porto: DRCN.

Duques, Museu do Abade de Baçal e Igreja do Mosteiro de Leça do Balio). Perante uma amostra aleatória de visitantes com idade superior a 16 anos e de língua portuguesa, as autoras escolheram metodologias que lhes permitissem obter dados multidimensionais: observação, entrevistas (a 38 homens e 52 mulheres) e inquéritos. Como resultados perceberam que as motivações para a visita se centram em áreas como aprendizagem e descoberta, escapismo/recuperação, interação social e autorrealização. No caso de grupos familiares, estes viam a visita como oportunidade para se aprender de maneira diferente, mas divertida, sendo um momento de qualidade em que os pais podiam assumir o seu papel de “educadores”.

Como se pode observar, estas pesquisas utilizam diferentes instrumentos como metodologia: entrevistas, observação, desenhos e inquéritos por questionário. Contudo, para além destes instrumentos, existe ainda uma grande variedade de outros métodos, como a análise do discurso, gravação de vídeo e áudio, diários, fotos ou mapeamento de significado pessoal (Serry e Beaumont, 2006, p. 224). Beaumont e Serry (2005) defendem o uso da triangulação de métodos de pesquisa, conferindo, assim, uma maior consistência aos mesmos. Para tal aconselham que para o estudo das características e demografias das famílias se utilize a pesquisa, documentos e registos; para o comportamento familiar se realize pesquisa, entrevistas e observação; e para entender a motivação e a experiência do grupo familiar se use pesquisa e entrevistas (Beaumont e Serry, 2005, slide 13).

2.3. Motivações e comportamentos

Entender quem são as famílias que visitam os museus é essencial. Mas compreender a forma como as visitas familiares decorrem também é importante, principalmente pois ao investigar o processo de visitas de um grupo familiar consegue-se perceber o que o museu está a fazer bem (ou mal) na forma como recebe as famílias. Assim, um dos passos para entender esses processos de visita passa por anotar os interesses e motivações que levam o grupo a dirigir-se aos museus, ao mesmo tempo que se analisam os seus comportamentos durante a visita. É claro que cada caso é um caso, mas os estudos realizados permitem tomar algumas notas gerais.

A melhor forma de saber o que as famílias querem ver, fazer ou precisam para que a sua experiência museológica seja o mais agradável possível é ouvindo-as (Renaissance South East, 2010, p. 11):

- Diretamente – conversando, entrevistando e observando famílias ao longo da sua visita (é uma das melhores formas de entender as suas necessidades no momento);
- Indiretamente – relacionando-se com os canais de informação que as famílias usam, como programas de TV e livros infantis, currículo escolar das crianças (não esquecendo que muitas famílias visitam o museu por interesse dos mais novos), filmes ou outras atrações para as famílias;
- Pesquisa – leitura e tratamento de pesquisas desenvolvidas sobre a temática.

Embora vários autores discutam sobre se as famílias visitam museus para aprender algo novo¹⁷ ou para passar um dia fora, como uma saída social¹⁸ (Choya, 2008, p. 15; Santos, 2014, p. 20), existem estudos que mostram que essas duas motivações estão ligadas (Kelly, Savage, Griffin & Tonkin, 2004, p. 15; Semedo, Ganga & Oliveira, 2018, p. 5). As famílias até podem idealizar a visita ao museu como uma saída social, mas acabam inevitavelmente por se envolver em comportamentos de aprendizagem e ensino (Choya, 2008, p. 15).

Na maioria dos casos a motivação de visita deve-se ao interesse das crianças (Jonchéry & Biraud, 2014, p. 90; Kelly *et al.*, 2004, p. 15), pelo que os adultos a veem tanto como um investimento na educação como uma oportunidade para a criação e partilha de conhecimento e informação (Jonchéry & Biraud, 2014, p. 89; Semedo *et al.*, 2018, p. 7). Na sua pesquisa, Stanton (1999, p. 7) evidenciou que os pais consideram o museu um lugar acessível em termos monetários perante a quantidade de conhecimento que apresenta. Wu (2007, p. 12) remata que, na perspetiva dos pais, maximizar a satisfação das crianças é o foco principal de qualquer passeio familiar, pelo que, em geral, a diversão é o desejo e motivo dominante para sair em família. Sterry e Beaumont (2006, p. 225) admitem que estas experiências participativas compartilhadas, e a diversão conjunta, apresentam os efeitos mais memoráveis sobre as famílias nos museus de arte.

De facto, acredita-se que a visita ao museu decorre da concordância entre os vários interesses dos membros da família, não existindo apenas um motivo, mas sim um cruzamento de vários, conciliáveis entre si (Santos, 2014, p. 21). Para além de apresentar uma lista de estudos que focam a sua atenção nessas motivações, Wu (2007, p. 2) indica também que elas

¹⁷ Veja-se Falk & Dierking (2000, pp. 92-93). Na ótica destes autores, a família é o maior grupo de audiência no museu, visitando-o para aprender, ao mesmo tempo que afirmam que a sua visita se deve muitas vezes por verem o museu como um bom local de aprendizagem para as crianças.

¹⁸ Blud (1990a, p. 43) defende que a visita familiar ao museu é vista como uma saída social, mais do que uma experiência educativa.

são cinco: a educação (oportunidade de aprendizagem e benefícios educacionais para as crianças), entretenimento (diversão), tempo familiar de qualidade, necessidade de passeios sociais e resposta às necessidades das crianças. O que vai de acordo com as quatro dimensões enunciadas por Semedo *et al.* (2018, p. 4) para as motivações de visita em museus e monumentos portugueses: aprendizagem e descoberta; escapismo/recuperação; interação social; autorrealização.

Independentemente dos motivos que levam as famílias aos museus, são os seus comportamentos durante a visita que denunciam aquilo que estão a vivenciar. As famílias adotam uma variedade de comportamentos no espaço de exposição que mesmo podendo ir contra o que o curador da exposição idealizou, são muitas das vezes sistemáticos e inteligentes (Hilke, 1989, p. 121). Esses comportamentos dependem das expectativas, mas também da familiaridade do grupo com o museu, da idade das crianças e das relações entre os vários elementos (Jonchéry & Biraud, 2014, p. 90).

O comportamento mais comum das famílias na sua visita ao museu é o de passar pelas exposições lançando o olhar sobre a maioria dos objetos, mas parando apenas quando avistam algo do seu interesse (Choya, 2008, p. 17). Judy Diamond (1986, p. 144) designa este comportamento de “*shop around*”, relatando que 57% das famílias observadas no estudo de famílias que realizou no Exploratorium (Califórnia) e no Lawrence Hall of Science (Califórnia) gastaram menos de um minuto em cada exibição. Neste mesmo estudo, a autora estabeleceu 22 comportamentos, divididos pelas categorias: aproximar e afastar; observar; manipular; ler; mostrar e informar; discutir; interagir com outros grupos; outros. (Diamond, 1986, pp. 143, 146).

Segundo o mesmo estudo de Diamond (1986), é o pai, juntamente com as crianças, que apresenta a iniciativa de se aproximar da exposição/objeto, pelo que a mãe se junta quando alguém da família já está a observar algo em específico, naquilo que a autora designa como o comportamento “*join another*” (Diamond, 1986, p. 145). Kelly *et al.* (2004, p. 18) acrescentam que as mulheres na família têm a tendência de colocar as suas próprias necessidades de lado, para que as dos restantes membros sejam atendidas em primazia. Num lado completamente oposto, Stanton (1999, p. 7) verificou na sua pesquisa que as mulheres lideravam a visita.

2.4. Aprender em família

Abordou-se anteriormente o facto de as famílias visitarem o museu com o intuito de aprender, ou se o fazem como uma simples atividade de tempo livre. No entanto, muitas famílias vão ao museu sem terem plena consciência de que vão aprender algo, e quando questionadas não indicam a aprendizagem como motivo de visita, uma vez que a consideram associada simplesmente à escola (Choya, 2008, p. 15; Santos, 2014, p. 21). Por isso há que referir que no museu também se verificam processos de aprendizagem, embora seja uma aprendizagem informal (ao contrário da escola que é formal) e apresente um carácter contínuo e duradouro (Barros, 2008, p. 33).

Nos finais dos anos 80 muita da literatura estabelecia a importância da aprendizagem das famílias dentro e através dos museus (Ellenbogen, Luke & Dierking, 2004, p. 49; Hooper-Greenhill, 1998, p. 211). E se, em 1990, Blud (1990a, p. 43) afirmava que existiam poucos estudos sobre se a visita em família ao museu potenciava ou não a aprendizagem – e que aqueles que realmente contemplavam esse tópico focavam-se apenas na natureza da exposição e ignoravam a natureza do visitante –, hoje muitos autores têm abordado essas experiências de aprendizagem durante as visitas familiares. Nas suas pesquisas e investigações tentam perceber como e em que circunstâncias ocorre a aprendizagem em família nos museus; de que forma é uma aprendizagem diferente daquela que se tem na escola ou com amigos; o que a condiciona; e que comportamentos e indicadores se podem apontar como demonstradores de que a aprendizagem está de facto a ocorrer.

Aprender em família é um tipo de aprendizagem diferente pois envolve indivíduos de diversas idades, experiências e capacidades intelectuais. As crianças envolvidas nessa aprendizagem podem usufruir de muitos benefícios, incluindo a melhoria do seu comportamento e o aumento, não só da sua realização pessoal, mas também da participação em atividades sociais (Renaissance North West, 2009, p. 6). Este facto vai de acordo com a teoria de Doise (1978, citada por Blud, 1990b) sobre o desenvolvimento cognitivo das crianças. Esta teoria sugere que a interação social pode ajudar a criança na sua habilidade de aprender novos conceitos e a resolver problemas, uma vez que aprende ao comparar a sua visão com a visão dos outros (Blud, 1990b, p. 257). Durante a interação adulto-criança, o adulto pode adotar um estilo particular de discussão que permita ajudar a criança a aprender: sugerir um ponto de vista diferente, entrar num debate e argumentação, expressar dúvida sobre o seu próprio ponto de vista e pedir sugestões à criança (Blud, 1990b, p. 257).

A composição (idade e sexo) e o tamanho do grupo, a agenda do mesmo, o estilo parental e as estratégias de aprendizagem são variáveis que exercem um papel importante na aprendizagem social nos museus (Bitgood, 1993, p. 4). Já os aspetos com probabilidade de encorajar as crianças quanto à aprendizagem são o tipo de museu, o tempo gasto na visita, a sua preferência social para o grupo de visita (escola, família, amigos ou nenhuma) e o parentesco estabelecido com os adultos (Studart, 2005, p. 67).

Para um maior aprofundamento sobre esta questão, o *PISEC Family Learning Project*¹⁹ é um excelente ponto de partida. Ao longo de três anos e em quatro instituições da Filadélfia – o Franklin Institute Science Museum, o New Jersey State Aquarium, a Academy of Natural Sciences e o Philadelphia Zoological Garden – vários pesquisadores tentaram responder à questão “como podem os museus encorajar a aprendizagem ativa das famílias?”. Os principais objetivos desta pesquisa remeteram para a identificação e medição da aprendizagem familiar em museus de ciências, tentando encontrar uma correlação entre essa aprendizagem e as características específicas da exposição, entendendo como as exposições podem melhorar a aprendizagem entre os grupos familiares (Borun *et al.* 1996). Uma das principais conclusões desta pesquisa foi a de que a aprendizagem familiar pode ser facilitada através da exibição e do design da mesma, especialmente se essa seguir sete características importantes²⁰, uma vez que a aprendizagem está significativamente relacionada com o tempo gasto numa exposição (Borun *et al.*, 1996, p. 691; Borun & Dritsas, 1997, p. 180).

2.5. A relação família-museu: benefícios, carências e desafios

Já se viu a importância com que se revestem os estudos de famílias em museus e instituições culturais. É através deles que se procede a um conhecimento mais aprofundado do público: as suas motivações, expectativas e necessidades. Interessa agora entender de que forma a relação família-museu é importante para ambas as partes e quais os desafios mais imediatos que ela representa.

¹⁹ Veja-se <https://www.fi.edu/museum-learning-research>.

²⁰ Borun & Dritsas (1997, p. 180) apresentam no seu artigo, fruto da investigação do PISEC, sete características fundamentais que as exposições devem possuir para facilitar a aprendizagem entre família: serem multifacetadas (todos os elementos da família se podem juntar à sua volta); multiutilizador (permitem a interação de várias mãos ou corpos); acessíveis (confortavelmente usadas por crianças e adultos); multi-resultado (suficientemente complexas para promover a discussão); multimodais (apelam a diferentes estilos de aprendizagem e níveis de conhecimento); legíveis (essencialmente a nível de texto); e relevantes (fornecem *links* cognitivos para o conhecimento e experiência anterior dos visitantes).

Numa era em que as famílias mudam tão rapidamente e precisam continuamente de encontrar a sua identidade, em que os museus se deparam com a urgência de atrair públicos e apoios para justificarem a sua função na sociedade, o desenvolvimento da relação entre museus e famílias pode ser extremamente benéfico para ambos. (Ferreira, 2001, p. 11).

Os museus apresentam potencial educativo e recreativo capaz de tornar a visita em família numa experiência enriquecedora (Ferreira, 2001, p. 8). Como tal, trabalhar com e para as famílias, conhecendo-as, é de extrema importância no contexto museológico, pois:

- As famílias apresentam um peso significativo nas visitas a museus (Santos, 2014, p. 3);
- As famílias são as principais educadoras e quem leva até ao museu os futuros visitantes e usufruidores da cultura: as crianças (Santos, 2014, p. 4);
- O museu ganha ao cativar mais famílias, aumentando quantitativa e qualitativamente os seus públicos, e passando impressões positivas sobre si, nomeadamente ao contrariar a imagem de que é um lugar elitista (Ferreira, 2001, p. 9);
- Programar para famílias, nomeadamente para todos os elementos dos grupos familiares, é uma forma do museu contrariar a ideia de não ser um local adequado a crianças (Ferreira, 2001, p. 9).

Simultaneamente, os membros de uma família também beneficiam quando visitam o museu em grupo:

- O museu adequa-se como local de partilha e comunicação de conhecimentos, valores, desejos e ideologias entre os vários membros da família (Ferreira, 2001, p. 10);
- A visita ao museu estimula a curiosidade e desafia o uso da criatividade (Ferreira, 2015b, p. 389) em todos os membros da família, mas essencialmente nas crianças;
- A visita ao museu pode ter um forte impacto na aprendizagem formativa das crianças. Como estas não visitam museus sozinhas, podem ser pontos de entrada dos adultos nas suas vidas. (Denver Art Museum, 2013, p. 4);
- O comportamento das crianças difere entre espaços: em casa comportam-se de uma forma, na escola de outra, e no museu de outra ainda. Visitar o museu em família permite que os pais conheçam melhor os seus filhos. (Santos, 2014, p. 20).

É verdade que a visita em família ao museu é rica em oportunidades e potencialidades, contudo e Ferreira (2001, p. 8) constata este facto, há pouca oferta nos museus orientada especificamente para famílias, quer em termos de bibliografia, programas/atividades ou materiais de apoio. Devido às várias características que apresentam – privacidade, consciência coletiva não perceptível ao restante público, relações permanentes, tradições partilhadas, envolvimento intenso e colagem de interesses/qualidades individuais – as famílias são um grupo que exige uma atenção diferenciada dos outros públicos (Schänzel & Smith, 2014, p. 126), tornando-se num grupo desafiante a ser servido (Dierking, 1989, p. 9). A organização das instituições para as famílias pode ser difícil de conciliar com o planeamento para outros públicos (The Audience Agency, 2001, p. 3).

Existe uma quantidade considerável de estudos que mostram que a função social e educativa do museu é condicionada por necessidades práticas, e as famílias não são exceção quanto a essas necessidades (Hooper-Greenhill, 1998, p. 140). Alguns aspetos podem distrair o grupo, impedindo-o de aproveitar a visita da melhor forma, ou podem mesmo tornar-se adversos às visitas familiares (Hood, 1989, p. 164). Nesses aspetos podem-se incluir as despesas com transporte (embora dependente da localização do museu); o tempo de espera na fila para entrada; o preço dos bilhetes (muitas das vezes pela inexistência de um bilhete família); a dificuldade de acesso com carrinhos de bebés (falta de rampas e/ou elevadores); o défice na sinalética; a inexistência de bengaleiro (onde deixar mochilas ou até o carrinho de bebé); a carência de atividades para crianças e de locais essenciais ao seu cuidado (WC com fraldários, locais para descansar e para alimentação); exposições demasiado longas que se tornam cansativas, principalmente para as crianças; presença de dispositivos que não são adequados à idade ou estatura das crianças; luzes inadequadas, que não deixam o visitante ler ou observar os objetos; entre outras.

Assim, cabe a cada museu identificar as necessidades e carências das famílias, de forma a poder criar as condições necessárias para as receber, diminuindo os incómodos e tornando os seus espaços e serviços adequados à receção deste grupo (Santos, 2014, p. 19). Aliada a essa adequação dos espaços e serviços deve encontrar-se a adaptação dos conteúdos museológicos e educativos, uma vez que as famílias quando visitam o museu pretendem também encontrar programas e atividades que lhes permitam aprender em conjunto (Choya, 2008, p. 5). Para Dierking (1989, p. 10) existem alguns pontos a ter em conta na programação de exposições e de atividades para as famílias, pelo que o principal é nunca esquecer que as famílias têm a sua própria agenda. É neste contexto da programação específica que entra a questão da criatividade.

Crucial nos museus por serem espaços que desafiam o seu recurso, uma vez que partilhar, escolher e interagir exige pensamento crítico e criativo (Ferreira, 2015b, p. 387).

De forma mais geral, os desafios para o museu quando recebe famílias podem passar por:

- Organizar as suas exposições, atividades e serviços de forma a que qualquer elemento da família possa participar, considerando que os grupos familiares apresentam elementos de diferentes idades, necessidades, níveis de aprendizagem e comportamentos específicos (Hooper-Greenhill, 1998, p. 34);
- Oferecer experiências e oportunidades que os novos estilos e tipos de famílias considerem apelativos e relevantes. As mudanças na estrutura e estilo de vida das famílias é um desafio para os museus. (Hood, 2008, p. 151);
- Mediar as diferenças entre as necessidades dos pais e as das crianças, providenciando experiências acolhedoras para todos (Denver Art Museum, 2013, p. 17).

Enquanto os desafios para as famílias, quando visitam o museu podem incidir em:

- Planear a visita antes de a realizar, fazendo uma breve pesquisa sobre o museu que querem visitar, acautelando qualquer situação menos agradável (Blue Star Families, s.d., p. 2);
- Os adultos não devem esquecer os seus próprios interesses e necessidades em favor dos das crianças, ao mesmo tempo que também não se espera que realizem a atividade na sua totalidade assim que as crianças apresentem a primeira dúvida ou dificuldade (Denver Art Museum, 2013, p. 17);
- Levar o que aprenderam no museu para casa, discutindo os assuntos entre si e aplicando-os no seu dia-a-dia (Guggenheim, 2016, p. 3).

Torna-se claro que os museus precisam de caminhar no sentido de se tornarem cada vez mais *family friendly*, mostrando-se às famílias como tal. O projeto *Engage* (2004/2005, p. 5) refere que esta designação é uma forma abreviada de dizer que as famílias são bem-vindas no museu. Tão simples quanto isto. Esta “amizade” é demonstrada no espaço físico e acessibilidades do museu, na atitude e comportamento dos profissionais e na programação pensada para envolver toda a família, criando oportunidades de aprendizagem para todos os elementos.

Com igual importância para a relação família-museu encontra-se a avaliação dos perigos e riscos²¹ associados à visita do espaço museológico. Cabe a cada museu identificar os perigos associados a essa visita, seguindo-se depois a determinação e a avaliação do risco em si. Importa referir que perigo e risco não são a mesma coisa: perigo, embora associado a risco, refere-se a tudo o que pode causar dano; já risco refere-se à probabilidade de um perigo causar dano (ICOM, 2004, p. 160). Pegando no caso específico da Casa-Museu Marta Ortigão Sampaio, uma vez que foi o local de estágio, é possível fazer um exercício de identificação de riscos para as visitas em família a este espaço, tal como se ilustra na tabela seguinte.

Tabela 2 – Exercício de avaliação de risco para visitas em família à Casa-Museu Marta Ortigão Sampaio.

Ação	Perigo	Risco	Precaução
Chegada ou partida da Casa-Museu	Atravessar a estrada	<ul style="list-style-type: none"> • Atropelamento 	Localizada numa zona movimentada, os adultos devem estar atentos à movimentação das crianças, atravessando a estrada sempre pela passadeira.
Visitar a Casa-Museu com mochilas	Embater e/ou derrubar algum objeto	<ul style="list-style-type: none"> • Dano no objeto • Algum elemento da família pode magoar-se 	Pedir às famílias (mas a todos os visitantes, no fundo) para que deixem as suas mochilas ou sacos no baú para o efeito.
Visitar a sala de joias	Tropeçar nas escadas	<ul style="list-style-type: none"> • Partir algum membro devido à queda 	Avisar o visitante para ter atenção às escadas e para se apoiar no corrimão.
Conhecer o jardim da Casa-Museu	Cair no lago	<ul style="list-style-type: none"> • Molhar-se • Partir algum membro devido à queda 	Alertar a família para a existência do lago, aconselhando os adultos a estarem atentos às crianças.

²¹ “O museu necessita de ter um programa ativo de avaliação de risco, envolvendo o máximo de staff possível. O objetivo é identificar perigos e riscos, avaliar cada um, e identificar formas de os eliminar, ou em casos que isso não seja possível, reduzi-los a um nível aceitável de risco.” (ICOM, 2004, pp. 158-159).

2.6. Implicações para a prática: reflexão geral

Família ou famílias? Quem é esse grupo familiar que visita museus? Que características apresenta? Por que razão visita o museu? Quais os seus interesses e motivações? Que dificuldades sente no museu? Tentou-se responder a estas questões o melhor possível através da revisão bibliográfica e da análise das pesquisas de vários autores, com o objetivo de, chegando a esta parte, cruzar os dados obtidos e apresentar as implicações que as características, motivações, comportamentos e necessidades das famílias têm para a prática. Ou seja, apresentar uma lista de aspetos a ter em conta pelo museu e seus profissionais para se proporcionar aos grupos familiares a melhor experiência museológica possível.

A estrutura desta lista (tabela 3) apresenta de um lado a característica da família e do outro a implicação ou desafio que essa característica apresenta para os museus e seus profissionais. Realça-se o facto de, embora algumas características serem de certa forma complementares e até intrínsecas, as implicações que apresentam podem ser diferentes, e por esse motivo são analisadas em separado. Ao mesmo tempo, diferentes características podem ter implicações idênticas.

Baseando-se nessa lista, o exercício de construção de personas²², amplamente utilizado por instituições com características diversas e, especificamente, pela proposta já referida (Semedo, no prelo), pode ser útil ao Museu da Cidade do Porto (e seus Museus integrantes) para produzir conteúdos e materiais que melhor se adequem às famílias.

A construção de personas é uma metodologia centrada no visitante (Pinheiro, Szaniecki & Monat, 2016, p. 256), e muito usada na abordagem do *Design Thinking* (Dam & Siang, 2018, para. 4). As personas são personagens fictícias construídas a partir da pesquisa e recolha de dados sobre os visitantes reais do museu. Essa recolha, processada de várias formas (observação, entrevistas, pesquisa), é útil para entender os objetivos, experiências, comportamentos, necessidades e limitações dos visitantes. Por sua vez, este entendimento permitirá ao museu elaborar conteúdos e materiais que respondam adequadamente ao que os visitantes procuram. (Dam & Siang, 2018, para. 1; Pinheiro, Szaniecki & Monat, 2016, p. 260).

Lene Nielsen (2013, citada por Dam & Siang, 2018, para. 12-13) apresenta um modelo de construção de personas orientado por 10 passos, divididos pelas quatro áreas seguintes:

- Recolha e análise de dados;

²² Veja-se Apêndice B.

- Descrição das personas;
- Criação de cenários para desenvolvimento de ideias e análise de problemas;
- Consentimento por parte de toda a equipa e envolvimento da equipa de design – criação do produto em si.

Desta forma, e para terminar o presente capítulo, tornou-se claro que o termo “família” é utilizado em diferentes áreas e contextos. Embora os museus e seus investigadores difiram também na definição que aplicam a este termo, de forma geral, essas definições apresentam a família como um grupo multigeracional que visita museus em conjunto e que contém, no mínimo, uma criança. Compreender a forma como os museus definem e veem as famílias torna-se importante na medida em que permite verificar se os mesmos incluem nessas definições as diferentes formas e composições familiares que vão surgindo. Neste âmbito, verificou-se que vários autores reforçam que as famílias não apresentam apenas uma estrutura nuclear (pais e filhos) mas sim estruturas e composições diversas. Saber de que maneira essas famílias são constituídas é crucial para se planearem e desenvolverem conteúdos e programas museológicos que as mesmas considerem relevantes. Para tal, os estudos de público são ferramentas importantes, pois, através de diferentes técnicas (observação, entrevistas, inquéritos) permitem entender quem são as famílias que visitam museus, porque o fazem e como o fazem. Descortinar essas motivações e comportamentos permitirá aos museus saber os desafios e carências que a sua relação com as famílias apresenta.

Tabela 3 – Aspectos a ter em conta na receção do público familiar.

Caraterística	Implicações/desafios para a prática
Grupo multigeracional (Ferreira, 2001, p. 5; Sandifer, 1997, p. 692; Santos, 2014, p. 17)	<ul style="list-style-type: none"> • Criar ambientes fisicamente acessíveis: que possibilitem a quatro ou cinco pessoas apreciar a mesma obra simultaneamente, espaços para se descansar, elevador ou rampas de acesso; • Adequar o conteúdo museológico (exposição) a qualquer idade; • Desenhar atividades e programas onde qualquer elemento possa participar.
Grupo social (Ferreira, 2001, p. 5; Jonchéry, 2008, p. 4; Santos, 2014, p. 5)	<ul style="list-style-type: none"> • Desenhar atividades e programas que promovam a aprendizagem em grupo (mas também a pessoal); • Criar ambientes onde as famílias sintam que podem conversar e conviver tranquilamente.
Diversas composições (Ferreira, 2001, p. 8; Santos, 2014, p. 17; Sterry & Beaumont, 2006, p. 231)	<ul style="list-style-type: none"> • Adotar uma nova tipologia de bilhete familiar, aplicável a qualquer tipo de família: o típico bilhete dois adultos e duas crianças e os bilhetes em que é necessário existir um laço de sangue entre os elementos do grupo não se adequam a todos os grupos familiares.
Presença de crianças e jovens, independentemente da idade (Todos os autores ao definirem família indicam que esta apresenta crianças)	<ul style="list-style-type: none"> • Criar espaços de apoio para o cuidado e bem-estar das crianças e jovens: locais para descansar, WC's com fraldário, elevador ou rampas para carrinhos de bebé, bengaleiro; • Desenhar atividades e programas em que estes elementos se possam envolver e aprender em conjunto com os adultos – atividades que envolvam o aspeto físico, que sejam interativas (<i>hands on</i>) são valorizadas, pois facilitam a aprendizagem pelas crianças; • Redigir os textos, de painéis ou legendas, de forma legível, clara e que faça sentido para as crianças e jovens; • Considerar a altura das crianças para disposição dos objetos e legendas na exposição.

<p>As capacidades da criança são potenciadas no seio da família (Brown, 1995, p. 70; Jonchéry, 2008, p. 5)</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Desenhar atividades e programas que promovam a aprendizagem em grupo (mas também a pessoal) e estimulem a intelectualidade das crianças: visitas oficina por exemplo; • Criar ambientes onde as famílias sintam que podem conversar e conviver tranquilamente; • Adequar a oferta do museu de forma a possibilitar a partilha de conhecimento e discussão entre os membros da família.
<p>A família influencia os hábitos culturais da criança (Jonchéry, 2008, p. 5; Santos, 2014, p. 4; Studart, 2005, p. 56)</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Cativar famílias a visitar o museu, criando espaços e ofertas atrativas para este público: muito importante descortinar os seus interesses e necessidades.
<p>Elementos com diferentes ocupações e trajetórias (Ellenbogen, 2002, p. 83; Santos, 2014, p. 78)</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Adequar os horários de abertura e fecho do museu aos horários familiares: lembrando que, por norma, os adultos têm um emprego, as crianças estão na escola e os adultos com mais de 65 anos já estarão reformados, os horários de uma família com estes elementos serão variados; • Realizar atividades e programas familiares tendo em conta o melhor horário para este público: realização de estudos de público, solicitar <i>feedback</i> no fim da visita familiar.
<p>Elementos com diferentes interesses e capacidades (físicas, económicas, intelectuais) (Ferreira, 2001, p. 9)</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer as famílias que visitam o museu: realização de estudos de público, solicitar <i>feedback</i> no fim da visita familiar; • Desenhar atividades e programas que sirvam os interesses comuns da família e não segmentadas consoante a faixa etária (Barriga, 2011, p. 4); • Criar ambientes fisicamente acessíveis: que possibilitem a quatro ou cinco pessoas apreciar a mesma obra simultaneamente, espaços para se descansar, elevador ou rampas de acesso, WC apropriado a elementos com mobilidade reduzida;

	<ul style="list-style-type: none"> • Criar ambientes monetariamente acessíveis – lembrando que o salário mínimo em Portugal se situa nos 580€: considerar o preço praticado na entrada do museu, no estacionamento, nos produtos da loja e no café/bar/restaurante; • A oferta do museu deve permitir o convívio, conversa, aprendizagem, partilha de informação e conhecimento, a qualquer elemento da família, independentemente do seu nível escolar.
Adultos assumem o papel de “educadores” durante a visita (Ellenbogen, 2002, p. 84; Semedo <i>et al.</i> , 2018, p. 9)	<ul style="list-style-type: none"> • Desenhar atividades e programas que potenciem esse papel (mas com peso e medida!): fornecer materiais de apoio com informações extra ou sugestões de técnicas e jogos que os adultos possam aplicar com as crianças.
Diversos tipos de resposta e atitudes parentais/dos adultos (Brown, 1995, pp. 67-68; Coelho, 2008, p. 57)	<ul style="list-style-type: none"> • Acomodar os diferentes estilos parentais – a resposta e o comportamento parental/dos adultos influencia, em modos gerais, a experiência museológica (Denver Art Museum, 2013, p. 16); • Oferta educativa que se adequa a qualquer desses estilos, quer para o adulto que zela a criança, que atua como suporte, que a assiste, que lidera ou que demonstre (Brown, 1995, pp. 67-68).
Passeio ao ar livre como atividade base de tempo em família (Ferreira, 2001, p. 27)	<ul style="list-style-type: none"> • Considerar os espaços extra edifício: olhar para os espaços ao seu redor para realização de atividades, fazendo uso dos seus jardins, por exemplo.
Possuem objetivos e agenda específica para a visita (Choya, 2008, p. 15; Dierking, 1989, p. 10; Hilke, 1989, p. 123)	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer as famílias que visitam o museu: realização de estudos de público com vista a identificar interesses e objetivos de visita, solicitar <i>feedback</i> no fim da visita familiar; • Adequar a agenda do museu à agenda que as famílias levam consigo para a visita.
São dos públicos com mais peso nos museus (Ferreira, 2001, p. 9; Jonchéry, 2008, p. 4; Santos, 2014, p. iii)	<ul style="list-style-type: none"> • Manter este público como visitante, mas cativando-o ainda mais – a junção de todas as implicações enunciadas até aqui permitirá que os museus se mostrem como espaços <i>family friendly</i>.

Capítulo 3 – Casos práticos de programação para famílias

Abordadas as questões mais teóricas da problemática deste Relatório, remete-se a atenção neste capítulo para casos práticos de trabalho para e com grupos familiares em museus. Olhando em primeiro lugar para o panorama internacional, avança-se para o levantamento sumário do que alguns museus portugueses têm realizado no que toca a esta temática, principalmente os Museus Municipais do Porto.

Este capítulo serve não só como apresentação do que tem sido feito a nível de atividades, programas e materiais para famílias, conseguindo, ao mesmo tempo, a sua divisão em diferentes tipologias²³, mas também como contexto para o ambiente de atividade dos Museus Municipais do Porto e para o estágio realizado num desses espaços, a Casa-Museu Marta Ortigão Sampaio. A escolha destes casos remeteu para os que foram sendo apontados pela bibliografia como exemplos de relevo e para outros já conhecidos.

3.1. Panorama internacional

- *Australian Museum*

Em Kelly *et al* (2004) é abordado um pouco do historial da programação para famílias nos museus australianos, afirmando-se que estes, desde cedo, tomaram consciência da importância de ter esse grupo como visitante. O Australian Museum²⁴ desenvolveu o *Discovery Room*, um dos primeiros espaços interativos e altamente utilizado pelas famílias, juntamente com uma exposição dedicada à aprendizagem interativa e especificamente destinada a crianças e famílias, o *Discovery Space*. A partir daqui estas áreas foram-se alterando, aproveitando sempre a coleção do museu, e dando origem, em 1998, à *Search and Discover*, um espaço dedicado à investigação onde as famílias são bem-vindas para procurar respostas às suas questões sobre os animais e ambientes australianos.

Para além disto, o Museu oferece ainda atividades para o período de férias escolares, onde adultos e crianças são convidados a participar em conjunto, e o *Kidspace*, um minimuseu dentro do Museu dedicado a crianças até aos cinco anos.

²³ Veja-se Apêndice C para uma análise mais aprofundada sobre estes exemplos.

²⁴ Veja-se <https://australianmuseum.net.au/kids-at-the-am>.

- *USS Constitution Museum*

Em Massachusetts, o USS Constitution Museum²⁵ criou em 2004 o projeto *Engage Families*, onde, através de testemunhos, conferências e oficinas de desenvolvimento profissional se partilham estratégias e criam materiais de apoio (*toolkits*, grelhas de avaliação) para perceber e colmatar as necessidades das famílias em programas intergeracionais, ao mesmo tempo que procura promover as visitas desse grupo aos museus.

- *Museum of Modern Art*

O Museum of Modern Art²⁶ em Nova Iorque, comumente designado de MoMA, oferece também programação pensada para as famílias. Começando por um separador específico no seu *website* para este grupo, o Museu apresenta as informações mais importantes para as famílias conseguirem planear a sua visita. A nível de programação educativa, o MoMA evidencia uma boa variedade, por exemplo, percursos, workshops de arte, espaços *hands on* ao longo da exposição (*Activity Stations*), filmes para famílias, uma sala para realização de oficinas (*Art Lab*) e audioguias. Apresenta ainda uma *newsletter*, a que o público pode aderir ficando informado sobre a agenda do Museu, e uma brochura para visitas em família, onde indica o que se pode fazer no seu Museu, sugerindo ideias para os pais explorarem arte com as crianças.

- *Kids in Museums*

Em Londres tem-se o exemplo da Kids in Museums²⁷, uma instituição de caridade independente e dedicada a tornar os museus abertos e acolhedores para todas as famílias, em especial para aquelas que não têm por hábito visitar museus. Defendendo um manifesto de 20 pontos essenciais para receber e trabalhar com famílias e crianças em museus, em janeiro de 2017 a instituição apresentou uma versão compacta, um mini manifesto com oito pontos.

Quanto a projetos, a instituição tem vários em curso: o *Takeover Day*, onde as crianças são convidadas a participar nas atividades diárias de um museu, junto dos seus profissionais; o *Teenage Film Projects*, revelando como a visita ao museu se parece aos olhos de um jovem; *workshops* variados, para crianças, famílias e/ou para os profissionais de museus; *The Flexible Family Ticket*, um projeto que tenta mudar a configuração do típico bilhete de família; e o *Your*

²⁵ Veja-se <https://ussconstitutionmuseum.org/about-us/family-learning-project/>.

²⁶ Veja-se <https://www.moma.org/visit/families>.

²⁷ Veja-se <https://kidsinmuseums.org.uk/>.

Museum Cafe, um projeto para elaborar diretrizes para que esses espaços nos museus atendam às necessidades de todos. A Kids in Museums também desenvolve o concurso *Family Friendly Museum Award*, o maior a nível de museus na Grã-Bretanha e o único onde são as próprias famílias a decidir. Na edição de 2017 o vencedor foi o People's History Museum, em Manchester.

- *Victoria & Albert Museum*

O Victoria & Albert Museum²⁸, também em Londres, tem na sua programação uma parte destinada às famílias na qual estas podem desfrutar de eventos, materiais de apoio e atividades no Museu. Começando por um separador no seu *website* que auxilia as famílias a planear a visita, o Museu oferece uma vasta oferta educativa: *Games and Activities*, onde através de um *smartphone* e ligação ao *Wi-Fi* é possível jogar jogos desenvolvidos pelo e sobre o Museu; *Imagination Station*, onde as atividades variam entre trabalhar em conjunto com outras famílias para uma exibição temporária ou de forma independente; *Pop-Up Performance*, performances desempenhadas de acordo com a coleção do Museu; *Drop-In Design*, onde as crianças se tornam detetives de design, procurando pistas pelo Museu com a finalidade de usar as suas descobertas para a criação de projetos; *Digital Kids*, onde as crianças desenham invenções na sala digital do Museu; *Make-It Workshops*, que dão às famílias a oportunidade de trabalhar com um artista, designer, intérprete, arquiteto ou outro profissional das indústrias criativas; *Communities*, onde se trabalha com famílias para desenvolver atividades e conteúdos para outras famílias; *Discovery Areas*, espaços *hands on* onde é possível tocar, brincar e criar; *Trails*, que permitem explorar o espaço expositivo, através de imagens, desenhos e jogos de observação; e *Backpacks* de diversas áreas temáticas, grátis e que não precisam de marcação.

O Victoria & Albert Museum foi o vencedor da categoria *Best for Creative Fun* nos *Hoop Awards* de 2018.

- *Liverpool Museums*

Em Liverpool, a rede de museus nacionais²⁹ apresenta também imensos recursos para as famílias. Começando por um *website* comum a todos os sete Museus que integram a rede, é possível às famílias entrarem no site correspondente ao museu que querem visitar e aí

²⁸ Veja-se <https://www.vam.ac.uk/whatson/programmes/family>.

²⁹ Veja-se <http://www.liverpoolmuseums.org.uk/>.

encontrarem um separador exclusivo para si, contendo informações sobre a existência de locais necessários ao cuidado das crianças (como fraldários e locais para amamentação), quanto ao bar/restaurante do museu (incluindo até uma hiperligação para o menu deste) ou de locais onde seja possível comer, e a nível da programação e coisas para fazer naquele espaço (com referência a projetos ou áreas que existam permanentemente no museu para famílias, atividades esporádicas sob o título *What's on* e indicação da *newsletter*).

Entre os vários Museus, a oferta educativa para famílias passa por locais específicos para as famílias se divertirem, aprenderem e jogarem; mochilas; percursos de exploração no museu (que as famílias podem descarregar e imprimir em casa); e folhetos com ideias e sugestões para ajudar os adultos a explorar os Museus com as crianças.

Em 2017, os *English Hospitality Awards* atribuíram o prémio de *Family venue of the year* ao Merseyside Maritime Museum, um dos museus pertencentes a esta rede.

3.2. Panorama nacional

A nível nacional é também possível apontar o exemplo de museus e instituições que apostam na programação para famílias, não só a nível de atividades, mas também a nível de recursos e materiais.

- *Museu da Marioneta*

O Museu da Marioneta³⁰ em Lisboa disponibiliza: um separador específico para famílias no seu *website*, onde se encontra informação sobre as atividades que o Museu organiza (*Manhãs Criativas*, oficina de construção e manipulação de marionetas; *Enigmas no Museu*, em que as famílias seguem pistas para encontrar peças especiais do Museu; *Caça ao tesouro*, em que com a ajuda de um mapa e de pistas, as famílias alcançam um tesouro; atividades para férias e aniversários.); dossiers de acompanhamento às visitas, que podem ser impressos e usados para auxiliar a visita ao Museu, dividindo-se em duas versões: uma destinada aos pais, com teor mais teórico, e outra dirigida às crianças, com jogos para serem feitos junto às peças em exposição.

³⁰ Veja-se <http://www.museudamarioneta.pt/pt/servico-educativo/familias/>.

- *Fundação Portuguesa das Comunicações/Museu das Comunicações*

A Fundação Portuguesa das Comunicações/Museu das Comunicações³¹, também em Lisboa, e através do seu serviço educativo, apresenta atividades para o público familiar pensadas para reforçar a comunicação entre o grupo e criar momentos de partilha entre gerações. Para tal, promove o programa *4 Sábados 4 Temas* que para os meses de julho a setembro de 2018 oferece quatro atividades diferentes para famílias (*Roteiros Digitais; Enigma; Peddy Paper pelo Bairro de São Paulo – uma tarde diferente; Contadores de Estórias*).

Para além deste programa, a Fundação e Museu promove ainda atividades para a realização de festas de aniversário (*artPOSTcom; Árvore do Correio; Caixas de Histórias do fundo do mar; Cidades Criativas; Com cabeça, tronco e membros!; Contadores de Estórias; Enigma; És um comunicador?; Flipbook – Imagens animadas; Gosto disto!; Missão: Salvar o Planeta!; Oficina de TV; Passa a mensagem; Rádio no Museu e Roteiros Digitais*). À semelhança de outros museus, também este apresenta um separador específico no seu *website* com informações para as famílias.

- *Pumpkin*

*Pumpkin*³² é um projeto familiar com ideias úteis para toda a família. Constitui-se como uma agenda virtual de várias atividades realizadas em Portugal adequadas para o público familiar. Este projeto promove os *Pumpkin Awards*, uma iniciativa sem fins lucrativos que convida as famílias portuguesas a eleger os melhores serviços em Portugal a si destinados, divididos por 21 categorias. Na edição de 2017, na categoria de Melhor Museu o prémio foi entregue ao Pavilhão do Conhecimento – Centro CiênciaViva enquanto na categoria de Melhores Programas de Serviço Educativo o vencedor foi o Museu Benfica – Cosme Damião.

- *Museu e Fundação de Serralves*

Já o Museu e Fundação de Serralves³³, no Porto, oferece um separador no seu *website* com a programação para as famílias, dividindo-se em *Oficinas ao fim de semana* (e dentro destas em oficinas ao domingo e oficinas ao sábado), contemplando visitas-oficina, percursos, oficinas e espetáculos, e em *Oficinas nas férias escolares* (dirigido a crianças e jovens dos

³¹ Veja-se <http://www.fpc.pt/pt/atividades/>.

³² Veja-se <https://pumpkin.pt/>.

³³ Veja-se <https://www.serralves.pt/pt/educacao/criancas-e-familias/>.

quatro aos doze anos de idade). O Museu disponibiliza ainda folhas de atividades para as famílias, com o objetivo de proporcionar a exploração criativa do próprio Museu e das suas exposições.

- *Programa À Descoberta dos Museus do Porto*

Ao longo de 2000 e 2001, o programa para famílias *À Descoberta dos Museus do Porto*³⁴ atuou em duas fases: primeiro, o estudo sobre as famílias portuenses e a sua relação com o museu, a elaboração do programa, a execução de material e início da sua divulgação, inscrições e avaliação; depois, a realização efetiva das sessões para famílias e a avaliação geral do projeto, da qual resultou um relatório. O resultado dessa programação foi uma agenda de quatro tipologias de atividades (visitas-oficina, percursos, workshops e carrinhos de atividades) organizadas em seis temas (“animais e natureza”, “comunicar”, “o dia-a-dia”, “a cidade do Porto”, a “família”, “Jesus nos museus do Porto”) apurados como sendo os de maior interesse para as famílias e as suas crianças através de entrevistas e inquéritos às famílias e a professores. Alguns dos Museus Municipais do Porto participaram neste projeto.

3.2.1. Os Museus Municipais do Porto

Na sua dissertação, Barros (2008) mostra que dos 14 profissionais dos Museus do Porto entrevistados, sete afirmaram “trabalhar” com famílias, encarando-as como um público prioritário e importante dos museus, uma vez que o consideravam o berço das primeiras aprendizagens e experiências de cada um. A autora mostra ainda que os vários profissionais a apostarem neste segmento reconheciam as famílias como um público específico e, portanto, que os programas criados a pensar nesse grupo deveriam também ser específicos, mais livres, interativos e lúdicos (Barros, 2008, p. 114).

A criação do Serviço Educativo dos Museus Municipais do Porto data de 1972 (Almeida, 2003, p. 99), sendo a Divisão Municipal de Museus e Património Cultural da Câmara Municipal do Porto a atual responsável por esses espaços. Com “a missão de zelar pela defesa e divulgação do património histórico e cultural do Porto” (Câmara Municipal do Porto, 2017b) e sob a orientação da Dr.^a Alexandra Cerveira Pinto Sousa Lima, a Divisão gere um vasto leque patrimonial da cidade onde se encontram vários espaços museológicos: Museu Romântico da

³⁴ Veja-se Ferreira, I. (2001). *“À Descoberta dos Museus do Porto”: Um programa para Famílias*. (Relatório final). Porto.

Quinta da Macieirinha, Casa-Museu Guerra Junqueiro, Casa-Oficina António Carneiro, Gabinete de Numismática, Casa-Museu Marta Ortigão Sampaio, Museu do Vinho do Porto e Banco de Materiais. Estes espaços juntamente com a Casa do Infante (que se encontra sob responsabilidade da Divisão Municipal de Arquivo Histórico) integram a rede do Museu da Cidade do Porto.

Atravessando épocas, géneros, temas, coleções e estilos diferentes, estes oito espaços municipais propõem diversas iniciativas (oficinas; visitas temáticas; pedipapers; circuitos pedestres) para crianças do jardim de infância a adolescentes do ensino secundário, jovens com necessidades educativas especiais, ATL's, seniores e famílias (Balcão Virtual, 2017). Durante o estágio curricular, realizou-se um levantamento da programação proposta para os anos de 2016 e 2018, segundo brochuras facultadas pela Coordenação do sector educativo destes Museus, e que serão alvo de análise na parte II do Relatório.

Para terminar este último capítulo da Parte I, importa, como síntese, referir que existem vários museus com programação específica para famílias, quer internacionais quer nacionais. No entanto denota-se que essa programação no caso dos museus internacionais é mais virada para a criação de espaços específicos para famílias, e ao recurso a meios digitais, como é exemplo dos *websites* e dos jogos para *smartphones*. Em contraste, os museus nacionais apresentam uma programação pouco variada, consistindo maioritariamente em visitas orientadas e visitas oficina, em detrimento dos materiais de apoio, quer seja um *website* funcional ou um desdobrável. O caso dos Museus Municipais do Porto não é diferente da realidade dos outros museus nacionais mencionados, pelo que apresentam também pouca programação e variedade de atividades.

PARTE II – PENSAR E TRABALHAR NA PRÁTICA

Consultada a bibliografia e discutidos os conceitos e teorias mais significativas para a problemática em causa, apresenta-se nas próximas páginas a articulação do conhecimento adquirido com o contexto prático, através da descrição do estágio curricular realizado na Casa-Museu Marta Ortigão Sampaio. Começa-se por apresentar a instituição de acolhimento, de forma a compreender o seu contexto de criação e o seu percurso até ao presente, principalmente após a sua renovação em 2016; de seguida faz-se uma análise sumária do seu serviço educativo e das dinâmicas a ele inerentes, para, por fim, se proceder à descrição e reflexão das atividades desenvolvidas durante o período de estágio.

Capítulo 4 – Instituição de acolhimento do estágio: Casa-Museu Marta Ortigão Sampaio

A Casa-Museu Marta Ortigão Sampaio, tal como referido anteriormente, é um dos espaços museológicos sob alçada da Divisão Municipal de Museus e Património Cultural da Câmara Municipal do Porto. É o resultado do legado de Marta Ortigão Sampaio das suas coleções pessoais à Câmara Municipal do Porto em 1978.

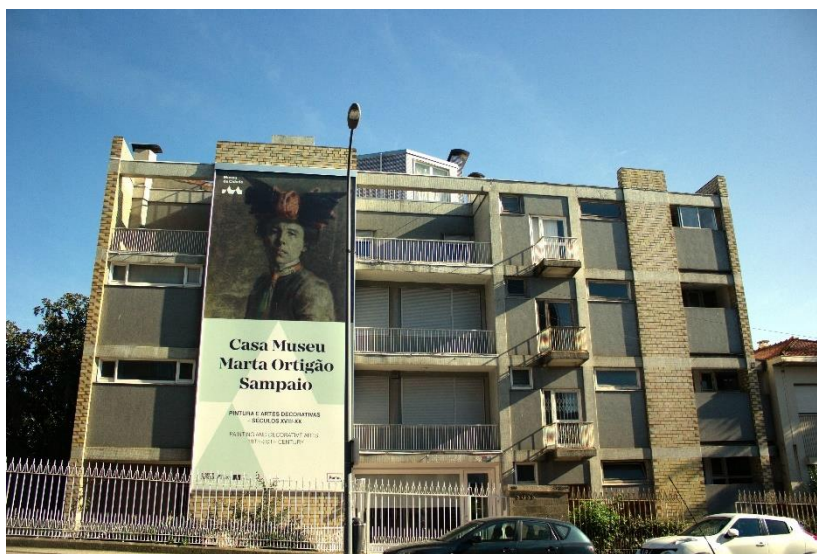


Figura 3 – Fachada da Casa-Museu Marta Ortigão Sampaio.

Marta de Sousa Ortigão Sampaio Sequeira, comumente conhecida como Marta Ortigão Sampaio, nasceu a 31 de julho de 1897 no Porto, na freguesia de Cedofeita. Nascida e criada num meio social e cultural privilegiado, Marta Ortigão era filha de Estela de Sousa – que por sua vez era irmã das pintoras Aurélia de Sousa e Sofia de Sousa – e do engenheiro Vasco Ortigão Sampaio – sobrinho do escritor Ramalho Ortigão. O facto de ser sobrinha das pintoras Aurélia e Sofia, com quem convivia e praticava pintura e desenho, mas também por ter acompanhado e prosseguido a iniciativa do pai, exerceu forte influência no gosto de D. Marta pelo colecionismo. Este remetia para peças provenientes de diversos estilos e materiais, fazendo com que comprasse peças valiosas ao mesmo tempo que colecionava objetos de valor sentimental e subjetivo (Almeida, 2003, p. 16).

Em 1947 casou com um empresário da indústria têxtil, Armando Sequeira. Dando aso a uma vontade antiga da esposa, encomendaram, em 1954-1955, ao arquiteto José Carlos Loureiro (e Pádua Ramos) a construção de um edifício no espaço correspondente ao nº 291 da

Rua Nossa Senhora de Fátima no Porto. Embora a construção se remetesse para habitação do casal, já se concebia a ideia de, futuramente, aí instalar um Museu de Artes Decorativas.

Com a morte do marido em 1958, e por motivos de saúde, Marta Ortigão Sampaio nunca realizou a mudança para esse novo edifício, não chegando a ser habitado (Almeida, 2003, p. 15). Acabaria por falecer com 81 anos a 26 de março de 1978, data em que, conforme as indicações no seu testamento, as suas coleções privadas, herdadas do pai e ampliadas por si, e presentes na casa de S. Mamede de Infesta e noutra casa da Foz do Douro, bem como o edifício da Rua Nossa Senhora de Fátima, foram legadas à Câmara Municipal do Porto. No testamento era ainda deixado o pedido que essas coleções constituíssem o recheio do edifício da Rua Nossa Senhora e que aí se criasse o Museu de Artes Decorativas S.O.S.S. (Sousa Ortigão Sampaio Sequeira). (Almeida, 2003, p. 16; Câmara Municipal do Porto, 1996, p. 14).

Embora o legado de D. Marta tenha sido aceite por unanimidade em reunião a 13 de abril de 1978 pela Câmara Municipal do Porto, foi apenas em 1991 (por decisão do Presidente da Câmara na altura, Dr. Fernando Gomes) que o recheio da casa passou para a responsabilidade da Divisão de Museus. Perante a diversidade de objetos no espólio recebido, estabeleceram-se dois elementos prioritários: a coleção de pintura e a biblioteca. A Casa-Museu seria finalmente inaugurada em novembro de 1996, com apresentação das coleções de arte e a abertura ao público da biblioteca e jardim. As restantes salas, nomeadamente a de joalheria, seriam abertas no ano seguinte, quando se comemorasse o centenário do nascimento de Marta Ortigão Sampaio. (Almeida, 2003, p. 17; Câmara Municipal do Porto, 1996, p. 3).

Entre finais de 2016 e meados de 2017, a Casa-Museu foi alvo de uma intervenção integrada num conjunto de trabalhos de modernização e valorização dos Museus Municipais, conforme projeto do Município do Porto cofinanciado pelo Programa Operacional Regional do Norte 2014-2020 (NORTE 2020), através do Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (FEDER). Beneficiou de melhorias nas acessibilidades, receção, loja e espaços expositivos, tendo reaberto ao público com novas configurações (Câmara Municipal do Porto, 2017a).

O edifício da Casa-Museu beneficia de uma localização privilegiada, num eixo cultural de forte importância na cidade, bem perto da Rotunda da Boavista e da Casa da Música. Apresenta as características comuns da arquitetura da época – pastilha, painéis cerâmicos que revestem a fachada e o uso de plástico e metais no interior – que fazem uma conjugação harmoniosa com elementos mais tradicionais ou conservadores da arquitetura – os estuques, os painéis nas portas de madeira ou os puxadores de porcelana francesa nas portas.

O seu acervo é distribuído por três áreas temáticas essenciais: a pintura, com grande destaque para as obras de Aurélia e Sofia de Sousa; a coleção de ourivesaria, uma das maiores de uso pessoal existente no país; e as artes decorativas, que evocam os ambientes e espaços onde D. Marta e a família terão vivido (Alves, 2010).

Na exposição de pintura encontram-se essencialmente pintores com atuação no norte e integrantes da geração inicial do naturalismo português, como é o caso de Marques de Oliveira, Artur Loureiro e Sousa Pinto. Mas, ganhando especial destaque pela quantidade, qualidade plástica e coerência global do conjunto de peças, apresentam-se as obras de Aurélia de Sousa, de quem Marta Ortigão Sampaio reuniu 34 obras (entre desenhos, aguarelas, pintura a óleo, um prato cerâmico e um biombo) e de Sofia de Sousa, num núcleo de 31 obras com uma inegável qualidade plástica (Câmara Municipal do Porto, 1996, pp. 8-11).

Quanto à coleção de joias, esta apresenta peças que se estendem de finais do século XVIII ao século XX, numa grande variedade de materiais e modelos de feição popular e erudita, e que se encontram divididas por duas salas: a sala maior dispõe as joias por ordem cronológica, e a outra, mais pequena, por divisão temática – ametistas, relógios, peças religiosas e joias de configuração fitomórfica e zoomórfica. (Alves, 2010).

No edifício, e principalmente na sala de estar, de jantar e no escritório, é possível observar uma seleção de mobiliário de influência Francesa, Inglesa e Indo-portuguesa e peças de decoração, como é o caso das esculturas e cerâmicas. A biblioteca, com vista para o jardim, possui maioritariamente títulos de artes plásticas e decorativas, além de um arquivo com catálogos de exposições, fotografias, resumos biográficos, entre um vasto acervo. (Alves, 2010).

Fora das paredes da Casa-Museu é possível, para usufruto de qualquer um e sem a obrigatoriedade de visitar o museu em si, desfrutar de um espaço ajardinado ao ar livre, num ambiente tranquilo, com grande diversidade de plantas (magnólias, bambus, cedro), um lago e elementos arquitetónicos em granito, oriundos do extinto Convento de São Bento de Ave-Maria. (Alves, 2010).

Tabela 4 – Distribuição, por pisos, da coleção e serviços na Casa-Museu Marta Ortigão Sampaio.

Piso	Função
Cave, piso -1	Alberga a coleção de joias, o WC para pessoas com mobilidade reduzida, e, num espaço contíguo, a sala dos serviços educativos (com um WC) e a cozinha (usada como refeitório pelos profissionais da CMMOS, mas também como sala de apoio ao serviço educativo, mantendo espaços de arrumos, e estabelecendo uma ligação ao jardim).
Rés-do-chão	Alberga a receção e a sala de pintura de Aurélia de Sousa, um hall com exposição de objetos usados em pintura e fotografia e um WC.
Piso 1	Alberga a sala de pintura de Sofia de Sousa, um hall com algumas pinturas naturalistas e a exposição de armas colecionadas por Vasco Ortigão, a sala de estar e escritório de Vasco Ortigão.
Piso 2	Alberga a sala de jantar, a biblioteca, alguns gabinetes e um hall com pinturas a aguarela.
Piso 3	Alberga gabinetes (o maior com WC) e algumas reservas.
Piso 4	Conhecido como “capela”, alberga as restantes reservas.

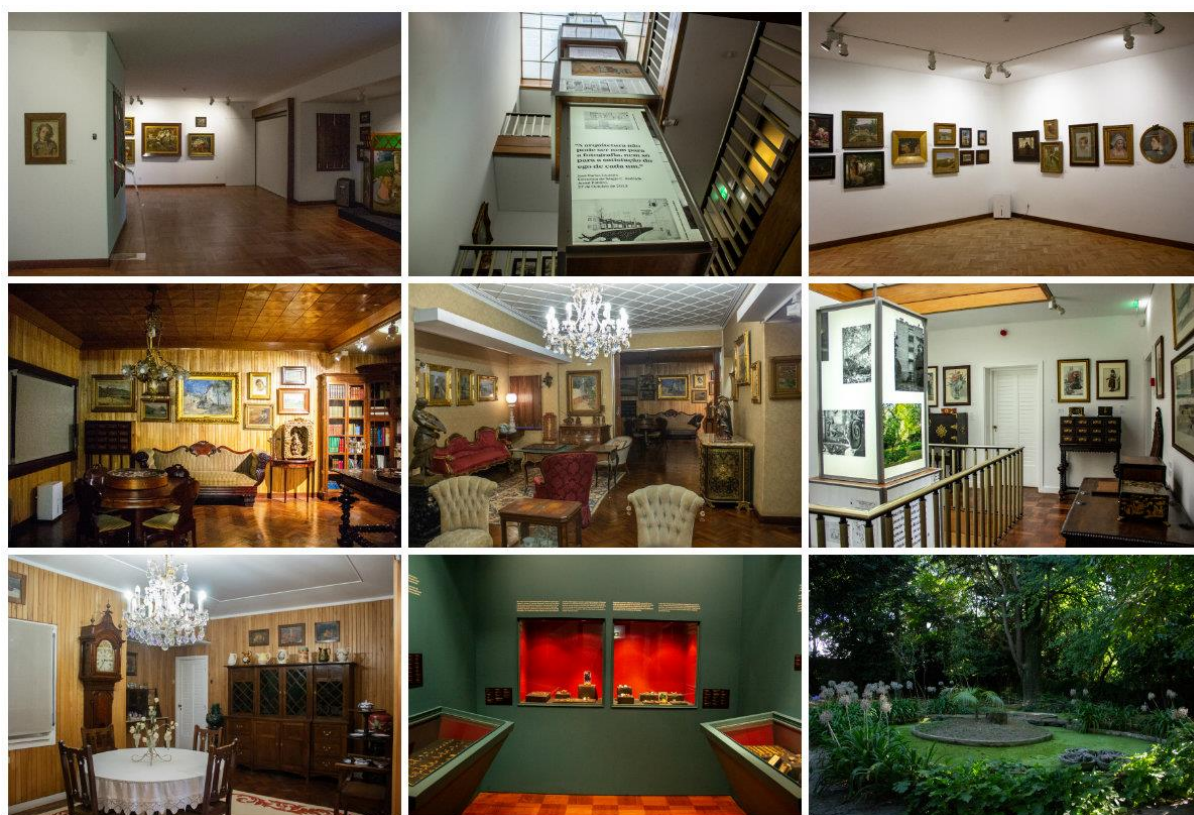


Figura 4 – Espaços da Casa-Museu Marta Ortigão Sampaio. (Da esquerda para a direita, na primeira linha: sala de Aurélia de Sousa, vista do hall no rés-do-chão para os pisos superiores, sala de Sofia de Sousa; na segunda linha: escritório, sala de estar, hall do segundo piso; na terceira linha: sala de jantar, sala das joias, jardim).

Como espaço pertencente ao Museu da Cidade do Porto, e com base na preservação e divulgação do seu acervo, a Casa-Museu tem como meta ser um “espaço-plataforma de educação dialógica” (Semedo, no prelo), para tal a sua missão assenta em “encorajar a apreciação e compreensão das suas coleções, explorando conexões com a Cidade e o Mundo, desenvolvendo e ampliando competências de aprendizagem e pensamento crítico através de programas que criam experiências significativas e transformadoras” (Semedo, no prelo), onde o sector educativo desempenha um papel preponderante.

Quanto à equipa presente permanentemente no edifício têm-se duas técnicas superiores, uma responsável pela coordenação e outra pelo serviço educativo da Casa-Museu, dois assistentes técnicos/operacionais, um segurança de uma empresa privada, e que se vai alterando consoante os turnos, e uma empregada de limpeza. Existem depois estagiários e voluntários, e aos fins de semana encontram-se por vezes outros assistentes técnicos/operacionais.

Nos Prémios APOM 2017, em conjunto com o Museu da Quinta de Santiago (Matosinhos), a Casa-Museu Marta Ortigão Sampaio recebeu o prémio na categoria de “Melhor Catálogo” com a publicação *Aurélia, mulher artista (1866-1922)*, obra coordenada pela investigadora Filipa Lowndes Vicente; bem como uma menção honrosa na categoria “Exposição Temporária” com a exposição *Aurélia, mulher artista (1866-1922)*.

4.1. O serviço educativo da Casa-Museu Marta Ortigão Sampaio

O serviço educativo da Casa-Museu é coordenado pela Técnica Superior Isabel Andrade Silva, e foi no âmbito das atividades que este serviço programa e realiza que se processou a grande parte do período de estágio.

Cardoso (2011) aponta os seus objetivos essenciais:

- Adotar estratégias e metodologias lúdico-pedagógicas que auxiliem a interpretação, compreensão e conhecimento dos conteúdos;
- Despertar o gosto pela observação de uma peça ou obra de arte;
- Desenvolver a criatividade e capacidade expressivas, a autonomia pessoal e a sensibilidade para a arte, património e a sua preservação;
- Implementar o gosto pela partilha de conhecimentos e experiências;
- Promover o desenvolvimento de atitudes que visem alcançar a melhoria da qualidade de vida;

- Aproximar-se dos diferentes públicos: infantil, ATL's, pré-escolar, escolar, universitário, terceira idade, necessidades especiais, famílias e associações culturais e recreativas.

Embora tenha como objetivo a programação e realização, para qualquer tipo de público, de visitas orientadas, oficinas e outras atividades, a verdade é que o público escolar é quem exerce mais peso a nível de visitas, talvez devido à proximidade de vários estabelecimentos de ensino à Casa-Museu. Em termos gerais, e partindo da observação realizada durante o período de estágio e no acompanhamento das atividades do serviço educativo, a dinâmica educativa da CMMOS assenta em três propostas essenciais (já apontadas em 2003 por Almeida (2003, p. 122)):

Tabela 5 – Dinâmicas do serviço educativo da Casa-Museu Marta Ortigão Sampaio.

Visita orientada	
Organizada e conduzida pela técnica superior (em caso de pré-marcações) e pelos assistentes técnicos/operacionais (para visitantes sem pré-marcação); pode ser geral, onde os visitantes conhecem todos os pisos do edifício e o jardim, ou específica, concentrando-se apenas numa determinada coleção.	
Abordagem educativa	A estrutura da visita orientada centra-se no visitante e na sua aprendizagem, isto porque, embora o/a educador/a exponha alguns conteúdos e informação, fá-lo de forma adequada aos interesses e motivações do visitante, esperando um <i>feedback</i> desse: um comentário ou questão. Ao mesmo tempo que não partilha o seu conhecimento de forma estritamente expositiva e didática, mas sim recorrendo a estratégias como perguntas, o contar histórias ou lendas associadas a um objeto ao longo de toda a visita.
Apresentações <i>Powerpoint</i>	
Organizadas pela técnica superior, têm lugar na biblioteca e antecedem, na maioria dos casos, a visita, servindo como forma de contextualizar a própria Casa-Museu e as suas coleções, ou um tema em específico.	
Abordagem educativa	As apresentações situam-se numa abordagem centrada no ensino e no conteúdo, muito caracterizada pela “transferência” desse. São elaboradas, na maioria das vezes, por motivação da técnica superior.
Atividades lúdicas	
Designação genérica que inclui atividades como as oficinas (criação de flores de papel, diários gráficos, entre outras), os teatros, os percursos (temáticos; alguns integrantes de programações	

paralelas à Casa-Museu), que têm lugar na sala do serviço educativo, no jardim e, pontualmente, noutros espaços do edifício ou da cidade.

**Abordagem
educativa**

A abordagem educativa aplicada nestas atividades varia consoante a tipologia e a categoria da atividade, uma vez que têm objetivos diferentes. Da mesma forma os participantes apresentam necessidades e estilos de aprendizagens diferentes, não sendo também os mesmos a participar, por exemplo, numa oficina de flores de papel e num teatro de fantoches. Assim, um ponto comum nestas atividades é que são pensadas e orientadas tendo em consideração os participantes, nomeadamente os seus interesses e necessidades, pelo que se centram neles, promovendo a sua aprendizagem.

Capítulo 5 – Atividades desenvolvidas no estágio curricular

O estágio na Casa-Museu Marta Ortigão Sampaio decorreu entre os dias 15 de janeiro e 27 de abril de 2018, tendo o horário cumprido as 400h estabelecidas no regulamento interno de estágio do Mestrado em Museologia. Para além dos objetivos que se relacionam com a problemática em estudo (o desenvolvimento de estratégias e programas para famílias, bem como os objetivos mais específicos que permitem chegar a esse objetivo central), o estágio apresentou também objetivos e metas intrínsecas a qualquer estágio curricular, enunciados no documento de princípios orientadores de estágio do Mestrado em Museologia.

Assim, o estágio começou pela integração na Casa-Museu, conhecendo-se a equipa, as salas de exposição, as coleções (através de testemunhos diretos da equipa e de leituras) e, simultaneamente, a entender o serviço educativo: a equipa, o funcionamento e as propostas educativas.

Tendo em mente os objetivos para este período de contacto com a instituição, o cronograma de estágio³⁵ foi elaborado contemplando quatro momentos essenciais, a saber: pesquisa e consulta documental, obtendo mais conhecimento sobre a problemática, mas essencialmente sobre a instituição de acolhimento; o acompanhamento e auxílio nas ações educativas promovidas pelo serviço educativo da Casa-Museu; a participação e presença em *workshops* e conferências, permitindo o contacto e reconhecimento de outras realidades museológicas; e a integração no grupo de trabalho para famílias, desenvolvido no contexto de reestruturação do sector de educação do Museu da Cidade do Porto e onde foi possível estabelecer um contacto importante com profissionais de museus e ganhar outro tipo de competências.

Ao longo de todo o estágio manteve-se um registo contínuo, num diário, das várias tarefas e atividades desenvolvidas, registando-se a observação que se fez destas. Esta observação, semiestruturada e participante, foi feita durante a realização dessas atividades e tarefas, focando, especificamente, na forma como os educadores as conduziam (os passos seguidos, a linguagem e ferramentas de comunicação usadas e as estratégias de mediação aplicadas) e no comportamento dos visitantes, essencialmente pela observação dos seus movimentos. Para além da descrição das atividades (onde se realizaram, o que se fez, quem fez, como fez), o

³⁵ Veja-se Apêndice D.

objetivo desta observação apontou para a reflexão das mesmas quanto às abordagens educativas aplicadas, os conhecimentos e competências adquiridos, e a sua relevância (não só no desenvolvimento de programas para famílias, mas também num futuro profissional).

Este registo constitui uma ferramenta essencial para a componente de investigação que aqui se apresenta, pelo que nas páginas seguintes se elencam e descrevem as atividades e tarefas desenvolvidas.³⁶

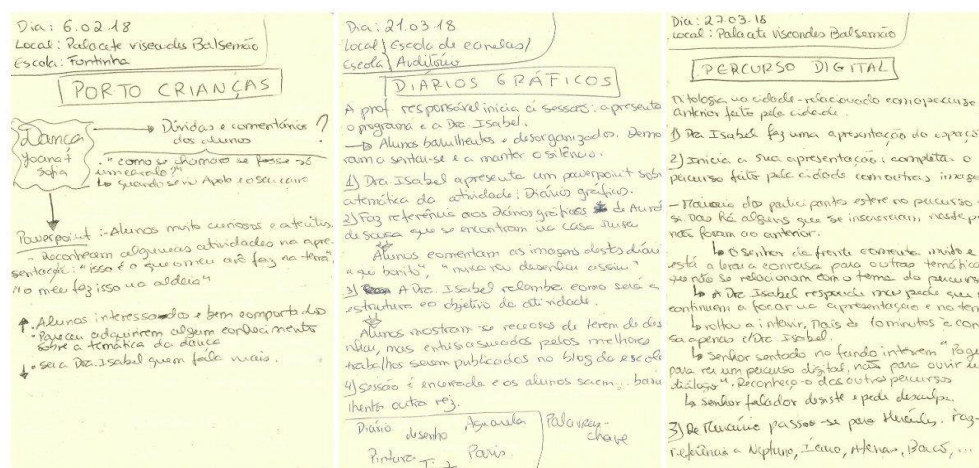


Figura 5 – Páginas do diário mantido durante a realização do estágio.



Figura 6 – Acompanhamento de atividades desenvolvidas pelo serviço educativo da Casa-Museu Marta Ortigão Sampaio.

³⁶ Veja-se Apêndice E para uma reflexão mais objetiva das atividades desenvolvidas.

5.1. Pesquisa e consulta documental

A pesquisa e consulta documental foi uma constante ao longo do período de estágio: para se conhecer a instituição de acolhimento e o seu percurso desde que foi criada até aos dias de hoje; necessária para a compreensão da problemática em estudo; e ainda como suporte teórico e contextual para a organização e preparação de certas atividades. Para esta consulta muito contribuiu o acervo de trabalhos académicos e históricos realizados na e sobre a Casa-Museu, os catálogos das suas coleções e exposições, e outros artigos e documentos que foram sendo cedidos sobre as questões educativas em museus e a sua relação com os diversos públicos, nomeadamente as famílias.

Sendo o objetivo deste trabalho o desenvolvimento de estratégias e programas para famílias, o estudo-diagnóstico prévio é de extrema importância. Desta forma, um dos objetivos específicos passava pela realização do levantamento e diagnóstico da programação dos Museus Municipais do Porto para famílias. A análise de duas brochuras cedidas pela Coordenação dos serviços educativos dos Museus Municipais, para os anos de 2016 e 2018, permitiu entender quais as propostas para esse segmento de público: em 2016 o total de atividades nos Museus Municipais chegou às 125, mas apenas sete tinham as famílias como público alvo³⁷; já para o ano 2018, das 74 atividades sugeridas apenas duas se destinavam a famílias³⁸, o que demonstra um decréscimo na programação para este segmento de público.

Contudo, se inicialmente o desejo passava por elencar as atividades oferecidas e as que efetivamente se realizaram no último ano de funcionamento de cada um destes Museus, o mesmo não se mostrou possível, pois embora se tenha acedido às atividades propostas, a informação cedida quanto às realizadas apenas contemplou alguns dos espaços, não tendo sido possível obter dados para os restantes.

Ainda assim, elaborou-se uma ficha de caracterização/diagnóstico para atividades e programas educativos³⁹ com o desejo de servir, no futuro, como base ou modelo para um registo constante das propostas educativas e transversal aos vários Museus Municipais do Porto. Para a elaboração desta ficha usaram-se como suporte os campos e a metodologia que outras formas de registo para atividades educativas apresentam, nomeadamente a base de dados de programas de educação patrimonial da OEPE⁴⁰. Desta forma, a sua organização remete para seis partes

³⁷ Veja-se Apêndice F.

³⁸ Veja-se Apêndice G.

³⁹ Veja-se Apêndice H.

⁴⁰ Veja-se OEPE: *Observatorio de Educación Patrimonial en España*, disponível em <http://www.oepe.es/>.

essenciais: identificação e localização da atividade (com indicação do responsável pela sua realização); descrição da atividade; dados de desenho da atividade/avaliação; relação com outras fichas de diagnóstico; outras informações (ligadas à identificação do responsável pelo preenchimento da ficha); anexo documental.

5.2. Acompanhamento e participação em ações de educação

O acompanhamento diário das atividades do serviço educativo da Casa-Museu e da sua técnica superior, Isabel Andrade, foi essencial para a compreensão da figura do/a educador/a. Este acompanhamento permitiu estabelecer contacto com todos os agentes envolvidos nas ações educativas: a coleção/património e o próprio espaço (museu, escola ou cidade), o/a educador/a e o público (professores e alunos na maior parte dos casos).

Um ponto importante neste acompanhamento era a sua posterior reflexão e discussão entre os estagiários e a técnica superior, apontando-se os pontos positivos e negativos, forças e fraquezas da visita e da sua abordagem, algumas vezes registadas em forma de análise SWOT. O registo fotográfico foi muitas vezes efetuado não só a título de memória afetiva, mas também para se poder rever a visita/atividade e repensar as questões que se colocam quanto à ação do/a educador/a e do comportamento dos visitantes.

5.2.1. Programa “Porto de Crianças”

Desenvolvido pelo Pelouro da Educação da Câmara Municipal do Porto em parceria com outras instituições – universidades, museus, instituições ligadas ao teatro, à ciência, à música, à dança, ao cinema, ao património e à atividade lúdica – este programa promove, desde 1995, o enriquecimento da oferta educativa para os alunos do primeiro ciclo do ensino básico e dos jardins de infância de escolas públicas (Agrupamento de Escolas Fontes Pereira de Melo, 2015b).

Os objetivos do programa passam por contribuir para a formação cívica e cidadania dos alunos, tornando-os conscientes de si próprios e dos outros, da sua cultura e património, do seu lugar na cidade, no país e no mundo; contribuir para o sucesso escolar e desenvolvimento integral dos alunos; e fomentar as diferentes expressões artísticas como uma ferramenta essencial ao processo de ensino/aprendizagem (Agrupamento de Escolas Carolina Michaelis, 2017/2018).

A Casa-Museu Marta Ortigão Sampaio é uma das instituições parceiras deste programa e a maioria das atividades acompanhadas durante o estágio inseriram-se no seu contexto. No presente ano letivo o tema era “Danças com Arte”, pelo que às turmas que participaram na iniciativa foram sugeridas quatro sessões, que incluíssem não só o património da Casa-Museu, como estimulassem ainda mais a ligação das crianças a práticas oficinais e a outros espaços culturais da cidade.

- Primeira sessão – Visita à Casa-Museu

A primeira sessão do programa contemplou uma visita dos alunos à Casa-Museu, com duração de 2h a 2h30min e estruturada da seguinte forma: apresentação *powerpoint* sobre a presença da dança e de elementos relacionados com esta nas obras de arte ao longo da história e na própria coleção da Casa-Museu; momento de dança por uma bailarina profissional, seguido de espaço para dúvidas ou comentários dos alunos; observação de elementos relacionados com esta prática ao longo do percurso expositivo da Casa-Museu.

Foi possível acompanhar esta sessão e as suas escolas participantes nos dias 24, 26 e 30 de janeiro.

Em modos gerais, esta sessão desenrolou-se naturalmente com os alunos a mostraram-se atentos e muito participativos. Muitos relacionavam os objetos da Casa-Museu com outros que têm em suas casas, ou em casas de familiares, como o caso do biombo na sala de Aurélia de Sousa. Embora tenha sido a técnica superior quem falou mais vezes durante a visita, pois era quem explicava os conteúdos, a mesma recorreu várias vezes a técnicas educativas, por exemplo perguntas para serem os alunos a dar o mote para o próximo assunto, o “jogo” da serpente como forma dos alunos se deslocarem no museu, ou cantigas relacionadas com as salas da Casa-Museu, nomeadamente pintura e joias.

- Segunda sessão – Visita ao Palacete Viscondes Balsemão

A segunda sessão, também com duração de 2h a 2h30min, realizada no Palacete Viscondes Balsemão e orientada pela técnica superior da Casa-Museu, ofereceu um momento de dança por duas bailarinas estudantes (algumas escolas assistiram a um dueto enquanto outras assistiram a um momento de ballet clássico por uma bailarina e contemporâneo por outra), seguido por um momento para colocação de dúvidas ou comentários por parte dos alunos. Envolveu também a observação de instrumentos musicais e passos de dança nos estuques das

paredes e tetos de algumas salas do Palacete. Feitas essas observações, seguia-se uma apresentação *powerpoint* sobre profissões antigas onde, para além das “cantigas” serem comuns, os movimentos executados poderiam inspirar passos de dança. Algumas escolas tiveram ainda oportunidade de visitar o Banco de Materiais, localizado no mesmo edifício.

As atividades acompanhadas desta segunda sessão decorreram nos dias 6, 7, 8, 9, 23 e 27 de fevereiro.

Nesta segunda sessão os alunos mostraram-se muito interessados, interagindo com questões e observações ao longo de toda a visita. No momento de conversa, após a apresentação da dança, alguns alunos mostraram curiosidade sobre as motivações das bailarinas para o início da prática e das razões que as levaram a dançar aquela peça em concreto. Mencionaram também a diferença do seu vestuário quando assistiram a dois géneros de dança diferentes (ballet clássico e contemporâneo). Durante a visita pelas salas do Palacete foram várias as observações sobre as representações que observavam (“é um violino gigante”, “a lira ainda existe?”, “o que é aquilo?”). Durante a apresentação *powerpoint* muitos identificaram, através das fotografias apresentadas, atividades que os seus avós fazem na aldeia (vindima, trabalhar na terra).

Também nesta sessão a técnica superior foi quem mais falou, embora os alunos tenham participado em maior número que na sessão anterior. O recurso a perguntas, testando o conhecimento e atenção dos alunos (“o que está o senhor da foto a fazer?”, “o que é que está a segurar na mão?”) também se verificou.

- Terceira sessão – Visita à escola: oficina de criação de bonecos articulados

A terceira sessão, na escola, teve a duração de 2h a 2h30min e estruturou-se inicialmente numa apresentação *powerpoint* e visionamento de dois vídeos sobre a origem e a prática dos teatros de sombras, de forma a que os alunos percebessem como se iria desenrolar a oficina. De seguida, em conjunto com o/a professor/a, os alunos escolheriam um conto ou história para representação teatral, distribuindo as personagens entre si. A parte oficial correspondeu à elaboração, por parte de cada aluno, da personagem, criando um boneco articulado.

Nesta sessão acompanhou-se as atividades dos dias 7, 8, 13 e 16 de março.

Os alunos mostraram-se muito atentos durante a apresentação e visionamento dos vídeos. Durante a criação das figuras articuladas, o entusiasmo e animação foi uma constante. O facto

de estarem num ambiente que lhes é familiar permitiu que se sentissem mais à vontade para trabalhar.

- Quarta sessão – Visita à escola: teatro de sombras

A quarta e última sessão deste programa realizava-se também na escola, e remetia para a apresentação do teatro de sombras por parte dos alunos. Teve também a duração de 2h a 2h30min.

Para esta sessão foram acompanhadas as escolas participantes nos dias 19, 20 e 26 de abril.

Embora esta sessão tivesse um cariz diferente das anteriores, pois não havia a exposição de conteúdos, decorreu naturalmente e os alunos gostaram muito de representar a sua personagem e a história escolhida. A técnica superior gravou o teatro, o que motivou ainda mais os alunos para uma boa performance.

5.2.2. Programa “Educação para o Património”

A Casa-Museu é também parceira na realização deste programa, mais especificamente em duas das suas iniciativas: “O meu Porto é Património Mundial” e o concurso “Descobre Outra Cidade”.

O meu Porto é Património Mundial

“O meu Porto é Património Mundial” é promovido pelo Pelouro da Cultura da Câmara Municipal do Porto em parceria com o Pelouro da Educação, Organização e Planeamento através do Departamento Municipal de Educação e com a Porto Vivo, Sociedade de Reabilitação. Destina-se aos alunos do segundo ciclo do ensino básico, da rede pública e privada, e pretende sensibilizar para a importância e responsabilidade da classificação atribuída pela UNESCO ao Centro Histórico do Porto (Agrupamento de Escolas Fontes Pereira de Melo, 2015a). O projeto é constituído por quatro sessões, que culminam na realização, no final do ano letivo, de uma exposição dos trabalhos feitos pelos alunos envolvidos no projeto (Agrupamento de Escolas Fontes Pereira de Melo, 2015a).

- Primeira sessão – Visita à escola

A primeira sessão do programa contemplava uma visita de técnicos da Câmara Municipal do Porto às escolas participantes, onde se apresentava o tema com o objetivo de ajudar a compreender o significado, valor e diferentes tipos de património da cidade do Porto, mas também global, dando-se a conhecer o conceito de Património Mundial.

No período de estágio não foram acompanhadas escolas nesta primeira sessão.

- Segunda sessão – Visita orientada ao centro histórico do Porto

Na segunda sessão, o grupo de alunos, orientados também por um/a técnico/a da Câmara Municipal, realizou uma visita ao centro histórico do Porto. No caso do percurso em que se esteve presente, este incidiu na zona entre a Sé Catedral do Porto e a Casa do Infante e foi orientado por uma técnica superior do Palacete Viscondes Balsemão.

Nesta sessão acompanhou-se uma escola no dia 1 de fevereiro. Os alunos apresentaram um comportamento favorável para o tipo de atividade, pois mantiveram o grupo sempre junto. Contudo não demonstraram grande interesse, pois não fizeram perguntas nem teceram comentários.

- Terceira sessão – Visita à escola

A terceira sessão do programa, na escola, passou pela visualização de vídeos do Patrimonito (mascote da UNESCO para o património), de forma a explicar aos alunos o conteúdo desse projeto. Seguiu-se uma reflexão e discussão entre alunos, professor/a e a técnica superior sobre o conteúdo e pertinência dos vídeos.

Acompanhou-se esta sessão nos dias 9 de fevereiro e 23 de março. Embora tenha existido um momento para perguntas, comentários e reflexão sobre o conteúdo dos vídeos, eram sempre os mesmos alunos a responder e a intervir.

- Quarta sessão – Visita a um espaço da Câmara Municipal do Porto

A última sessão do programa compreendeu a realização de uma oficina num espaço pertencente à Câmara Municipal, com o objetivo de explorar detalhes do Porto como Património Mundial. Neste caso, a escolha do espaço recaiu na Casa-Museu, sendo orientada pela técnica do serviço educativo, e onde os alunos assistiram, em primeiro lugar, a uma

apresentação *powerpoint* sobre o Porto “desaparecido”, focando-se nos monumentos e edifícios que outrora existiram na cidade. Depois seguiram para o jardim onde realizaram uma oficina de desenho a carvão e sanguínea, desenhando o património aí presente, nomeadamente os elementos graníticos provenientes do extinto Convento de São Bento de Ave-Maria.

Nos dias 22 de fevereiro e 23 de março acompanharam-se as atividades desta sessão para duas das escolas participantes.

Durante a apresentação *powerpoint* foram sendo feitas referências a algum do património desse Porto “desaparecido” que integra atualmente o espólio da Casa-Museu. Os alunos fizeram perguntas sobre as imagens que estavam a ver, tecendo também comentários, pois reconheciam alguns espaços e locais. O diálogo com os alunos durante esta apresentação foi importante por esse motivo, para que conseguissem perceber o que já existiu em espaços que frequentam atualmente. Já a parte oficial mostrou o quanto os alunos gostam de liberdade, nomeadamente de espaço. Assim que chegaram ao jardim a sua postura alterou-se, notando claramente que ficaram mais relaxados e à vontade.

Descobre Outra Cidade

Já o concurso “Descobre Outra Cidade” tem como principal objetivo educar para uma cidadania ativa, promovendo a leitura e ajudando a descobrir e a preservar o património da cidade do Porto. É dirigido aos alunos do ensino secundário e profissional, público e privado. Para participar, os alunos devem organizar-se em grupos de trabalho, orientados por um/a professor/a, e realizar um projeto sobre o património da cidade (Câmara Municipal do Porto, 2015).

No presente ano letivo, oitava edição deste concurso, o tema remetia para o “Comércio e as Lojas históricas do Porto”. Foi possível acompanhar duas turmas de escolas diferentes na realização de duas sessões deste programa, orientadas pela técnica superior da Casa-Museu.

- **Percurso pela cidade**

Efetuada como complemento para a realização do trabalho final dos alunos, o percurso contemplou a passagem por lojas icónicas na baixa do Porto e pela indicação e localização de algumas que não existem mais. O percurso contemplou, entre outras: Mercado do Bolhão, Armazém do Anjo, Estamparia do Bolhão, Chapelaria Baptista, Pérola do Bolhão, Bazar Luiz

Soares, Camisaria Confiança, Armazéns Nascimento, Loja Otelo, Ourivesaria Reis, Ourivesaria Machado, Casa Vicent, Armazéns Hermínios, Feira Franca de S. Bento, Ourivesaria Cunha original.

Acompanhou-se a realização deste percurso nos dias 31 de janeiro e 21 de fevereiro, tendo existido algumas diferenças nos locais onde se passou e entrou com cada escola.

Os alunos, talvez por estarem num espaço público e sentindo-se mais livres, mostraram uma grande tendência para dispersarem, sendo poucos os que colocavam questões ou teciam comentários. Pelo contrário, os professores que os acompanharam mostraram-se muito interessados, mantendo um diálogo constante com a técnica superior.

- Visita à escola

A visita da técnica superior à escola assentou numa apresentação *powerpoint* de forma a completar, com fotografias de época, os conhecimentos adquiridos durante o percurso.

As sessões acompanhadas decorreram nos dias 13 de março e 12 de abril.

A apresentação decorreu com algumas interrupções iniciais pois os alunos estavam a conversar paralelamente, mas depois de acalmarem, mostraram-se sossegados, atentos e participativos, havendo alguns que participaram com observações sobre as fotografias expostas.

5.2.3. Projeto “Nos Bastidores da Cidade”

O projeto “Nos Bastidores da Cidade” é uma das iniciativas do programa “Sim Cidade” e destina-se aos alunos do pré-escolar. Em 2017 realizaram-se 21 sessões com a participação de 240 alunos do ensino pré-escolar público e privado, da cidade do Porto. Os profissionais com quem estes alunos contactaram deram a conhecer as suas profissões, sensibilizando os mais pequenos para a necessidade da existência e integração de tais profissões na estrutura de funcionamento do Município (Câmara Municipal do Porto, 2017c).

Relativamente a este projeto, o contacto com as escolas participantes verificou-se apenas na última sessão, realizada nos Paços do Concelho em três datas distintas de forma a dividir as escolas participantes consoante a lotação da sala: dia 5, 15 e 22 de março.

As crianças tiveram oportunidade de conversar com o Vereador da Educação, o Dr. Fernando Paulo, colocando-lhe questões sobre a sua profissão e lançando sugestões para o

melhor funcionamento das escolas. As mediadoras da sessão foram a Dra. Inês Ferreira e a Dra. Graça Lacerda, que enquanto o Dr. Fernando Paulo não chegava, foram colocando questões às crianças, relembrando-as das profissões que tinham conhecido nas sessões anteriores. No fim da conversa e de todas as questões estarem respondidas, os alunos visitaram outras salas dos Paços do Concelho, onde viram tapeçarias, pinturas e esculturas com representações de outras profissões.

5.2.4. Diários gráficos

A atividade “Diários Gráficos” foi pensada para as turmas do sexto ano da Escola Básica e Secundária de Canelas, por contacto estabelecido entre uma das professoras e a Casa-Museu. À semelhança dos projetos e programas anteriores, esta atividade realizou-se em duas sessões, nas quais se marcou presença.

- Visita à escola

No dia 21 de março, a técnica superior da Casa-Museu dirigiu-se à Escola a fim de apresentar o tema da atividade para as turmas participantes, recorrendo para tal a um *powerpoint* onde fez referência aos diários gráficos de Aurélia de Sousa expostos na Casa-Museu. A apresentação teve lugar no auditório para todas as turmas participantes e professores.

- Visita à Casa-Museu e à Rotunda da Boavista (Monumento aos Heróis da Guerra Peninsular)

Em duas datas distintas (esteve-se presente a 18 de abril), a fim de dividir as turmas participantes pela capacidade dos espaços, os alunos visitaram a Rotunda da Boavista, focando-se no Monumento aos Heróis da Guerra Peninsular, e a Casa-Museu Marta Ortigão Sampaio. Também nestes espaços se dividiram os alunos, enquanto uns visitavam o Monumento, outros estariam na Casa-Museu, e destes, uma parte visitaria primeiro o interior do edifício enquanto a outra iniciaria a atividade pelo jardim.

Em ambos os lugares os alunos desenharam nos seus diários gráficos detalhes dos elementos arquitetónicos e das peças que observaram. Muitos teceram comentários sobre a dificuldade de desenhar, “não tenho jeito”, mas no fim da atividade os resultados foram satisfatórios, acreditando que os alunos se divertiram.

5.2.5. Percursos pela cidade

Para além dos percursos realizados e inseridos nos programas anteriormente descritos, foi possível o acompanhamento de outros, por sua vez integrados numa programação geral de Percursos Culturais pela Cidade. Estes percursos organizam-se trimestralmente seguindo determinado tema e são orientados por diversos técnicos superiores do Município. O objetivo destes percursos passa por providenciar uma maior proximidade ao património da cidade. Neste caso, aqueles onde se participou foram orientados pela técnica do serviço educativo da Casa-Museu.

- Percurso “Mitologia na Cidade”

Neste percurso, realizado no dia 16 de fevereiro, caminhou-se desde o Banco de Portugal até ao Largo de São Domingos, passando pela Estação de São Bento e pela Rua das Flores, sempre de olhos bem abertos para observar as várias representações de deuses e deusas da mitologia clássica espalhadas pelos edifícios da cidade. Embora se encontrem figuras como Deméter, Ícaro ou as quatro estações, nenhuma é representada tantas vezes como o deus Mercúrio.

Os participantes eram todos adultos e são presença assídua neste tipo de atividade. Mostraram-se sempre muito curiosos e atentos, estabelecendo diálogos constantes com a técnica superior.

- Percurso digital

Este percurso teve por base o percurso anterior e outros realizados pela mesma técnica superior e inserido no mesmo tema da mitologia. Realizou-se no Palacete Viscondes de Balsemão no dia 15 de março e baseou-se numa apresentação *powerpoint* sobre os aspetos da mitologia e dos locais com representações de deuses analisados ao longo desses percursos.

Maioria dos participantes tinha já participado nos percursos anteriores, pelo que eram todos adultos. Um dos participantes mostrou-se de tal forma ativo nos comentários e questões que causou alguma indignação por parte de outros participantes.

- Percurso “Jóias e joalharias: do neoclássico ao contemporâneo”

Realizado no dia 27 de abril e com início na Casa-Museu, este percurso levou os seus participantes (todos adultos) a observar a coleção de jóias de Marta Ortigão Sampaio, seguindo depois até às joalharias contemporâneas no Centro Comercial Bombarda e da Rua do Rosário com o intuito de se perceber a evolução da joalharia clássica à contemporânea.

Com uma duração de 2h, o percurso decorreu de forma natural, com os participantes a mostrarem-se participativos e interessados.

5.2.6. Oficina “Flores de papel”

Inserida nas comemorações do Dia Internacional dos Museus e da Noite Europeia dos Museus, que se celebrou, respetivamente, a 18 e 19 de maio, a Casa-Museu desenvolveu um conjunto de quatro oficinas de criação de flores que serviriam para decorar o espaço nessas comemorações.

Antes da oficina em si, os participantes assistiram a uma apresentação *powerpoint* com vários exemplos de flores de papel, de forma a contextualizar a parte prática, que decorreu sempre à segunda-feira à tarde (16 e 23 abril, 7 e 14 de maio).

Embora abertas à participação de qualquer um, as oficinas tiveram mais sucesso junto de um público adulto, do sexo feminino, frequentador assíduo quer da Casa-Museu quer das atividades desenvolvidas pelo seu serviço educativo. Participaram ainda, em algumas das sessões, turmas da Escola Profissional de Tecnologia Psicossocial do Porto. Os participantes mostraram-se muito entusiasmados com a atividade, tanto que alguns pesquisavam em casa mais formas de fazer flores de papel para partilhar na sessão seguinte com os restantes.

5.2.7. Visitas e atividades isoladas

Para além dos programas e atividades descritos, decorrentes de programações transversais à Casa-Museu e a outras entidades, esta instituição, e nomeadamente o serviço educativo, realiza visitas “soltas”, muitas delas provenientes do contacto de instituições ou individuais para a sua efetiva marcação. Como exemplos deste tipo de atividade, e nas quais se esteve presente, é possível elencar as seguintes:

- Visita da Universidade Sénior

No dia 25 de janeiro, acompanhado por um professor e orientado pela técnica superior da Casa-Museu, o grupo da Universidade Sénior iniciou a visita pela Biblioteca com uma apresentação *powerpoint*, de forma a contextualizar a Casa-Museu e a origem das suas coleções, antes de explorar efetivamente o espaço. Esta visita não tinha um tema ou uma problemática em específico, pelo que o grupo circulou pelo edifício de forma normal.

A maioria dos participantes conseguiu estabelecer relações entre os conteúdos da apresentação e a sua vida pessoal, embora houvesse uma participante em específico que se mostrou muito mais interessada que os restantes, comentando praticamente todos os slides da apresentação. Alguns dos participantes afirmaram que nunca tinham reparado na Casa-Museu, mostrando-se bastante interessados em regressar para uma visita mais completa.

- Do *Cabinet* ao Museu

Esta visita decorreu através de uma marcação de um professor de História da Escola Carolina Michaelis, que, encontrando-se a iniciar uma parte do programa do nono ano relacionada com Património, viu na visita à Casa-Museu uma mais valia. O professor fez ainda o pedido que a visita permitisse aos alunos entender a evolução e a criação dos museus como hoje se conhecem. A visita começou, assim, com uma apresentação *powerpoint* sobre essa mesma evolução, passando depois para a exploração das salas da Casa-Museu e terminando no jardim.

Realizada em dois dias distintos, a 20 de fevereiro para uma turma e a 22 de fevereiro para outra, o comportamento dos alunos na visita foi semelhante. Sem elaborarem grandes perguntas nem comentários, encontraram-se sempre muito sossegados, quer durante a apresentação, quer durante a visita às salas da Casa-Museu, denotando-se um maior entusiasmo na sala das joias, embora não se tenham demorado a apreciá-las. Quando chegaram ao jardim tomaram uma postura muito mais relaxada, iniciando-se automaticamente conversas entre si.

- Percurso e apresentação no Palacete Viscondes Balsemão

Esta atividade realizou-se no dia 22 de março e foi planeada através de contacto de professoras do Agrupamento de Valbom com a Casa-Museu.

O percurso começou na estação de São Bento e terminou no Palacete Viscondes Balsemão, em que pelo caminho se apontaram alguns detalhes importantes na arquitetura da cidade. No Palacete os alunos assistiram a uma apresentação sobre os brasileiros de “torna viagem”, de forma a contextualizar o percurso da tarde onde se conheceriam algumas das casas construídas por esses brasileiros.

Embora só se tenha estado presente durante a parte da manhã, a observação do comportamento dos alunos evidenciou que estes não se mostraram muito interessados nos conteúdos da apresentação, pelo que estabeleciam constantemente conversas paralelas entre si.

- Visita da escola de joalheria Engenho e Arte

A visita foi marcada por um professor da escola, que pretendia visitar a Casa-Museu com uma turma. O objetivo da visita era conhecer não só a Casa-Museu, mas essencialmente a coleção de joalheria, nomeadamente para os alunos observarem os materiais e técnicas usadas nas joias expostas, bem como a variedade da própria coleção.

Realizada no dia 23 de março, os alunos embora não comentassem muito, mostraram-se atentos e curiosos a tudo o que os rodeava. Por seu lado, o professor teceu vários comentários e explicava certos aspetos aos alunos, relacionando com aquilo que aprenderam nas aulas.

- Teatro de Fantoques

Esta atividade foi realizada a pedido das educadoras do jardim de infância dos Combatentes, indicando que pretendiam que o tema fosse “animais”, a fim de esclarecer algumas dúvidas que as crianças tinham relativamente à Páscoa e à questão dos “ovinhos do coelho”.

O teatro decorreu no dia 29 de março nas instalações do jardim de infância e contou com a presença da técnica superior da Casa-Museu e de dois estagiários. Para além do teatro, houve também um momento oficial em que as crianças tiveram de retratar três das personagens, para além de desenharem uma moeda como forma de adquirir um postal da Casa-Museu.

5.3. Participação em workshops e conferências

O período de estágio contemplou também a presença em workshops e conferências, importantes para o reconhecimento de diferentes realidades museológicas e para o aprofundar das competências e conhecimentos associados às práticas educativas em museus. Por esse motivo, e por serem momentos de aprendizagem e partilha realizados no âmbito da organização do sector educativo do Museu da Cidade do Porto e dos espaços que o integram, mas também no âmbito do projeto Mu.SA e do Mestrado em Museologia, é feita uma breve descrição da sua realização nas próximas páginas.

5.3.1. Uso de técnicas artísticas nos processos de educação em museus

Este workshop inseriu-se no âmbito do projeto de desenvolvimento de políticas para o sector de educação do Museu da Cidade do Porto destinando-se aos técnicos do sector educativo dos Museus Municipais. O objetivo recaía em permitir aos profissionais aumentar as suas capacidades e conhecimentos sobre técnicas artísticas que podem ser aplicadas em atividades nos seus Museus, com posterior reflexão sobre a forma como se podem adaptar aos públicos marcados como prioritários pelo mesmo projeto: famílias, seniores e escolas secundárias e profissionais.

Realizado nos dias 15 e 16 de janeiro de 2018, no Museu do Vinho do Porto, o workshop teve como ordem de trabalhos a apresentação, para os educadores presentes, do plano de trabalho das estagiárias que iriam desenvolver investigação sobre públicos nos Museus Municipais. Para tal, cada estagiária realizou uma apresentação *powerpoint*, identificando as suas questões e objetivos de investigação, bem como os conceitos e informação já recolhida sobre o tema. Com o objetivo de partilhar e aprimorar esses conceitos e informação, cada estagiária elaborou e afixou nas paredes do Museu uma tabela com as atividades propostas pelos Museus Municipais, segundo as brochuras do seu sector educativo para os anos de 2016 e 2018, e outra com a definição e características do público em estudo, para que os profissionais presentes pudessem, ao longo dos dois dias de trabalho, completar e alterar as informações já recolhidas.

Em segundo lugar, estes dias tiveram o contributo das Professoras Carmen Gómez e Sofia Cepeda, relativamente à aplicação de técnicas artísticas nos processos de patrimonialização e identidade, com as suas apresentações, respetivamente, sobre a forma como

criamos a nossa identidade através do património e sobre as ligações que se estabelecem entre as pessoas e as suas heranças patrimoniais.

Sendo um workshop, a aplicação dos conteúdos apreendidos através da realização de oficinas foi também contemplada. Para tal, e utilizando técnicas como o corte, costura, colagem e desenho, realizaram-se alguns momentos oficinais que permitiram entender a forma como estas técnicas podem ser usadas nos Museus quando se tratam assuntos sobre a identidade e o património. Por exemplo, a oficina “Bordando Comunidade”, em que cada um escolheu uma fotografia pessoal para colar num pedaço de tecido e depois em grupo se costuraram os vários pedaços, estabelecendo relações entre eles, permitiu ver a costura como uma metáfora para o estabelecer de ligações, em que o tipo de linha e ponto dado correspondia aos tipos de património e significados.

A sessão encerrou com a reflexão dos conhecimentos adquiridos e avaliação das oficinas, nomeadamente a nível das dificuldades sentidas e da pertinência dos conteúdos para a sua realização.

5.3.2. Representação da deficiência nos museus

À semelhança do workshop anterior, também este se desenvolveu no âmbito do projeto de desenvolvimento de políticas para o sector de educação do Museu da Cidade do Porto. O objetivo recaiu em aumentar os conhecimentos dos profissionais dos Museu Municipais sobre os públicos com deficiências e das práticas que outras instituições museológicas têm desenvolvido, especificamente para o segmento desse público que apresenta deficiências do foro visual.

Este momento de formação decorreu no dia 5 de fevereiro de 2018 na Casa-Museu Marta Ortigão Sampaio e foi orientado pela Dra. Patrícia Roque Martins. A sessão iniciou com a apresentação do tema e o desenvolvimento dos conteúdos, focando-se nos conceitos apropriados e relacionados com a temática. Na segunda parte da sessão formaram-se três grupos de trabalho, onde cada um desenvolveria uma das técnicas aprendidas na primeira parte. Estas técnicas relacionavam-se com o estimular a participação e aprendizagem de pessoas com deficiências visuais nos museus e em espaços semelhantes: orientar um grupo de indivíduos com deficiência visual; fazer uma audiodescrição; elaborar réplicas em 3D das obras e objetos do museu para manipulação pelas pessoas.

5.3.3. Seminário “Comunicar: Aliando sectores, potenciando ferramentas, promovendo competências em museus”

O seminário “Comunicar: Aliando sectores, potenciando ferramentas, promovendo competências em museus”, desenvolvido no âmbito do projeto Mu.SA e em que o Mestrado em Museologia integrava a organização, teve lugar no dia 20 de fevereiro na Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Destinado a todos os profissionais da cultura, estudantes, investigadores e por outros que se interessem pela área, o seminário teve como objetivos abordar as questões relacionadas com as estratégias de comunicação, captação e envolvimento de públicos de várias instituições, quer pelas vias e suportes tradicionais quer pelos inovadores, considerando o digital. O debate centrou-se na potencial aplicabilidade dessas estratégias aos museus.

Abordaram-se temas como os mitos do marketing cultural e os desafios que apresenta para as instituições; as técnicas e formas de comunicação que se praticam em certas instituições culturais; os aspetos lúdicos que a experiência museológica pode apresentar e a presença cada vez mais vincada do mundo virtual na vida de cada um. Todos estes temas foram tratados em relação com casos específicos de instituições, apresentados por representantes das mesmas.

5.3.4. International Meeting: +Digital Future – competences for the cultural sector

À semelhança do seminário anterior, também esta conferência se integrou no âmbito do projeto Mu.SA, e na qual o Departamento de Ciências e Técnicas do Património, onde se insere o Mestrado em Museologia, fez parte da organização.

Este encontro teve lugar na Faculdade de Letras da Universidade do Porto no dia 18 de abril, reunindo profissionais da cultura, estudantes, investigadores e outros interessados pelo tema. A insuficiência de competências digitais no sector cultural foi o tema escolhido, pelo que o debate se centrou na necessidade de aumentar a consciencialização do potencial papel do digital no património cultural e na sua preservação, mas também nos museus como espaços inclusivos.

Foram apresentados diversos casos práticos de instituições internacionais e nacionais, onde o digital faz parte do seu funcionamento, como mote para a discussão sobre como podem os museus incluir o digital nos seus espaços. Apontaram-se as transformações que o digital opera (organização, estratégias, públicos, contextos e tecnologia) e que competências devem

ter os profissionais da cultura para conseguir adaptar os seus espaços à receção do mundo digital.

5.4. Grupo de trabalho para famílias

A relação família-museu é uma relação de simbiose, em que cada uma das partes beneficia da relação com a outra, pelo que é uma relação que deve crescer e evoluir no futuro. Para expandir o grupo de potenciais famílias visitantes, além das que já o fazem, os museus devem oferecer algo que a “concorrência” não ofereça (Ferreira, 2001, p. 14).

Desta forma, e integrado no desenvolvimento da política educativa do sector de educação do Museu da Cidade do Porto, criaram-se três equipas de trabalho e investigação dedicadas, cada uma, a um tipo de público dos Museus Municipais – famílias, seniores, escolas secundárias e profissionais – com o objetivo de se conhecer cada um desses segmentos de público e de se elaborarem documentos base para o desenvolvimento de competências de trabalho com os mesmos (*toolkits*). As equipas de trabalho integraram técnicos dos Museus Municipais e estagiárias do Mestrado em Museologia.

Neste caso, integrou-se o grupo das famílias, do qual fazem parte, ativamente, Inês Ferreira (CMMOS), Alexandra Aires (CI) e Manuela Neves (MRQM), e de forma transversal, a Coordenadora Científica do projeto em causa, Alice Semedo (FLUP), e a Coordenadora do Sector de Educação dos Museus Municipais, Liliana Pereira (MVP). O grupo reunia todas as segundas feiras das 14h às 16h na Casa-Museu Marta Ortigão Sampaio, discutindo-se o trabalho já realizado e distribuindo as tarefas seguintes⁴¹.

No âmbito deste grupo, e durante o período de estágio na instituição, para além de fichas de exploração para as salas da Casa-Museu Marta Ortigão Sampaio, desenvolveu-se um *toolkit*⁴² – banco de sugestões/ferramentas –, onde se reuniu informação sobre as famílias e a sua relação com os museus nas diversas vertentes. O objetivo deste último tópico é apresentar este documento, resumindo aqueles que são os pontos essenciais a ter em conta quando se pesquisa, planeia ou trabalha com e para famílias em contexto museológico. Pensado para usufruto imediato de todos os funcionários dos Museus Municipais, espera-se que permita o

⁴¹ Veja-se Apêndice I.

⁴² Veja-se Apêndice J.

planeamento de atividades e programas mais significativos para as famílias, melhorando a qualidade da sua experiência no museu.

Este *toolkit* e a sua elaboração foram pensados, como já se referiu, num contexto de mudança e redefinição das políticas e práticas do sector educativo dos Museus Municipais, de forma a se integrar nas próprias linhas educativas do Museu da Cidade. Não se pretende que seja um manual ou um conjunto de regras, mas sim que seja um documento inspirador e ponto de partida, visto como banco de ideias, para cada museu desenhar o seu caminho de relação com as famílias.

As informações constantes neste *toolkit* decorreram de três fontes essenciais: da revisão bibliográfica sobre a problemática da presença de famílias em museus, apresentada na primeira parte deste trabalho; do levantamento e análise de outros *toolkits* com objetivos similares, e, nomeadamente do *toolkit* geral das políticas e práticas orientadoras do sector de educação do Museu da Cidade do Porto que, naturalmente, serviu de orientação para o desenho de estratégias de mediação; e da reflexão conjunta entre os elementos da equipa, que incluiu a partilha de testemunhos, vivências e experiências das técnicas superiores, na medida em que o seu contacto diário com os Museus Municipais e os seus públicos fornece um cariz mais realista e prático às informações descritas.

O documento encontra-se estruturado em cinco partes essenciais, excluindo a introdução onde se apresenta o documento e os seus objetivos.



O diagrama do índice apresenta as cinco partes principais do toolkit em caixas coloridas, conectadas por linhas azuis onduladas. No topo direito, há uma seta azul apontando para cima e para a direita. No canto inferior esquerdo, há o número '2' e no canto inferior direito, o número '3'.

ÍNDICE	
INTRODUÇÃO. O que é este documento e a quem se destina?	4
1. CONHECER AS FAMÍLIAS. Quem é este Público?	6
O que é uma família?	6
Como se caracteriza?	7
O que gosta de fazer nos tempos livres?	7
Que necessidades tem?	8
2. CHEGAR AO MUSEU. O que é importante para acolher bem as famílias?	9
Como pode um museu ser "amigo das famílias"?	9
Conhecer as famílias	10
Preparar-se para receber as famílias - acolhimento, acessibilidades e logística	12
Dar-se a conhecer como "amigo das famílias"	13
Pensar a exposição e o seu design do ponto de vista das famílias	15
Disponibilizar ferramentas para as famílias usarem individualmente	17
Oferecer atividades e programas para famílias	17
3. FERRAMENTAS. Que estratégias na orientação de visitas e atividades?	19
Como recorrer a Perguntas?	19
Como recorrer a Técnicas de Expressão?	21
Estratégias e Métodos - Rotinas úteis em atividades com famílias	22
4. TIPOLOGIA DE ATIVIDADES E RECURSOS. O que já se faz e como?	36
Propostas desenvolvidas em museus	36
Ideias vindas de fora dos museus	54
Sugestões das famílias	66
5. PERIGOS. O que não funciona? O que se deve evitar? O que é perigoso?	72

Figura 7 – Índice do *toolkit*.

A primeira parte, “Conhecer as famílias. Quem é este Público?”, tenta responder de forma simples às questões mais imediatas que surgem do contacto com grupos familiares: O que é uma família? Como se caracteriza? O que gosta de fazer nos tempos livres? Que necessidades tem? Sabendo que existem famílias onde os filhos já não são crianças, mas sim adultos, e tendo em conta que no contexto museológico em questão, as famílias que o visitam com maior peso são aquelas que apresentam crianças na sua composição, o grupo de trabalho definiu “família” como qualquer grupo de adultos e crianças, unidos por uma variedade de relações: pais, padrastos, avós, irmãos, primos e amigos, considerando que os adultos são qualquer pessoa com 18 ou mais anos e as crianças qualquer pessoa com menos de 18 anos.

A segunda parte, “Chegar ao museu. O que é importante para acolher bem as famílias?”, aborda os tópicos “Como pode um museu ser amigo das famílias?”, “Conhecer as famílias”, “Preparar-se para receber as famílias – acolhimento, acessibilidades e logística”, “Dar-se a conhecer como “amigo das famílias””, “Pensar a exposição e o seu design do ponto de vista das famílias”, “Disponibilizar ferramentas para as famílias usarem individualmente” e “Oferecer atividades e programas para famílias”. Esta parte diz, assim, respeito aos tópicos e particularidades que se devem ter em conta quando se recebem famílias nos museus e quando se programam atividades e exposições tendo este grupo como público alvo, sabendo que é um público com características diferentes dos demais.

A terceira parte, “Ferramentas. Que estratégias na orientação de visitas e atividades?”, relaciona-se com o desenvolvimento de Instrumentos Orientadores do *toolkit* geral já mencionado, testando-os, aplicando-os e criando rotinas úteis para a realização de atividades com famílias. Nomeadamente os seguintes instrumentos: “Tipos de Perguntas” e “Técnicas de Expressão”.

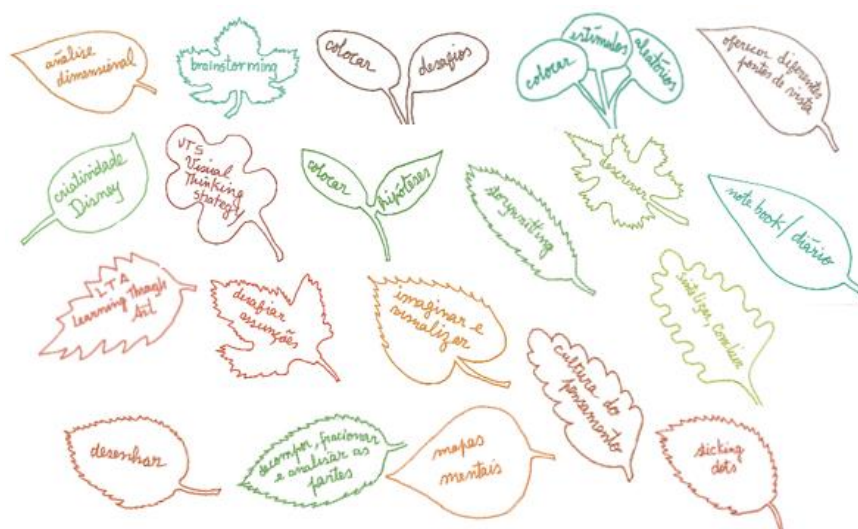


Figura 8 – Métodos e rotinas para mediação de atividades (Fonte: Toolkit famílias; Desenho: Inês Ferreira).

A quarta parte, “Tipologia de atividades e recursos. O que já se faz e como?” elenca um conjunto de tipologias de atividades para famílias desenvolvidas nos museus (*kits* pedagógicos, mochilas, percursos, pedipapers, carrinho de atividades, contos, visitas orientadas, visitas oficina e visitas livres), analisando os seus pontos fortes e fracos, e elencando exemplos práticos, nacionais e internacionais, da implementação dessas tipologias. Esta parte cria ainda um banco de ideias vindas de fora dos museus, também com exemplos práticos nacionais e internacionais, nomeadamente das bibliotecas, palácios e monumentos, oceanários e zoos, teatros e shoppings. Por último, dá voz às famílias dos círculos pessoais das integrantes do grupo de trabalho, apresentando as suas respostas à questão “*o que gostariam de encontrar nos museus, quando os visitam com a família, em termos de espaços, materiais de apoio ou... outras coisas?*”.

A quinta e última parte, “Perigos. O que não funciona? O que se deve evitar? O que é perigoso?” remete para a importância de se precaver possíveis incidentes durante uma visita familiar ao museu, mas também de certas atitudes e comportamentos que o pessoal do museu não deve ter, com possibilidade de a visita não correr da melhor forma. Para tal, e considerando os contextos museológicos de atuação de cada uma das integrantes do grupo, esta parte apresenta uma lista de alguns aspetos a ter em conta numa avaliação de risco para as visitas, fazendo assim a identificação de alguns perigos mais comuns.

PARTE III – NOVOS RUMOS: PROPOSTA DE ATIVIDADE

Ao planejar uma atividade ou programa educativo é necessário ter certos aspetos em conta, nomeadamente o público para quem se está a programar bem como possuir conhecimento sobre o espaço onde se aplicará a atividade ou programa. É por esta razão que conhecer as dinâmicas familiares (caraterísticas, motivações e necessidades) e, simultaneamente, o espaço (potencialidades e funcionamento do mesmo) é tão importante para a proposta de uma atividade para o público familiar num museu.

Assim, a abordagem feita na parte I sobre os conceitos teóricos relacionados com a temática das famílias e a sua relação com museus e práticas culturais, bem como a descrição, na parte II, da Casa-Museu Marta Ortigão Sampaio e do estágio aí realizado, permitiram ganhar competências e conhecimentos para se chegar ao objetivo central deste trabalho, o desenvolvimento de ferramentas para famílias em museus. Estas ferramentas serão apresentadas na forma de visita orientada articulada com uma visita oficina, juntamente com um desdobrável como material de apoio, desenhados para a Casa-Museu.

Nesta última parte do Relatório começa-se por apresentar algumas noções gerais de orientação no planeamento e desenvolvimento de atividades educativas, passando-se depois para a apresentação e descrição da proposta.

Capítulo 6 – Planeamento e organização de atividades e materiais educativos

Já se viu anteriormente que, segundo o modelo defendido por Falk e Dierking (2000), a experiência de visita e a aprendizagem que ocorre em museus depende de três contextos ligados entre si: pessoal, físico e sociocultural. Como tal, o planeamento e organização de atividades e materiais educativos para os museus deve considerar estes contextos. Para além de que, sendo a CMMOS um espaço integrante do Museu da Cidade do Porto, faz todo o sentido que a proposta de atividade que aqui se apresenta se relacione com a missão, objetivos e estratégias do Museu da Cidade propostos em Semedo (no prelo), seguindo-se o modelo lógico de desenvolvimento de programas de educação⁴³ também aí apresentado.

Assim, de um primeiro momento que contemplou o compreender e buscar mais conhecimento sobre o público-alvo, passou-se para a constatação dos desafios associados à participação das famílias nos museus, onde a construção de personas e a bibliografia foram essenciais para a caracterização do público familiar e compreensão desses desafios. Após estas duas etapas, apresenta-se nas próximas páginas o momento de idealização e planeamento da atividade, primeiramente com a escolha de técnicas e métodos que permitam ultrapassar os desafios encontrados e que estimulem a participação e aprendizagem do público, e depois com a prototipagem da atividade. Embora Semedo (no prelo) apresente outra etapa, correspondente à implantação e avaliação da atividade, esta não será contemplada neste trabalho.

Desta forma, existe todo um conjunto de fatores que devem ser tidos em conta para o planeamento de atividades e programas educativos. Para além do conhecimento do público, fazem parte do processo de planeamento: a seleção do tema e dos conteúdos; as estratégias metodológicas e tipologia de atividade; a definição dos propósitos e objetivos; as parcerias necessárias; os recursos, materiais e custos que devem ser acautelados; os resultados esperados; a definição do cronograma; o ambiente, serviços e acessibilidades que o museu oferece; as técnicas para avaliação; o marketing e a comunicação. (Scottish Arts Council, s.d., p. 2; Semedo, no prelo).

Como orientação para o planeamento de atividades e programas especificamente para famílias, e segundo Engage (2004/2005, p. 13), Hooper-Greenhill (1996, p. 7), Kelly *et al*

⁴³ Veja-se Anexo A.

(2004, pp. 49-51) e Scottish Arts Council (s.d., p. 4), apresenta-se de seguida uma *checklist* que pode ser aplicada durante o processo de planeamento a fim de se perceber se todos os parâmetros estão a ser considerados e se a atividade será adequada a grupos familiares.

Tabela 6 – *Checklist* para planeamento de atividades e programas educativos para famílias.

PARÂMETRO	<input checked="" type="checkbox"/>
Conhecer o público e as suas dinâmicas	
A atividade vai cativar as famílias a participar	
A atividade é importante e relevante	
Os participantes vão aprender algo que dificilmente aprenderiam noutra lugar	
A mensagem principal da atividade permite diferentes interpretações ou pontos de vista	
Utilização de métodos e estratégias que permitem chegar às diferentes necessidades das famílias	
Atividade adequada a qualquer tipo de família e estilo parental	
Consideração das várias formas de aprender e dos diferentes níveis de aprendizagem	
A atividade permite que adultos e crianças aprendam em conjunto	
A atividade é adequada a qualquer faixa etária	
A atividade oferece oportunidades interativas e práticas	
Listar os resultados esperados	
Estabelecer o cronograma	
O horário de realização da atividade é adequado às famílias	
Considerar os recursos (financeiros, humanos e materiais), investimentos extra ou parcerias necessárias	
Apontar os responsáveis pelo desenvolvimento e avaliação da atividade	
Providenciar conforto e acesso (físico, psicológico e cultural) para as diversas necessidades e realidades	
O espaço é profissional, amigável e acolhedor para famílias e crianças	
Estabelecer limite de participantes para que a atividade decorra de forma confortável e segura para todos	
Assegurar que os materiais e o espaço são seguros	
Fazer uma avaliação dos riscos que a atividade pode apresentar	
Divulgar a atividade	

6.1. Visita orientada e visita oficina: *A arte de retratar – Uma visita com Aurélia de Sousa*

As visitas aos museus encontram-se regulamentadas no artigo 25º do Decreto Lei nº 46758 de 1965, afirmando-se que “incumbe ainda aos museus organizar visitas coletivas, orientadas, às suas coleções e estimular, por todos os meios ao seu alcance, a organização delas por quaisquer outras entidades e promover que se multipliquem.” (Decreto Lei nº 46758, p. 1701).

Para os Museus Municipais do Porto, durante a visita orientada os participantes são acompanhados por um/a técnico/a do Museu, explorando toda a exposição ou parte dela, pois a visita pode ser de âmbito geral ou temática. Já na visita oficina os participantes iniciam a atividade com uma visita breve ao museu, para depois participarem numa oficina que pode incluir várias metodologias (jogos, atividades de expressão plástica ou dramática, escrita criativa, entre outras). O objetivo em ambas as tipologias de atividade é potenciar a relação dos participantes com o museu e suas coleções. (Câmara Municipal do Porto, 2018, p. 4).

6.1.1. Descrição sumária

A proposta de atividade que aqui se apresenta recai para uma visita orientada, cujo tema é o retrato, e para uma visita oficina relacionada com o tema e conteúdos da visita orientada. Embora cada uma destas componentes possa funcionar individualmente, elas são propostas de forma a serem realizadas em articulação uma com a outra, por se julgar (e pretender) que exista uma interligação e complementaridade entre elas.

O título da atividade, *A arte de retratar – Uma visita com Aurélia de Sousa*, transparece desde logo o tema. A sugestão deste título deve-se com a proposta de que a visita orientada assente numa metodologia que tem mostrado grande adesão por parte do público infantil e famílias⁴⁴, na qual uma pessoa encarna uma outra personagem, agindo e falando como ela – o *roleplay*.

Neste caso, a visita seria orientada por alguém encarnando Aurélia de Sousa, pintora naturalista cujo maior número de obras se encontra na CMMOS. O objetivo principal da atividade recai em dar a conhecer a coleção de retratos expostos na Casa-Museu, evidenciando

⁴⁴ Veja-se o projeto COOLture Tours em <https://www.coolturetours.com/>. Ou as visitas que o World of Discoveries apresenta em <https://www.facebook.com/WoDPorto/photos/a.290872627748667/1098939166942005/?type=3&theater>

os vários tipos, formatos e materiais possíveis nesta arte de representação, e depois, na parte oficial, em desafiar as famílias a criarem o seu próprio retrato, seguindo uma das técnicas que Aurélia de Sousa (mas também outros artistas) utilizavam – o de se fotografarem primeiro na pose em que pretendiam ser (auto)retratados. Como principal resultado espera-se que mais famílias se sintam motivadas a visitar e a participar nas atividades desenvolvidas pela Casa-Museu.

Palavras chave: retrato; visita; oficina; fotografia

6.1.2. Tema

Falar de retrato é falar sobre representação de pessoas e personalidades, pelo que é um bom tema para atividades e programas em museus por apresentar múltiplas potencialidades de tópicos a tratar, nomeadamente as questões de representação (a própria, a do outro, de grupos), a memória, a história (local, da própria arte de retratar, dos costumes), a prática de biografias e autobiografias, a cidadania, ciência (como se fazem as cores, luz) (Challis, 2013, pp. 15, 68), mas também para se discutirem e explorarem temas relacionados com a contemporaneidade.

Como tema escolhido para esta atividade, e antes de se iniciar a descrição dos aspetos mais práticos sobre a mesma, é crucial apontar alguns conteúdos sobre o retrato (o que é, que tipos e categorias apresenta), pois são informações essenciais para a orientação da visita.

“Quando falamos em retrato, lembramo-nos logo de uma imagem constituída por determinados sinais e signos que nos permitem reconhecer alguém, um ser humano que nos é próximo ou que historicamente se distanciou de nós.” (Morais, 2001, p. 1). Embora seja uma prática bem remota, a verdade é que o retrato, com menor idealização dos modelos (ou retratados) e consequentemente com formas mais naturalistas dos mesmos, ganhou maior força a partir do séc. XV/XVI através da consideração de vários parâmetros: perspetiva, proporção, luz, movimento, atmosfera e a expressão de sensações e sentimentos. (Corais, 2012, p. 5; Flor, 2008, p. 116).

No entanto, a representação pode não se ficar apenas pela semelhança física, incluindo também traços de carácter, estatuto social ou profissão do modelo (Corais, 2012, p. 5). Pode ainda tentar recriar um ambiente onde esse se insere (Morais, 2001, p. 4), pelo que o enquadramento terá como objetivo conferir uma dimensão de identidade/individualidade ao retrato (Duarte, 2011, p. 29). Desta forma, o prolongar da memória e imagem de alguém não é a única função do retrato, pelo que pode ser realizado como obra de arte, biografia,

documentário, presente/oferecimento, por comemoração de algo (West, 2005, citado por Free, 2009, p.4) ou ainda para o retratado se afirmar num determinado círculo, como é o caso dos retratos de corte (Duarte, 2011, pp. 29-30).

Tal como as suas funções, também os suportes em que se retrata alguém podem ser vários. Embora a ligação que se estabelece automaticamente quando se fala em “retrato” seja o retrato em pintura de cavalete, é possível encontrar retratos em fotografia, escultura, medalhística, azulejo, desenho, miniatura e gravura (Gonçalves, 2012, p. 14). Existem ainda variações na dimensão em que o modelo é retratado, pelo que Moraes (2001, p. 8) divide os retratos em diferentes tipologias, dependendo do tamanho do corpo representado e da posição em relação ao espectador.

Tabela 7 – Tipologias de retrato, segundo Moraes (2011, p. 8).

TIPOLOGIAS DE RETRATO	
Tamanho do corpo	Retrato de busto
	Retrato a meio corpo
	Retrato a 2/3 do corpo
	Retrato de corpo inteiro
Posição em relação ao espectador	Retrato de perfil
	Retrato a 3/4
	Retrato de frente

Como se vê, o retrato consegue apresentar várias funções, suportes e dimensões de representação do retratado. Talvez por essa razão, Flor (2008, p. 116) defenda que “... o termo “retrato” pode tornar-se vago e, por isso, insuficiente para caracterizar ou definir uma determinada obra”, sugerindo diferentes categorias de retrato e definições para cada uma.

Tabela 8 – Categorias de retrato, segundo Flor (2008, p. 117).

CATEGORIAS DE RETRATO	
Retrato individual	“tipo retratístico mais usual e que figura o modelo individualmente sobre fundo variado e apresenta-o pelo busto ou pela cintura (...) esteve na origem, já no século XVI, do chamado retrato de corte ou de aparato” (Flor, 2008, p. 117)
Retrato integrado	“geralmente representação do comitente da obra, aparece quase sempre em contexto devocional e articulado, muitas vezes, com a presença de um Santo como patrono ou intercessor, diante figuras santificadas” (Flor, 2008, p. 117)

Retrato alegórico	“o retratado perde a própria identidade, encarnando numa outra e chamando a si as virtudes e as qualidades morais dessa nova personagem” (Flor, 2008, p. 117)
Retrato equestre	“de raízes greco-romanas, mostra a figura montada a cavalo, num autêntico monumento de homenagem e de exaltação da personalidade” (Flor, 2008, p. 117)
Autorretrato	“ligado à visão narcísica de contemplação da própria imagem (...) parece encontrar explicação no ascendente social que os artistas conheceram nos séculos XV e XVI, pela tomada de consciência da sua categoria estatutária” (Flor, 2008, p. 117)
Criptorretrato	“apesar de possuírem características fisionómicas bem vincadas, não devem ser apreciadas como autênticos retratos, pois constituem imagens de inspiração em figuras da vida real e que serviram de modelo figurativo ao artista. São tão somente retratos de época” (Flor, 2008, p. 117)

Se no século XIX o aparecimento da fotografia colidiu com a pintura de retrato, roubando-lhe algum destaque, a verdade é que também permitiu uma maior facilidade ao trabalho dos artistas, da mesma forma que poupou os retratados, que não necessitavam mais de estar longas horas na mesma pose (Duarte, 2012, p. 31). O método de fotografar o modelo e só depois representá-lo noutros suportes⁴⁵ era já utilizado com a prática do desenho que precedia a pintura propriamente dita. Já no século seguinte, os artistas deixaram de se preocupar com a representação naturalista do modelo, pelo que o retrato passou a ser uma forma de experimentação de alternativas à representação em arte, alvo de deformação expressiva e estilização abstrata (Corais, 2012, pp. 24-25).

Basta uma breve análise pelas características que os retratos foram apresentando ao longo da história, quer a nível de detalhe do retratado, de cores ou símbolos utilizados, para perceber que essas e a representação do retratado dependem, para além do próprio artista e modelo, de vários fatores como “da época, da cultura e da finalidade, estando dependente do quadro de referência estabelecido pelas convenções sociais, culturais e artísticas” (Corais, 2012 p. 85).

6.1.3. Recursos

Elencar os recursos financeiros, humanos e materiais, bem como os investimentos e parcerias necessárias é uma das etapas no desenvolvimento da atividade. A melhor forma de

⁴⁵ A pintora Aurélia de Sousa terá usado este método, nomeadamente no seu autorretrato *Santo António*, fotografando-se primeiro e depois pintando a tela.

descortinar os recursos para a atividade em causa é através de uma tabela, pois permite uma leitura mais rápida e organizada.

Tabela 9 – Recursos necessários à atividade.

Visita orientada	
Recursos financeiros	Custos associados aos recursos materiais e à divulgação da atividade
Recursos humanos	Staff da CMMOS: dois elementos (técnica superior de serviço educativo e assistente técnico/operacional)
Recursos materiais	<ul style="list-style-type: none"> • Retratos selecionados da coleção⁴⁶ • Roupas e acessórios inspirados em Aurélia de Sousa para a criação de um disfarce • Folhas de papel • Lápis normal e de cor
Visita oficina	
Recursos financeiros	<ul style="list-style-type: none"> • Custos associados aos recursos materiais • Algum valor que seja acordado com as parcerias • Aluguer do laboratório de fotografia
Recursos humanos	<ul style="list-style-type: none"> • Staff da CMMOS: dois elementos (técnica superior de serviço educativo e assistente técnico/operacional) • Staff do laboratório de fotografia parceiro: um elemento (fotógrafo/a)
Recursos materiais	<ul style="list-style-type: none"> • Latas/caixas vazias com sistema de abertura e fecho • Agulhas • Fita cola preta • Tinta preta • Papel fotográfico • Folhas de papel • Material para desenho e pintura: lápis normais e de cor, canetas, marcadores, sanguínea, pastel, telas, tintas acrílicas de várias cores, pincéis, cavaletes

⁴⁶ A informação detalhada de cada objeto proposto para a atividade encontra-se no Apêndice K.

6.1.4. Metas e objetivos

Definir metas e objetivos para uma atividade é um processo que implica pensar nas necessidades do público, fazer corresponder os recursos disponíveis a essas necessidades e pensar no que já tem sido feito de semelhante (Hooper-Greenhill, 1996, p. 8). Semedo (no prelo) mostra que a definição de objetivos SMART (específicos (*Specific*); mensuráveis (*Measurable*); atingíveis (*Attainable*); relevantes e realistas (*Relevant & Realistic*); temporizáveis (*Time-bound*)) confere vantagens para a avaliação da atividade, nomeadamente facilidade em saber se os resultados são atingidos ou não.



Figura 9 – Definição de objetivos para atividade educativa (adaptado de Hooper-Greenhill, 1996, p. 8).

O principal objetivo para o desenvolvimento e aplicação desta atividade é mostrar às famílias que a Casa-Museu é um espaço aberto e recheado de potencialidades de exploração, pretendendo claramente uma maior aproximação e o estreitamento das relações com essas. O que se encontra de acordo com a missão do Museu da Cidade enunciada em Semedo (no prelo). Cada componente da atividade apresenta, no entanto, os seus objetivos específicos. A definição destes objetivos pode considerar o raciocínio de Benjamin Bloom combinado com as abordagens do pensamento criativo e do pensamento crítico (Semedo, no prelo), ao mesmo tempo que se centra na aprendizagem das famílias.

Assim, para a visita orientada, os objetivos prendem-se com:

- Investir na relação família-museu, cativando mais famílias a visitar a CMMOS;
- Analisar as famílias em contexto de visita à CMMOS e em especial perante este tema, observando os seus comportamentos, interesses, necessidades e dificuldades;
- Reconhecer o potencial educativo das coleções da CMMOS, através do *feedback* das famílias;

- As famílias compreenderem o retrato, histórica, social e culturalmente;
- Ampliar a partilha de ideias e conhecimentos entre gerações: as famílias conversarem entre si;
- As famílias entenderem os diferentes tipos e categorias de retratos, conseguindo distingui-los perante a sua observação e exploração;
- Estimular as famílias a estabelecer conexões entre o retrato/retratado e a sua vida pessoal;
- Fornecer ferramentas para que as famílias encontrem diferenças entre a época em que o retrato foi realizado e o tempo atual (no ambiente, postura ou roupa do retratado, ...);
- As famílias serem capazes de comparar retratos entre si, apontando semelhanças e diferenças.

Para a visita oficina, pretende-se que as famílias:

- Desenvolvam atividades plásticas recorrendo a diferentes técnicas (corte, colagem, pintura);
- Valorizem e estimulem a sua criatividade;
- Desenvolvam espírito de entreajuda;
- Invistam na partilha de ideias e conhecimentos entre os seus elementos;
- Compreendam os diferentes processos inerentes à fotografia estenopecica;
- Construam uma máquina fotográfica *pinhole*;
- Percebam os processos de revelação fotográfica;
- Criem o seu retrato familiar.

6.1.5. Resultados e indicadores

Quanto aos resultados esperados para a atividade estes podem ser elencados consoante são resultados imediatos, resultados a médio prazo ou resultados a longo prazo. Cada resultado tem um ou mais indicadores associados, que permitem perceber se o mesmo foi atingido ou não. Desta forma, para cada resultado esperado para a atividade em causa apresenta-se também o indicador ou indicadores de que o mesmo foi atingido.

Em traços gerais espera-se que a atividade consiga cativar as famílias a envolverem-se com a Casa-Museu, encarando-a como um espaço propício à partilha e troca de conhecimentos

e ideias entre gerações, mas também de aproximação das crianças com a cultura. Ao mesmo tempo que, mostrando-se importante e relevante para as famílias, potencie a criação de programas e atividades com maior frequência para este público.

Tabela 10 – Resultados e indicadores da atividade.

Resultados	Indicadores
Imediatos	
Participantes envolvem-se na atividade	<ul style="list-style-type: none"> • Tecer comentários • Colocar questões
Participantes relacionam-se e identificam-se com o tema	<ul style="list-style-type: none"> • Tecer comentários • Colocar questões • Continuidade da atividade • <i>Feedback</i> dos participantes • Procura por mais oferta educativa sobre o tema
Participantes relacionam-se entre si	<ul style="list-style-type: none"> • Tecer comentários ou partilhar ideias entre si • Afirmar que ficaram a conhecer melhor as dinâmicas da sua família, nomeadamente quanto ao comportamento e formas de aprender das crianças no museu
Médio prazo	
Participantes descobrem novas informações ou ganham um melhor entendimento sobre a sua cultura ou outras culturas	<ul style="list-style-type: none"> • Comentar que as experiências fornecidas pela atividade são relevantes para a sua vida • Envolver-se em atividades que estimulam o debate e a discussão sobre o tema
As famílias usam os serviços e instalações da CMMOS para desenvolver o seu conhecimento e compreensão	<ul style="list-style-type: none"> • Procura por atividades e programas a si destinados • Usar os materiais de apoio disponibilizados • Número de famílias participantes em atividades e que visitam a CMMOS
Melhor capacidade de resposta da CMMOS às necessidades das famílias	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Feedback</i> positivo • Número de famílias participantes em atividades e que visitam a CMMOS

	<ul style="list-style-type: none"> • As atividades ou programas educativos cativam vários tipos de famílias
Longo prazo	
Mais famílias a visitar a CMMOS e com maior frequência	<ul style="list-style-type: none"> • Número de famílias participantes em atividades e que visitam a CMMOS
Maior ligação da CMMOS à comunidade	<ul style="list-style-type: none"> • Aumento do número de visitantes
Estabelecimento de parcerias e desenvolvimento de mais atividades sobre o tema	<ul style="list-style-type: none"> • Interesse externo por potenciais parceiros • Procura por atividades e programas destinados a famílias

6.1.6. Divulgação

O marketing e comunicação de qualquer oferta educativa deve estar de acordo com a política de marketing e comunicação do próprio museu. É importante saber aquilo que se está a divulgar, porquê, para quem, qual a resposta que se espera a essa divulgação e que métodos serão utilizados. (Hooper-Greenhill, 1991, p. 12).

Os locais mais adequados para a divulgação são aqueles que as famílias frequentam. O próprio museu, mas também outros museus e instituições culturais, bibliotecas, supermercados e as escolas são espaços que podem auxiliar na conexão com famílias. Já o melhor formato é aquele que enfatiza como o museu é amigo das famílias, identificando o que haverá para ver e fazer no seu espaço e reafirmando que as mesmas serão bem-vindas no museu. (Renaissance South East, 2010, p. 12).

Assim, para esta atividade, os canais de divulgação escolhidos serão, a nível de formato impresso, a própria CMMOS, os restantes Museus Municipais e outros espaços pertencentes à Câmara Municipal do Porto, as escolas e o comércio local nas imediações da CMMOS; e a nível eletrónico os *websites* da Câmara Municipal do Porto, da Porto Lazer e da Porto. Portal de Notícias do Porto, bem como nas suas respetivas páginas de Facebook e ainda na página Facebook da CMP – Porto Cultura.

6.1.7. Avaliação

O processo de avaliação deve ser sempre parte integrante de qualquer iniciativa, de forma a que se consiga aprender e melhorar de experiência em experiência. A avaliação permite saber

não apenas se as pessoas gostaram ou não da atividade, mas de que forma gostaram e de que partes gostaram mais, bem como o que pode ser alterado para tornar a atividade ainda melhor e mais adequada às necessidades do público. (Hooper-Greenhill, 1996, p. 8). A avaliação é a forma de medir os indicadores dos resultados esperados para a atividade, pelo que deve valorizar e mostrar as aprendizagens dos participantes. Para se avaliar uma atividade ou programa educativo é necessário debruçar-se nos objetivos mas também no próprio processo (Aguar, 2015, p. 40).

A avaliação não é uma tarefa fácil, pelo que é necessário seguir um plano e uma metodologia, compreendida como o conjunto de métodos e técnicas utilizados. Quanto a métodos de avaliação pode falar-se em: estudos de público, avaliação prévia, preliminar ou diagnóstica, avaliação formativa, avaliação sumativa, avaliação corretiva e avaliação crítica. No que concerne a técnicas de avaliação, estas podem passar por: observação, entrevistas, questionários, grupos focais, revisão de documentos, observação de produtos feitos, entre outras. (Aguar, 2015, pp. 44-46).

Neste caso, em que a programação para famílias não é assim tão constante e os apoios teóricos não abundam, a avaliação contínua da atividade torna-se ainda mais importante. Como técnicas para a avaliação desta atividade sugere-se a observação dos participantes no decorrer da mesma, prestando atenção aos seus comentários e comportamentos; a distribuição, no fim da atividade, de folhas de papel ou *post-its* a cada participante pedindo que escreva ou desenhe o que mais e menos gostou na atividade; e questionários, com perguntas abertas, diretas e de resposta curta.

6.1.8. Estrutura e desenvolvimento

Nesta parte apresenta-se a proposta para a estrutura e desenvolvimento propriamente dito da atividade, primeiro da componente de visita orientada e depois da visita oficina. Para ambas se descrevem os passos, técnicas e informação possível de ser transmitida pelo responsável.

- ***Visita Orientada***

1. Receção da CMMOS

Receber e dar as boas vindas aos participantes. Introduzir a sessão identificando o tema e explicando em que consistirá a atividade, indicando o tempo de realização da mesma. Distribuir folhas de papel e lápis pelos participantes.

“O que é um retrato?”



Atividade de quebra-gelo usando o espelho da receção como metáfora para o autorretrato e representação de cada um e em grupo.

Iniciar o percurso da visita, observando e mencionando dados sobre o *Retrato de Marta Ortigão Sampaio*, figura que dá nome à Casa-Museu, como forma de introdução à história do edifício e das suas coleções.

Avançar para a Sala Aurélia de Sousa.

2. Sala Aurélia de Sousa

Apresentar a sala referindo que todas as obras aí presentes são da autoria de Aurélia de Sousa, pintora naturalista e tia materna de Marta Ortigão Sampaio.

Perante o *Retrato da mãe da artista, Olinda Perez de Souza* pedir aos participantes que digam o que sentem ao observar a obra. Depois incentivar a partilha das várias sensações, mencionando de seguida os dados do retrato (quem é o retratado, em que data ou altura foi realizado, o porquê da sua roupa e postura; mencionar curiosidades sobre o retrato também pode ser interessante, por exemplo a sua semelhança com a obra *Arrangement in Grey and Black No.1* (mais conhecida por *Whistler's Mother*) de James McNeill Whistler).

Desse retrato partir para *Rapariga segurando uma abada* e *Cabeça de homem negro*. Pedir aos participantes que descrevam aquilo que veem em cada retrato com especial atenção para a posição do retratado. Através destas obras mencionar que, dependendo da posição do retratado, os retratos apresentam diferentes tipos – indicar o tipo correspondente de cada um destes retratos, introduzindo os restantes tipos possíveis, evidenciando de que forma diferem.

Avançar para o autorretrato de Aurélia como *Santo António*. Pedir aos participantes que olhem para este durante 30s. Depois que se virem de costas e descrevam o que viram. Mencionar como curiosidade que Aurélia de Sousa nasceu no dia 13 de junho, dia de Santo António. E que para além deste seu autorretrato existe ainda uma fotografia, onde a pintora se encontra exatamente igual, sugerindo que a tenha usado como base para realizar a pintura. Explicar que o aparecimento da fotografia acabou por ajudar os artistas e os modelos, uns pois podiam realizar o retrato com mais calma e outros pois não precisavam de posar durante tanto tempo.

Avançar para o Hall.

3. Hall piso 0

Perante a fotografia da turma da Academia Portuense de Belas-Artes, mencionar que a fotografia também é um suporte para o retrato.

“Para além do suporte e material, qual é a diferença mais imediata entre este retrato e os anteriores?”

→ Ao contrário dos anteriores, que eram retratos individuais, este é de grupo. Introduzir que os retratos se dividem por categorias, mencionando no que diferem.

Distribuir uma fotocópia da fotografia aos participantes e incitar que localizem as irmãs Aurélia e Sofia de Sousa mencionando que a partir de então se explorará as obras de Sofia.

Avançar para o *Auto-retrato* de Sofia de Sousa. Dividir os participantes em grupos e atribuir uma peça de puzzle a cada um. Essas peças quando em conjunto formam o *Auto-retrato*, e cada uma delas tem um acessório usado por Sofia nessa obra (o chapéu, as penas, o lenço). Pedir a cada grupo que identifique o acessório na sua peça sugerindo hipóteses para a pintora ter usado esse acessório e essas cores na obra.

Avançar para a Sala Sofia de Sousa, no piso 1, de escadas ou elevador.

(Nota: Sempre que necessário, os participantes podem regressar à Sala da Aurélia para realizarem estes jogos, pois permite mais espaço e mobilidade.)

4. Sala Sofia de Sousa

“Se lhe pudessem perguntar algo, o que seria?”

→ Dirigir a atenção dos participantes para *Retrato de senhora* convidando-os a partilhar as questões que colocariam à artista e à retratada.

Mencionar que se está perante outro suporte de retrato, o desenho, indicando dados sobre a obra e curiosidades, como o facto de Sofia ter deixado de usar tintas nos seus últimos anos de vida, por as julgar prejudiciais à saúde.

Passar para *Auto-retrato*. Pedir aos participantes que relembrem o outro autorretrato da artista, observado no Hall do rés-do-chão, pensando nas semelhanças e diferenças que apresentam entre si.

Avançar para a Sala de Estar e Escritório.

5. Sala de Estar e Escritório

“Onde estão e quem serão?”



Dividir os participantes em dois grupos: a um lançar o desafio de encontrar no escritório outro suporte de retrato (Escultura – Busto de Ramalho Ortigão), dando a pista que não é pintura, fotografia nem desenho e que o retratado é um escritor portuense. Ao outro grupo pedir que observem as fotografias na escrivaninha, tentando identificar os respectivos retratados (Estela Martins de Sousa e Vasco Ortigão Sampaio, pais de Marta Ortigão Sampaio).

Avançar para o Hall do piso 2, de escadas ou elevador.

6. Hall do piso 2

Neste espaço focar a atenção nas obras *Mulher a fiar*, *Compondo redes* e *Lavradeira*. Pedir aos participantes que relembrem as categorias de retrato inicialmente mencionadas, identificando aquela que se encontra em grande quantidade neste espaço.

“Criptorretratos”



Embora apresentem figuras, o objetivo destes retratos não é representar uma pessoa em específico, com detalhe da sua identidade, traços e feições, mas sim retratar simbolicamente, neste caso, profissões e ofícios. São apenas retratos de época.

Mencionar os dados das obras enfatizando que são pinturas com aguarela.

Descer de elevador ou escadas até ao piso -1.

7. Sala das Joias

Perante *As Lavadeiras (maquete)* lançar o desafio aos participantes de perceberem o que estão as figuras a fazer, questionando-os do porquê da sua resposta e incentivando-os a procurar mais detalhes na obra. Desafiar os participantes a imitar as poses e movimentos das figuras.

Mencionar que se está novamente perante um criptorretrato fornecendo informação sobre a obra (artista, data, curiosidades).

Seguir para a sala maior de joias e atentar num *alfinete* com a representação de um homem. Mencionar que se está perante um novo suporte de retrato, a joalheria. Desafiar os participantes para, em conjunto, contarem uma história em torno deste alfinete, onde cada um contribui com uma frase ou ideia. Registrar a história por escrito.

A visita termina nesta sala. Regresso ao piso 0.

- **Visita oficina**

1. Sala do serviço educativo

Iniciar a atividade dando as boas vindas aos participantes. Deixar que os mesmos observem algumas câmaras estenopeicas já preparadas em cima da mesa, convidando-os a manuseá-las e perguntando se sabem do que se trata.

Apresentar a atividade e a sua realização, objetivos e tempo de realização. Explicar que a fotografia estenopeica é o tipo de fotografia tirada sem lente através de uma câmara fechada a qualquer tipo de luz, excetuando por um furo (em inglês *pinhole*) que quando destapado permite que a luz entre na câmara, e, pelo fenómeno de inversão, seja projetada na parede oposta ao furo, onde está o papel fotográfico. Elencar os materiais necessários para a construção de uma câmara *pinhole*.

O desafio está em que cada família construa a sua câmara, seguindo algumas indicações base para isso e decorando-a como entenderem. Após a construção da câmara ir até ao laboratório de fotografia.

2. Laboratório de fotografia

Construídas as câmaras é necessário colocar o papel fotográfico no seu interior. Como este não pode ser sujeito à presença de luz, é necessário ir até ao laboratório para o fazer em segurança. Posto isto, as famílias podem pensar num local para tirar o seu retrato (o jardim da Casa-Museu é uma boa opção). Assim que a fotografia tiver sido tirada, regressar ao laboratório para a revelar.

De volta ao laboratório serão explicados os processos de revelação, indicando os produtos que se usam: o revelador, que permite que a fotografia surja no papel fotográfico; o fixador,

que fixa a fotografia no papel; água para limpar qualquer resquício dos químicos; e um secador de cabelo para acelerar o processo de secagem da fotografia.

Proceder à revelação e produção dos positivos das fotografias.

Regressar à Casa-Museu.

3. Sala do serviço educativo

Regressando à Casa-Museu, e perante a fotografia que tiraram, cada família fará o seu retrato, recorrendo à pintura em cavalete ou ao desenho (ou aos dois, dependendo do tempo e interesse dos participantes), como Aurélia de Sousa e outros pintores fizeram.

No final da atividade cada família terá uma máquina estenopeica, um retrato familiar fotográfico e um retrato em pintura ou desenho.

Terminada a atividade, distribuir aos participantes *post-its* para que neles registem uma palavra ou desenho que descreva a atividade que acabaram de realizar.

6.2. Material de apoio – desdobrável

As famílias têm horários que nem sempre são compatíveis com os horários praticados pelos museus, nem pelo seu staff, pelo que a não participação em atividades e programas, mas também a não relação com os museus e as suas exposições, pode residir aí. Podendo também, como Ferreira (2014, p. 5) afirma, derivar da ausência de motivação ou de ferramentas que facilitem o uso do pensamento imaginativo e criativo.

A proposta de um desdobrável⁴⁷ como material de apoio às visitas familiares vê nesses fatores a sua motivação, pelo que o principal objetivo para o seu desenvolvimento passa por fornecer “ferramentas” para que as famílias possam, ao seu ritmo, explorar alguns retratos expostos na Casa-Museu, estimulando a sua curiosidade sobre a obra e potenciando conexões com temas da contemporaneidade ou da sua própria vida. Espera-se que o desdobrável suscite questões que levem a família a conversar entre si e a partilhar as suas dúvidas e ideias.

A nível de recursos apenas exige uma impressora, papel para a sua impressão e a distribuição de folhas de papel e lápis em conjunto.

⁴⁷ Veja-se Apêndice L.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não é fácil resumir em poucas páginas o resultado de uma pesquisa que demorou um ano letivo a concretizar. Se no início do trabalho se sentiu alguma inquietude pelo tema poder não ser o mais adequado, por falta de fontes e informação, agora tem-se confiança que a temática das famílias é imensa. E isto pois o mundo e o conhecimento estão em constante evolução, de momentos em momentos surgem teorias e ideias novas que mudam aquilo que se tinha por certo. Como consequência seguem-se momentos de novas pesquisas, discussões e conclusões. Até que aconteça tudo de novo. E visto que as famílias não são imutáveis e ainda muito está para se perceber nas suas dinâmicas e funcionamento, principalmente no que diz respeito à sua presença no museu, é natural (e necessário) o surgimento de mais pesquisas.

Seguindo as palavras de Ellenbogen (2002, pp. 83-84), as famílias são um público importante de se investigar nos museus, pois representam um grupo de aprendizagem única. Mas, como visto em algumas das investigações abordadas, a crescente diversidade de tipos de famílias pode tornar difícil a definição do conceito “família”. Na realidade verificou-se ao longo do trabalho que as definições variam consoante o museu/pesquisa/investigador e que a premissa para qualquer definição é que esta deve incluir os diferentes tipos de família. O aprofundamento da leitura sobre esta vertente mostrou que a família é vista como um grupo multigeracional.

Durante o período de estágio foi possível confirmar, efetivamente, a existência de diferentes composições familiares, tal como a revisão bibliográfica evidenciava – por exemplo, pai, mãe e filho bebé; pai e filho (com mais de 18 anos); mãe, filha e neta (com menos de 18 anos). O que acontece é que um destes grupos não é considerado família, se se considerar a definição museológica de que a família tem, no mínimo, uma criança. De igual forma, o considerar a família necessariamente como um grupo multigeracional, não inclui, por exemplo, um casal ou irmãos que visitem o museu em conjunto, que embora não sendo um grupo multigeracional, mas sim um grupo da mesma geração, são família. Por estes dois motivos considera-se pertinente que os museus repensem a forma como definem e encaram as famílias no seu espaço. Definir família como público que visita museus não é a mesma coisa que definir família como público-alvo de uma atividade ou programa (que por sua vez é diferente das personas), pelo que parece que os museus apenas apresentam uma dessas definições, quando deveriam considerar as duas.

Alargando o espectro da análise bibliográfica e focando naquela que se dedica às motivações de visita e à aprendizagem que ocorre nessa visita, chegou-se à conclusão que as famílias visitam museus por diversos motivos conjugados entre si, nomeadamente pela procura de momentos em família, por razões de entretenimento e interação social, mas também para aprender, muito em parte relacionado com as necessidades das crianças.

Entendeu-se em que medida os estudos de público são importantes em contexto museológico, ao permitirem dar a conhecer aos museus quem os visita, porque razões o faz, o que espera da visita e as dificuldades que sente durante a mesma. Em específico, este trabalho permitiu perceber que no caso das famílias o desafio não está apenas na sua definição ou em entender as suas características, interesses e necessidades, mas também em perceber como providenciar experiências de visita enriquecedoras e relevantes. E nesse contexto, o maior desafio para muitos dos museus concentra-se ainda nas estratégias e metodologias que devem usar para se tornarem espaços *family friendly*.

Desta forma, percebeu-se que um museu que pretenda ser *family friendly* deve, em primeiro lugar, conhecer o seu público-alvo, e para isso muito contribuem as conversas e ligações com famílias que já o visitem; olhar para o seu espaço e pensar se a acessibilidade e conforto físico, cultural e psicológico estão assegurados; estabelecer relações entre o seu acervo e a vida familiar, ou, pensar em que temas desenvolver à volta de objetos que cativem as famílias; divulgar-se como espaço aberto e de suporte a qualquer tipo de família e estilo parental.

A realização do estágio na Casa-Museu confirmou como estes aspetos são importantes não só para o público familiar, mas para todos os visitantes, permitindo tecer algumas considerações sobre aqueles que a visitam. As famílias não são o público com maior representatividade na Casa-Museu, sendo esse lugar ocupado pelas escolas, essencialmente as de 1º ciclo. Este fato deve-se à programação educativa contemplar mais iniciativas para esse segmento. Para aumentar o número de famílias que a visita, a Casa-Museu poderia aproveitar o contacto com as escolas e crianças para fomentar que estas últimas voltem ao museu com a família. De igual forma, a proposta e divulgação de atividades, programas e materiais específicos para as famílias será uma boa estratégia a aplicar para se cativar mais este segmento de público.

O estágio e as tarefas desenvolvidas no seu contexto permitiram atingir pequenas metas pelo percurso até ao objetivo central de trabalho: a proposta de uma atividade e de um

desdobrável como material de apoio para visitas familiares. Contudo, alguns objetivos específicos enunciados inicialmente não foram atingidos, nomeadamente o levantamento e diagnóstico da programação para famílias oferecida pelos Museus Municipais no seu último ano de funcionamento.

O contacto frequente com crianças de diversas idades, com adultos e com seniores nas atividades conduzidas pelo serviço educativo da Casa-Museu permitiram observar o seu comportamento ao longo da visita, entender o que despertava o seu interesse e as dificuldades que mais sentiam. Assim, a coleção de joias é a que desperta o maior interesse e todos ficavam entusiasmados quando tinham oportunidade de a vislumbrar. As atividades com componentes práticas foram claramente as preferidas pelas crianças, que mostraram na sua maioria vontade de comentar e saber mais. O facto de as atividades do sector educativo serem realizadas na Casa-Museu, mas também noutros edifícios da cidade e até pelas ruas da mesma foi essencial para perceber as mudanças na dinâmica dos grupos e dos seus comportamentos perante as condições dos espaços.

Também a integração no grupo de trabalho para famílias forneceu as bases e apoio para se compreender melhor as dinâmicas familiares, principalmente perante os testemunhos e partilha de vivências e histórias das técnicas superiores, e através da criação do *toolkit*. A participação nas reuniões de trabalho do grupo e a definição dos produtos a serem criados no seu contexto levaram à procura por mais informação, conduzindo a mais pesquisas documentais, que por sua vez permitiram enriquecer este Relatório.

Concluindo, a realização deste trabalho permitiu compreender a importância que certos aspetos como o estudo de públicos, comunicação e marketing, e a avaliação apresentam nos museus e no desenvolvimento específico de atividades e programas educativos. A realização do estágio curricular na Casa-Museu Marta Ortigão Sampaio foi uma experiência muito enriquecedora e gratificante, não só por ter permitido colocar em prática os conhecimentos e competências adquiridos ao longo do Mestrado em Museologia, como por fornecer o contexto prático e as ferramentas para a realização do Relatório. Permitiu ainda compreender melhor o mundo dos museus e do seu funcionamento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Agrupamento de Escolas Carolina Michaelis. (2017/2018). *Plano anual de atividades 2017-2018*. Disponível em <https://aecarolinamichaelis.pt/aecm/index.php/orgaos/documentos-orientadores/plano-anual-e-plurianual-de-atividades-2013-14>
- Agrupamento de Escolas Fontes Pereira de Melo. (2015a). *O meu Porto é Património Mundial*. Disponível em <https://www.aefontespmelo.com/o-meu-porto-e-patrimonio-mundial>
- Agrupamento de Escolas Fontes Pereira de Melo. (2015b). *Porto de Crianças*. Disponível em <https://www.aefontespmelo.com/porto-de-criancas>
- Aguiar, L. T. S. H. (2015). Ver, Tocar e Sentir a Maia: Um Projeto de Mediação Patrimonial no Museu de História e Etnologia da Terra da Maia (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Disponível em <http://hdl.handle.net/10216/111482>
- Almeida, M. L. S. de. (2003). *Uma relação prazenteira com o aprender. Os Serviços Educativos de Museus: a Casa-Museu Marta Ortigão Sampaio* (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Disponível em https://sigarra.up.pt/fmup/en/pub_geral.show_file?pi_gdoc_id=563767
- Alves, C. (produtor). (2010, episódio nº 3). Casa-Museu Marta Ortigão Sampaio [Série Casas com História]. Porto: RTP 2. Disponível em <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/casa-museu-marta-ortigao-sampaio/>
- Amaro, F. (2006). *Introdução à Sociologia da Família*. Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas
- Australian Museum. (2018). *Kids at the AM*. Disponível a 23 agosto, 2018 em <https://australianmuseum.net.au/kids-at-the-am>
- Balcão Virtual. (2017). *Actividades infanto-juvenis para crianças e famílias – museus*. Disponível a 22 julho, 2018 em https://balcaovirtual.cm-porto.pt/PT/cidadaos/guiatematico/cul_tur_dpt/at_cult/at_inf_juv_mus/at_inf_juv_para_cri_fami_mus/Paginas/actividade.aspx
- Barriga, S. (2011). *Serviços Educativos em Portugal: Ponto da Situação – Documento de Recomendações*. Comunicação apresentada no Encontro Nacional Serviços Educativos em Portugal: Ponto da situação, Lisboa, 7 fevereiro 2011. Disponível em http://arquivo.icom-portugal.org/iniciativas_seminarios,132,193,detalhe.aspx
- Barros, A. B. S. M. V. (2008). *De Corpo e Alma: Narrativas dos profissionais de educação em Museus da Cidade do Porto* (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Disponível em <http://hdl.handle.net/10216/8486>
- Beaumont, E. & Sterry, P. (2005). *Which families are you attracting? The advantages to museums and art galleries of gathering accurate baseline data on the social composition of family audiences*. University of Salford. Disponível em http://network.icom.museum/fileadmin/user_upload/minisites/mpr/papers/2005-beaumont.pdf
- Bitgood, S. (1993). Social Influences on the Visitor Museum Experience. *Visitor Behavior*, 8 (3), 4-5
- Blud, L. M. (1990a, março). Social interaction and learning in family groups visiting a museum. *International Journal of Museum Management and Curatorship*, 9 (1), 43-51.
- Blud, L. M. (1990b, setembro). Sons and Daughters: Observations on the Way Families Interact during a Museum Visit. *International Journal of Museum Management and Curatorship*, 9 (3), 257-264
- Blue Star Families. (s.d.). *Blue Star Museums Parent Toolkit*. Disponível em https://www.arts.gov/sites/default/files/BSM-Parent_Toolkit.pdf
- Borun, M., Chambers, M. & Cleghorn, A. (1996, junho). Families are Learning in Science Museums. *Curator*, 39 (2), 123-138.
- Borun, M., Chambers, M., Dritsas, J. & Johnson, J. (1997, dezembro). Enhancing Family Learning Through Exhibits. *Curator*, 40 (4), 279-295

- Borun, M., Cleghorn, A. & Garfield, C. (1995, dezembro). Family learning in museums: a bibliographic review. *Curator*, 38 (4), 262-270. Disponível em https://www.academia.edu/6908950/Family_Learning_in_Museums_A_Bibliographic_Review
- Borun, M. & Dritsas, J. (1997, setembro). Developing Family-Friendly Exhibits. *Curator*, 40 (3), 178-196. Disponível em https://www.academia.edu/6908955/Developing_Family-Friendly_Exhibits
- Brown, C. (1995, março). Making the Most of Family Visits: Some Observations of Parents with Children in a Museum Science Centre. *Museum Management and Curatorship*, 14 (1), 65-71
- Câmara Municipal do Porto. (1996). *Casa-Museu Marta Ortigão Sampaio: Exposição da Coleção de Pintura*. Porto: Câmara Municipal do Porto.
- Câmara Municipal do Porto. (2015). *Descobre Outra Cidade*. Disponível a 5 julho, 2018 em <http://www.porto.pt/noticias/descobre-outra-cidade>
- Câmara Municipal do Porto (ed.) (2016). *Brochura Serviço Educativo*. Porto: Câmara Municipal do Porto
- Câmara Municipal do Porto. (2017a). *Casa-Museu Marta Ortigão Sampaio*. Disponível a 5 julho, 2018 em <http://www.cm-porto.pt/cultura/museus-e-arquivos/casa-museu-marta-ortigao-sampaio>
- Câmara Municipal do Porto. (2017b). *Divisão Municipal de Museus e Património Cultural*. Disponível a 5 julho, 2018 em http://centrohistorico.cm-porto.pt/?q=divisao_museus
- Câmara Municipal do Porto. (2017c). *Relatório de Gestão 2017*. Disponível a 7 junho, 2018 em http://www.cm-porto.pt/assets/misc/documentos/Assembleia%20Municipal/2018/Propostas/Rel.%20Contas%20-%20Relatorio%20de%20Gest%C3%A3o_2017.pdf
- Câmara Municipal do Porto (ed.). (2018). *Brochura Serviço Educativo*. Porto: Câmara Municipal do Porto
- Câmara Municipal do Porto (org.). (no prelo). *Casa-Museu Marta Ortigão Sampaio: guia de coleções*.
- Cardoso, V. (2011). *Relíquias passadas no presente* (Relatório de Estágio). Escola Profissional de Tecnologia Psicossocial do Porto
- Casa-Museu Marta Ortigão Sampaio. *Fichas de inventário*.
- Castañon, G. A. (2015, maio). O que é construtivismo?. *Cadernos de História e Filosofia da Ciência*, 1 (2), 209-242. Disponível em <https://www.cle.unicamp.br/eprints/index.php/cadernos/article/view/744>
- Challis, D. (2013, novembro). *How to Develop Learning Programmes and Audience Engagement with Portraits*. Disponível em <https://www.britishportraits.org.uk/resources/toolkits/>
- Choya, M. (2008). *Family Learning in Museums: An Observational Study of the Handling Activities at the Horniman Museum* (Dissertação de Mestrado). Universidade de Gotemburgo. Disponível em https://gu.se/digitalAssets/1170/1170141_Dissertation_Maria.pdf
- Coelho, A. R. (2008). *Experiências de Visita a um Centro de Ciência: um Estudo Qualitativo sobre o Público Não-Escolar do Pavilhão do Conhecimento - Ciência Viva* (Dissertação de Mestrado). ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa. Disponível em <http://hdl.handle.net/10071/1440>
- Colinvaux, D. (2005). Museus de ciências e psicologia: interatividade, experimentação e contexto. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, 12 (suplemento), 79-91. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-59702005000400005&script=sci_abstract&tlng=pt
- Cone, C. A. & Kendall, K. (1978, março). Space, Time, and Family Interaction: Visitor Behavior at the Science Museum of Minnesota. *Curator*, 21 (3), 245-258. Disponível em <https://pdfs.semanticscholar.org/f43a/747903694f6a415ff3059683e5d8bf1355d2.pdf>
- Constituição da República Portuguesa. (1976, revisão de 2005). Diário da República n.º 155/2005, Série I-A de 2005-08-12, 4642-4686. Disponível em <https://dre.pt/web/guest/pesquisa/-/search/243729/details/maximized>
- COOLture Tours. (2018). *About Coolture Tours*. Disponível a 5 julho, 2018 em <https://www.coolturetours.com/>
- Corais, C. (2012). *Expressão e Expressividade no Retrato Naturalista do Séc. XX* (Tese de Doutoramento). Universidade do Minho, Braga. Disponível em <http://hdl.handle.net/1822/24884>

- Coutinho, R. G. (2009). *Questões sobre a formação de mediadores culturais*. Comunicação apresentada no 18º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas: Transversalidades nas Artes Visuais, Salvador, 21-26 setembro 2009, 3737 – 3749. Disponível em http://www.anpap.org.br/anais/2009/pdf/ceav/rejane_galvao_coutinho.pdf
- Dam, R. & Siang, T. (2018). *Personas – A Simple Introduction*. Disponível a 18 setembro, 2018 em <https://www.interaction-design.org/literature/article/personas-why-and-how-you-should-use-them>
- Declaração Universal dos Direitos Humanos. Disponível em <https://dre.pt/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>
- Decreto-Lei n.º 46758 de 18 de dezembro. (1965). *Diário do Governo n.º 286/1965*, Série I, 1696-1705. Disponível em <https://dre.pt/web/guest/pesquisa/-/search/508223/details/normal?q=decreto+lei+46758>
- Decreto-Lei n.º 45/1980 de 20 de março. (1980). *Diário da República n.º 67/1980*, Série I, 493-501. Disponível em <https://dre.pt/web/guest/pesquisa/-/search/678271/details/normal?q=Decreto+lei+45%2F80>
- Denver Art Museum (2013). *Kids & Their Grownups: New insights on developing dynamic museum experiences for the whole family* (Relatório). Disponível em <https://denverartmuseum.org/about/research-reports>
- Diamond, J. (1986, junho). The Behavior of Family Groups in Science Museums. *Curator*, 29 (2), 139-154. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/227981872_The_Behavior_of_Family_Groups_in_Science_Museums
- Dias, I. (2015). *Sociologia da Família e do Género*. Lisboa: PACTOR – Edições de Ciências Sociais, Forenses e Educação.
- Dierking, L. D. (1989). The Family Museum Experience: Implications from Research. *Journal of Museum Education*, 14 (2), 9-11. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/284256329_The_Family_Museum_Experience_Implications_from_Research
- Duarte, J. F. T. (2011). *Retratos dos Benfeitores da Santa Casa da Misericórdia do Peso da Régua no Museu do Douro: Estudo da Coleção* (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Disponível em <http://hdl.handle.net/10216/57347>
- Ellenbogen, K. (2002). Museums in Family Life: An Ethnographic Case Study. In G. Leinhardt, K. Crowley & K. Knutson, *Learning Conversations in Museums* (81-101). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Ellenbogen, K., Luke, J. & Dierking, L. (2004, junho). Family Learning Research in Museums: An Emerging Disciplinary Matrix?. *Wiley InterScience*, 88 (1), 48-58. Disponível em <http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.473.5485&rep=rep1&type=pdf>
- Engage. (2004/2005). *Making Connections Toolkit: Early Years and Families*. Disponível em <https://www.engage.org/toolkits>
- Falk, J. H. (1991, março). Analysis of the Behavior of Family Visitors in Natural History Museums: The National Museum of Natural History. *Curator*, 34 (1), 44-50
- Falk, J. H. & Dierking, L. D. (2000). *Learning from Museums: Visitor Experiences and the Making of Meaning*. Walnut Creek: AltaMira Press.
- família* in Dicionário infopédia da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2017. Disponível 5 outubro, 2017 em <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/familia>
- Faria, A. (2012). *As Novas Famílias do Século XXI*. Lisboa: Coisas de Ler.
- Faria, M. L. (2000, julho). Educação-Museus-Educação. Projecto: Museus e Educação, Instituto de Investigação Científica Tropical - IICT. Disponível em http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/2011/historia/6faria_artigo.pdf
- Fernandes, O. & Maia, C. (2015). *A Família Portuguesa no Século XXI*. Lisboa: Edições Parsifal.

- Ferreira, I. (2001). *“À Descoberta dos Museus do Porto”*. Um programa para Famílias (Relatório final). Porto
- Ferreira, I. (2014, março). Objetos mediadores em museus. *MIDAS Museus e Estudos Interdisciplinares*, 4, 1-15. Disponível em <https://journals.openedition.org/midas/676>
- Ferreira, I. (2015a). Criatividade nos Museus: Espaços entre e elementos de mediação (Tese de Doutoramento). Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Disponível em <http://hdl.handle.net/10216/83987>
- Ferreira, I. (2015b). Promover a criatividade nos museus. Facilitadores, bloqueios e estratégias. In A. Semedo, S. Senra & T. Azevedo (ed.) *Processos de musealização: Um seminário de investigação internacional. Atas do Seminário* (387-405). Disponível em <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/13459.pdf>
- Figurello, G. R. (2015). Os Serviços Educativos em Museus Portugueses: Uma Contextualização Histórica. *Cadernos de Sociomuseologia*, 6, 115–135. Disponível em <http://recil.grupolusofona.pt/handle/10437/7710?show=full>
- Flor, P. (2008). A arte do retrato em Portugal nos séculos XV e XVI: problemas, metodologia, linhas de investigação. *Revista de História da Arte*, 5, 114–131. Disponível em <http://hdl.handle.net/10362/12604>
- Free, M. (2009). *Can a 'Portrait' paint a thousand scholarly words?*. Comunicação apresentada na ACUADS 2009 Conference: Interventions in the Public Domain, Brisbane. Disponível em <http://hdl.handle.net/10072/29954>
- Fundação Francisco Manuel dos Santos. (2018). *PORDATA – Famílias*. Disponível a 15 setembro, 2018 em <https://www.pordata.pt/Subtema/Portugal/Fam%C3%ADlias-29>
- Fundação Portuguesa das Comunicações. (2016). *Atividades*. Disponível a 26 agosto, 2018 em <http://www.fpc.pt/pt/atividades/>
- Gaskins, S. (2016). Children’s Learning in Museums with Their Families. In Ministry of Culture and Tourism (org.), *25th International Museology and Rescue Excavation Symposium*, (451–472). Antalya, Turquia. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/319553058_Children%27s_Learning_in_Museums_with_their_Families
- Gomes, C. (2015). A Família hoje. *Revista Portuguesa de Bioética: cadernos de bioética*, 22, 9–22
- Gómez Redondo, C. (2013). *Procesos de patrimonialización en el arte contemporáneo: diseño de un artefacto educativo para la identización* (Tese de Doutoramento.) Universidade de Valladolid. Disponível em <https://uvadoc.uva.es/bitstream/10324/3568/1/TESIS350-130920.pdf>
- Gómez Redondo, C. & Fontal Merillas, O. (2017, maio). Procesos de identización en el arte contemporáneo: construir una identidad colectiva a través de una cartografía identitaria en la red. *Cuadernos de Música, Artes Visuales y Artes Escénicas*, 12 (2), 299–319. Disponível em <https://doi.org/10.11144/Javeriana.mavae12-2.piac>
- Gómez Redondo, C. (2018). *Técnicas artísticas como metáfora de processos de patrimonialização*. Comunicação apresentada em workshop, Museu do Vinho do Porto, 15-16 fevereiro 2018.
- Gonçalves, S. C. F. N. (2013). *A Arte do Retrato em Portugal no Tempo do Barroco (1683-1750): Conceitos, Tipologias e Protagonistas* (Tese de Doutoramento). Universidade de Lisboa. Disponível em <http://hdl.handle.net/10451/8491>
- Guggenheim. (2016). *Tips for Parents*. Disponível em <https://www.guggenheim.org/wp-content/uploads/2016/07/guggenheim-tips-for-parents-2016.pdf>
- Hein, G. E. (1995). The Constructivist Museum. *Journal for Education in Museums*, 16, 21–23. Disponível em <http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.461.3236&rep=rep1&type=pdf>
- Hein, G. E. (2004, outubro). John Dewey and Museum Education. *Curator*, 47 (4), 413–427. Disponível em http://www.george-hein.com/downloads/Hein_DeweyMuseumEd.pdf
- Hein, G. E. (2006). Museum Education. In S. Macdonald, *A Companion to Museum Studies* (340–352). Disponível em <http://scholar.fju.edu.tw/%E8%AA%B2%E7%A8%8B%E5%A4%A7%E7%B6%B1/upload/054117/handout/961/G-1561-16122-.pdf>

- Hilke, D. D. (1989, janeiro). Strategies for Family Learning in Museums. *Visitor Studies*, 1 (1) 120–134. Disponível em <http://informalscience.org/strategies-family-learning-museums>
- Hood, M. G. (1989). Leisure Criteria of Family Participation and Nonparticipation in Museums. *Marriage & Family Review*, 13 (3–4), 151–169.
- Hooper-Greenhill, E. (1991). *Writing a Museum Education Policy*. Leicester: University of Leicester
- Hooper-Greenhill, E. (1996). *Improving Museum Learning*. Nottingham: East Midlands Museums Service
- Hooper-Greenhill, E. (1998). *Los Museos y sus visitantes*. Gijón: Ediciones Trea
- ICOM. (2004). *Running a Museum: A Practical Handbook*. Paris: Franly S.A
- ICOM. (2009). *Development of the Museum Definition according to ICOM Statutes (2007–1946)*. Disponível a 6 julho, 2018 em http://archives.icom.museum/hist_def_eng.html
- INE. (2003). *Censos - Antecedentes, metodologias e conceitos - 2001*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística. Disponível em https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOESpub_boui=11067301&PUBLICACOESmodo=2
- INE. (2011). *Dados estatísticos*. Disponível a 15 setembro, 2018 em https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_base_dados
- Jonchéry, A. (2008, janeiro). Se rendre au musée en famille. *La Lettre de l'OCIM*, 115, 4–14. Disponível em <http://doc.ocim.fr/LO/LO115/PP.4-14.pdf>
- Jonchéry, A. & Biraud, S. (2014, janeiro). Musées en famille, familles au musée: de l'expérience de visite des familles à des politiques muséales spécifiques. *Informations Sociales*, 181, 86–95. Disponível em <https://www.cairn.info/revue-informations-sociales-2014-1-page-86.htmUR>
- Kelly, L., Savage, G., Griffin, J. & Tonkin, S. (2004). *Knowledge Quest: Australian Families Visit Museums*. Australian Museum e National Museum of Australia. Disponível em <http://web1.australianmuseum.net.au/uploads/documents/2593/knowledge-quest.pdf>
- Kids in Museums. (2018). *Homepage*. Disponível a 23 agosto, 2018 em <https://kidsinmuseums.org.uk/>
- Lei nº 47/2004. (2004). Lei Quadro dos Museus Portugueses. *Diário da República n.º 195/2004*, Série I-A de 2004-08-19, 5379–5394. Disponível em <https://dre.pt/pesquisa/-/search/480516/details/maximized>
- Marandino, M. (org.). (2008). *Educação em museus: a mediação em foco*. São Paulo: Geenf -- Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Não-formal e Divulgação em Ciência/FEUSP. Disponível em https://www.academia.edu/7869590/Educa%C3%A7%C3%A3o_em_museus_a_media%C3%A7%C3%A3o_em_foco?
- Martins, P. (2013). A Inclusão Social tem Influência nas Práticas Museais? O acesso dos públicos com deficiência. *MIDAS - Museus e estudos interdisciplinares*, 2, 1–13. Disponível em http://www.deficienciavisual.pt/txt-praticas_museais.htm#Conceito_de_acessibilidades_em_museus
- Martins, P. & Semedo, A. (2017). Deficiência e exclusão social: o papel da representação no contexto dos museus. *Journal of Studies on Citizenship and Sustainability*, 3, 41–54. Disponível em <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/110432>
- Milligan, M. & Brayfield, A. (2004, agosto). Museums and Childhood. Negotiating organizational lessons. *Childhood*, 11 (3), 275–301. Disponível em <http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.464.4059&rep=rep1&type=pdf>
- Morais, M. A. L. V. V. (2001). *Pintura nos Séculos XVIII e XIX na Galeria de Retratos dos Benfeitores da Santa Casa da Misericórdia do Porto* (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Disponível em <http://hdl.handle.net/10216/18490>
- Moura, C. (2011). *O Pulsar de Meio Século (1953-2011): Historial crítico sobre os Serviços Educativos dos Museus do Estado*. Comunicação apresentada no Encontro Nacional Serviços Educativos em Portugal: Ponto da situação, Lisboa, 7 fevereiro 2011. Disponível em http://arquivo.icom-portugal.org/iniciativas_seminarios,132,193,detalhe.aspx








- Murdock, G. (1949). *Social Structure*. Oxford: Macmillan Co. Disponível em <https://archive.org/details/socialstructurem00murd>
- Museu da Marioneta. (2018a). *Dossiers Pedagógicos*. Disponível a 26 agosto, 2018 em <http://www.museudamarioneta.pt/pt/servico-educativo/dossiers-pedagogicos/>
- Museu da Marioneta. (2018b). *Famílias*. Disponível a 26 agosto, 2018 em <http://www.museudamarioneta.pt/pt/servico-educativo/familias/>
- Museum of Modern Art. (2018). *Families*. Disponível a 15 julho, 2018 em <https://www.moma.org/visit/families>
- National Museums Liverpool. (2018). *Homepage*. Disponível a 26 agosto, 2018 em <http://www.liverpoolmuseums.org.uk/>
- Nunes, A. (2013). Novos desafios, novas conquistas: renovação do serviço educativo do Museu Marítimo de Ílhavo. In A. Semedo, F. Couto, P. Rodrigues & S. Senra (org.), *Ensaio e Práticas em Museologia* (vol. 3, 9-25). Porto: Universidade do Porto, Faculdade de Letras, DCTP. Disponível em <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/11614.pdf>
- Observatorio de Educación Patrimonial en España. *Base OEPE*. Disponível a 15 setembro, 2018 em <http://www.oepe.es/>
- Osswald, H. (2015). A Compreensão Histórica da Família. *Revista Portuguesa de Bioética: cadernos de bioética*, 22, 31-42
- Pereira, A. C. V. (2015). *Avaliação das práticas de mediação cultural: o caso do Museu Casa do Infante* (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Disponível em <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/81349/2/37141.pdf>
- Pinheiro, T. M., Szaniecki, B. & Monat, A. (2016, maio). O uso da metodologia de personas na produção de hipermídia adaptativa para visitas guiadas a museus. *DAPesquisa*, 11 (15), 255-270. Disponível em <http://www.revistas.udesc.br/index.php/dapesquisa/article/view/6991>
- Pumpkin Enterprises. (2018). *Homepage*. Disponível a 15 setembro, 2018 em <https://pumpkin.pt/>
- Renaissance North West. (2009). *Developing and suporting family learning in museums and galleries*. Disponível em <https://museumdevelopmentnorthwest.files.wordpress.com/2012/06/family-learning.pdf>
- Renaissance South East. (2010). *Providing for under 5s and families in museums*. Disponível em <https://abcofworkingwithschools.files.wordpress.com/2011/06/eys-epack-web-ready.pdf>
- Rodrigues, D. M. F. (2012). *Estudo de Públicos do Museu Municipal de Penafiel* (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Disponível em <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/72226>
- Rogers, A. (2004). Looking again at non-formal and informal education – towards a new paradigma. *The encyclopaedia of informal education*. Disponível em www.infed.org/biblio/non_formal_paradigm.htm
- Roque, M. I. R. (1990). *A Comunicação no Museu* (Dissertação Final de Curso de Pós Graduação). Universidade Lusíada de Lisboa. Disponível em <http://dited.bn.pt/31586/2573/3088.pdf>
- Sandifer, C. (1997, maio). Time-Based Behaviors at an Interactive Science Museum: Exploring the Differences between Weekday/Weekend and Family/Nonfamily Visitors. *Science Education*, 81 (6), 689-701. Disponível em <https://tigerweb.towson.edu/csandife/scied1997.pdf>
- Santos, J. C. (2014). *Públicos dos Museus: um estudo qualitativo sobre as visitas em família – o caso do Museu da Eletricidade* (Dissertação de Mestrado). ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa. Disponível em <https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/9424/1/DISSERTA%C3%87%C3%83O%20-%20Joana%20Santos.pdf>
- Schänzel, H. & Smith, K. (2014). The Socialization of Families Away from Home: Group Dynamics and Family Functioning on Holiday. *Leisure Sciences: An Interdisciplinary Journal*, 36 (2), 126-143
- Scottish Arts Council. (s.d). *Family Friendly Guidelines 1: Making your arts venue family friendly - Getting started*. Disponível em http://www.culturehive.co.uk/wp-content/uploads/2013/04/Making_your_arts_venue_family_friendly_-_Getting_Started.pdf

- Semedo, A. & Freitas, V. N. (2017). Enquadramentos reenquadramentos pedagógicos da autoridade em museus. In A. S. Neto & I. Fortunato, *Educação não formal e museus: aspectos históricos, tendências e perspectivas* (48-63). Disponível em https://www.academia.edu/34379955/Semedo_A._and_Freitas_V._2017_Enquadramentos_e_reenquadramentos_pedag%C3%B3gicos_da_autoridade_em_museus
- Semedo, A. (no prelo). *Educação: Museu da Cidade do Porto*. Porto: CITCEM / Câmara Municipal do Porto. Edição policopiada
- Semedo, A., Ganga, R. & Oliveira, C. (2018). *Visitar museus e monumentos: Um estudo piloto de fatores motivacionais*. Porto: DRCN
- Serralves. (2018a). *Crianças e Famílias*. Disponível a 12 setembro, 2018 em <https://www.serralves.pt/pt/educacao/criancas-e-familias/>
- Serralves. (2018b). *Programas Educativos*. Disponível a 12 setembro, 2018 em <https://www.serralves.pt/pt/educacao/o-servico-educativo-da-fundacao-de-serralves/>
- Simplício, S. (2010). *Públicos do Museu Nacional de Arte Contemporânea – Museu do Chiado*. (Dissertação de Mestrado). ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa. Disponível em <http://hdl.handle.net/10071/2330>
- Singly, F. (2003). La Famille Individualiste face aux pratiques culturelles. Em O. Donnat & P. Tolila (Dir.), *Le(s) Publique(s) de la Culture* (43-57)
- Sousa, M. M. V. (2015). *Público(s) do Museu Calouste Gulbenkian* (Dissertação de Mestrado). ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa. Disponível em <http://hdl.handle.net/10071/11635>
- Stanton, S. (1999). Museums, Families and Cultural Models. *Visitor Studies Today!*, 2 (3), 6-9. Disponível em http://kora.matrix.msu.edu/files/31/173/1F-AD-2E2-8-VSA-a0a6x6-a_5730.pdf
- Sterry, P. & Beumont, E. (2005). *Family Group Visitors to Museums and Art Galleries in the UK: Victoria & Albert Museum* (Relatório Fase 1). Disponível em https://www.vam.ac.uk/_data/assets/pdf_file/0008/178748/family_groups_phase1_2005.pdf
- Sterry, P. & Beaumont, E. (2006, setembro). Methods for studying family visitors in art museums: A cross-disciplinary review of current research. *Museum Management and Curatorship*, 21 (3), 222-239
- Studart, D. C. (2000). *The Perceptions and Behaviour of Children and Their Families in Child-orientated Museum Exhibitions* (Tese de Doutoramento). University College London. Disponível em <http://discovery.ucl.ac.uk/1318009/1/313336.pdf>
- Studart, D. C. (2005). Museus e famílias: percepções e comportamentos de crianças e seus familiares em exposições para o público infantil. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, 12, 55-77. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-59702005000400004>
- The Audience Agency. (2001). *Family Friendly Campaign—Final Report* (Relatório). Disponível em http://www.culturehive.co.uk/wp-content/uploads/2013/04/BO_Family-Friendly-Campaign_Final-Report-2001.pdf
- The Franklin Institute. (2018). *Museum Learning Research*. Disponível a 15 setembro, 2018 em <https://www.fi.edu/museum-learning-research>
- USS Constitution Museum. (2015). *Family Learning Project*. Disponível a 15 setembro, 2018 em <https://ussconstitutionmuseum.org/about-us/family-learning-project/>
- Vicente, F. L. (2016). *Aurélia de Sousa: Mulher Artista (1866-1922)*. Câmara Municipal do Porto e Câmara Municipal de Matosinhos. Lisboa: Tinta-da-china.
- Victoria & Albert Museum. (2018). *Families*. Disponível a 15 setembro, 2018 em <https://www.vam.ac.uk/whatson/programmes/family>
- World of Discoveries. (2018). *Visita guiada por Vasco da Gama*. Disponível a 26 agosto, 2018 em <https://www.facebook.com/WoDPorto/photos/a.290872627748667/1098939166942005/?type=3&theater>

Wu, K. (2007). What do families with children need from a museum?. *Cultural Policy, Criticism and Management Research*, 2, 1-17. Disponível em https://culturalpolicyjournal.files.wordpress.com/2011/05/ejournal2_wu.pdf

ANEXOS

Anexo A – Modelo Lógico de desenvolvimento de programas de educação para o Museu da Cidade do Porto

INPUTS 	OBJETIVOS 	ATIVIDADES E OUTPUTS 		CRONOGRAMA 	RESULTADOS 			INDICADORES DE RESULTADOS 	MEDIDAS 
<p>Listar os recursos humanos, financeiros e museológicos (ex. coleções) necessários para o desenvolvimento e implementação do programa</p> <p>(o que é necessário investir; recursos envolvidos: pessoal, materiais, parceiros, financiamento)</p>	<p>Declarar objetivos gerais e específicos. Os objetivos devem ser SMART</p> <p>(o que queremos alcançar...)</p>	<p>Atividades e Produtos Diretos Descrever atividades, eventos, produtos e serviços desenvolvidos para alcançar os públicos definidos como sendo prioritários para o projeto</p> <p>(o que fazemos; o que criamos)</p>	<p>Participantes Descrever os públicos prioritários para quem se destina o projeto e que evidências ou prestação de serviços esperamos produzir, uma vez realizadas, essas atividades</p> <p>(quem queremos alcançar; evidências de alcance / evidências da prestação de serviços)</p>	<p>Tempo Calendarização de fases de desenvolvimento do programa: atividades, outputs, avaliação, etc.</p> <p>(quando o fazemos)</p>	<p>Curto prazo Resultados em termos de aprendizagem Descrever resultados imediatos esperados, por exemplo, alterações de conhecimento, atitudes, etc. relacionadas diretamente com a sua participação no projeto</p> <p>(Conhecimento, atitudes, competências e aspirações)</p>	<p>Médio prazo Resultados em termos de alterar uma ação Descrever resultados esperados no comportamento dos participantes no projeto: que comportamentos se espera que os participantes alterem por terem participado no projeto? Estes resultados tendem a ocorrer após mudanças anteriores relacionadas com o conhecimento, atitudes, competências ou aspirações</p> <p>(Práticas e comportamentos)</p>	<p>Longo prazo Resultados em termos de alterar uma condição de vida Descrever os impactos finais pretendidos e podem estar relacionados com diferentes dimensões. Estas consequências devem ocorrer após um certo número de mudanças comportamentais ter ocorrido</p> <p>(Condições culturais, sociais, económicas, ambientais, outras)</p>	<p>Por exemplo: nº de participantes, conhecimentos e competências alcançadas, mudança de atitudes, etc.; utilização de base de indicadores GLO e GSO; incluir também indicadores de atividade e outputs</p> <p>(como sabemos?)</p>	<p>As medidas qualificam e quantificam o modo como as atividades ou outputs de um processo atingem as suas metas e objetivos. Medidas quantitativa, como inquéritos e aplicação de escalas, e qualitativa, como grupos de discussão, entrevistas e observação</p> <p>(como sabemos?)</p>

(Fonte: Semedo, no prelo.)

ANEXO B – Atividades com fotografia estenopeica que serviram de inspiração para a proposta de atividade



Retratos em Família laboratório de fotografia artesanal



Sabiam que uma caixa pode ser transformada numa câmara fotográfica? E que na cozinha podemos encontrar os químicos para revelar fotografias? Nesta oficina, vamos construir uma câmara fotográfica para fazermos retratos de família inspirados nos nossos antepassados. No fim desta aventura, levaremos para casa um objeto fotográfico em jeito de retrato, uma “caixa moldura”, onde serão guardadas memórias preciosas, como se de um guardajoias se tratasse.

famílias até 3 pessoas: €40 (grupos maiores + € 10/pessoa)

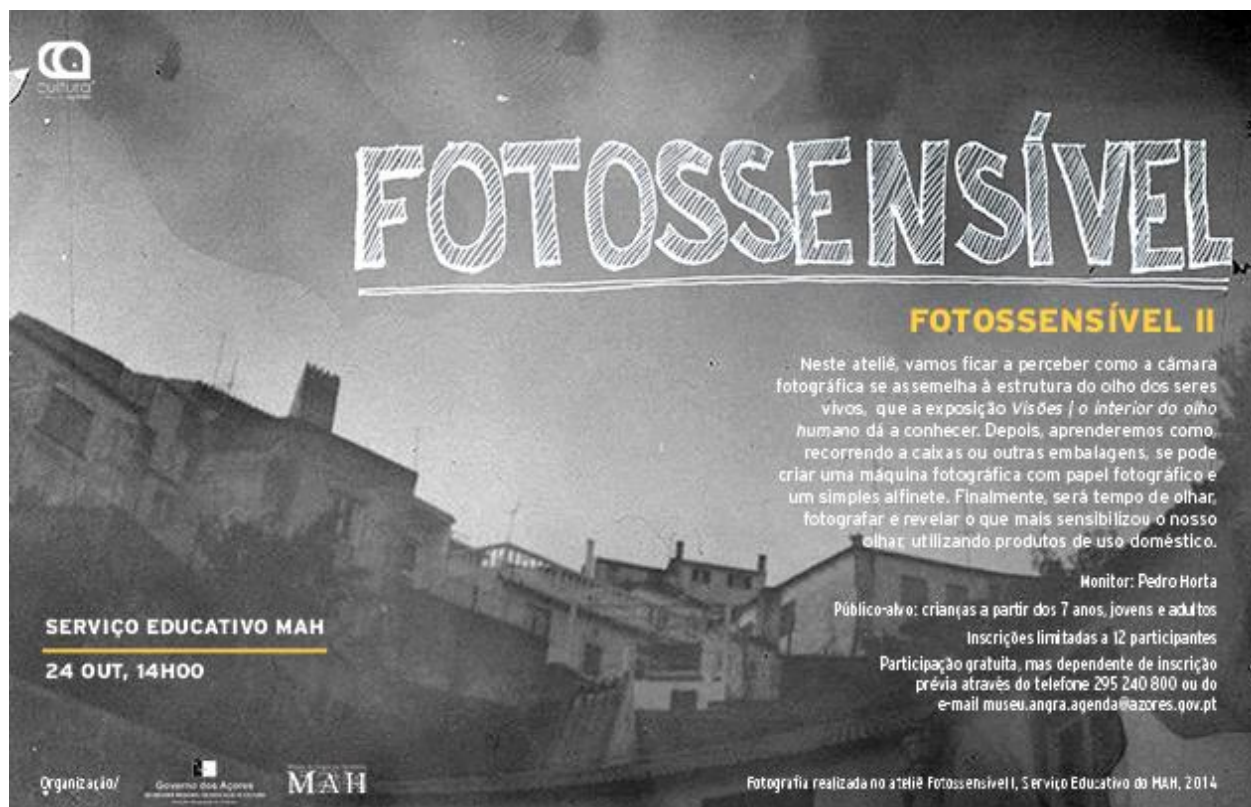
local: Museu Nacional de História Natural e da Ciência

inscrições: geral@imagerieonline.com | 916 199 408

+informações: imagerieonline.com

IMAGERIE
CASA DE IMAGENS

Fonte: <http://imagerie.imagerieonline.com/retratos-em-familia/>



FOTOSSENSÍVEL

FOTOSSENSÍVEL II

Neste ateliê, vamos ficar a perceber como a câmara fotográfica se assemelha à estrutura do olho dos seres vivos, que a exposição *Visões / o interior do olho humano* dá a conhecer. Depois, aprenderemos como, recorrendo a caixas ou outras embalagens, se pode criar uma máquina fotográfica com papel fotográfico e um simples alfinete. Finalmente, será tempo de olhar, fotografar e revelar o que mais sensibilizou o nosso olhar, utilizando produtos de uso doméstico.

Monitor: Pedro Horta
Público-alvo: crianças a partir dos 7 anos, jovens e adultos
Inscrições limitadas a 12 participantes
Participação gratuita, mas dependente de inscrição prévia através do telefone 295 240 800 ou do e-mail museu.angra.agenda@azores.gov.pt

SERVIÇO EDUCATIVO MAH
24 OUT, 14H00

Organização/
Governo dos Açores
Museu de Arte e História
MAH

Fotografia realizada no ateliê Fotosensível II, Serviço Educativo do MAH, 2014

Fonte: <http://fotodecartao.blogspot.com/2015/10/workshop-de-pinhole-museu-de-angra.html>

APÊNDICES

Apêndice A – Quadro analítico dos estudos de público, com referência para as características das famílias, as motivações para visitar museus e os comportamentos observados e apontados nesses estudos

Estudos internacionais			
Estudo	Principais resultados		
	Caraterística	Motivações	Comportamentos
D.D. Hilke (1988)	<ul style="list-style-type: none"> • Agenda pessoal a seguir (p. 123) • A experiência familiar na exposição é uma experiência social (p. 123) 	<ul style="list-style-type: none"> • Envolvimento em atividades que promovem a aprendizagem pessoal e em grupo (p. 124) 	<ul style="list-style-type: none"> • 86% do que os visitantes disseram ou fizeram relacionava-se com a exposição (p. 121) • 66% do comportamento do visitante relacionava-se com o ganhar ou trocar informação (p. 121) • O comportamento familiar é inteligente e sistemático (p. 121) • Maior tendência para se descobrir as coisas por conta própria do que pedir ajuda a outro membro da família (p. 122)
Christine Brown (1995)	<ul style="list-style-type: none"> • As habilidades da criança são potenciadas com as respostas ativas dos pais, com a partilha de conhecimento e discussão entre os vários membros da família (p. 70) 		<ul style="list-style-type: none"> • Oito tipos de resposta parental: zelador (o/a pai/mãe dá liberdade à criança de aproveitar a exposição, mas mantém-se próximo/a; fala com outros pais e por vezes nem se interessa com o que a criança está a experimentar), suporte (explica à criança como fazer as coisas, mas não as faz por ela), ajudante (ajuda mal percebe que a criança está com dificuldade), iniciante (o/a pai/mãe inicia a

			<p>atividade como amostra para a criança e deixa-a continuar), assistente (a criança tem plena autonomia, os pais só ajudam pela maior destreza, são simplesmente um par de mãos extras), parceiro (quando são necessárias duas pessoas para certa atividade e o/a pai/mãe a realiza com a criança), líder (o/a pai/mãe inicia a atividade e tem sempre a iniciativa, apenas deixa a criança experimentar em coisas mais pequenas), demonstrador (pai/mãe realiza a atividade toda, a criança apenas assiste) (pp. 67-68)</p>
Cody Sandifer (1997)	<ul style="list-style-type: none"> • Multigeracional (p. 692) 		<ul style="list-style-type: none"> • Os visitantes familiares, independentemente do dia, são os que passam mais tempo na exposição/museu (p. 689)
Denise Studart (2005)	<ul style="list-style-type: none"> • Tem influência na formação dos hábitos culturais das crianças (p. 56) 	<ul style="list-style-type: none"> • Pais consideram os museus locais relaxados, agradáveis, divertidos e educativos para as suas crianças aprenderem (pp. 62-63) 	<ul style="list-style-type: none"> • 61% das crianças preferem visitar exposições em família do que com a escola (p. 63) • Famílias com crianças mais novas têm carácter mais atencioso e passam mais tempo na exposição (p. 68) • Os rapazes interagiram mais com as exposições do que as raparigas (p. 69) • Foram observados três tipos de conversa familiares, com grande tendência para os tipos “dizer o que fazer” e a simples conversa entre adultos e crianças, em oposição à explicação de algo (p. 72)
Anne Jonchéry (2008)	<ul style="list-style-type: none"> • A presença familiar nos museus tem crescido constantemente (p. 4) 	<ul style="list-style-type: none"> • Visar os benefícios pessoais e educacionais da criança (p. 8) 	

	<ul style="list-style-type: none"> • Marco e microcosmo revelador do social (p. 4) • Instância de socialização e órgão de transmissão da prática de visitas a museus. É no seio da família que se dá a construção da identidade e o desenvolvimento infantil (p. 5) 	<ul style="list-style-type: none"> • Pais veem a visita ao museu como uma forma de investimento no futuro educativo das crianças (p. 8) • A visita familiar combina várias motivações, fazendo parte de um ato educativo polissêmico (p. 9) • Convívio entre os vários membros da família (p. 9) 	
--	---	---	--

Estudos nacionais			
Estudo	Principais resultados		
	Caraterística	Motivações	Comportamentos
Ana Coelho (2008)	<ul style="list-style-type: none"> • Principal agente de socialização da criança (p. 15) • São os visitantes não-escolares mais preponderantes no museu (p. 151) 	<ul style="list-style-type: none"> • Visita a uma exposição por se relacionar com os conteúdos escolares da criança (p. 78) • Procura de momentos de lazer e qualidade partilhados em família (p. 79) • Interesse que o lugar pode ter para as crianças (p. 80) • Fatores como a escolaridade, profissão, interesses pessoais, modalidades de acompanhamento e o conhecimento prévio do espaço influenciam as motivações de visita e de comportamento (p. 84) • Convívio em família num espaço “diferente” (p. 145) 	<ul style="list-style-type: none"> • Quatro tipos de demonstrações nos visitantes: afetiva (demonstram uma linguagem corporal positiva e leem os textos explicativos); social (cooperam e debatem ideias entre si); de competências (demonstram capacidades de observação, destreza manual e dedução) e pessoal (convidam outros para partilhar a experiência) (pp. 25-26) • Quanto ao comportamento adotado pelos adultos, alguns deixam as crianças “brincar”, enquanto outros explicam e motivam-nas a experimentar (p. 57) • O depoimento de alguns visitantes identificou o comportamento impróprio de outros, muitas vezes crianças (p. 117)

Joana Santos (2014)	<ul style="list-style-type: none"> • Metade dos públicos do museu são famílias (p. iii) • Exercem um papel importante na estimulação do gosto cultural das crianças (p. 4) • Grupo social (p. 5) • Apresentam cada vez mais novas formas (p. 17) • Grupo multigeracional (p. 17) • Composição variada – a autora reconheceu sete tipos de famílias (pais e filhos; pai/mãe com filho(s); família com enteados/padrastos; três gerações; avôs e netos; pai e/ou mãe, filhos e outros; outros casos – crianças com tios, irmãos) (p. 39) • Diferentes trajetórias de vida (p. 78) 	<ul style="list-style-type: none"> • Aprendizagem e a educação (p. 20) • Não há apenas um motivo, mas um cruzamento de vários (p. 21) • Levar as crianças ao museu para conviverem com outras (p. 56) • Pais que vão por usufruto próprio, para incentivar os filhos a práticas culturais, e outros que equilibram estas duas motivações (p. 61) 	<ul style="list-style-type: none"> • Famílias que visitaram as diferentes exposições do museu apresentaram comportamentos diferentes (p. 69)
Alice Semedo, Rafaela Ganga e Célia Oliveira (2018)	<ul style="list-style-type: none"> • Os pais assumem o papel de “educadores” durante a visita (p. 9) 	<ul style="list-style-type: none"> • Quatro dimensões centrais: aprendizagem e descoberta; escapismo/recuperação; interação social; autorrealização (p. 4) • O passeio e as férias foram o modo preferido de visita familiar de alguns dos entrevistados (p. 4) • Nos grupos familiares, a visita é vista como oportunidade de aprender de forma diferente (p. 7) • Atividade de socialização produtiva (p. 8) 	<ul style="list-style-type: none"> • Na visita em família, os adultos dirigem a atenção de aprendizagem para as crianças e não para si mesmos (p. 8) • Famílias com crianças mais pequenas distraem-se mais facilmente e têm dificuldade em ler alguns dos textos (p. 27)

		<ul style="list-style-type: none"> • Em família procura-se tempo de qualidade e que ofereça novidade (p. 9) • Interação social e fortalecimento de coesão familiar (p. 40) 	
Diana Rodrigues (2012)	<ul style="list-style-type: none"> • A estrutura familiar é capaz de produzir as percepções, ações e gostos culturais (p. 43) 	<ul style="list-style-type: none"> • 50% dos visitantes tem como motivação a visita, pela primeira vez, ao museu (p. 46) • 17,9% dos visitantes teve como motivação a revisita do museu (p. 46) • 12,5% dos visitantes apresentou a visita à exposição permanente como motivação (p. 46) • 8,9% dos visitantes apresentou a visita à exposição temporária como principal motivação (p. 46) • 7,1% tiveram outras motivações (p. 46) • 3,6% dos visitantes foram integrados numa visita em grupo (p. 46) 	<ul style="list-style-type: none"> • A maioria dos entrevistados admitiu ter por hábito em criança visitar museus ou espaços culturais com a família e a escola (p. 39) • O enraizamento cultural por parte dos progenitores e a frequência dos temas relacionados com arte e cultura no seio da família denotou-se na maioria dos entrevistados (pp. 55 e 65)
Inês Ferreira (2001)	<ul style="list-style-type: none"> • Grupo social multigeracional (p. 5) • Grupo com necessidades e comportamentos específicos (p. 8) • Formação bastante variada (p. 8) • As famílias são uma parte significativa dos públicos dos museus (p. 9) 	<ul style="list-style-type: none"> • A maioria dos pais gosta de visitar museus com os filhos (p. 13) • A dificuldade em explorar o museu com as crianças e a existência de outros programas mais atrativos são as razões apontadas para a pouca frequência nos museus (p. 14) 	<ul style="list-style-type: none"> • 50% das famílias consultadas visitam museus entre duas a cinco vezes por ano (p. 13) • Famílias com crianças no 1º ciclo visitam museus mais frequentemente (p. 13) • Famílias com crianças no ensino privado visitam museus mais frequentemente (p. 13) • Nas visitas-oficina a posição dos adultos é quase sempre de observadores. Embora por vezes interfiram negativamente na prática das

	<ul style="list-style-type: none"> • Incluem elementos com diferentes idades, interesses, níveis socioeconómicos e educativos (p. 9) • Passear ao ar livre é um dos passatempos de tempo livre mais atrativo para famílias (p. 27) 		<p>crianças, a sua presença sobrepõe-se aos inconvenientes (p. 37)</p> <ul style="list-style-type: none"> • Os adultos têm um papel ativo nos percursos pelo museu, orientando as crianças (p. 41) • Nos carrinhos de atividades, maioria dos adultos e crianças participam entusiasticamente, enquanto alguns adultos pedem à criança para ser ela a fazer a atividade (p. 43)
--	--	--	---

Apêndice B – Exercício de construção de personas

Para este exercício recorreu-se aos dados da PORDATA e do INE, a fim de se verificarem as composições e dimensões familiares mais representadas no país. Assim, em 2011, segundo os Censos desse mesmo ano, existiam no país 4 048 559 famílias, com uma dimensão média de 2,6 indivíduos (2,5 em 2017 segundo a PORDATA). Esses dados davam conta que a tipologia familiar mais comum eram os casais de direito com filhos, seguida dos casais de facto com filhos e depois as famílias monoparentais. Cruzando estes dados com os apontamentos retirados da revisão bibliográfica, optou-se por construir as seguintes personas:



Fonte: <https://static.quizur.com/i/b/57ed389e2f6693.57330237familia.png>

Família nuclear (com dois filhos)

Constituída por quatro elementos: Diogo (52 anos) casado com Anabela (49 anos) e os filhos Tiago (18 anos) e Catarina (10 anos).

Diogo trabalha numa fábrica automóvel, em horário fixo (8h00 às 17h00) com folgas rotativas. Gosta de passar tempo com a família, especialmente a ensinar mecânica ao filho Tiago, aprecia tardes no café a ver futebol com os amigos. Sonha subir na carreira e chegar a responsável de seção. Não tem por hábito visitar museus. Anabela trabalha numa loja de retalho, 10h00 às 19h00 e folga aos fins de semana. Gosta de passar tempo com a família, de passeios ao ar livre e ler romances. Não visita museus regularmente, se o fizer é em família e por interesse dos filhos. Aspira, um dia, ir de férias para uma ilha paradisíaca. Tiago está no décimo segundo ano e quer seguir bioquímica. Os seus museus preferidos são os de ciências. Catarina está no quinto ano, gosta de estar com as amigas e fazer compras com a mãe. Considera os museus de arte uma “seca”. Quer ser veterinária quando crescer.

Desafios:

- Os horários da família não são compatíveis com os museus, onde maioria pratica um horário das 10h00 às 17h00;

- As práticas culturais são praticamente inexistentes nos pais, pelo que as suas motivações para visitar museus se devem aos interesses dos filhos. O desafio estará em pensar em estratégias e temas que os cative e estimule a visitar museus mais vezes;
- Catarina considera os museus de arte uma “seca”. No caso de um museu de arte, o desafio passará por providenciar alternativas e formas criativas de explorar as suas coleções.



Fonte:

https://st2.depositphotos.com/1189140/5699/i/950/depositphotos_56993149-stock-photo-happy-family-mother-father-child.jpg

Família nuclear (com um filho)

Constituída por três elementos: Ricardo (30 anos) casado com Patrícia (31 anos), e a filha, Matilde (2 anos).

Ricardo é mestre em Marketing e trabalha numa empresa prestigiada do ramo, faz o seu próprio horário, mas passa algum tempo no estrangeiro em trabalho. Gosta de viajar, conhecer e aprender novas coisas. As práticas culturais fazem parte da sua vida desde jovem, visitando museus com a família regularmente. Aspira criar a sua própria empresa de Marketing. Patrícia é fotógrafa profissional, faz o seu próprio horário, e tem muito tempo livre para estar com a família. Adora saber quais as novas exposições na cidade e fotografá-las. Visita várias vezes museus em trabalho, mas prefere fazê-lo em família. Sonha em ter uma exposição itinerante das suas fotografias. Matilde é uma criança esperta e interessada, mas um pouco irrequieta.

Desafios:

- Providenciar acessibilidades e serviços para o cuidado de Matilde: rampa ou elevador de acesso; espaço onde guardar o seu carrinho; WC com fraldário; espaço onde a mãe a possa alimentar;

- Materiais de apoio que Matilde possa usar e que ajudem na sua aprendizagem, como puzzles, material para desenhar e pintar ou réplicas manuseáveis das obras;
- Atividades ou materiais de apoio que permitam à família explorar o museu em conjunto.



Fonte:

https://st.depositphotos.com/1001370/1318/i/950/depositphotos_13186739-stock-photo-happy-family-with-drums.jpg

Família homossexual (com um filho)

Constituída por três elementos: Rita (33 anos), numa relação com Sara (27 anos) e o filho, João (8 anos).

Rita é artista plástica, faz o seu próprio horário, mas passa várias horas no atelier. Já teve obras expostas em museus e por isso são espaços que visita frequentemente. Prefere os de arte contemporânea, aspirando um dia expor num grande museu dessa tipologia. Sara trabalha numa agência de viagens, tem horário fixo (10h00 às 19h00) e folga ao fim de semana. Já visitou vários países e adora a liberdade em andar de um lado para o outro. Gosta de conhecer novas culturas e lugares. Visita museus com Rita e com o filho, mas não o faz sozinha por os achar sítios muito fechados. Sonha em tornar-se guia turística num país diferente do seu. João está no quarto ano, é um aficionado pelas novas tecnologias e percebe muito do seu funcionamento. Desde pequeno que visita museus e prefere os que têm componentes interativas. Quer trabalhar na área da informática quando crescer.

Desafios:

- Atividades e materiais de apoio fornecidos pelo museu devem ser adequados a qualquer tipo/constituição familiar;
- O bilhete família não se deve reger por laços parentais/sangue.



Fonte: <http://download.postais.net/images/postais/avosnetos.jpg>

Família *dança a dois*

A família é constituída por três elementos: Manuel, 72 anos, e os netos Mariana, 16 anos, e Afonso de 13. Manuel é viúvo e reformado. Foi eletricista toda a sua vida e mantém ainda o bichinho pela área. Toma várias vezes conta dos netos e passeia com eles. Ganhou há poucos anos o gosto por visitar museus devido à neta Mariana, sente-se bem neles, porque aprende muito. Deseja continuar a ter força para passear com os netos. Mariana está no décimo ano e adora o mundo das letras e das artes. Quer ser arquiteta no futuro. Gosta muito de visitar museus, exposições e galerias de arte. Afonso, no oitavo ano, desde pequeno que se desloca em cadeira de rodas. Por influência do avô gosta muito das áreas da física. Prefere museus interativos.

Desafios:

- Locais para descansar;
- Acessibilidade para cadeira de rodas: rampas e elevadores;
- Exposição dos objetos deve estar a uma altura em que pessoas mais baixas, crianças ou em cadeira de rodas possam ver sem qualquer impedimento.

Apêndice C – Casos práticos de museus e instituições com programação para famílias: tipologias de oferta

Casos internacionais		
Museu/Instituição	Prática	Tipologia
Australian Museum	<i>Discovery Room</i>	Sala
	<i>Discovery Space</i>	Exposição
	<i>Search and Discover</i>	Sala
	Atividades para as férias escolares	Oficinas e workshops
	<i>Kidspace</i>	Sala
USS Constitution Museum	<i>Engage Families</i>	Projeto de pesquisa sobre aprendizagem familiar em museus
Museum of Modern Art (MoMA)	Separador específico para famílias no <i>website</i>	Material de apoio
	Oferta educativa	Percursos, workshops, espaços <i>hands on</i> na exposição, filmes, sala para oficinas e audioguias
	<i>Newsletter</i>	Revista/agenda digital (material de apoio)
	Brochura	Material de apoio
Kids in Museums	Manifesto e mini manifesto	Material de apoio para profissionais
	<i>Takeover Day</i>	Projeto – visita assente em <i>roleplay</i>
	<i>Teenage Film Projects</i>	Projeto de filmes
	<i>The Flexibe Family Ticket</i>	Projeto/Material de apoio

	<i>Your Museum Café</i>	Projeto/Material de apoio
	<i>Family Friendly Museum Award</i>	Concurso
	Outra oferta	Workshops
Victoria & Albert Museum	Separador específico para famílias no <i>website</i>	Material de apoio
	<i>Games and Activities</i>	Jogos digitais para telemóvel/tablet
	<i>Imagination Station</i>	Sala para oficinas
	<i>Pop-Up Performance</i>	Performances (relacionadas com a exposição)
	<i>Drop-In Design</i>	Oficina
	<i>Digital Kids</i>	Oficina
	<i>Make-It Workshops</i>	Workshop
	<i>Communities</i>	Projeto
	<i>Discovery Areas</i>	Atividades <i>hands on</i>
	Outra oferta	Percursos e mochilas
National Museums Liverpool	Separador específico para famílias no <i>website</i>	Material de apoio
	<i>What's on</i>	Agenda digital da oferta (material de apoio)
	<i>Newsletter</i>	Revista/agenda digital (material de apoio)
	Outra oferta	Espaços dedicados às famílias nos vários Museus, mochilas, percursos, materiais de apoio (brochuras, guias)

Casos nacionais		
Museu/Instituição	Prática	Tipologia
Museu da Marioneta	Separador específico para famílias no <i>website</i>	Material de apoio
	<i>Manhãs Criativas</i>	Oficina
	<i>Enigmas no Museu</i>	Visita/percurso
	<i>Caça ao tesouro</i>	Visita/percurso
	Outra oferta	Atividades durante as férias e aniversários, material de apoio (dossiers de acompanhamento para as visitas)
Fundação Portuguesa das Comunicações/ Museu das Comunicações	Separador específico para famílias no <i>website</i>	Material de apoio
	<i>4 Sábados 4 Temas</i>	Programa de atividades: <ul style="list-style-type: none"> • <i>Roteiros Digitais</i> – Visita • <i>Enigma</i> – Visita jogo • <i>Peddy Paper pelo Bairro de São Paulo – uma tarde diferente</i> – Pedipaper • <i>Contadores de Estórias</i> – Visita oficina
	Festas de aniversário	<ul style="list-style-type: none"> • <i>artPOSTcom</i> – Visita orientada e oficina • <i>Árvore do Correio</i> – Oficina • <i>Caixas de Histórias do fundo do mar</i> – Oficina • <i>Cidades Criativas</i> – Oficina • <i>Com cabeça, tronco e membros!</i> – Visita orientada

		<ul style="list-style-type: none"> • <i>Contadores de Estórias</i> – Visita oficina • <i>Enigma</i> – Visita jogo • <i>És um comunicador?</i> – Oficina • <i>Flipbook – Imagens animadas</i> – Oficina • <i>Gosto disto!</i> – Jogo e oficina • <i>Missão: Salvar o Planeta!</i> – Visita oficina • <i>Oficina de TV</i> – Oficina • <i>Passa a mensagem</i> – Oficina • <i>Rádio no Museu</i> – Oficina • <i>Roteiros Digitais</i> – Visita
Pumpkin	<i>Pumpkin Awards</i>	Concurso/Prémio
	Outra oferta	Materiais de apoio, agenda de eventos para famílias em Portugal
Museu e Fundação de Serralves	Separador específico para famílias no <i>website</i>	Material de apoio
	Atividades de fim de semana	Visita oficina
	Atividades para férias escolares	Visitas oficina, oficinas e percursos
Museus do Porto	<i>À Descoberta dos Museus do Porto</i>	Programa de atividades para famílias: visitas oficina, percursos, workshops e carrinhos de atividades
Museus Municipais do Porto	Da Sé à Ribeira	Pedipaper
	Descobrir o porto do Porto	Pedipaper
	Nos bastidores da caravela	Oficina
	Visita orientada à Casa do Infante	Visita orientada

	Museu, espelho meu	Visita orientada e oficina
	Famílias argilosas	Oficina
	Uma Páscoa entre argila	Oficina
	A Arte do Estuque	Visita especializada

Apêndice D – Cronograma de estágio

 Estágio
 Feriado
 Férias escolares

 Fim de semana
 Aulas
 Workshops

SE – Serviço Educativo
 GT – Grupo de trabalho para famílias

JANEIRO			FEVEREIRO			MARÇO			ABRIL		
Dia		Atividades	Dia		Atividades	Dia		Atividades	Dia		Atividades
Segunda	1		Quinta	1	Atividade SE	Quinta	1	Toolkit e pesquisa doc.	Domingo	1	
Terça	2		Sexta	2		Sexta	2		Segunda	2	
Quarta	3		Sábado	3		Sábado	3		Terça	3	Toolkit
Quinta	4		Domingo	4		Domingo	4		Quarta	4	Toolkit
Sexta	5		Segunda	5	Workshop	Segunda	5	Atividade SE e pesquisa doc.	Quinta	5	Toolkit e atividade SE
Sábado	6		Terça	6	Atividade SE e pesquisa doc.	Terça	6	Pesquisa doc. e reunião GT	Sexta	6	Toolkit
Domingo	7		Quarta	7	Atividade SE e pesquisa doc.	Quarta	7	Atividade SE e pesquisa doc.	Sábado	7	
Segunda	8		Quinta	8	Atividade SE e pesquisa doc.	Quinta	8	Atividades SE	Domingo	8	
Terça	9		Sexta	9	Atividade SE e pesquisa doc.	Sexta	9		Segunda	9	Toolkit e reunião GT
Quarta	10		Sábado	10		Sábado	10		Terça	10	Pesquisa doc.
Quinta	11		Domingo	11		Domingo	11		Quarta	11	Toolkit
Sexta	12		Segunda	12		Segunda	12	Pesquisa doc. e reunião GT	Quinta	12	Toolkit e atividade SE
Sábado	13		Terça	13		Terça	13	Atividade SE	Sexta	13	Toolkit
Domingo	14		Quarta	14	Pesquisa doc.	Quarta	14	Toolkit e atividade SE	Sábado	14	

Segunda	15	Workshop e reunião GT	Quinta	15	Pesquisa doc.	Quinta	15	Atividade SE e pesquisa doc.	Domingo	15	
Terça	16	Workshop	Sexta	16	Atividade SE e pesquisa doc.	Sexta	16	Atividade SE e pesquisa doc.	Segunda	16	Toolkit, reunião GT e atividade SE
Quarta	17		Sábado	17		Sábado	17		Terça	17	Toolkit
Quinta	18		Domingo	18		Domingo	18		Quarta	18	Atividade SE
Sexta	19		Segunda	19	Pesquisa doc. e reunião GT	Segunda	19	Reunião GT	Quinta	19	Atividade SE e pesquisa doc.
Sábado	20		Terça	20	Conferência e atividade SE	Terça	20	Toolkit e atividade SE	Sexta	20	Atividades SE
Domingo	21		Quarta	21	Toolkit, pesquisa doc. e atividade SE	Quarta	21	Toolkit e atividade SE	Sábado	21	
Segunda	22	Reunião GT	Quinta	22	Atividades SE	Quinta	22	Atividade SE e pesquisa doc.	Domingo	22	
Terça	23		Sexta	23	Atividade SE e pesquisa doc.	Sexta	23	Atividade SE	Segunda	23	Atividade SE e pesquisa doc.
Quarta	24	Atividade SE e pesquisa doc.	Sábado	24		Sábado	24		Terça	24	Atividade SE e pesquisa doc.
Quinta	25	Atividade SE e pesquisa doc.	Domingo	25		Domingo	25		Quarta	25	
Sexta	26	Atividade SE	Segunda	26	Pesquisa doc. e reunião GT	Segunda	26		Quinta	26	Atividade SE e pesquisa doc.
Sábado	27		Terça	27	Toolkit, pesquisa doc. e atividade SE	Terça	27	Toolkit e atividade SE	Sexta	27	Atividade SE e pesquisa doc.
Domingo	28		Quarta	28	Toolkit e pesquisa doc.	Quarta	28	Toolkit	Sábado	28	
Segunda	29	Reunião GT				Quinta	29	Toolkit e atividade SE	Domingo	29	
Terça	30	Atividade SE e pesquisa doc.				Sexta	30		Segunda	30	
Quarta	31	Atividade SE e pesquisa doc.				Sábado	31				

Apêndice E – Atividades e tarefas realizadas/observadas no estágio curricular: datas de realização, abordagens educativas, competências/conhecimentos adquiridos e relevância para práticas futuras

Tabela 11 – Análise das sessões do programa “Porto de Crianças”.

1. Visita à Casa-Museu	
Datas	24 e 30 de janeiro.
Abordagem educativa	<p>A atividade foi centrada no visitante (alunos), utilizando-se estratégias para promover e otimizar a sua aprendizagem:</p> <ul style="list-style-type: none"> • A presença da bailarina a convite da técnica superior, que viu no contacto direto entre os alunos e a dança (através de alguém que possui mais conhecimento sobre o tema) uma mais valia. Considera-se que o “ver alguém fazer” é uma excelente forma de aprender, ainda para mais quando os alunos tiveram depois a oportunidade de se exercitar com a bailarina, colocando em prática o que viram; • A organização e deslocação dos alunos em “serpente” pelo museu, ao mesmo tempo que a técnica cantava músicas relacionadas com as coleções do mesmo (uma canção na sala de pinturas, outra na sala das joias), pedindo que os alunos a acompanhassem: uma forma divertida deste conhecerem os objetos e a coleção.
2. Visita ao Palacete Viscondes Balsemão	
Datas	6, 8, 9, 23 e 27 de fevereiro.
Abordagem educativa	<p>Esta sessão ofereceu ainda mais oportunidades de aprendizagem e criação de conhecimento pelos alunos, levando-os à descoberta de outros espaços da cidade. O momento inicial, de dança, permitiu-lhes verem outra modalidade do tema (na primeira sessão viram uma dança a solo e aqui um duo). A observação dos estuques levou-os para a temática da preservação e salvaguarda do património, onde a técnica superior conseguiu orientar a visita pelo Palacete intercalando e relacionando os dois temas (dança e património material), recorrendo muitas vezes a perguntas (“sabem quem é este Deus?” “que instrumento é aquele?”). A visita ao Banco de Materiais foi também ela uma estratégia que a técnica utilizou para otimizar ainda mais a aprendizagem dos alunos, levando-os a verem exemplos concretos de estuques preservados.</p>

3. Visita à escola – oficina de criação de bonecos articulados

Datas	7, 13, 14 e 16 de março.
Abordagem educativa	Esta sessão tinha como objetivo estimular a participação e o gosto dos alunos pelas práticas oficiais, mas sem “fugir” ao tema da dança. Foi assim que a técnica superior sugeriu a ideia de os alunos realizarem um teatro de sombras, em que eles próprios criassem as suas personagens – articuladas, como que a dançar. A sessão foi claramente orientada para os alunos e para a promoção e desenvolvimento das suas capacidades artísticas (corte, colagem, pintura, e muita diversão), assentando no paradigma da aprendizagem produtiva – a apresentação <i>powerpoint</i> foi realizada não só com o intuito de dar a conhecer aos alunos o que eram teatros de sombras e bonecos articulados, mas também para lhes passar as bases de como os elaborar.

4. Visita à escola – realização de teatro de sombras

Datas	19 e 26 de abril.
Abordagem educativa	Embora esta sessão tivesse um cariz um pouco diferente, pois eram os alunos que a “orientavam”, a técnica superior recorreu a perguntas como forma de os alunos lembrarem as sessões anteriores, tecendo comentários sobre a prestação dos mesmos durante a realização do teatro.

Conhecimentos e competências gerais adquiridas

- Capacidade de perceber os interesses e motivações das crianças, através da observação dos seus comportamentos;
- Conhecimento sobre o tema da dança e a sua representação nas coleções da CMMOS;
- Aprendizagem de diferentes estratégias para orientar uma visita: canções e organização do grupo;
- Como falar para um grupo de alunos do primeiro ciclo, o tom de voz a usar; saber falar, mas também saber ouvir;
- Aprender a elaborar bonecos articulados;
- Saber como colocar perguntas de forma a despertar a curiosidade das crianças e a introduzir o tema.

Relevância

A observação do comportamento das crianças permitiu entender os seus interesses, aquilo que desperta a sua atenção e curiosidade num maior nível, nomeadamente através de comentários e reações em relação a certos objetos expostos (joias!). Este aspeto acompanhado da noção de certas competências de comunicação necessárias para a faixa etária em questão serão aspetos úteis na proposta e orientação de atividades para famílias.

Tabela 12 – Análise das sessões do programa “O meu Porto é Património Mundial”.

1. Visita à escola	
2. Visita orientada ao centro histórico do Porto	
Datas	1 de fevereiro.
Abordagem educativa	Ao longo do percurso a técnica foi indicando e pedindo a atenção dos alunos para certos detalhes do património, explicando curiosidades sobre os mesmos. A visita, embora centrada na técnica superior, pois foi esta quem delimitou o percurso, foi estruturada de forma a potenciar a aprendizagem dos alunos, pelo que o tempo que a técnica superior usava para expor o conhecimento era mínimo, optando antes por questionar os alunos, procurando alguém que soubesse a resposta e que assim introduzisse o tema.
3. Visita à escola	
Datas	9 de fevereiro e 23 de março.
Abordagem educativa	Esta sessão acabou por assentar numa abordagem interativa, embora de forma expositiva durante a passagem do vídeo, e depois assente numa aprendizagem reprodutora e baseada em conteúdos, onde se pretendia que os alunos reproduzissem, por palavras, o que tinham acabado de assistir.
4. Visita a um espaço pertencente à Câmara Municipal	
Datas	22 de fevereiro e 23 de março.

Abordagem educativa	A apresentação <i>powerpoint</i> assentou numa abordagem expositiva, onde a técnica superior partilhou o seu conhecimento com os alunos, mas muito focada no ensino e na transferência de conteúdos. Já a oficina apresentou uma abordagem mais interativa e mais centrada nos alunos e na promoção de aprendizagem produtora: a observação do jardim à procura do melhor detalhe para se desenhar acabou por permitir que os alunos descobrissem o conteúdo por si.
Conhecimentos e competências gerais adquiridas	
<ul style="list-style-type: none"> • Capacidade de perceber os interesses e motivações dos alunos, através da observação dos seus comportamentos; • Descoberta da existência do projeto para a criação dos vídeos do património; • Perceber como dividir o tempo durante a visita orientada e como orientar o grupo num espaço público, condicionado ao funcionamento normal da cidade (trânsito, barulho, pessoas na rua); 	
Relevância	
A observação do comportamento dos alunos no decorrer das atividades, bem como dos comentários que fazem, será sempre um excelente ponto de partida para entender o que desperta a sua atenção e curiosidade e o que, pelo contrário, os deixa mais agitados e sem interesse. Estes factos são essenciais para a programação futura de atividades, na medida em que permite saber onde apostar e o que evitar. A observação da relação técnica superior-alunos durante a visita orientada proporcionou ideias gerais de como orientar uma visita no futuro.	

Tabela 13 – Análise da sessão do projeto “Nos Bastidores da Cidade”.

Conversa com o Vereador da Educação	
Datas	5 e 22 de março.
Abordagem educativa	A abordagem escolhida teve uma excelente resposta por parte dos alunos. Embora muito pequeninos, mostraram-se sempre atentos e desejosos de receber a palavra: todos queriam falar e responder às questões das moderadoras. Apresentando um cariz diferente de outras

atividades, esta sessão pautou-se mais pela conversa entre as crianças e as moderadoras e depois com o Sr. Vereador, sendo nesses diálogos que se estabeleceu a promoção da aprendizagem.

Conhecimentos e competências adquiridas

- Como organizar mais de 100 crianças num espaço limitado;
- Que tipo de linguagem usar com crianças do pré-escolar;
- A colocação de perguntas é das melhores estratégias para cativar a atenção, pelo menos resultou muito bem neste caso;
- Como reagir quando a criança responde errado a uma questão ou diz algo incorreto;
- Conhecimento da realidade destas escolas: a inexistência de parques para as crianças brincarem foi apontada pela grande maioria.

Relevância

Forneceu competências para no futuro saber como agir na organização de um espaço com muitas pessoas, principalmente se forem crianças. Na orientação de uma visita familiar ou na preparação de materiais de apoio para famílias, o uso de questões, simultaneamente com a indicação de pistas para a resposta certa funcionará melhor com as crianças do que se a informação correta for logo transmitida.

Tabela 14 – Análise das sessões da atividade “Diários Gráficos”.

Visita à escola	
Datas	21 de março.
Abordagem educativa	Esta primeira parte da atividade assentou numa abordagem expositiva, mas no sentido de potenciar uma aprendizagem produtora e baseada em resultados: a apresentação continha as indicações do que são diários gráficos e imagens como exemplos, onde se esperava que no fim da aprendizagem os alunos elaborassem o seu próprio diário gráfico.
Visita à Casa-Museu e à Rotunda da Boavista	
Datas	18 de abril.

Abordagem educativa	A abordagem educativa possível de ser analisada remete-se apenas à verificada no espaço da Casa-Museu, pois na Rotunda da Boavista os alunos estiveram apenas com os professores. Assim, o primeiro passo foi dividir os alunos em três grupos, um deles dirigia-se para a Rotunda e os outros dividiam-se pela Casa-Museu: enquanto um grupo visitava o interior do edifício o outro iniciava a visita pelo jardim. Para todos os grupos estava estipulado que a técnica superior ou professor/a explicasse inicialmente o objetivo da atividade, elencando os resultados que se esperava dos alunos, após essa explicação os alunos poderiam circular livremente pelo espaço à procura de inspiração para desenhar.
Conhecimentos e competências gerais adquiridas	
<ul style="list-style-type: none"> • Competências comunicativas – como falar em público; • Como agir na organização de grupos em espaços limitados; • Aprender a elaborar um diário gráfico – capa, folhas, contracapa; • Técnicas do uso da grafite – como fazer sombra, contorno e como fixar o desenho ao papel. 	
Relevância	
Esta atividade tornou-se relevante na medida em que mostrou que os diários gráficos são interessantes de se desenvolver como materiais de apoio para famílias, funcionando bem entre as crianças, pois sabe-se o quanto estas gostam de desenhar.	

Tabela 15 – Análise dos percursos pela cidade.

Percurso “Mitologia na Cidade”	
Datas	16 de fevereiro.
Abordagem educativa	A técnica superior expôs o conhecimento aos participantes de uma forma eloquente, mantendo um fio condutor entre as várias paragens do percurso. Essa exposição de conhecimento não se centrou tanto nas características do “ensinar”, mas sim no estabelecer diálogo constante entre o grupo.

Percurso digital	
Datas	15 de março.
Abordagem educativa	Embora os participantes tenham feito algumas observações, a abordagem da técnica superior foi expositiva e didática, centrando-se a atividade na transferência de conteúdos e na sua receção pelos participantes.
Percurso "Joias e joalharias: do neoclássico ao contemporâneo"	
Datas	27 de abril.
Abordagem educativa	Iniciou-se com a técnica superior explicando como seria o percurso e expondo os seus conhecimentos sobre o tema (explicitando as características da evolução da joalharia clássica à contemporânea). Seguiu-se depois a parte onde os participantes poderiam ver com os próprios olhos as características e as informações que a técnica lhes transmitira, mas que na realidade permitiu que desenvolvessem ainda mais conhecimento pois as perguntas foram uma constante. O contacto com joalheiros foi também uma mais valia para a aprendizagem dos participantes.
Conhecimentos e competências gerais adquiridas	
<ul style="list-style-type: none"> • Como liderar um grupo de adultos – os participantes dos percursos eram todos adultos; • Entender como fazer a ligação entre um subtema (joalharia clássica) e outro (joalharia contemporânea), de forma a que os participantes os entendam como evolução um do outro; • Que estratégias de promoção de aprendizagem funcionam com um público mais adulto – a presença e contato com alguém mais conhecedor do tema cativa a sua atenção; os temas onde se abordem aspetos e funções da sociedade que já não encontramos nos dias atuais; • O que fazer e como reagir quando um participante faz observações demasiado longas e os restantes intervêm, muito pouco satisfeitos. 	

Relevância

O grupo familiar é sempre constituído por um adulto, pelo que a presença em atividades como estes percursos, onde os participantes são adultos, é muito importante para perceber os seus interesses e motivações, mas também as dificuldades, através da observação do seu comportamento. Os imprevistos e a forma como a técnica superior contornou a situação são também aspetos relevantes para atividades futuras.

Tabela 16 – Análise da oficina “Flores de Papel”.

Oficina “Flores de Papel”	
Datas	16 e 23 abril.
Abordagem educativa	O recurso à apresentação <i>powerpoint</i> denota o carácter que se pretende para a aprendizagem dos participantes: produtora e baseada em resultados. A ação da técnica superior girou sempre em torno da promoção da aprendizagem, esperando-se que no fim desse processo os participantes fossem capazes de construir as suas flores de papel.
Conhecimentos e competências adquiridas	
<ul style="list-style-type: none"> • Aprender a criar flores em diferentes tipos de papel; • Como lidar com grupos de adultos. 	
Relevância	
A presença noutras atividades com adultos tinha já permitido entender algumas motivações deste tipo de público, mas esta atividade em específico mostrou-se relevante por indicar um tema e uma tipologia de atividade que funciona bastante bem junto do público adulto feminino, algo importante a ter em conta ao planear atividades para famílias.	

Tabela 17 – Análise das atividades isoladas.

Visita da Universidade Sénior	
Datas	25 de janeiro.
Abordagem educativa	Expositiva e didática durante a apresentação <i>powerpoint</i> , mas ao mesmo tempo com o objetivo de promover a aprendizagem dos participantes no passo seguinte: a visita ao museu.
Do Cabinet ao Museu	
Datas	20 e 22 de fevereiro.
Abordagem educativa	A apresentação <i>powerpoint</i> assentou numa abordagem expositiva e didática. A atividade, de modos gerais, centrou-se no professor (e na técnica superior, que optou pelos seus métodos para a partilha de conhecimento), pois a aprendizagem foi enquadrada no conteúdo e na sua reprodução e não na produção de resultados por parte dos alunos, isto pois o professor pretendia que os alunos recebessem aquela informação (o tema selecionado por si e os conteúdos pela técnica) e a reproduzissem.
Percurso e apresentação no Palacete Viscondes Balsemão	
Datas	22 de março.
Abordagem educativa	Abordagem expositiva e didática durante o percurso da manhã e na apresentação <i>powerpoint</i> . Os alunos não foram cativados, pelo que se encontravam muito distraídos, sendo necessário as professoras e a própria técnica superior chamá-los à atenção.
Visita da escola de joalheria Engenho e Arte	
Datas	23 de março.
Abordagem educativa	Visita pensada nos conteúdos que deveriam ser transmitidos, embora assente numa aprendizagem produtora. O professor escolheu o tema e os conteúdos que gostaria que a técnica superior abordasse, mas de uma forma em que os alunos os aplicassem no trabalho que se encontravam a desenvolver. Quando comparada a outras visitas, nesta foi dada maior liberdade ao professor para escolher como orientar a visita (o que ver, que conteúdos focar com maior detalhe).

Teatro de Fantoques

Datas	29 de março.
Abordagem educativa	Interativa, pensada nas crianças e na melhor forma de potenciar a sua aprendizagem. A técnica superior adaptou a sua forma de comunicação (tom, conceitos usados) à faixa etária das crianças.

Conhecimentos e competências gerais adquiridas

- Conhecer melhor a história das coleções da Casa-Museu e do seu edifício, bem como da cidade e dos seus edifícios;
- Competências comunicativas: como articular a comunicação verbal à faixa etária do visitante;
- Noção de como os visitantes se comportam numa visita regular, isto é, quando não possuem nenhum material de apoio, guia ou em que não realizam nenhuma oficina;
- A escolha de estratégias e abordagens educativas em que o/a educador/a se sente mais confortável podem ter o efeito contrário ao desejado nos participantes;
- Perceber as limitações que visitantes com mobilidade reduzida sentem na realização de certas atividades – um aluno que participou no percurso encontrava-se em cadeira de rodas;
- Visitas marcadas pelos professores com o objetivo de os alunos receberem conteúdos por si selecionados não potenciam a aprendizagem, pois existe uma certa “obrigatoriedade” dos alunos se focarem apenas naqueles aspetos, que se não forem do seu interesse... não os estimula nem desenvolve a sua atenção.

Relevância

- Entender quais os objetos e as questões que mais despertam a atenção do visitante sénior na coleção da Casa-Museu foi uma chamada de atenção para a necessidade de considerar estes indivíduos aquando da programação para famílias, pois estas também podem integrar elementos dessa faixa etária;
- A presença em atividades com participantes com mobilidade reduzida é importantíssima para ter noção, no futuro, de onde e como pensar uma atividade em que estes participantes não se sintam excluídos ou condicionados. As famílias também podem apresentar elementos com mobilidade reduzida!

- Durante uma visita orientada, a comunicação verbal e as estratégias educativas devem ser articuladas e pensadas de acordo com os participantes. Com famílias, não falar num tom nem muito infantil, nem muito adulto. E aquilo que funciona para os adultos, cativando a sua atenção e promovendo a aprendizagem, pode não funcionar com as crianças.

Tabela 18 – Análise do workshop “Uso de técnicas artísticas nos processos de educação em museus”.

Conhecimentos e competências adquiridas
<ul style="list-style-type: none"> • Aprender a usar técnicas, como o corte, colagem e costura, e objetos pessoais para explicar questões relacionadas com os processos de patrimonialização e identidade; • Perceção do conceito de comunidades interpretativas: grupo de pessoas que se juntam para reinterpretar ou atribuir novos significados a algo. Nestas comunidades também se desenvolvem laços afetivos (Gómez Redondo, 2018); • Museu entendido como comunidade de aprendizagem; • O património entendido não como objetos, mas como a relação entre pessoas e bens. Podendo ser relações de identidade, pertença, valorização, afetiva, lembrança, ...; • Entendimento do conceito de identificação – “processo dinâmico de construção de identidade em diálogo com o meio ambiente e onde o indivíduo é um agente ativo de construção” (Gómez Redondo & Fontal Merillas, 2017, p. 301).
Relevância
<ul style="list-style-type: none"> • O uso de fotografias e objetos pessoais como material educativo poderá ser interessante para explorar o tema da identidade e património pessoal com famílias. A variedade de técnicas artísticas experimentadas permitiu perceber o quão fácil são de trabalhar e aplicar em atividades educativas para famílias, visto que são técnicas associadas a algumas atividades do dia-a-dia quer dos adultos quer das crianças; • Compreendendo o conceito de comunidades interpretativas percebe-se que a família pode ser encaixada nesse tipo de comunidade.

Tabela 19 – Análise do workshop “Representação da deficiência nos museus”.

Conhecimentos e competências adquiridas
<ul style="list-style-type: none">• Compreensão dos conceitos e termos adequados quando se fala deste tema, nomeadamente a distinção entre “integração” (é a própria pessoa com deficiência que tem de ultrapassar as barreiras que lhe são impostas, adaptando-se a elas, pelo que a sociedade não participa nesse processo) e “inclusão” (termo que deve ser usado e praticado!, onde é a sociedade que se tem de adaptar à pessoa com deficiência, tomando responsabilidade pela eliminação de barreiras);• O museu é um espaço que deve ser para todos – a sua função social, assente na inclusão e no combate às desigualdades sociais assim o refere – existindo museus que têm efetivamente adotado estratégias de inclusão de públicos com deficiência no acesso às suas coleções e exposições. Contudo a representação da deficiência no espaço museológico continua muito ancorada a significados “negativos” (Martins & Semedo, 2017, pp. 42-43);• Compreensão de que o indivíduo com deficiência não é um indivíduo doente;• Bases de como orientar um grupo de indivíduos com deficiência visual ao longo do museu, nomeadamente como indicar a presença de portas, degraus ou outros obstáculos;• Permitiu entender a organização e o tipo de informação que se deve providenciar para a descrição oral de uma obra de arte;• Conhecer a tecnologia aplicada na construção de versões alternativas das obras de arte, em que o público com dificuldades visuais as pode manusear e manipular.
Relevância
<ul style="list-style-type: none">• A família não é apenas um grupo multigeracional, é também um grupo composto por indivíduos de diferentes capacidades intelectuais, físicas, psicológicas, entre outras. A participação em formações como esta adquirem uma extrema importância e relevância para o futuro, principalmente porque se adquirem bases e noções de como receber este público nos museus e de como programar atividades em que possam participar, sem sentirem que a sua deficiência é um impedimento.

Tabela 20 – Análise do “Seminário Comunicar: Aliando sectores, potenciando ferramentas, promovendo competências em museus”.

Conhecimentos e competências adquiridas
<ul style="list-style-type: none"> • Perceber que estratégias comunicativas são aplicadas noutras instituições: as suas vantagens e desvantagens; • Entender de que forma o marketing pode ser aplicado no museu e a importância que isso tem na captação de mais visitantes.
Relevância
<ul style="list-style-type: none"> • O marketing é maioritariamente associado a uma área ligada aos negócios e ao mercado, esquecendo-se que está também implícito na divulgação da oferta educativa dos museus. A elaboração de estratégias de marketing mais direcionadas para famílias pode ser uma boa forma de captação deste público para os museus.

Tabela 21 – Análise do “International Meeting: +Digital Future – competences for the cultural sector”.

Conhecimentos e competências adquiridas
<ul style="list-style-type: none"> • Reconhecer outras realidades, através do testemunho dos vários presentes, quanto às competências exigidas ao museu e aos seus profissionais, para realizar com sucesso a adaptação e evolução para o digital; • A cooperação é a chave, pois a implementação do digital no museu não é função de uma pessoa/sector apenas; • Ferramentas como <i>website</i>, <i>newsletters</i> e redes sociais são formas digitais que aproximam o museu do público, atuando como meios de comunicação e divulgação essenciais.
Relevância
<ul style="list-style-type: none"> • A inclusão do digital e da tecnologia não só no museu, mas nas atividades que este promove, é uma prática já corrente em vários museus, tal como se enunciou no capítulo dos casos práticos, contudo ainda num nível insuficiente. A noção da importância que os públicos desses espaços depositam no tablet que podem utilizar durante a visita ou da navegabilidade do <i>website</i> (através dos testemunhos dos oradores no encontro) é relevante o suficiente

para se entender que uma forma de atrair famílias para o museu, estimulando a sua participação em atividades, passará cada vez mais pelo recurso ao digital.

Apêndice F – Atividades para famílias propostas pelos Museus Municipais do Porto em 2016

Instituição	Atividade	Descrição	Tipologia	Custo para o visitante
Casa do Infante	Da Sé à Ribeira	O ponto de partida deste pedipaper é o Terreiro da Sé. Em pequenos grupos vamos pelas ruas com olhos de detetive à procura de pistas até à Ribeira. Aqui visitamos a Casa do Infante.	Pedipaper	Atividade gratuita
Casa do Infante	Descobrir o porto do Porto	Explorar a Casa do Infante e a zona ribeirinha através de um pedipaper com desafios e tarefas. A primeira etapa é a visita ao museu.	Pedipaper	Atividade gratuita
Casa do Infante	Nos bastidores da caravela	Através de recorte, moldagem e colagem de uma caravela em miniatura, as crianças, em grupo escolar ou em família, vão conhecer os bastidores desta embarcação usada na época dos Descobrimentos.	Oficina	Atividade gratuita
Casa do Infante	Visita orientada à Casa do Infante	Os visitantes poderão conhecer mais sobre a cidade e a sua zona ribeirinha, acompanhando a história da Alfândega Régia e da Casa da Moeda que aqui estiveram instaladas ao longo de séculos. Ainda, no centro interpretativo “O Infante D. Henrique e os Novos Mundos” são explorados temas como a abertura ao mundo e o cruzamento de culturas, proporcionados pelos Descobrimentos, bem como as marcas da cultura portuguesa presentes desde o Brasil até ao Extremo Oriente, numa perspetiva de permanente articulação dos espaços e tempos da História com a contemporaneidade.	Visita orientada	Atividade gratuita
Casa-Museu Guerra Junqueiro	Museu, espelho meu	É preciso seguir as pistas, ser criativo, observar, pensar, interrogar os objetos. Realização de um percurso lúdico à descoberta de objetos de outras culturas na Casa-Museu Guerra Junqueiro com recurso a guias de visita.	Visita Orientada	Atividade gratuita

Museu do Vinho do Porto	Famílias argilosas	O Museu do Vinho do Porto, a cidade e o Douro ali à porta serão o mote e a inspiração para estas oficinas onde se trabalha o barro e os participantes poderão criar peças a seu gosto e à medida da sua inspiração.	Oficina	6€/ participante; 18€/4 participantes
Museu Romântico da Quinta da Macieirinha	Uma Páscoa entre argila	Organização de uma oficina de moldagem e pintura de barro através de diversas técnicas entre elas a pintura em engobes.	Oficina	18€ por 4 participantes

(Fonte: Câmara Municipal do Porto, 2016.)

Apêndice G – Atividades para famílias propostas pelos Museus Municipais do Porto em 2018

Instituição	Atividade	Descrição	Tipologia	Custo para o visitante
Casa-Museu Guerra Junqueiro	Museu, espelho meu	É preciso seguir as pistas, ser criativo, observar, pensar, interrogar os objetos. Realização de um percurso lúdico à descoberta de objetos de outras culturas na Casa-Museu Guerra Junqueiro com recurso a guias de visita. (Nota: esta atividade está vocacionada para famílias; guias de visita dos 3 aos 15 anos.)	Visita oficina	Atividade gratuita
Banco de Materiais	A Arte do Estuque	Visita orientada à exposição dedicada à arte do estuque decorativo na oficina Meira, que durante a primeira metade do século XX foi uma das mais prestigiadas oficinas especializadas na arte do estuque e da pintura decorativa.	Visita especializada	Atividade gratuita

(Fonte: Câmara Municipal do Porto, 2018)

Apêndice H – Proposta de ficha de diagnóstico para as atividades e programas educativos dos Museus Municipais do Porto

1. Identificação e localização

Título da atividade	
Organização	
Morada completa	
Telefone	
Email	
Página web	
Colaboração/Financiamento	

Profissional Responsável

Nome	
Email	
Outra informação (morada, telefone)	

2. Descrição

Resumo da atividade	
Breve historial	
Tipo de atividade	
Temática	
Destinatários	
Custos para o visitante	
Limite de participantes	
Tags descritivos	

3. Dados do desenho da atividade/Avaliação

Objetivos	
Coleções/Património envolvido	

Duração da atividade em si (em horas) e período em que foi oferecida (dias da semana; ano/s)	
Atividade isolada ou faz parte de programa educativo	
Número de sessões efetivamente realizadas e número de participantes por sessão	
Quem a desenvolve na prática (Quem está envolvido? Quantos e que profissionais?)	
Parcerias	
Como é desenvolvida	
Local de realização	
Recursos/Instrumentos utilizados	
Custos de materiais	
Tempo de preparação (em horas)	
Tipo de materiais produzidos e quem os produziu	
Métodos interpretativos	
Avaliação (Que tipo de avaliação foi realizada? Em que momento? Por quem? Conclusões centrais?)	

4. Relação com outras fichas

Ficha	
-------	--

5. Outras informações

Nome de quem preencheu	
Assinatura	
Data	

6. Anexo documental

(Fonte: adaptado da base de dados de programas de educação patrimonial da OEPE e realizada em conjunto com outras estagiárias do Mestrado em Museologia que se encontravam a desenvolver investigação sobre os outros segmentos de público prioritários para os Museus Municipais do Porto: seniores e escolares secundárias/profissionais.)

Apêndice I – Calendarização das reuniões e conteúdos abordados no grupo de famílias durante o período de estágio

DATA	CONTEÚDOS
16 janeiro	<ul style="list-style-type: none"> Definição final dos elementos do grupo, do horário para as reuniões e dos produtos a criar para famílias.
22 janeiro	<ul style="list-style-type: none"> Discussão do documento interno distribuído no workshop pela Professora Alice Semedo e definição do plano de trabalho, com tarefas e cronograma.
29 janeiro	<ul style="list-style-type: none"> Discussão do documento interno distribuído no workshop pela Professora Alice Semedo.
19 fevereiro	<ul style="list-style-type: none"> Discussão sobre as atividades para famílias que cada Museu Municipal oferece e quanto às estratégias que se usam para planear atividades; Início do desenvolvimento do <i>toolkit</i>: distribuição de tarefas.
26 fevereiro	<ul style="list-style-type: none"> Redefinição dos produtos para famílias a criar pelo grupo; Início da criação das fichas de exploração para a CMMOS.
6 março	<ul style="list-style-type: none"> Continuação do <i>toolkit</i>: ponto da situação; Definição dos temas a integrar no jogo para a Casa do Infante.
12 março	<ul style="list-style-type: none"> Início da criação do jogo para a Casa do Infante; Continuação do <i>toolkit</i>.
19 março	<ul style="list-style-type: none"> Continuação do jogo para a Casa do Infante.
9 abril	<ul style="list-style-type: none"> Continuação e ponto da situação do <i>toolkit</i>.
16 abril	<ul style="list-style-type: none"> Continuação do jogo para a Casa do Infante; Finalização do <i>toolkit</i>.

Trabalhar com|para Famílias nos Museus

Um guia de sugestões para museus e
seus colaboradores



ÍNDICE

INTRODUÇÃO. O que é este documento e a quem se destina? 4

1. CONHECER AS FAMÍLIAS. Quem é este Público? 6
O que é uma família? 6
Como se caracteriza? 7
O que gosta de fazer nos tempos livres? 7
Que necessidades tem? 8

2. CHEGAR AO MUSEU. O que é importante para acolher bem as famílias? 9
Como pode um museu ser “amigo das famílias”? 9
Conhecer as famílias 10
Preparar-se para receber as famílias - acolhimento, acessibilidades e logística 12
Dar-se a conhecer como “amigo das famílias” 13
Pensar a exposição e o seu design do ponto de vista das famílias 15
Disponibilizar ferramentas para as famílias usarem individualmente 17
Oferecer atividades e programas para famílias 17

3. FERRAMENTAS. Que estratégias na orientação de visitas e atividades? 19
Como recorrer a Perguntas? 19
Como recorrer a Técnicas de Expressão? 21
Estratégias e Métodos | Rotinas úteis em atividades com famílias 22

4. TIPOLOGIA DE ATIVIDADES E RECURSOS. O que já se faz e como? 36
Propostas desenvolvidas em museus 36
Ideias vindas de fora dos museus 54
Sugestões das famílias 66

5. PERIGOS. O que não funciona? O que se deve evitar? O que é perigoso? 72

INTRODUÇÃO.

O que é este documento e a quem se destina?

Ao apresentar um conjunto de sugestões e ferramentas para trabalhar com famílias pretende-se que este documento seja útil aos museus municipais do Porto e aos seus colaboradores, que queiram trabalhar de forma sistemática e focada para esse grupo específico, mas também a outras instituições que o desejem usar.

Começa por definir a família enquanto público específico e apresenta as suas características mais relevantes. Aborda as necessidades e interesses específicos deste grupo, para se focar depois na relação entre si e um lugar especial – o museu. Nesse sentido, apresenta ideias para melhor acolher as famílias nos museus, sugere ferramentas e estratégias, tipos de atividades que podem ser desenvolvidas e adverte para alguns perigos e riscos no trabalho com este público.

Não se pretende que este documento seja um manual ou um conjunto de regras. Pretende-se que seja um banco de ideias, um documento inspirador, um ponto de partida para cada museu trilhar o seu caminho de relação com as famílias.



1. CONHECER AS FAMÍLIAS

Quem é este Público?

O que é uma família?

A família é constituída por um grupo de adultos e crianças, unidos por uma variedade de relações: pais, padrastos, avós, irmãos, primos e amigos¹, considerando que os adultos são qualquer pessoa com 18 ou mais anos e as crianças qualquer pessoa com menos de 18 anos.

Pese embora haja famílias que visitam museus em que os membros da geração mais nova já não são menores de idade, neste documento consideramos só as famílias que integram pelo menos um elemento menor, pois é esse o foco que pretendemos atingir e consideramos que o tipo de interação e relação nesses casos é mais específico.



¹ Hooper-Greenhill, E. (1998). *Los Museos y sus visitantes*, p. 140.

Como se caracteriza?

A família apresenta várias características, nomeadamente:

É uma unidade social onde os diversos elementos apresentam ligações de parentesco ou aliança entre si e relacionam-se também com o meio exterior;

É um grupo multigeracional, que inclui indivíduos de diferentes idades, experiências e capacidades intelectuais e físicas;

É o espaço de relação afetiva, onde se desenvolve a identidade de cada um;

É uma estrutura em constante evolução: as funções e as relações que se estabelecem entre os seus membros modificam-se ao longo do tempo;

É um grupo que apresenta diversas formas e tamanhos, não apenas uma estrutura nuclear (pai, mãe e filho(s));

É um grupo que visita o museu com objetivos diversificados, não só para aprender, mas com fins sociais e de lazer.

O que gosta de fazer nos tempos livres?

A diversão e a convivência em grupo são os desejos e motivos dominantes para sair em família. Assim, atividades que apresentem essas componentes, por exemplo passeios ao ar livre (em parques ou visitando outros sítios), idas ao cinema e às compras, visitas a museus, galerias ou outras instituições culturais, prática de desporto ou jogos em conjunto, serão as escolhas mais frequentes das famílias para atividades de tempos livres.

Que necessidades tem?

Considerando que a família é um grupo multigeracional, as suas necessidades variam de elemento para elemento. No entanto, em termos gerais, a família procura o museu para aprender, mas também para passar tempo em conjunto, convivendo entre si. O que leva a que o museu e as suas infraestruturas devam ser acessíveis e confortáveis, ao mesmo tempo que as atividades e o conteúdo museológico devem ser apropriadas para todos os elementos. Os espaços de apoio como bancos para descansar, a existência de um bar/restaurante (e os preços nele praticados), de WC/fraldário, de bengaleiro para carrinho de bebés, de rampas e elevadores são também aspetos importantes para as famílias e para a sua visita ao museu.

A Família é um grupo multigeracional.

2. CHEGAR AO MUSEU

O que é importante para acolher bem as famílias?

Como pode um museu ser “amigo das famílias”?

Para acolher bem as famílias, não basta aos museus querer recebê-las. Há necessidades várias que este grupo tem e é fundamental que os museus percebam que, para serem “amigos das famílias” (*familyfriendly*), precisam de conhecer as suas diversas necessidades, interesses, comportamentos e dificuldades. Importa também perceber que ser *family friendly* não é só tarefa do serviço de educação, é responsabilidade de toda a equipa de um museu.

Um museu pode repensar-se, no seu todo, na perspetiva de se tornar amigo das famílias... mas pode também ir dando pequenos passos nesse sentido.



Para receber bem as famílias, o museu precisa de:

Conhecer as famílias;

Preparar-se para receber as famílias - acolhimento, acessibilidades e logística;


Dar-se a conhecer como “amigo das famílias”;


Olhar a exposição e seu design do ponto de vista das famílias;


Disponibilizar ferramentas para as famílias usarem individualmente;


Oferecer atividades e programas para famílias.


Conhecer as famílias


 É necessário que o museu faça um estudo de públicos, para conhecer os interesses, motivações e dificuldades das famílias e testar se os pressupostos de que parte acerca desse grupo são verdadeiros. O primeiro passo é observá-las nas suas visitas;


 Importa não esquecer que, muitas vezes, as famílias visitam os museus com uma agenda e objetivos próprios; o que pretendem com a visita não coincide exatamente com aquilo que nós queremos que a visita seja para elas;

 É preciso considerar a diversidade de famílias que existem hoje; não faz sentido, ao planearmos a oferta, pensarmos só em termos de família nuclear, família com pai e mãe, ou família com laços de sangue;







 É necessário perceber como as famílias funcionam como uma unidade social nos museus; vamos entendê-las melhor se “perdermos” algum tempo a ouvi-las nas salas: de que falam? como falam? como interagem?;


 De igual forma, é útil percebermos qual o valor que as famílias depositam nas atividades que realizam nos museus. Há que as questionar!;


 Importa sabermos quais as temáticas relacionadas com as coleções dos nossos museus que mais interessam às famílias; que tipo de atividades e horários mais lhes convêm e mais as cativam; como é que as atividades afetam a experiência familiar e a sua ligação aos objetos museológicos? Nunca devemos achar que “já sabemos” de que gostam, o que pensam e o que querem as famílias, devemos querer sempre atualizar o nosso conhecimento sobre elas;


 É importante rever regularmente a maneira como se abordam e recebem as famílias, assegurando que as suas necessidades continuam a ser suportadas. A avaliação e o diagnóstico devem marcar presença contínua na relação iterativa com este público.

Preparar-se para receber as famílias - acolhimento, acessibilidades e logística


-  Importa criarmos ambientes física, psicológica e financeiramente acessíveis;
-  É uma boa prática adotar bilhetes de famílias; convém, contudo, pensar na melhor forma de o fazer, com flexibilidade e abertura;
-  É muito importante adequar os horários de abertura e fecho dos museus aos horários familiares;
-  Quando existe uma loja ou posto de venda no museu, é importante pensar em alguns produtos que se adequem às famílias, quer em termos de interesse e de preços, quer em termos educativos. Se há produtos educativos à venda convém que eles se enquadrem e estejam em consonância com a política educativa do museu;
-  No museu, as famílias precisam de encontrar espaços para descansar, para se sentarem em conjunto e, se possível, para desenvolverem alguma atividade ou comerem algo que tenham trazido consigo;
-  Convém que o bar ou restaurante do museu tenha preços e produtos acessíveis para famílias. Quando não existe esse espaço, podem disponibilizar-se máquinas com produtos alimentares adequados a famílias;


 Os WC do museu devem ser apropriados a famílias com crianças de diversas idades. No caso de não existir um fraldário pode pensar-se em situações alternativas que possam disponibilizar-se para qualquer família que precise;


 Percorrer todo o museu com um carrinho de bebé é um bom exercício para se pensar as necessidades das famílias, em termos de rampas e de orientações escritas;


 Se o passeio ao ar livre é uma componente tão valorizada pelas famílias, importa que cada museu olhe para os seus espaços exteriores ou para os da sua vizinhança e pense como os pode aproveitar para atividades em família, para prolongamento das atividades do museu ou somente como sugestão para dar ao grupo familiar.


Dar-se a conhecer como “amigo das famílias”

 Importa que as famílias perspetivem cada museu em concreto como um local adequado para a visita em grupo. O pior que pode acontecer é uma família à partida não considerar sequer a possibilidade de visitar determinado museu, por pensar “este museu não é para nós”. Cada museu pode e deve pensar na forma de se tornar atrativo e de despoletar a curiosidade nas famílias e na melhor maneira de provocar essa curiosidade para as cativar. Como levar as crianças a convencer os pais ou outros adultos a trazê-las ao museu?;

 Uma boa forma de chegar às famílias é convidar as crianças que visitam o museu com a escola a voltarem, de novo. Podem levar um convite concreto para o fazer ou podem levar um desafio que os leve a voltarem com os pais. Importa tirar partido desta visita com escolas para lançar o convite, provocar a curiosidade e desafiar a voltar;

 Os museus que querem ser amigos das famílias devem apostar na divulgação, escolhendo a forma mais eficaz para o fazer, de acordo com as suas coleções, os seus pontos fortes e aquilo que consideram ser mais atrativo para as famílias;

 A divulgação deve ser clara e verdadeira na publicidade e marketing. As famílias querem saber o que se passa, como chegar, o que esperar da visita e das atividades. Mas as famílias não querem chegar ao museu e sentirem-se enganadas, afinal isto “não era o que diziam”;

 Se o museu se quer dar a conhecer à comunidade como amigo das famílias, os “frente-de-casa”, sejam colaboradores ou agentes de empresas de segurança, devem ser envolvidos nessa política de acolhimento e boas vindas. Ser amigo das famílias, como atrás se referiu, é tarefa de toda a equipa de um museu.

Cada museu pode e deve pensar na forma de se tornar atrativo e de despoletar a curiosidade nas famílias.

Pensar a exposição e o seu design do ponto de vista das famílias

A equipa do museu poderá planear uma exposição também ela amiga das famílias. Há muitas vantagens em que o técnico do serviço educativo possa ser envolvido na conceção e desenvolvimento das exposições, para que sejam contempladas as necessidades dos diversos públicos.

- 1. Multifacetada**, permitindo que toda a família se junte em seu redor;
- 2. Multiutilizadora**, na medida em que várias mãos ou corpos podem interagir ao mesmo tempo;
- 3. Acessível**, sendo confortavelmente usada por crianças e adultos;
- 4. Multi-resultado**, sendo suficientemente complexa para promover a discussão entre os vários elementos da família;
- 5. Multimodal**, apelando a diferentes estilos de aprendizagem, níveis de conhecimento e experiências;
- 6. Legível**, essencialmente a nível de texto e legendas, por todos os elementos da família;
- 7. Relevante**, na medida em que fornece *links* cognitivos para o conhecimento e experiências anteriores dos visitantes, mas também ao promover o pensamento e novo conhecimento;
- 8. Segura**, não constituindo qualquer risco para o visitante nem para os objetos;
- 9. Participativa e interativa**, “*hands on*”, que encoraje as crianças a manuseá-la, juntamente com os adultos, facilitando a interpretação de todos.

Reconhecendo que para alguns museus com exposição permanente é impossível serem completamente repensados segundo uma ótica das famílias, podem pensar-se em pequenas intervenções sem alterações de fundo na exposição existente. Pode-se, então, pegar nos recursos disponíveis nesses museus e ver até que ponto se podem adaptar para as famílias:



Pensar com os curadores/conservadores na possibilidade de se disponibilizarem determinados materiais em algumas salas, que possam ser usados sem pôr em risco a preservação dos objetos e do espaço museológico;



Explicar às famílias o porquê de certos objetos estarem expostos de determinada forma, de não poderem ser tocados, e realçar quais os locais mais favoráveis e interessantes para a presença do grupo, nomeadamente das crianças;



Estabelecer um espaço na exposição destinado às famílias, onde estas possam sentar-se no chão e fazer atividades em conjunto. Desta forma as famílias trabalham no próprio ambiente da exposição mas de forma segura para todos;



Usar a sala da exposição para realizar atividades que não envolvam muitos materiais nem movimentos, como visitas orientadas, contar histórias, etc. Para atividades que exijam mais materiais e dinâmica, avançar para a sala dos serviços educativos;



Criar legendas ou textos específicos para grupos multigeracionais, com:

1. Frases que convidem a olhar os detalhes dos objetos;
2. Questões e sugestões;
3. Frases curtas;
4. Frases que incentivem a comparação entre vários objetos na mesma sala.

Disponibilizar ferramentas para as famílias usarem individualmente

Se o museu não tiver possibilidades de oferecer atividades orientadas para famílias, nomeadamente por falta de recursos humanos especializados ou financeiros, há sempre a opção de disponibilizar ferramentas que as famílias possam usar por si no museu.

Algumas ideias para essas ferramentas:



Disponibilizar na receção do museu algum material para as famílias levarem consigo na visita;



Criar espaços onde a família se possa sentar ao longo do museu, com uma mesa e algumas atividades para fazerem, livros que possam consultar, etc.;



Colocar nos diferentes espaços expositivos folhas de sala direccionadas para públicos multigeracionais.

Oferecer atividades e programas para famílias



Os programas e atividades desenvolvidos para famílias devem ter em conta que este é um grupo multigeracional, pelo que devem fornecer a oportunidade dos vários elementos se juntarem. O museu deve ter o cuidado de não infantilizar a visita nem a orientar somente para as crianças; deve ainda ter o cuidado de não a tornar muito “adulta”, utilizando um discurso e uma linguagem acessível para todos;

As atividades para famílias podem ter alguma componente que envolva o aspeto físico, que sejam “*hands on*” e promovam a interação. Importa ter presente que uma atividade que envolva “*hands on*” deve ser um meio para envolver a mente (“*minds on*”). A prática é a melhor forma de se entender as coisas. Atividades onde adultos e crianças possam “trabalhar” em conjunto, permitem não só o convívio entre o grupo familiar, como poderão auxiliar os pais no seu papel educativo;

Estimular a discussão entre os membros da família pode e deve ser valorizado, pois facilita a aprendizagem das crianças e dos adultos e incentiva o desenvolvimento do pensamento crítico;

A forma de saber se a atividade é apropriada para famílias é responder a uma *checklist*:

- ✓ Envolve crianças e adultos?
- ✓ Os materiais e o espaço são seguros?
- ✓ Haverá tempo para explicar aos adultos o que é e como decorrerá a atividade?
- ✓ Qual o número de participantes que o museu pode receber confortavelmente?
- ✓ O espaço parece acolhedor, profissional e limpo?
- ✓ Os participantes vão aprender algo que dificilmente aprenderiam noutros contextos (escola, biblioteca)?
- ✓ Parece ser uma atividade útil e interessante?
- ✓ Relaciona-se com o museu e com o seu acervo?
- ✓ Existem profissionais para apoiar as atividades?

3. FERRAMENTAS.

Que estratégias na orientação de visitas e atividades?

Como recorrer a Perguntas?

Questionar é uma forma de relação com o mundo e com as coisas e, desde cedo, as crianças relacionam-se com a envolvente questionando tudo e todos. Pensar a partir de questões promove a criatividade. Não basta questionar, é necessário procurar respostas às perguntas, investigar, buscar evidências que ajudem a desenhar conclusões. Questionar ajuda a ir além das primeiras impressões e sentimentos. Num museu, é importante perceber que o questionar se pode dividir em duas tipologias – questionar factos e questionar opiniões.

As estratégias de questionamento ajudam a pensar. O recurso a estas estratégias nos museus implica alguns pressupostos: dar tempo às pessoas; todos devem poder contribuir para a discussão; aceitar respostas tanto certas como erradas, pois ambas ajudam a desenvolver o entendimento e o pensamento; usar questões abertas para providenciar feedback, por exemplo, “o que te faz pensar assim?”; dar pistas; evitar julgamento.

Numa visita com famílias, o mediador pode definir um problema e procurar a resolução através de uma abordagem pergunta-descoberta.

O próprio contexto da exposição, nos textos de apoio e de parede, poderá integrar perguntas e levantar questões.

Os materiais de apoio criados para famílias poderão também integrar questões e incentivar o recurso ao questionamento, por parte dos pais e dos adultos que visitam os museus com crianças.



Pensar a partir de questões promove a criatividade.

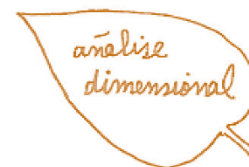
Como recorrer a Técnicas de Expressão?

Quando alguém se expressa pela palavra, pela música ou pela arte, recorre às capacidades críticas e criativas. Expressar ideias e pontos de vista e preparar argumentos ajuda a pensar de modo crítico e a ser criativo. Ajuda ainda, no contexto de uma visita em família, a partilhar visões, conhecer as perspetivas do outro e saber expressar-se. No museu podem usar-se estratégias que convidem os membros da família a expressarem-se, quer seja pela escrita, pelo desenho, pela palavra ou pela música. Em visitas livres, se a família tiver materiais de apoio e de interpretação nos espaços expositivos, que incentivem a escrever, partilhar ideias, desenhar, vai naturalmente conseguir tirar mais partido da visita, envolvendo-se, personalizando-a e apropriando-se do momento.



Estratégias e Métodos | Rotinas úteis em atividades com famílias

Consideramos que existem diversas estratégias que funcionam bem nas atividades com famílias e iremos sugerir aqui algumas. Ao conjugar diversas estratégias, com determinada sequência, passamos a estar perante métodos ou rotinas. Apresentamos uma listagem de estratégias e métodos, ordenada de forma alfabética, que possa ser consultável e a que se possa recorrer para sugerir ideias para aplicar em atividades com famílias. Para cada uma fazemos uma breve descrição e exemplificamos como pode ser usada em atividades com famílias.



A **análise dimensional** é um método que implica a análise das questões em mãos por cinco dimensões:

- 1 - Dimensão substantiva (o quê?) – visível/ invisível; ativo/passivo;
- 2 - Dimensão espacial (onde?) – perto/longe;

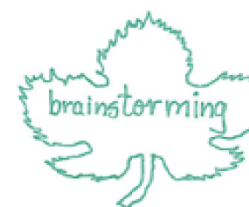
isolado/no meio;

- 3 - Dimensão temporal (quando?) – recente/antigo; constante/inconstante;

- 4 - Dimensão quantitativa (quanto?) – muito/pouco, simples/complexo;

- 5 - Dimensão qualitativa (quão sério?) – primário/ secundário; valores próprios/ impróprios.

A análise dimensional é um método muito útil em atividades orientadas em museus, para explorar com o grupo um objeto, por diferentes perspetivas, recorrendo sempre a questões e a comparações.



Brainstorming é uma técnica que promove o pensamento divergente e a criatividade em grupo.

Em pequenos grupos, o orientador estimula a geração de ideias, seguindo algumas regras base: não há julgamento; todas as ideias, mesmo as mais disparatadas, são bem-recebidas; a quantidade tem valor, quanto mais ideias melhor; partilhar, combinar e construir ideias baseadas

nas desenvolvidas por outros membros do grupo gera novas ideias.

Nos museus pode recorrer-se ao *brainstorming* nas visitas com famílias: perante um retrato, em que o retratado está com um ar desolado, pode-se usar esta técnica para chegar a uma multiplicidade de razões possíveis para ele estar nesse estado de alma; ou perante um objeto exposto, estranho a todos, pode-se recorrer a esta técnica para pensar em todas as possíveis funções que esse objeto tenha tido.



A criatividade exige **desafios** que façam sair da zona de conforto mas, ao mesmo tempo, não façam a pessoa sentir-se perdida e sem rede. Num museu é fundamental saber colocar desafios na medida certa para captar as famílias. Se os desafios forem demasiado afastados dos seus interesses e conhecimentos, as famílias podem sentir que

não os entendem nem são relevantes. Se não tiverem nada de novo, podem criar desinteresse.

A criação de um jogo do estilo “trivial pursuit”, adaptado especificamente ao museu, para jogar em família no contexto da exposição, pode ser uma boa forma de colocar desafios, podendo o jogo integrar desafios diferentes para captar diferentes interesses e níveis de conhecimento. O jogo pode ainda conter uma caixa com desafios para adultos e outra para as crianças, de forma a que os desafios estejam ajustados aos conhecimentos e capacidades de cada nível etário.



Esta estratégia consiste em escolher um **estímulo aleatório**, por exemplo, uma palavra à sorte, e procurar novas conexões entre a palavra e um objeto ou um problema em mãos. Qualquer pessoa já teve provavelmente a sensação de andar às voltas com um problema e passar por cima das mesmas ideias muitas vezes, com dificuldade de quebrar o pensamento normal e chegar a

novas ideias. Quando se usa esta estratégia, é mais fácil quebrar esse pensamento normal, pois esse estímulo aleatório é a porta de entrada, *entry point*, para o pensamento fora dos padrões estabelecidos. O desafio é pensar em possibilidades que nunca se pensariam se não se tivesse esse estímulo como *entry point*.

Num museu, podemos usar *entry points* para promover a exploração de um objeto exposto. Numa visita orientada para famílias, por exemplo, o mediador pode usar um saco com palavras soltas recortadas de um jornal ou revista e tirar à sorte cada uma dessas palavras, desafiando os participantes a sugerir relações possíveis entre cada uma dessas palavras e o objeto do museu que estão a observar. Alternativamente, os *entry points* podem ser objetos aleatórios dentro de um mesmo saco.



Colocar hipóteses é uma estratégia imaginativa que abre o campo das possibilidades. Uma das técnicas que recorre a esta estratégia é o Pensamento por Possibilidades, que propõe uma aproximação por questões - “*what if*”.

Uma forma de um mediador recorrer a esta técnica, numa visita com famílias, é fazer sempre a abordagem de cada obra, colocando hipóteses: “Se esta figura aqui representada, que segue pela estrada fora, voltar para trás, o que encontrará? E se seguir em frente? O que acontecerá se se cruzar com um mendigo? E o que acontecerá se encontrar na estrada um pastor com um rebanho?”. Este tipo de abordagem, com famílias, ajuda a que cada um se “meta na cena”, com as suas experiências, os seus receios, com aquilo que é. Esta experiência partilhada ajuda a que os elementos de uma mesma família se conheçam e partilhem modos de ver e imaginar.



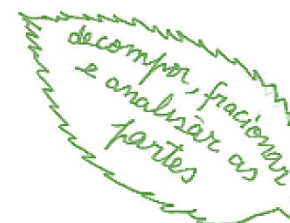
Trata-se de uma técnica desenvolvida por Robert Dilts, ao ver o modo como Walt Disney tinha sucesso em transformar fantasias em realidade. Este método separa os 3 papéis vitais do processo: o sonhador, o realista e o crítico. O sonhador, visionário, sem limites, pergunta “o que realmente quero num mundo ideal?”; O realista estabelece o enquadramento para o progresso e pergunta-se “O que farei para tornar estes planos realidade?” O crítico olha os problemas e pergunta “O que pode faltar, o que não vai funcionar?”.

Num museu, numa cena representada num quadro, pode desafiar-se uma parte do grupo a olhar a cena como sonhadores, outra parte do grupo a olhar como realistas e outra a olhar como críticos. Porem-se no papel “de” ajuda a ver diferentes pontos de vista.



Cultura do Pensamento é um método que integra 7 estratégias: olhar de perto; maravilhar-se e questionar; interpretar; conectar; considerar diferentes perspetivas; ir além da superfície e formar-se uma conclusão.

Este método é pensado e proposto especificamente para museus de arte, para explorar com grupos determinadas obras. Atualmente outro tipo de museus têm procurado aprender com os museus de arte e adaptar alguns dos seus métodos.



Decompor, fracionar e analisar as partes é um caminho para entender o todo pela análise dos seus elementos. Trata-se, literalmente, de dissecar, de percorrer o processo de construção de um todo complexo pela união dos elementos. Dissecar é um instrumento importante do pensamento criativo que abre a mente para a descoberta, em processos analíticos, como a investigação criminal ou a investigação no decorrer de uma autópsia.

Também as estratégias de decompor, fracionar e analisar são importantes no processo de análise de uma obra, num museu. Dissecar uma pintura cuja composição é complexa, como se fosse um corpo, em busca de pistas, indícios, e depois no final juntar as partes e voltar ao todo, ajuda-nos a percorrer todos os centímetros da pintura com um olhar de detetive, o que é sempre entusiasmante para as crianças.



Desafiar Assunções significa questionar as coisas do quotidiano que se tomam como certas. O comportamento natural das pessoas é fazer as coisas como sempre fez e assumir que o que sempre considerou ser verdadeiro é realmente verdadeiro. Esta forma de pensar impede por vezes de aceitar ideias novas e a estratégia de desafiar suposições é, exatamente, uma estratégia que provoca a abertura para o que não é natural, óbvio e certo.

Num museu, pode recorrer-se a esta estratégia para desafiar suposições tidas como certas, levar o visitante a questionar-se acerca das verdades absolutas e promover o seu sentido crítico.

No seio de uma família, a educação do sentido crítico e da opinião é muito importante; um museu pode ajudar os adultos a promoverem o sentido crítico das crianças. Como? Uma das formas de o fazer é provocar o questionamento sobre essas verdades “absolutas”, lançando questões (no próprio espaço expositivo ou em materiais de apoio) e depois dando sequência a essas questões. Por exemplo: Será que todas as obras expostas no museu têm igual nível de qualidade? Será unânime a opinião de diversos autores sobre a autoria de determinada obra? Porquê? Porque é que determinada obra esteve em local de destaque e deixou de estar? O museu já esteve “enganado” em relação à autoria, ao valor ou à importância de alguma obra?



Descrever é uma estratégia que decorre da observação e torna visível o que se percebe. Ao descrever, percebe-se que há muitos modos de ver: pode haver tantas descrições quantos os pontos de vista, cada pessoa descreve à sua maneira. A descrição deriva da observação e conduz também à observação.

Se, no contexto de uma visita ao museu, com várias gerações, se desafiar os participantes a descreverem uma pintura, escultura, ou joia, esta descrição poderá conduzir à observação atenta por todos e à descoberta da novidade a partir da partilha de olhares e perspetivas. É sempre interessante perceber como, a partir de uma mesma situação que se passe dentro de uma pintura, 4 ou 5 pessoas juntas poderão ver de forma diferente!



Desenhar leva a olhar com profundidade, relacionar as partes e o todo, selecionar a partir do que se vê, sublinhar o principal, ver o essencial e o detalhe. Desenhar é um exercício de alta concentração que conduz a um olhar em profundidade e complexidade sobre as realidades que se observam e desenharm.

Num museu pode recorrer-se a estratégias de desenho para levar os elementos de uma família, nomeadamente as crianças, a concentrarem-se na observação de um objeto, mas também para potenciar a criatividade e imaginação.



Há imensas técnicas que partem da estratégia de **imaginar e visualizar**, que se baseiam no recurso às faculdades imaginativas de cada um. Imaginar o que aconteceria se... imaginar-se no papel de... imaginar as consequências de... A imaginação serve para viajar pelo passado e futuro, pelo conhecido e desconhecido, pelo possível e impossível. As estratégias imaginativas ajudam a pensar fora do conhecido e do esperado. Num museu, os próprios objetos são provocadores da imaginação. É possível, no entanto, recorrer a estratégias imaginativas para provocar essa ativação da imaginação.

Uma atividade simples pode ser, a partir de um retrato, distribuir a cada membro da família uma reprodução/cópia do retrato, com um balão de pensamento em cima do retratado, para cada um imaginar e escrever o que se passará na cabeça desse. A partilha a partir do que cada um imaginou e escreveu, poderá ser ponto de partida para uma exploração divertida e profunda sobre a obra.



interpretações múltiplas.

LTA é um método usado em museus, que se baseia na identificação de 6 capacidades de olhar a arte e interpretar o texto, que contribuem para aumentar as capacidades de pensamento crítico: descrição completa; foco aumentado; colocação de hipóteses; raciocínio evidente; construção de esquemas;

Este método pode ser usado para promover o pensamento crítico em visitas multigeracionais. Começa-se por provocar a descrição completa de uma obra (O que veem aqui? Ao perto? Ao longe? ...) para depois focar de forma aumentada o centro da cena (O que se passa?). De seguida colocar hipóteses (porque será que? acham que...? e se...?). As hipóteses provocam o raciocínio evidente (que pistas vos levam a pensar assim?). Como forma de organização das hipóteses e do pensamento lógico podem construir-se esquemas e, por fim, chegar a interpretações múltiplas.



Os **mapas mentais** são um método que ajuda a aprender de forma eficaz, melhorando a maneira como se regista a informação e apoiando a resolução criativa de problemas. Estes mapas partem do conceito central, a partir do qual saem, em braços radiais, questões relacionadas com esse conceito. A ligar os diferentes braços podem haver inter-relações.

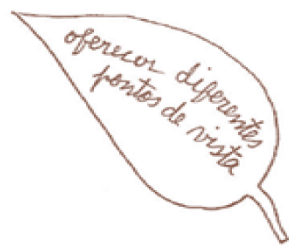
A partir do centro, onde se escreve, por exemplo, “visita ao museu X”, pode sair um braço radial com a palavra “obras”, no qual se escreve o nome das obras que se lembram de ter observado; noutro braço escrever-se “palavras-chave”, e escrevem-se as palavras-chave que cada um refere, para caracterizar a visita; um terceiro braço com a palavra “pontos +” pode servir para escrever o que cada um mais gostou na visita; um novo braço, com a palavra “pontos –” pode servir para escrever o que menos gostaram; um outro braço, com a palavra “tops”, pode servir para escrever o nome das obras que mais gostaram... Trata-se no fundo de fazer um esquema síntese, que é um retrato daquela visita para aquele grupo específico. Ao fazê-lo as pessoas estão a recordar, sintetizar, comparar, integrar o novo.



Notebook é uma técnica de escrita que se baseia no conceito da pessoa se fazer acompanhar a todo o momento por um pequeno diário para tomar notas. Alguns museus, como o Denver Art Museum aplicam esta ferramenta de pensamento criativo aos espaços expositivos, disponibilizando diversos suportes de escrita para que os visitantes registem a sua visão,

escrevam o que veem, partilhem a sua escrita com os outros. Nas exposições, o Denver Art Museum tem diários ou *notebooks* onde os visitantes podem registar palavras chave sobre determinadas obras, outros onde podem escrever um poema a partir de uma obra exposta e outros em que podem simplesmente escrever a sua visão sobre alguma exposição, ou desenhar o que mais lhes chama a atenção.

O convite à expressão, no espaço expositivo, pode ser muito interessante para grupos multigeracionais, não só pelo poder participar, escrevendo ou desenhando, mas também por poderem ter acesso à visão de outras pessoas sobre as mesmas obras que estão a observar. Os visitantes podem partilhar as visões com quem veio antes e com quem ainda virá à exposição.

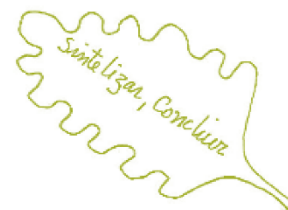


Num museu, quando se oferecem **diferentes pontos de vista** sobre os objetos expostos – a partir do olhar de diferentes profissionais ou pessoas, de diversas áreas do saber, de distintas perspetivas em termos espaciais – leva-se o visitante por um lado a descobrir a diversidade de olhares e a relacioná-los e, por outro, a posicionar-se e a descobrir a sua forma de olhar.

Num museu, pensando em grupos multigeracionais, mas não só, podem oferecer-se diferentes pontos de vista através de diferentes tabelas, em obras selecionadas.

Por exemplo, em determinada pintura pode optar-se por integrar uma tabela com o contexto histórico, feita pelo curador; outra que desafie o olhar e reparar em diversos detalhes da pintura, escrita pelo mediador; outra tabela explicando a técnica e materiais usados pelo pintor nessa obra, escrita por um pintor; e outra tabela ainda que desvende os segredos da química por detrás dos pigmentos usados, feita por um químico.

Outra possibilidade é a criação de um audioguia com diferentes abordagens sobre a mesma obra ou objeto: uma mais sensorial, outra promovendo a imaginação, outra convidando o olhar a percorrer toda a obra de perto e de longe, outra fornecendo informação sobre a obra e seu autor.



Sintetizar vem do verbo grego “para libertar, para soltar”, e significa construção de um todo complexo pela união dos elementos, em especial o processo de formação de conceitos, ideias, teorias. Se analisar é separar do todo as suas partes, sintetizar é um processo inverso. Numa visita ao museu, com famílias, é importante

usar estratégias de análise ao longo da visita, mas é fundamental usar estratégias de síntese no final, para que os participantes “levem algo para casa”, se focarem, compreendam o que levam dali.

Uma possibilidade é sugerir que voltem atrás, no final da visita, para se despedirem da obra que cada um mais gostou. Outra possibilidade é desafiá-los a partilhar com o grupo 3 palavras-chave que sintetizem o que mais os tocou, na visita. Uma terceira possibilidade é fecharem os olhos, no final da visita e dizerem, sem pensar muito, qual a obra ou sala que lhes vem à cabeça.



Sticking Dots é um método popular para determinar prioridades de uma votação, de forma anónima, normalmente usado em grupo. Dá-se a cada grupo um conjunto de pontos de cores diferentes e determina-se algum tempo para cada grupo deliberar sobre as ideias e votar.

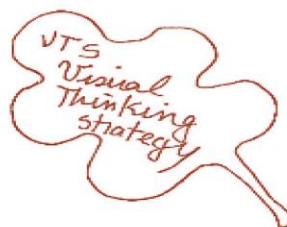
Numa exposição, esta técnica pode ser usada para, no final da visita, os visitantes votarem a obra que mais lhes capta a atenção, recorrendo a post-its coloridos que colam na parede.



Storywriting é uma estratégia de escrita que liga o mundo real e o imaginário. Numa visita a um museu, na relação com os objetos expostos, o visitante relaciona o mundo de cada objeto com o seu próprio mundo. Esta técnica de escrita pode incentivar o visitante

a criar histórias a partir do mundo imaginário em que o objeto exposto o faz mergulhar mas, simultaneamente, fazendo paralelos com situações reais.

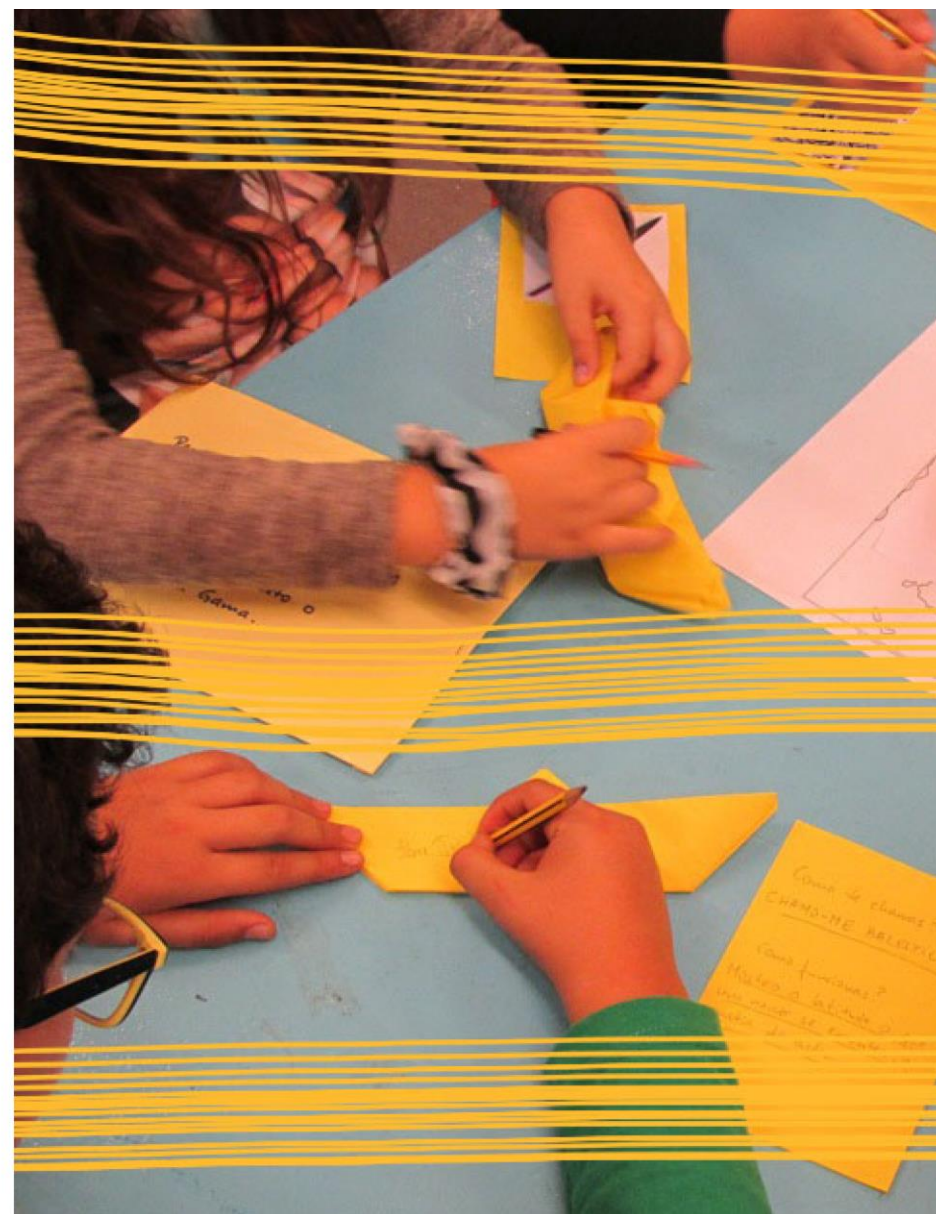
Por exemplo, perante um ambiente de um museu, pedir a uma família que selecione 5 ou 6 objetos expostos e depois crie uma história em que entrem esses objetos, leva a família naturalmente a entrar em relação com os objetos e, simultaneamente, tecer uma série de cruzamentos entre o que são as suas experiências, o que conhecem e os objetos expostos.



Estratégias do Pensamento Visual (VTS) é um método iniciado por Abigail Housen, educadora de museus, a partir de discussões sobre arte, facilitadas por mediadores. Através deste processo de pensar os visitantes cultivam a capacidade e confiança de apresentar as suas ideias e respeitar e aprender a partir das dos pares. As VTS são um método de exploração de objetos vastamente utilizado na América,

nomeadamente em museus de arte. Quem usa este método acredita que a discussão mediada e reflexiva sobre arte ativa a aprendizagem e o pensamento crítico.

O mediador mostra objetos de arte e leva o grupo a falar e pensar sobre eles e, a partir deles, sobre múltiplos assuntos. Ou seja, este método pode ser útil para que as famílias, a partir da observação, discussão e reflexão sobre objetos artísticos num museu possam falar sobre múltiplas temáticas.



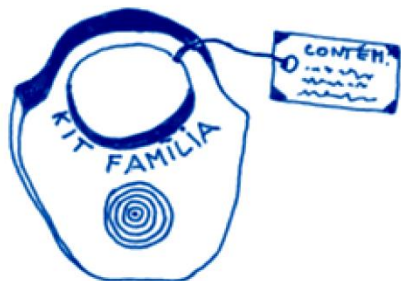
4. TIPOLOGIA DE ATIVIDADES E RECURSOS.

O que já se faz e como?

Neste capítulo apresentamos várias tipologias de atividades e recursos desenvolvidos em museus e em outros espaços. Para cada tipologia procuramos apresentar alguns pontos positivos e negativos e sugerir alguns casos práticos, que esperamos que sejam inspiradores para cada museu pensar as suas atividades.

Propostas desenvolvidas em museus

KITS PARA FAMÍLIAS



Os Kits para famílias são uma ferramenta importante para uma melhor compreensão do museu. Pode-se dizer que são uma espécie de guião da visita feito especialmente para famílias, contendo informações sobre o museu e as salas/objetos, dando dicas de exercícios para uma melhor compreensão da temática a explorar.

Pontos positivos

Pensados especificamente para famílias, tendo em conta os seus interesses e necessidades.

Pontos negativos

Podem ser demasiado extensos e apresentar ideias que não cativem o grupo; alguns acabam por substituir de certa forma a visita orientada, mas sem a componente do contacto com o mediador.



(<http://www.ysma.gr/en/education-museum-kits>)



(<https://www.cmhouston.org/library>)

MOCHILAS PARA FAMÍLIAS



Mochila de caráter lúdico e didático, construída a partir das temáticas do museu. Pode incluir diferentes materiais – jogos, material de escrita e atividades plásticas, etc. Pode ser requisitada para uso no interior do museu e noutros casos para uso no exterior do museu, por pequenos grupos familiares.

Pontos positivos

Pode conter muitos objetos, possibilitando várias atividades e exercícios; interativo para as crianças, permitindo-lhes viver novas experiências e adquirir novos conhecimentos; promove uma abordagem mais estimulante do museu.

Pontos negativos

Pode revelar-se pouco prática, tornando-se pesada para as crianças transportarem; e ainda ser de difícil controlo por parte da equipa do museu.



(http://www.britishmuseum.org/visiting/family_visits/gallery_backpacks.aspx)



Victoria & Albert Museum

(<http://www.vam.ac.uk/content/articles/d/designing-museum-activity-backpacks-for-families/>)



Acropolis Museum

(<http://www.theacropolismuseum.gr/en/content/family-backpacks>)

PERCURSOS



Visita orientada fora de portas, pela cidade, dedicada a um tema que se articula com as temáticas exploradas no museu.

Pontos positivos

Permitem o convívio ao ar livre; estimulam o conhecimento da própria cidade; estabelecem e demonstram a relação entre o museu e os seus objetos e a cidade.

Pontos negativos

Podem não ser adequados para todo o tipo de família: por exemplo, um percurso muito longo não é adequado para famílias com elementos muito novos ou com mais idade e com aqueles que possuam alguma deficiência motora; o ambiente e ruído da cidade podem distrair a família do que realmente importa.

Museu e Igreja da Misericórdia do Porto

(<http://www.mmipo.pt/en-gb/servico-educativo/visitas-e-percursos-tematicos>)

Museu Nacional de Arte Antiga

(<http://www.museudearteantiga.pt/exposicoes/percursos>)

Museu Nacional de História Natural e da Ciência

(<http://www.museus.ulisboa.pt/pt-pt/node/1797>)

PEDIPAPERS



Dentro de um museu, no espaço circundante do mesmo ou pela cidade, o pedipaper é uma atividade que os grupos desenvolvem autonomamente, depois de feita uma introdução e disponibilizados materiais que propõem desafios para fazer, descobrir e observar no museu.

Pontos positivos

Possibilidade para conhecer o espaço circundante do museu; estabelecer a relação entre o museu e a cidade; aprender de forma lúdica.

Pontos negativos

A família pode perder-se (se o guia do pedipaper ou o roteiro não for explícito e/ou esta não conhecer a cidade); se a distância do pedipaper for grande; se os elementos mais jovens da família não entenderem os desafios pedidos.



(<https://www.cascais.pt/evento/navegar-no-museu-peddy-paper>)



(<http://www.museudesao Roque.com/pt/programacao/actividades/criancas/peddypaper.aspx>)

CARRINHO DE ATIVIDADES



Carrinho portátil que contém diversas atividades e se pode ir deslocando, periodicamente pelos vários espaços do museu.

Pontos positivos

Versatilidade; caráter *pop-up* e possibilidade de carregar todo o tipo de recursos; não exige rigidez de horário.

Pontos negativos

Exige recursos humanos permanentes.



Museum of Fine Arts Boston

(<http://www.mfa.org/programs/kids-and-family-programs/family-art-cart>)



Philadelphia Museum of Art

(<https://www.philamuseum.org/calendarEvents/programs.html>)



(<http://www.worcesterart.org/events/art-cart/>)

CONTOS



Estórias contadas a partir de um objeto do museu ou de um livro relacionado com este.

Pontos positivos

Forma diferente de aprender sobre o museu; as crianças estão muito familiarizadas com a técnica de estória.

Pontos negativos

Adultos considerarem a história muito infantil; estória desligar-se do museu e dos objetos.



(<http://www.liverpoolmuseums.org.uk/ladylever/visit/activity-rooms.aspx>)



(<http://www.pamm.org/artstorytime>)

VISITAS ORIENTADAS



O grupo é acompanhado por um técnico do museu que o leva a explorar toda a exposição ou parte dela. Estas visitas podem ser de âmbito geral ou temáticas.

Pontos positivos

Melhor acesso a informação;
acompanhamento
personalizado.

Pontos negativos

O mediador não ter
sensibilidade de falar
simultaneamente para adultos
e crianças.

Museu Nacional de Arte Antiga

(<http://www.museudearteantiga.pt/educacao/atividades-atuais/visitas-orientadas>)

Museu Coleção Berardo

(<http://pt.museuberardo.pt/educacao/atividades/Visitas-orientadas>)

Serralves

(<https://www.serralves.pt/pt/reflexao/visitas/visitas-guiadas-as-exposicoes/?atividades=Futuras&menu=794>)

Museu de Arte, Arquitetura e Tecnologia

(<https://www.maat.pt/pt/visitas-orientadas>)

VISITAS OFICINA



A partir de uma breve visita exploratória ao museu, o grupo participa numa oficina. Utilizam-se metodologias distintas – jogos, atividades de expressão plástica ou dramática, escrita criativa, ... – para potenciar a relação dos participantes com o museu e suas coleções.

Pontos positivos

Aprender de forma mais prática; envolvendo os adultos e as crianças; podem introduzir novos materiais e técnicas.

Pontos negativos

Alguns adultos acharem que a atividade é muito infantil.

Serralves

(<https://www.serralves.pt/pt/educacao/escolas-e-professores/programas-educativos-2017-18/visitas-oficina/>)

Museu da Marioneta

(<https://www.museudamarioneta.pt/pt/eventos/oficinas-e-visitas-para-adultos/>)

Museu do Calçado

(<http://www.museu-do-calcado.pt/pt/workshops-e-oficinas-criativas>)

VISITAS LIVRES



A visita livre, é, tal como o nome indica, aquela que a família executa sem o acompanhamento específico de um técnico do museu. Esta visita pode ser enriquecida se existirem materiais de apoio para a família.

Pontos positivos

Confere liberdade de movimento para as famílias, pois estas visitam/vêm apenas o que querem; liberdade de horários.

Pontos negativos

Não existe um acompanhamento personalizado a nível de informação; as famílias podem deixar certos objetos ou salas importantes por visitar por não possuírem essa informação.



Em princípio todos os museus disponibilizam a visita autónoma, mas alguns disponibilizam kits específicos para as famílias se orientarem.

Ideias vindas de fora dos museus

BIBLIOTECAS



Biblioteca Pública Municipal do Porto: SÁBADOS A CONTAR

“Aos sábados, às 15h30 há hora do conto para toda a família seguida de uma atividade de expressão plástica, escrita ou dramática, na Sala do Conto da Biblioteca Pública Municipal do Porto, ao Jardim de São Lázaro, Porto. Para crianças maiores de 4 anos.”



Biblioteca de São Lázaro (Lisboa): Quem Yoga um conto acrescenta um ponto...

“Yoga na Biblioteca, PARA FAMÍLIAS com crianças maiores de 3 anos, na Biblioteca de São Lázaro. (...)”



Biblioteca Municipal de Aveiro: Oficina de Barro – Um lindo Coelho

“Na Páscoa não pode faltar moldar um coelho... este ano também escreverão uma mensagem...para quem? Tu decides. Onde: Biblioteca Municipal de Aveiro. inclui todo o material e a cozedura.”



Biblioteca dos Olivais: Atelier de Carimbos

“Este atelier é dedicado PARA CRIANÇAS dos 3 aos 12 anos., na Biblioteca dos Olivais.”



Biblioteca de Marvila: Oficina – Sagarana

“Oficina dirigida PARA CRIANÇAS dos 7 aos 12 anos, (...), na Biblioteca de Marvila. A Tipografia Miúda oferecerá um atelier onde as crianças poderão experimentar a tradicional arte de imprimir.”



Biblioteca Municipal D. Dinis: Atelier de Costura Criativa

“(...) Atividade de Leitura com atelier de arte e costura criativa. Vai ser uma manhã fantástica, onde estarás rodeado de tecidos, moldes, recortes, cores e muito boa disposição.”



Biblioteca David Mourão-Ferreira (Lisboa): Oficina – Ilustrar um livro de autor

“Oficina Artística para FAMÍLIAS com crianças entre os 6 e os 12 anos, na Biblioteca David Mourão-Ferreira. Vamos pensar a ilustração de um livro de autor. (...) Onde o participante poderá experienciar o contacto direto com as técnicas de ilustração.”



The Kansas City Public Library: Storytime at Central

"Junte-se a nós todas as terças-feiras às 10 horas para contar histórias, músicas e com muito tempo para jogar. (...) O estacionamento é gratuito!"



British Library: Architecture Explorers

"Desenhe o seu próprio prédio. Faça uma viagem dos tijolos vermelhos da British Library aos impressionantes palácios rosa de Jaipur e use a imaginação para desenhar o seu próprio edifício! As famílias terão a hipótese de experimentar diferentes materiais e colagens para fazer imagens 2D ou um modelo 3D."



Library of Congress (Washington): Activity Sheets

"Imprima estas atividades e leve-as para completar durante a visita na Biblioteca."



Palace Green Library (Durham University): Beautiful Books

"Comemore a nossa maravilhosa biblioteca e faça o seu próprio livro para levar para casa."

Todos os pais gostam de contar histórias aos seus filhos pequenos. E todas as crianças adoram que os pais lhes contem histórias. Será que os museus podem ser espaços para aprender a contar histórias, a partir de objetos? Será que podem ser espaços de aprendizagem para que depois os pais ponham os objetos que habitam a sua casa a contar histórias aos filhos, sobre a família, os lugares de onde vieram ou as pessoas com quem viviam anteriormente?

Todas as crianças pequenas gostam que os pais façam atividades com elas. Será que os museus podem propor atividades de expressão - escrita, plástica, dramatização, costura, carimbos - para as crianças fazerem com os pais? É importante pensar as atividades a propor, de forma a que o envolvimento dos pais seja necessário, para que seja efetivamente atividades para fazerem juntos e não só para as crianças.

PALÁCIOS E MONUMENTOS



Castelo de São Jorge: Artes bélicas no castelo-ARTILHARIA MEDIEVAL

"(...) Este programa irá explorar vantagens, desvantagens, evolução e queda em desuso dos três tipos de engenhos utilizados para operações de cerco, começando com o cerco de Lisboa e uma Petraria, passando pela conquista de Silves com uma Balista e acabando com o cerco de Ceuta com um falcão de campo. No final do programa o visitante poderá experimentar o uso quer da Petraria quer da Balista sob a supervisão dos membros do Ofício Bélico."



Padrão dos Descobrimentos: Histórias do Faz-de-Conta

"Para os mais pequeninos, e também para os pais, o 3º domingo do mês propõe atividades e ateliês sempre diferentes. Este é um tempo único, para partilhar novos territórios com muita imaginação."



Palácio Foz: Sábados em Família | Oficina – BRINQUEDOS ÓTICOS A Magia das Imagens em Movimento

"Podemos animar os nossos desenhos? Descobre e constrói aparelhos (taumatrópio e zootrópio) que animam imagens, surpreendendo-te com o movimento dos teus desenhos!"



Paço de Guela: Sai da casca e vem à Caça ao Ovo

"(...) Foram pensadas, especialmente para estes dias, um conjunto de atividades com fortes conteúdos históricos, dirigidas a pequenos e a graúdos. Venha festejar a Páscoa no Paço de Guela, não vai faltar animação e brincadeira para todos."



Cardiff Castle: Timetraveller

"Bem-vindo ao site do Cardiff Castle Timetraveller! Saiba tudo sobre o castelo, as pessoas que nele viveram, e jogue enquanto viaja pelo tempo. Escolha uma personagem ou período histórico para começar..."



Hever Castle & Gardens: Maths Trail

"Dá uma volta pelo castelo e segue o trilho olhando padrões, sequências, formas, estimando e contando. Aproveita e desenha os teus padrões favoritos!"

Decorar um monumento nacional a rigor para receber pequenos e graúdos... porque não criar um dia especial nos museus, para uma grande festa para famílias? À semelhança do que fazem alguns palácios, também Serralves, com a Festa de Outono, porque não criar um dia em que os museus estão em festa para receber as famílias?

OCEANÁRIO, ZOOS E PARQUES



Jardim Zoológico: Sábados Selvagens

“(…) Nos percursos temáticos do programa visite alguns bastidores e descubra alguns dos processos diários de tratamento e alimentação dos animais, bem como vários exemplos de enriquecimentos ambientais. (...) Os Sábados Selvagens incluem também encontros com tratadores, para que os mais pequenos e graúdos possam ficar a saber todas as curiosidades sobre as espécies. (...)”



Oceanário: ‘Dormir com os Tubarões’

“Quem diria que os tubarões são uma boa companhia para dormir? Viva uma experiência única em família. (...) Aprenda mais sobre a vida no fundo dos oceanos. (...)”



Sea Life Porto: Mergulhar com um tubarão-baleia?

“(…) miúdos e graúdos vão poder usufruir de uma experiência única, com óculos 360°, para mergulharem numa aventura inesquecível pelo universo dos oceanos. (...)”



Dallas Zoo: Family Zoo Adventures

“(…) Cada sessão mensal concentra-se num tema diferente e inclui estações de atividades, encontros de animais e passeios zoológicos especiais que tornarão a aprendizagem divertida para os mais novos e mais adultos. As atividades são desenvolvidas para famílias com jovens entre 4 e 12.”



Houston Zoo: Family Nature Club

“O Family Nature Club é uma oportunidade para as famílias saírem juntas e explorar a natureza! (...) Conheça famílias cheias de ideias e saiba que está a fornecer oportunidades significativas de exploração e de jogo aos seus pequenos.”



L'Aquàrium Barcelona: Behind the Scenes, with Captain Aquarium

“Gostarias de ver onde e como as nossas espécies vivem? O Captain Aquarium irá mostrar os lugares que normalmente não são acessíveis para o público em geral: a sala de quarentena e a cozinha, o laboratório e a parte superior do Oceanário.”

Óculos 360° para mergulhar numa aventura inesquecível... Edward de Bono propõe que se usem 6 chapéus diferentes para ver por 6 perspetivas diferentes. E se, substituindo a ideia de chapéu por óculos, se usassem, numa visita em família no museu, óculos de várias cores, para propor diferentes olhares sobre as obras? Com os óculos brancos, só vemos factos; com os amarelos vemos de forma positiva; com os pretos julgamos pelo olhar; com os vermelhos vemos com os sentimentos e intuição; com os verdes vemos com criatividade e geramos alternativas; e com os azuis controlamos o processo e asseguramos que usamos todos os óculos!

TEATROS



Teatro da Trindade INATEL: Conversas de Corpo

“Espetáculo-instalação para e com crianças dos 0 aos 3 anos, as suas famílias e amigos. (...)”



Teatro do Elefante (Setúbal): ABETO - Artes para bebés e todos os outros

“(...) O programa integra espetáculos, ateliês, concertos, sessões de cinema, conversas, entre outras iniciativas, dando ênfase à reflexão e divulgação científica, desenvolvidas no campo das artes para bebés.”



Teatro Municipal São Luiz: os sapatos do sr. Luiz

“Visita-espetáculo. Vamos conhecer os Sapatos deste Teatro? ou melhor... quem os calçava? (...) Visitas que vivem de gestos, memórias, objetos e melodias para proporcionar, aos mais novos, experiências performativas e participadas. Desvendam histórias do Teatro São Luiz e convidam a viver o percurso com o corpo, a palavra e a imaginação.”



National Theatre: An Actor's Life for Me - Pinocchio Workshop

“(...) Explore o mundo de Pinóquio numa oficina familiar divertida (...). Usando fantasias, improvisos, músicas e criação de histórias, as famílias criarão cenas que exploram como as mentiras e o mau comportamento levam à barriga de uma fera.”



Royal Shakespeare Company: Dressing Up Box

“Vista-se com uma variedade de figurinos especiais e adereços da nossa loja de fantasias. A Dressing Up Box permanente encontra-se no piso térreo do teatro e é para todas as idades. (...)”



Sidney Opera House: Circus Skills Workshop

“(...) Com dois tipos de oficinas criativas para escolher, convidamos-vos a aprender novas habilidades de circo e até mesmo a mostrar os vossos novos truques numa performance no final da oficina. Iniciantes são bem-vindos, nenhuma experiência anterior é necessária.”

Usar a voz, o corpo, o gesto e a palavra para apreender a atenção dos ouvintes, fazê-los entrar com a imaginação numa cena... este poder do teatro e da dramatização pode ser uma ferramenta poderosa para os mediadores dos museus levarem os visitantes a viajar com a imaginação pelas obras. Muitas vezes o mediador do museu centra-se na narrativa da visita. Com os profissionais do teatro pode aprender a enriquecer essa narrativa com gestos, modelação de voz, pausas, expressões físicas e sonoridades diferentes.

SHOPPING CENTERS



Braga Parque: Gaming Experience

“Para além de jogos, torneios e workshops, há uma viagem no tempo ao longo dos 50 anos da história dos videojogos.

(...) iniciativa organizada em parceria com o Museu dos Videojogos Nostalgica, que durante duas semanas vai permitir a miúdos e graúdos conhecerem a história dos videojogos, experimentar várias consolas e até participar em workshops para criarem o seu próprio videojogo. (...)



Mar Shopping: Dominginhos

"(...)

Composta por diferentes temáticas, a programação dos “Dominginhos” resulta de uma parceria com a Catavento, empresa da incubadora de indústrias criativas da Fundação de Serralves, que se dedica a projetos educativos. Os “Dominginhos” acontecem aos domingos, entre as 11h00 e as 12h00, no corredor de Moda Infantil do MAR Shopping Matosinhos, Piso 0, e propõem atividades às crianças, sempre a custo zero.”



The Americana at Brand: Kids Yoga on the Green

“Por favor, junte-se a nós para uma aula de ioga infantil cheia de diversão no The Green com a Heather Mendoza. Recomendado para crianças de 3-6 anos, mas os pais são sempre bem-vindos para participar na diversão!”



HighPoint (Melbourne): Time to Play

“As nossas telas digitais interativas Play9 são uma ótima combinação de educação e diversão, oferecendo desafios inovadores e conteúdo colorido às crianças.”

Os *shopping centers* sabem bem que se forem palco de eventos ligados a atividades interativas, videojogos e consolas, tornam-se atrativos para famílias. Será que os museus podem aprender com os *shopping centers*? Será que podem explorar algumas parcerias, de forma a serem palco de eventos para famílias que, ao virem pelos eventos, aproveitam para ver o museu e até gostam?

Sugestões das famílias

Para acolher as famílias nos museus é importante dar-lhes voz, perceber quais as suas necessidades e interesses quando visitam um museu. Foi o que se tentou fazer, questionando, via WhatsApp, cerca de 20 elementos de famílias distintas, com diferentes idades. A cada uma colocou-se a seguinte pergunta:

“O que gostariam de encontrar nos museus, quando os visitam com a família, em termos de espaços, materiais de apoio ou... outras coisas?”

As respostas contemplaram aspetos desde as condições logísticas e de acolhimento, a materiais nas salas, a atividades orientadas, abordagens temáticas.

Conhecer o percurso que deve seguir. Muita luz.
(Francisca, 19 anos)

Espaços ou bancos para desenhar ou conversar sobre as peças expostas.
(Sofia, 49 anos)

O pessoal do atendimento, ao quadrado!... Ser bem-recebido faz toda a diferença.
(Maria do Carmo, 48 anos)

Apostar no “pode fazer” mais do que NÃO PODE FAZER, isso mata a relação à nascença, sobretudo nas crianças... como dizia um miúdo, “pensei que isso era chato mas afinal não.”
(Maria do Carmo, 48 anos)

Criar familiaridade... coisas que nos aproximem e façam querer voltar.
(Maria do Carmo, 48 anos)

Bar, livraria, loja e biblioteca para consulta livre são indispensáveis.
(Assunção, 54 anos)

Cafeteria agradável para se juntar o programa cultural ao lúdico.
(Manuela, 52 anos)

Às vezes o circuito da visita é longo: sítios para parar, opção de voltar atrás.
(Manuela, 54 anos)

Tablets com jogos interativos.
(Zé Maria, 10 anos)

Painéis interativos
(Maria do Carmo, 48 anos)

Para exposições permanentes deveríamos ter sempre hipótese de uma explicação breve da exposição – acho que entrar num museu, pegar num folheto e andar nem sempre é a melhor solução. Para sintonizar todos ao mesmo tempo. Claro que o ideal era haver guia permanente.
(Isabel, 54 anos)

Folhetos com “jogos” para descobrir e explorar coleções em famílias ou individualmente. (Sofia, 49 anos)

Eu acho que informação escrita é importante. Gostei particularmente do Museu Romântico. (Assunção, 54 anos)

Há pouco tempo vi uma exposição no Tyssen-Borneniza que tinha guia áudio em que se tinha uma espécie de banda sonora dos quadros, que achei interessante e que dava a impressão de “mergulhar” na obra (sons de rua, sons de mar, sons de campo...) (Sofia, 49 anos)

Explicações completas e apelativas em linguagem. Acessível. (Maria do Carmo, 48 anos)

Criar núcleos de interpretação em que se possa experimentar tocar, personificar temas... fazer um pouco que de visitante passemos a objeto expositivo... além de ver também fazemos (Maria do Carmo, 48 anos)

Essencial: bons roteiros, bons guias com atividades que envolvam ativamente os visitantes. (Inês, 49 anos)

Filmes (Maria do Carmo, 48 anos)

Explicativos sumários de peças, com histórias do artista ou movimentos em que estão enquadrados. (Manuela, 52 anos)

Material didático para crianças pequenas também é uma ajuda (Manuela, 52 anos)

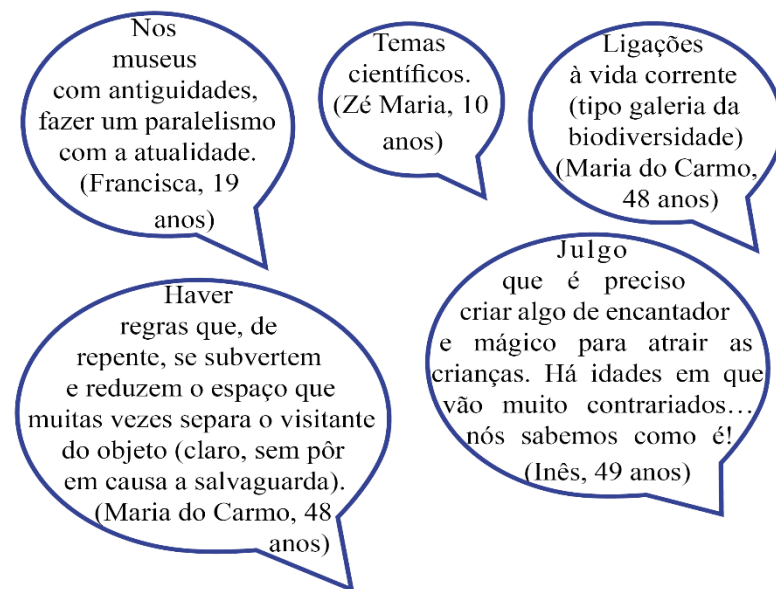
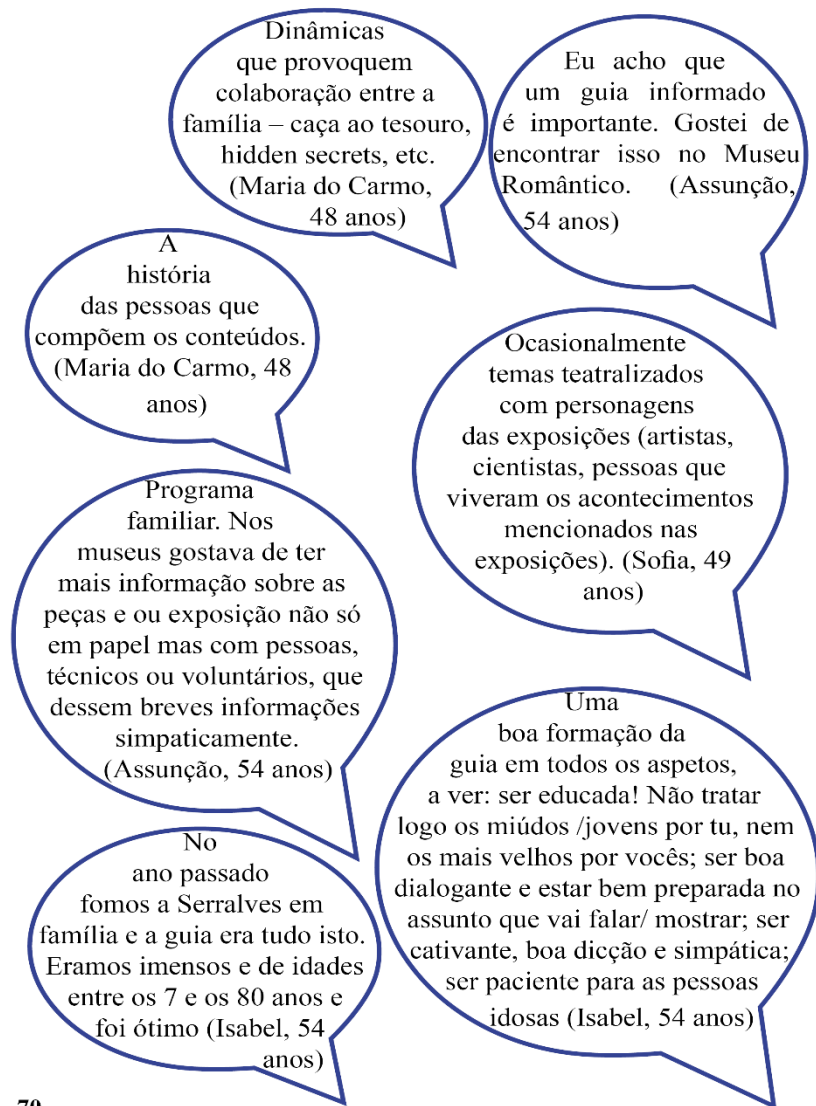
Haver folhetos bem feitos sobre a exposição, os áudios funcionarem bem... (Isabel, 54 anos)

Visitas com bons guias. (Zé Maria, 10 anos)

Materiais de apoio (Manuela, 54 anos)

Eu gostava de ter algo sobre a história do edifício e zona onde está, algo relacionado com este ou alguém que nele tivesse vivido, peças bonitas, desenhos, qualquer coisa que viesse enriquecer a história do museu (Maria João, 80 anos)

Também acho importante o áudio guia, acho mesmo fundamental. Pode ser na forma de uma aplicação que se possa ouvir no telemóvel. (Assunção 54 anos)



5. PERIGOS.

O que não funciona? O que se deve evitar?
O que é perigoso?

As visitas das famílias aos museus requerem cuidados específicos:



Cada museu tem especificidades próprias. A família deve ser informada à entrada acerca dos procedimentos a ter durante a visita ou atividade, para evitar quaisquer situações de perigo.



Os perigos são diferentes de museu para museu, pois estes podem ser expositivos, interativos ou ambos, simultaneamente. Por vezes no mesmo museu há zonas em que o visitante é convidado a tocar nas peças e outras em que esse acesso não é permitido. Se isto não for bem comunicado podem-se criar condições de perigo quer para as peças como para os visitantes.



É desejável integrar no próprio contexto expositivo zonas de interação entre famílias – por exemplo, um jogo, alguma atividade para fazer in loco – mas ao integrar estes espaços, de interação, deve haver o cuidado de estarem situados em zonas onde não haja peças frágeis ou zonas pouco protegidas.



Quando um grupo tem crianças muito pequenas, deve haver uma especial atenção para que estas andem sempre próximas dos adultos.



Os casacos e as mochilas devem ser deixados em locais apropriados, evitando assim possíveis estragos na visita ou na atividade. Além de que se torna mais confortável andar “sem pesos”.



As escadas devem ser bem assinaladas e protegidas para evitar quedas.



Quando existem zonas especialmente perigosas, por pisos desnivelados, congestionamento de algumas passagens ou varandins altos, é importante que estejam devidamente assinaladas.



Deve haver especial atenção nos quartos de banho, nomeadamente nos fechos das portas, para evitar situações de pessoas ficarem fechadas.



Deve evitar-se uma linguagem muito infantilizada. Ao tentar uma aproximação às crianças com uma linguagem só orientada para elas, corre-se o risco de excluir os adultos e de tornar o museu num espaço apenas para crianças. Uma linguagem clara e simples comunica bem, quer com crianças quer com adultos.



O recurso a material de desenho e escrita, nomeadamente canetas e lápis, deve ser facilitado no museu, uma vez que a escrita e o desenho incentivam a relação com as obras e também entre os vários membros da família. Deve, no entanto, haver especial cuidado na vigilância das salas para evitar situações de risco para as obras expostas. Se necessário pode restringir-se o uso desses materiais a determinadas salas do museu.



Deve evitar-se mostrar peças em vitrines com uma altura não acessível para as crianças. Em alguns casos ultrapassa-se esta situação com a colocação de uns banquinhos para a criança poder subir e espreitar.

Referências bibliográficas

Borun, M., Chambers, M., Dritsas, J. & Johnson, J. (1997). Enhancing Family Learning Through Exhibits. *Curator*, 40 (4), 279-295

Engage. (2004/2005). *Making Connections Toolkit: Early Years and Families*. Disponível em <https://www.engage.org/toolkits>

Hooper-Greenhill, E. (1998). *Los Museos y sus visitantes*. Gijón: Ediciones Trea

Santos, J. (2014). *Públicos dos Museus: um estudo qualitativo sobre as visitas em família – o caso do Museu da Eletricidade* (Dissertação de Mestrado, ISCTE, Lisboa). Disponível em <http://hdl.handle.net/10071/9424>

Ficha Técnica



Coordenação geral e supervisão: Alice Semedo (FLUP)

Conceção e textos: Alexandra Aires (CMP); Andreia Santos (FLUP - estagiária 2º ano Mestrado em Museologia); Inês Ferreira (CMP); Manuela Neves (CMP)

Revisão do texto: Lília Pereira (CMP); Patrícia Campos (CMP)

Conceção gráfica: Andreia Santos

Ilustração: Inês Ferreira

Fotografias © Casa do Infante

Nota: Todas as citações originalmente em inglês foram traduzidas para português pelas autoras dos textos.

Apêndice K – Objetos propostos para a atividade

Moldura de espelho e espelho	
Objeto	 <p>(Fonte: Câmara Municipal do Porto, no prelo, p. 85)</p>
Descrição	<p>“Espelho com moldura em talha dourada. A decoração é enriquecida com filamentos de pérolas, rosas e enrolamentos de flores. A encimar o espelho concheado estão enrolamentos de flores em talha dourada em alto relevo.”</p> <p>“Delicado trabalho de entrave da moldura.” “Ao centro, na fachada superior da moldura, grande medalhão formado por conchas ladeado por volutas de onde emanam ramagens de flores e folhas de finíssimo recorte” (ficha de inventário).</p>
Artista	
Retratado	
Visão do retratado / tamanho do corpo	
Data	Século XIX, Portugal
Tipo de retrato	
Formato	
Tamanho	<p>Espelho: A. 89 x L. 149,3 cm</p> <p>Moldura: A. 130 x L. 171,2 cm</p>
Técnica	
Material/suporte	Madeira em talha dourada e espelho
Estatuto do retrato	
Número de inventário	<p>Inv. N.º. CMMOS. 78.65.292</p> <p>N.º Cadastro: 911.5</p>
Localização	CMMOS: Receção
Outras informações	<ul style="list-style-type: none"> • Proveniência: Adquirido para o edifício; • Aquisição: Legado; • Data de incorporação: 1978; • Estado de conservação: Bom/razoável; • “Este espelho tem uma moldura em talha dourada, decorada com um friso de pérolas, um friso de rosas e, na parte superior, uma concha rodeada de volutas donde saem dois festões de flores e ramagens. Os espelhos foram usados sobretudo desde o século XVIII, em espaços de cerimónia como salas e salões de baile. Houve grande importação de espelhos de Inglaterra onde o seu uso era frequente. É tradição em Portugal, a decoração dos

espelhos concentrar-se no trabalho de entalhado aplicado à moldura, que muitas vezes é dourada, apesar da proibição de aplicar ouro e prata no mobiliário, decretado na Pragmática Joanina de 1749. Este tipo de espelhos eram encomendados aos pares para as salas de receção e, para além de um objetivo de decoração, aumentavam a luminosidade dos espaços ao refletirem a luz das velas. Este uso desenvolveu-se graças à criação da Real Fábrica de Espelhos pelo Marquês de Pombal” (Câmara Municipal do Porto, no prelo, p. 85).

Retrato de Marta Ortigão Sampaio

Objeto



(Fonte: Câmara Municipal do Porto, no prelo, p. 48.)

Descrição “Retrato de D. Marta com dezassete anos de idade” (ficha de inventário).

Artista António Carneiro

Retratado Marta Ortigão Sampaio

Visão do retratado / tamanho do corpo De frente
Busto

Data Maio 1915

Tipo de retrato Retrato individual

Formato Desenho

Tamanho C/ moldura: A. 64 x L. 59 cm

Técnica Sanguínea sobre papel

Material/suporte Papel e moldura

Estatuto do retrato

Número de inventário Inv. N°. CMMOS. 78.35.001
SOSS 78.35.01
Nº Registo: 798 I
Nº Cadastro: 20


Localização CMMOS: Receção

Outras informações

- **Proveniência:** Sala de visitas – S. Mamede;
- **Data de incorporação:** 1978;
- **Época:** 1915.V;
- **Marcas:** Razoável;
- **Estado de conservação:** Manchas de humidade;


- **Intervenções:** Aplicação de Cartolina Grossa (dez 1996) *acid-free* no verso do desenho; aplicação de um vidro; em 2011 – limpeza do suporte em papel com borracha em bloco e trincha, limpeza da moldura;
- No Inarte desde 6/03/14;
- “Nesta sanguínea, António carneiro representa Marta Ortigão Sampaio com cerca de 18 anos, com traços delicados. O pintor António Carneiro teve numerosas encomendas de retratos que efetuava a carvão e sanguínea, tendo desenvolvido a representação coletiva e familiar em retratos conjuntos - vários rostos unidos, no mesmo papel. A par das suas atividades como pintor, professor e poeta, dirigiu a revista portuense Geração Nova e integrou a sociedade Renascença Portuguesa, instituída no Porto em 1911. Para este movimento, promotor da cultura nacional, desenhou o ex-libris, usado em todas as suas edições, nomeadamente na revista A Águia, publicação que dirigiu a partir de 1912 com Teixeira de Pascoaes, sendo o responsável pela coordenação literária e pelas ilustrações.” (Câmara Municipal do Porto, no prelo, p. 48).

Retrato da mãe da artista, Olinda Perez de Souza

Objeto	
Descrição	“Retrato – Mãe da Artista e avó de Marta. Subcoleção: Olinda Perez; de corpo inteiro, sentada numa cadeira e trajando de negro, luto pela morte do marido (viuvez)” (ficha de inventário).
Artista	Aurélia de Sousa
Retratado	Olinda Perez de Souza
Visão do retratado / tamanho do corpo	¾, sentada numa cadeira Corpo inteiro
Data	s.d.; (c. 1900); século XIX
Tipo de retrato	Retrato individual
Formato	Pintura
Tamanho	S/ moldura: A. 147 x L. 106 cm C/ moldura: A. 192,3 x L. 151 cm
Técnica	Óleo sobre tela
Material/suporte	Tela e moldura

Estatuto do retrato	
Número de inventário	Inv. Nº. CMMOS. 78.31.116 Nº cadastro: 913.4 Nº registo: 694 I
Localização	CMMOS: Sala da Aurélia – 1º piso
Outras informações	<ul style="list-style-type: none"> • Proveniência: Compra efetuada por D. Marta à Sra. D. Helena Caiado; • Aquisição: Legado; • Data de incorporação: 1978; • Marcas: Assinado (“as”); não datado; • Estado de conservação: Bom; • Intervenções: Restaurada no primeiro trimestre de 2012, pelo Centro de Conservação e Restauro da Universidade Católica – Porto; • Exposições: <i>Aurélia de Souza</i>, Museu Nacional Soares dos Reis, 1973, quadro nº 14; <i>Portugal 1900</i>, Museu da Fundação Calouste Gulbenkian, entre 28 de junho a 24 de setembro/outubro de 2000; <i>Aurélia, Mulher Artista</i>, Casa-Museu Marta Ortigão Sampaio, de 13 de junho a 30 de outubro de 2016; • “De dimensão idêntica ao <i>Santo António</i>, podemos ver nesta obra parecenças fisionómicas entre a mãe, Olinda Perez de Souza, e a sua filha, a pintora Aurélia de Sousa. A figura posiciona-se a três quartos, olhando de frente, de rosto sereno e um pouco enigmático. Sendo viúva, traja totalmente de negro, o que evidencia a renda branca da touca e os tons de carnação do rosto e das mãos pousadas. O cenário envolvente é simples, realçando a figura imponente da retratada que ocupa toda a composição e que reforça o seu estatuto de símbolo matriarcal da família Sousa. Olinda Perez de Sousa, natural da Sé, no Porto, casou aos 15 anos com António Martins de Sousa, natural da freguesia de Raiva, Castelo de Paiva, e emigrou para o Brasil e depois para o Chile, para a cidade de Valparaíso. Tiveram 7 filhos, 6 raparigas e 1 rapaz. António de Sousa enriqueceu no Chile com o negócio da venda das madeiras para a construção de caminhos de ferro e regressou a Portugal em 1869, à cidade do Porto. Instalaram-se então na cobiçada Quinta da China, na parte oriental da cidade. Morreu cinco anos depois, deixando a família com problemas económicos. Olinda voltou a casar com o senhor Santos Pereira, de quem teve um filho, Vítor Pereira, que, em adulto, emigrou para o Brasil. O outro filho, César de Sousa, também emigrou, tendo voltado para o Chile e recuperado alguns negócios do pai. – IAS” (Vicente, 2016, p. 188); • A Historiadora de Arte Raquel Henriques da Silva sugere que o modelo da composição desta pintura terá sido a obra do pintor americano James Whistler (1834-1903), autor da “Harmonia em Cinzento e Negro - A Mãe do Artista” (1871). (Câmara Municipal do Porto (org.). (no prelo), p. 18).

Rapariga segurando uma abada

Objeto	
Descrição	“Retrato - “Menina segurando uma abada - estudo”. Estudo/pintura inacabada. Retrato de uma menina de cabelo apanhado, vestindo uma blusa branca e saia castanha, com cavidade improvisada para receber algo no regaço.” “Castanha apanhada Camisa (blusa + saia) branca e outra saia.” (ficha de inventário).
Artista	Aurélia de Sousa
Retratado	
Visão do retratado / tamanho do corpo	Frente 2/3
Data	s.d.
Tipo de retrato	Retrato individual
Formato	Pintura
Tamanho	S/ moldura: A. 84 x L. 64,1 cm C/ moldura: A. 100 x L. 80,5 cm
Técnica	Óleo sobre tela
Material/Suporte	Tela e moldura
Estatuto do retrato	
Número de inventário	Inv. N.º. CMMOS. 78.31.122 N.º registo: 700 I N.º cadastro: 923.4
Localização	CMMOS: Sala da Aurélia
Outras informações	<ul style="list-style-type: none"> • Proveniência: Legado; • Data de incorporação: 1978; • Marcas: Não assinada nem datada; • Estado de conservação: Bom; • Intervenções: Restaurada no primeiro trimestre de 2012, pelo Centro de Conservação e Restauro da Universidade Católica – Porto; • Exposições: <i>Aurélia de Souza</i>, Museu Nacional Soares dos Reis, 1973, quadro n.º 12; <i>Exposição de Obras de Aurélia de Souza e Sophia Martins de Souza Pertencentes à Casa-Museu de Artes Decorativas SOSS</i>, Casa Tait, 1984, quadro n.º 1; <i>Aurélia, Mulher Artista</i>, Casa-Museu Marta Ortigão Sampaio, de 13 de junho a 30 de outubro de 2016; • Esta pintura foi vendida por D. Helena Caiado à D. Marta;

- “O quotidiano das vivências da Quinta da China é inúmeras vezes retratado tanto por Aurélia como por Sofia de Souza. As duas pintoras encontraram no seu local de habitação a inspiração para os seus estudos e experiências. Uma das preocupações mais evidentes nas suas obras é a representação da luz sobre as diferentes matérias. Neste caso específico, essa preocupação lumínica denota-se na representação dos tecidos, da pele, dos cabelos. A figura central é trabalhada cuidadosamente enquanto o fundo envolvente apenas é preenchido por pinceladas largas “quase impressionistas” na forma.” (Câmara Municipal do Porto, no prelo, p. 19).

Cabeça de homem negro

Objeto	
Descrição	“Estudo de figura, “Cabeça de negro” – Representação de perfil de um negro, a meio corpo, trajando roupas humildes. Predomínio das cores castanho, branco e preto” (ficha de inventário).
Artista	Aurélia de Sousa
Retratado	Homem negro anónimo
Visão do retratado/ tamanho do corpo	Perfil Busto
Data	s.d. (século XIX)
Tipo de retrato	Retrato individual
Formato	Pintura
Tamanho	S/ moldura: A. 60 x L. 50 cm C/ moldura: A. 85 x L. 76 cm
Técnica	Óleo sobre tela
Material/suporte	Tela e moldura
Estatuto do retrato	Estudo de figura
Número de inventário	Inv. N.º. CMMOS. 78.31.114 N.º registo: 692 I N.º de cadastro: 253.11 N.ºs antigos: 32
Localização	CMMOS: Sala da Aurélia
Outras informações	• Proveniência: Sala Azul – S. Mamede Infesta;

- **Aquisição:** Legado;
- **Data de incorporação:** 1978;
- **Marcas:** Assinado (“aurelia Souza”), “Charles F. Chambers” no verso;
- **Estado de conservação:** Restaurado; bom;
- **Intervenções:** Foi restaurada no primeiro trimestre de 2012 pelo Centro de Conservação e Restauro da Universidade Católica – Porto;
- **Exposições:** *Exposição de Homenagem Póstuma à Grande Pintora Aurélia de Souza*, Palácio de Cristal (Porto), 1936, quadro nº 187; *Aurélia de Souza*, Museu Nacional Soares dos Reis, 1973, quadro nº 5; *Exposição de Obras de Aurélia de Souza e Sophia Martins de Souza Pertencentes à Casa-Museu de Artes Decorativas SOSS*, Casa Tait, 1984, quadro nº4; *Aurélia, Mulher Artista*, Casa-Museu Marta Ortigão Sampaio, de 13 de junho a 30 de outubro de 2016;
- **Classificação:** Retrato;
- **Subcoleção:** Naturalismo;
- Pintura confiada pela família Ortigão Sampaio ao Sr. Charles Chambers;
- “Figura de um homem negro, anónimo, de perfil, vestido com um casaco bege em que sobressai o branco da camisa. Esta personagem está pintada sobre fundo do mesmo tom. De realçar o pormenor das suas feições e o seu olhar resignado. A obra está assinada «Aurélia Souza», não estando datada. O retrato aparece exibido na exposição de 1897, na Associação Católica do Porto. Tem inscrito no verso: «Charles F. Chambers», que terá sido o seu primeiro proprietário, sendo depois adquirido pelo Eng.º Vasco Ortigão Sampaio, passando mais tarde à coleção de Marta Ortigão Sampaio. – IAS” (Vicente, 2016, p. 187);
- “Este facto [o de estar assinado como Aurélia de Souza] pode indiciar um gosto especial da artista por este estudo, tendo utilizado uma fotografia que fez dele para bilhete-postal que ofereceu a uma amiga.” (Câmara Municipal do Porto, no prelo, p. -20).

Santo António

Objeto




Descrição

“Auto-retrato – “Sto. António” – Pintura representando a imagem de um Santo com hábito de frade; a fisionomia corresponde à da artista. Pintura de


	grande carga psicológica, na expressão ascética da Figura. Predomínio das cores: castanho e azul” (ficha de inventário).
Artista	Aurélia de Sousa
Retratado	Aurélia de Sousa
Visão do retratado/ tamanho do corpo	Frente Corpo inteiro
Data	s.d. (c. 1902)
Tipo de retrato	Autorretrato
Formato	
Tamanho	S/ moldura: A.189 x L. 99 cm C/ moldura: A. 218 x L. 128,2 cm
Técnica	Óleo sobre tela
Material/Suporte	Tela e moldura
Estatuto do retrato	
Número de inventário	Inv. Nº. CMMOS. 78.31.117 Nº registo: 695 I Nº de cadastro: 913.5
Localização	CMMOS: Sala da Aurélia
Outras informações	<ul style="list-style-type: none"> • Proveniência: Esta pintura foi comprada pelo Sr. Engenheiro Vasco Ortigão Sampaio, à Sra D. Helena Caiado; Quinta de S. Mamede; • Aquisição: Legado; • Data de incorporação: 1978; • Marcas: Assinado (“as”), não datado; • Estado de conservação: Bom; • Intervenções: Restaurada no segundo trimestre de 2012 pelo Centro de Conservação e Restauro da Universidade Católica – Porto; • Exposições: <i>Aurélia de Souza</i>, Museu Nacional Soares dos Reis, 1973, quadro nº 8; <i>Exposição de Obras de Aurélia de Souza e Sophia Martins de Souza Pertencentes à Casa-Museu de Artes Decorativas SOSS</i>, Casa Tait, 1984, quadro nº 9; <i>O rosto da máscara: a Auto-representação na Arte Portuguesa</i>, Centro Cultural de Belém, 7/12/1994 (entregue no Porto a 21.03.1994); <i>Santo António</i>, Museu Nacional de Arte Antiga, entregue no Porto a 21.03.95; • “nesta obra, Aurélia de Sousa pintou-se vestida com o burel franciscano com capuz, largas mangas e corda na cintura, sandálias nos pés, numa posição ligeiramente inclinada e de mãos postas em oração, muito expressivas. A mão direita tem o dedo indicador apontando para cima. O seu cabelo é curto e distingue-se de uma aureola por cima da cabeça. Serviu-se de uma paleta de cores entre castanhos e pretos. A assinatura AS é semelhante à que apresenta o <i>Retrato da mãe da artista, Olinda Perez de Souza</i> e que Aurélia usou por pouco tempo, após o regresso do estrangeiro. O formato de grandes dimensões é raro dentro da tipologia habitual da artista. «Terá sido pintado na Quinta da China após a sua formação parisiense, c.1902.» (Adelaide Duarte, <i>Aurélia de Sousa</i>, p. 42). – IAS” em (Vicente, 2016, p. 184);

- “Santo António era o Santo patrono da pintora Aurélia de Souza, por ter nascido a 13 de junho.” (Câmara Municipal do Porto, no prelo, p. 21);
- “A fotografia de Aurélia de Souza, vestida de burel franciscano, foi usada como modelo fotográfico para o autorretrato de “Santo António”. A pintora recorreu à fotografia, como ponto de partida para a sua obra, o que era habitual entre os pintores da sua época.” (Câmara Municipal do Porto, no prelo, p. 21).

Retrato fotográfico de Marques de Oliveira e discípulos na Academia Portuense de Belas-Artes, oferecido pelas alunas ao mestre


Objeto	
Artista	
Retratado	Marques de Oliveira e discípulos, incluindo Sofia e Aurélia de Sousa, Júlia Molarinho Ramos, Berta Nughent e Lucília Aranha.
Visão do retratado / tamanho do corpo	De frente e 3/4 Corpo inteiro, meio corpo e a 2/3
Data	1893-1894
Tipo de retrato	Retrato de grupo
Formato	Fotografia
Tamanho	
Técnica	Fotografia
Material/suporte	
Estatuto do retrato	
Número de inventário	
Localização	CMMOS: Hall piso 0
Outras informações	Sem ficha de inventário.

Auto-retrato


Objeto	
---------------	--

Descrição	““Auto-retrato” – retrato da pintora Sofia Martins com um chapéu de penas e lenço no pescoço com nó de gravata” (ficha de inventário).
Artista	Sofia Martins de Sousa
Retratado	Sofia Martins de Sousa
Visão do retratado / tamanho do corpo	3/4 Busto
Data	s.d.
Tipo de retrato	Auto-retrato
Formato	Pintura
Tamanho	S/ moldura: A. 60 x L. 46 cm C/ moldura: A. 67 x L. 52,5 cm
Técnica	Pastel
Material/Suporte	Tela e moldura
Estatuto do retrato	
Número de inventário	Inv. N°. CMMOS 78.34.12 N° registo: 5185 I N° cadastro: 924.6
Localização	CMMOS: Hall piso 0
Outras informações	<ul style="list-style-type: none"> • Aquisição: Legado; • Data de incorporação: 1978; • Exposições: <i>Exposição de Obras de Aurélia de Souza e Sophia Martins de Souza Pertencentes à Casa-Museu de Artes Decorativas SOSS</i>, Casa Tait, 1984, quadro nº 50; • “Neste autorretrato feito a pastel, Sofia de Souza revela o seu lado mais coquete, talvez influenciado pela diversidade das modas e do trajar que observou em Paris, durante a sua frequência da Academia Julian. Também em fotografias da Academia se observam numerosas estudantes de desenho e pintura, suas colegas, oriundas de várias partes do mundo, com grande descontração e muita criatividade, nas formas de vestir. Neste autorretrato feito a specchio – a técnica mais antiga dos artistas se autorretrataram – ou a partir de fotografia, técnica recente (século XIX), a artista representa-se com um chapéu, eventualmente decorado por ela. Trata-se de um chapéu pequeno e rígido, à volta do qual existe uma tira de tecido de cor alaranjada, que laçou à frente. No nó do laço, de ambos os lados, prendeu grandes penas de galo, pretas azuladas. A condizer com a tira e laço do chapéu colocou uma gravata colorida ao pescoço que, para além dos tons de laranja, tem verde, branco e amarelo.” (Câmara Municipal do Porto, no prelo, p. 29).

Retrato de senhora

Objeto	
Descrição	“Figura feminina, senhora idosa com óculos redondos” “retrato de senhora” (ficha de inventário).
Artista	Sofia Martins de Sousa
Retratado	
Visão do retratado / tamanho do corpo	De frente Rosto
Data	22.10.1931
Tipo de retrato	Retrato individual
Formato	Desenho
Tamanho	S/ moldura: A. 32 x L. 21, 5 cm C/ moldura: A. 38,4 x L. 28 cm
Técnica	Desenho a grafite
Material/Suporte	Papel e moldura
Estatuto do retrato	
Número de inventário	Inv. Nº. CMMOS 78.36.032 Nº registo: 831 I Nº cadastro: 923.9
Localização	CMMOS: Sala de Sofia
Outras informações	<ul style="list-style-type: none"> • Proveniência: Casa de São Gens, Quinta de S. Mamede; • Aquisição: Legado; • Data de incorporação: 1978; • Marcas: Assinado e datado; • Conservação: Razoável, apresenta ondulação do suporte, <i>foxing</i>; • Exposições: Conferência 15/3/2016; • “Este retrato de uma senhora idosa com óculos de tartaruga lembra, na fisionomia e expressão, a própria artista, o que pode sugerir tratar-se de um autorretrato, embora não haja indícios que o fundamentem. Volvidos quase 10 anos após a morte da irmã Aurélia de Souza, grande companheira e colega de profissão, a pintora Sofia de Souza continuava a usar o lápis, o carvão, a sanguínea e o pastel e pouco ou quase nada as tintas, com receio dos malefícios para a sua saúde.” (Câmara Municipal do Porto, no prelo, p.31).

Auto-retrato


Objeto	
Descrição	“Auto retrato de Sofia Martins” (Ficha de inventário).
Artista	Sofia Martins de Sousa
Retratado	Sofia Martins de Sousa
Visão do retratado / tamanho do corpo	De frente Rosto
Data	s.d.
Tipo de retrato	Autorretrato
Formato	Pintura
Tamanho	S/ moldura: A. 32 x L. 24,5 cm C/ moldura: A. 49 x L. 41,5 cm
Técnica	Pastel sobre papel
Material/Suporte	Papel e moldura
Estatuto do retrato	
Número de inventário	Inv. N°. CMMOS. 78.34.024 N° registo: 793 I N° cadastro: 180.1
Localização	CMMOS: Sala de Sofia
Outras informações	<ul style="list-style-type: none"> • Proveniência: Sala de visitas – S. Mamede; • Aquisição: Legado; • Data de incorporação: 1978; • Marcas: Assinado; • Exposições: <i>Exposição de Obras de Aurélia de Souza e Sophia Martins de Souza Pertencentes à Casa-Museu de Artes Decorativas SOSS</i>, Casa Tait, 1984, quadro nº 51; <i>Aurélia, Mulher Artista</i>, Casa-Museu Marta Ortigão Sampaio, de 13 de junho a 30 de outubro de 2016; • “Este autorretrato foi provavelmente feito à <i>specchio</i> (ao espelho) pela espontaneidade da expressão do riso. Tratando-se de um autorretrato, a necessidade de expressar uma postura, emoção ou sentimento é fundamental como definição de uma atitude ou carácter. Neste caso específico, a alegria - o riso - combina com as descrições psicológicas registadas por familiares. “A procura de uma definição de estados de espírito, ou pelo menos da tradução de uma expressividade inerente à figura humana, a par de uma grande harmonia compositiva, conseguida

pela uniformização cromática dos elementos que compõe o espaço plástico, é o vetor mais marcante das composições de retrato da artista, fruto da sua inquestionável sensibilidade aglutinada com ecos da influência de Marques de Oliveira.” (in Sandra Carina Peixoto. Sofia Martins de Souza. Uma pintora do Naturalismo português. Revista Museu, IV Série, nº. 11. 2002.)” (Câmara Municipal do Porto, no prelo, p.39).


Fotografias na escrivaninha

Objeto	
Artista	
Retratado	Estela Martins de Sousa e Vasco Ortigão Sampaio
Visão do retratado / tamanho do corpo	3/4 Busto
Data	
Tipo de retrato	Retrato individual
Formato	Fotografia
Tamanho	
Técnica	Fotografia
Material/suporte	Moldura
Estatuto do retrato	
Número de inventário	
Localização	CMMOS: Escritório - piso 1
Outras informações	Sem ficha de inventário.


Busto de Ramalho Ortigão

Objeto	
Artista	António Teixeira Lopes (1866-1942)
Retratado	Ramalho Ortigão


Visão do retratado/ tamanho do corpo	Frente Busto
Data	1909
Tipo de retrato	Retrato individual
Formato	Escultura
Tamanho	
Técnica	
Material/suporte	Bronze
Estatuto do retrato	Reprodução
Número de inventário	Inv. Nº. CMMOS. 78.23.05 Nº cadastro: 203.1
Localização	CMMOS: Escritório
Outras informações	<ul style="list-style-type: none"> • “Esta escultura é uma reprodução em bronze do busto de Ramalho Ortigão, realizado por Teixeira Lopes em 1909. Ramalho Ortigão, tio-avô de Marta Ortigão Sampaio, é representado com um grande bigode, laço e camisa de colarinho levantado, colete e casaco. Denota-se uma preocupação de realismo na representação do rosto e dos detalhes. Pode ver-se o busto do escritor Ramalho Ortigão no Museu Nacional de Soares dos Reis.” (Câmara Municipal do Porto, no prelo, p. 72).

“Mulher a fiar”	
Objeto	
Descrição	““Mulher a fiar” – retrato de mulher a fiar com lenço n cabeça, vestindo blusa branca, corpete, saia e avental; nos pés calça meias de lã e socos” (ficha de inventário).
Artista	Alberto de Souza
Retratado	
Visão do retratado / tamanho do corpo	3/4 Corpo inteiro
Data	1935
Tipo de retrato	Criptorretrato
Formato	Pintura
Tamanho	A. 84 x L. 65 cm (Câmara Municipal do Porto, no prelo, p. 46) S/ moldura: A. 36 x L. 25,5 cm C/ moldura: A. 59,5 x L. 46,5 cm

Técnica	Aguarela sobre papel
Material/Suporte	Papel e moldura
Estatuto do retrato	
Número de inventário	Inv. N°. CMMOS. 78.33.35 Nº registo 742 I Nº cadastro 373.11
Localização	CMMOS: Hall piso 2
Outras informações	<ul style="list-style-type: none"> • Proveniência: Quarto de estudo – S. Mamede; • Aquisição: Legado; • Data de incorporação: 1978; • Marcas: Assinado; • Estado de conservação: Razoável • Intervenções: Aplicação de um novo <i>passe-partout</i> em cartão <i>acid-free</i>; substituição da cartolina no verso por cartolina <i>acid-free</i>; aplicação de fita-cola neutra e remoção de colas nocivas; • Exposições: <i>Memórias do tempo</i>, Casa Tait, de maio a outubro de 2012; • “A pintura de género e a pintura de costumes fizeram parte integrante do gosto Naturalista. Trata-se de uma fiadeira ou fiandeira, palavras que designam uma tarefa específica, precisa e exigente, no processo de produção de tecidos em linho. Alberto de Souza é considerado por diferentes críticos de arte como um dos melhores aguarelistas portugueses.” (Câmara Municipal do Porto, no prelo, p. 46).

Compondo redes	
Objeto	
Descrição	““Compondo redes” – interior com mulher ajoelhada a compor redes de pesca que saem numa caixa em madeira. Como pano de fundo uma cómoda e um espelho” (Ficha de inventário).
Artista	Marques de Oliveira
Retratado	
Visão do retratado / tamanho do corpo	Perfil Corpo inteiro
Data	s.d.
Tipo de retrato	Criptoretrato
Formato	Pintura
Tamanho	S/ moldura: A. 45,5 x L. 30 cm

	C/ moldura: A. 67 x L. 50 cm
Técnica	Aguarela sobre papel
Material/Suporte	Papel e moldura
Estatuto do retrato	
Número de inventário	Inv. N°. CMMOS. 78.33.006 Nº registo: 713 I Nº cadastro: 173.13
Localização	CMMOS: Hall piso 2
Outras informações	<ul style="list-style-type: none"> • Proveniência: Sala de visitas – S. Mamede; • Aquisição: Legado; • Data de incorporação: 1978; • Marcas: Assinado; • Estado de conservação: Razoável; propõe a substituição do <i>passaportout</i>; • Exposições: <i>Exposição de homenagem ao mestre Marques de Oliveira</i>, Salão Nobre do Ateneu Comercial do Porto, 1929, quadro nº 80; <i>Memórias do tempo</i>, Casa Tait, de maio a outubro de 2012; • “Marques de Oliveira parece ajustar-se nesta pintura ao gosto da época pela cena de género, em tons claros e prazenteiros. Concertar redes era tarefa desenvolvida permanentemente na zona costeira, nas casas de pescadores e na praia, onde as redes eram estendidas a secar. Geralmente havia um pescador ou uma mulher de pescador encarregue da tarefa aqui representada pelo mestre de Naturalismo, Marques de Oliveira.” (Câmara Municipal do Porto, no prelo, p. 65).

Lavradeira	
Objeto	
Descrição	““Lavradeira” com traje minhoto de lavradeira e cesta (de merenda?) à cabeça” (ficha de inventário).
Artista	Alberto de Souza
Retratado	
Visão do retratado / tamanho do corpo	3/4 Corpo inteiro
Data	1935
Tipo de retrato	Criptorretrato
Formato	Pintura

Tamanho	A. 68 x L. 52, 5 cm (Câmara Municipal do Porto, no prelo, p. 45) S/ moldura: A. 36 x L. 25,5 cm C/ moldura: A. 60 x L. 47 cm
Técnica	Aguarela sobre papel
Material/suporte	Papel e moldura
Estatuto do retrato	
Número de inventário	Inv. Nº. CMMOS. 78.33.020 Nº registo: 727 I Nº cadastro: 282.5
Localização	CMMOS: Hall piso 2
Outras informações	<ul style="list-style-type: none"> • Proveniência: Quarto de estudo – edifício S. Mamede; • Aquisição: Legado; • Data de incorporação: 1978; • Estado de conservação: Razoável; • Intervenções: substituição do cartão e <i>passe-partout</i> por cartolina <i>acid-free</i> no verso; remoção de colas nocivas e utilização de fita-cola neutra; • “Esta pintura representa uma minhota com o fato de vianense, imortalizando um costume tradicional de Viana do Castelo, de colorido muito rico, recheado de bordados e filigranas. A mulher leva à cabeça uma trouxa de roupa, para lavar. Aguardelista, herdeiro do Naturalismo oitocentista, Alberto de Souza (1880-1961) estava muito à vontade no registo histórico e na historiografia de trajes e costumes tradicionais.” (Câmara Municipal do Porto, no prelo, p. 45).

As Lavadeiras (maquete)	
Objeto	
Artista	Henrique Moreira (1890-1979)
Retratado	
Visão do retratado/tamanho do corpo	Frente Corpo inteiro
Data	
Tipo de retrato	Retrato em grupo
Formato	Escultura
Tamanho	
Técnica	
Material/suporte	Gesso

Estatuto do retrato	Maqueta
Número de inventário	Inv. N°. CMMOS. 78.24.06 Nº cadastro: 1923
Localização	CMMOS: Piso -1
Outras informações	<ul style="list-style-type: none"> • “Esta escultura em gesso é a maqueta de uma obra de Henrique Moreira e representa quatro mulheres que, nas pedras do rio, lavam a roupa, enquanto conversam, cantam e riem. Com lenços ao pescoço ou no cabelo, as figuras movimentam-se enquanto ensaboam, batem a roupa, esfregam-na e torcem-na, destacando-se a diversidade de expressões dos rostos e o dinamismo criado pelas quatro figuras. Henrique Moreira ingressou em 1905 na Academia Portuense de Belas Artes e trabalhou durante alguns anos no ateliê do Mestre Teixeira Lopes. Dedicou toda a vida à produção escultórica e tem muitas obras espalhadas pelo país. A parte mais substancial da sua vasta obra está no Porto, sendo por isso considerado "o escultor do Porto". A sua obra, figurativa, academista e centrada na representação de figuras ilustres e populares, pode ser vista por toda a cidade: o busto de Camilo Castelo Branco, na Avenida Camilo; A Juventude popularmente conhecida como a Menina Nua e Os Meninos, na Avenida dos Aliados; O Salva-vidas ou Lobo-do-mar e o monumento de homenagem a Raul Brandão na Foz do Douro; a estátua do Padre Américo no Jardim da República; parte do Monumento aos Heróis da Guerra Peninsular na Rotunda da Boavista.” (Câmara Municipal do Porto, no prelo, p. 74).

Alfinete	
Objeto	
Artista	
Retratado	
Visão do retratado / tamanho do corpo	3/4 Busto
Data	Século XIX
Tipo de retrato	Retrato individual
Formato	Joalheria
Tamanho	
Técnica	Miniatura
Material/Suporte	Ouro, vidro, madrepérola
Estatuto do retrato	

Número de inventário	
Localização	CMMOS: Sala das Joias / Piso -1
Outras informações	Sem ficha de inventário.

Apêndice L – Desdobrável para famílias

Auto-Retrato

Existem situações em que os retratos mostram mais como as pessoas se sentem e não tanto como elas se parecem.



OBSERVAR

Como acham que Sofia de Sousa se sentia? Porquê? Imaginem cenários como razão para a sua expressão. Partilhem as vossas ideias.

CONECTAR

Que cara fazem quando estão felizes? E quando estão tristes? Partilhem as coisas que vos deixam felizes e fazem rir e outras que vos deixem mais tristes. Experimentem desenhar ou escrever algo que mostre como se sentem neste momento.

Escritório (piso 1)

Busto Ramalho Ortigão



As esculturas são diferentes das pinturas porque é possível andar à sua volta e ver todos os lados, podendo também ser retratos. Neste caso, a escultura designa-se busto (cabeça, pescoço e ombros) e retrata Ramalho Ortigão, um escritor português.

OBSERVAR

Circulem o material de que acham ser feito este busto (vejam a legenda em caso de dúvida).

Gesso Bronze Barro Mármore

CONECTAR

Construam uma escultura em casa. Podem usar diversos materiais - madeira, papel, latas, cartão, pasta de moldar, barro, ... - usem cola ou fita cola se necessário para juntar os vários pedaços.

Mulher a Fiar

Por vezes o objetivo de um retrato não é retratar como uma pessoa em específico se parece, mas sim representar uma profissão, uma atividade ou uma época. É o que acontece nesta obra, e por isso é designada de criptorretrato ou retrato de época.

Hall piso 2



OBSERVAR

Atentem na figura da mulher. O que está a fazer? (vejam a legenda em caso de dúvida.) Porque acham que o está a fazer? Qual será o objetivo? A roupa que usa estará relacionada com a sua atividade? Quantas camadas de roupa conseguem contar? Partilhem as vossas ideias.

CONECTAR

Pensem noutras profissões ou atividades, atuais ou mais antigas, em que a roupa usada se relacione diretamente com a função da pessoa.

Sala das joias (piso -1)



Alfinete

Nesta miniatura, cujo suporte é um alfinete, encontramos o retrato de um homem. As miniaturas de retrato surgiram no século XVI e um dos seus usos era serem talhadas como medalha ou peça de joalharia.

OBSERVAR

Que materiais acham que foram necessários para o seu fabrico? (vejam a legenda em caso de dúvida.) Se pudessem desenhar uma peça de joalharia, o que seria? Como seria? De que materiais seria feita? O que diria sobre vocês?

CONECTAR

Pensem numa história para este alfinete, para o homem nele representado ou para ambos. Podem iniciar a história com apenas uma frase e fazer com que cada pessoa continue com mais algumas frases.

Guia para famílias

Descobrir o retrato

Este desdobrável sugere questões e atividades para realizar em família, permitindo olhar com criatividade e imaginação alguns retratos da Casa-Museu. Divirtam-se!

Recepção (piso 0)

Retrato de Marta Ortigão Sampaio



"Bem-vindos! Sou a Marta Ortigão Sampaio, nasci em 1897 e dediquei a minha vida a colecionar objetos e peças de arte. Leguei as minhas coleções e este edifício (a quem deram o meu nome) à Câmara Municipal do Porto em 1978. À data deste retrato tinha cerca de 18 anos."

OBSERVAR

Observem como o artista conseguiu criar diferentes tonalidades (partes mais escuras e outras mais claras) usando apenas a sanguinea (espécie de giz avermelhado). Desenhem ou reatrem alguém em diferentes tons de cinzento, usando o lápis de grafite.

CONECTAR

Conseguem encontrar outra obra na Casa-Museu onde o/a artista tenha usado sanguinea?

Sala de Aurélia (piso 0)

Retrato da mãe da artista, Olinda Perez de Souza

Atualmente as fotografias mantêm as memórias vivas. Mas nem sempre foi assim. Antes eram os retratos pintados que tinham essa função, transmitindo as imagens de familiares e pessoas importantes para as gerações futuras. Foi o que Aurélia de Sousa fez com este retrato de sua mãe, Olinda Perez de Souza.



OBSERVAR

Através deste retrato o que conseguem dizer sobre Olinda Perez? Observem a sua expressão, postura e as roupas que usa.

CONECTAR

Também é possível encontrar retratos fotográficos de familiares na Casa-Museu. Tentem descobri-los! (Pista: Estão no escritório (piso 1)).

Rapariga segurando uma abada



É possível aprender factos sobre as pessoas observando os seus retratos. As roupas e os objetos que usam podem dar pistas sobre quem são e o que fazem.

OBSERVAR

A menina faz uma aba com o avental para carregar algo. A isso chama-se abada. O que acham que está a menina a carregar? Será algo pesado ou leve?

CONECTAR

Experimentem fazer o mesmo com a vossa camisola ou casaco. Já o tinham feito? Em que situação? O que carregavam?

Santo António

Quando os artistas se retratam a si próprios o resultado designa-se de autorretrato. Neste caso, Aurélia de Sousa não só se representou a si como o fez vestida de Santo António. Das hipóteses apontadas para esta escolha está o facto de a artista ter nascido a 13 de junho, dia de Santo António.



OBSERVAR

A artista usou poucas cores neste autorretrato, repetindo-as em várias partes. Conseguem identificá-las? Qual a cor mais escura? E a mais clara?

CONECTAR

Tentem fazer o vosso autorretrato. Em que posição se vão representar? Como será a vossa expressão? Que roupas vão usar? O que vão representar como fundo?

Hall (piso 0)

Auto-Retrato



Sofia de Sousa, irmã de Aurélia de Sousa, surge neste autorretrato de forma bem irreverente e vaidosa.

OBSERVAR

Reparem na postura, roupa e adereços que Sofia de Sousa usa. Conseguem identificar as penas de galo, a gravata e o laço? Circulem as cores que conseguem observar.

azul	laranja	verde	amarelo
branco	castanho	roxo	vermelho

CONECTAR

Imaginem que poderiam conversar com esta senhora e perguntar o que quisessem. O que seria? Discutam as vossas ideias em conjunto.

Sala de Sofia (piso 1)

Retrato de Senhora

Tal como a pintura e a fotografia, os retratos também podem ser feitos através do desenho. A certa altura da sua vida, Sofia de Sousa passou a usar mais o lápis, carvão, sanguinea e pastel e muito pouco as tintas pois receava que prejudicassem a sua saúde.










OBSERVAR

Reparem na expressão e na posição dos olhos da senhora. Porque estará assim? O que acham que está a pensar? Para onde estará a olhar?

CONECTAR

O desenho é feito com diferentes linhas e usando sombras. Tentem retratar um familiar com diferentes linhas - grossas, finas, contínuas, descontínuas, retas, curvas - e aplicando sombras.

Apêndice M – Modelo lógico da proposta de atividade *A arte de retratar – Uma visita com Aurélia de Sousa.*

INPUTS 	OBJETIVOS 	ATIVIDADES E OUTPUTS 		CRONOGRAMA 	RESULTADOS 			INDICADORES DE RESULTADOS 	MEDIDAS 
Financeiros: <ul style="list-style-type: none"> • Custos associados aos recursos materiais e à divulgação da atividade; • Algum valor que seja acordado com as parcerias; • Aluguer do laboratório de fotografia; Humanos: <ul style="list-style-type: none"> • Staff da CMMOS: Dois elementos (técnica superior de serviço educativo e assistente técnico/operacional); • Staff do laboratório de fotografia parceiro: um elemento (fotógrafo/a); Materiais: <ul style="list-style-type: none"> • Retratos selecionados da coleção; 	<ul style="list-style-type: none"> • Investir na relação família-museu, cativando mais famílias a visitar a CMMOS; • Analisar as famílias em contexto de visita à CMMOS e em especial perante este tema, observando os seus comportamentos, interesses, necessidades e dificuldades; • Reconhecer o potencial educativo das coleções da CMMOS; • Produzir um maior conhecimento histórico, social e cultural do retrato; 	Atividades e Produtos Diretos <p>Visita orientada, visita oficina e desdobramento como material de apoio.</p>	Participantes <p>Famílias, com qualquer tipo de composição.</p> <p>Pretende-se uma maior procura pelas atividades destinadas a famílias e maior afluência destas à CMMOS.</p>	Tempo <p>1º passo – escolha do tema e conteúdos da atividade;</p> <p>2º passo – elencar os recursos;</p> <p>3º passo – definir as metas e objetivos;</p> <p>4º passo – pensar em estratégias e abordagens educativas;</p> <p>5º passo – desenhar planos de divulgação e avaliação.</p>	Curto prazo <ul style="list-style-type: none"> • Participantes envolvem-se na atividade; • Participantes relacionam-se e identificam-se com o tema; • Participantes relacionam-se entre si. 	Médio prazo <ul style="list-style-type: none"> • Participantes descobrem novas informações ou ganham um melhor entendimento sobre a sua cultura ou outras culturas; • As famílias usam os serviços e instalações da CMMOS para desenvolver o seu conhecimento e compreensão; • Melhor capacidade de resposta da CMMOS às 	Longo prazo <ul style="list-style-type: none"> • Mais famílias a visitar a CMMOS e com maior frequência; • Maior ligação da CMMOS à comunidade; • Estabelecimento de parcerias e desenvolvimento de mais atividades sobre o tema. 	<ul style="list-style-type: none"> • Colocar questões; • Continuidade da atividade; • <i>Feedback</i> dos participantes; • Procura por mais oferta educativa sobre o tema; • Tecer comentários ou partilhar ideias entre si; • Afirmar que ficaram a conhecer melhor as dinâmicas da sua família, nomeadamente quanto ao comportamento e formas de aprender das crianças no museu; • Comentar que as experiências fornecidas pela 	<ul style="list-style-type: none"> • Observação; • <i>Post-its</i> onde os participantes registam a sua opinião sobre a atividade; • Questionários.

<ul style="list-style-type: none"> • Roupas e acessórios inspirados em Aurélia de Sousa para a criação de um disfarce; • Folhas de papel; • Latas/caixas vazias com sistema de abertura e fecho; • Agulhas; • Fita cola preta; • Tinta preta; • Papel fotográfico; • Material para desenho e pintura: lápis normais e de cor, canetas, marcadores, sanguínea, pastel, telas, tintas acrílicas de várias cores, pincéis, cavaletes. 	<ul style="list-style-type: none"> • Ampliar a partilha de ideias e conhecimentos entre gerações; • Explorar os diferentes tipos e categorias de retratos; • Associar o retrato/retratado à vida pessoal de cada um; • Encontrar diferenças entre a época em que o retrato foi realizado e o tempo atual (no ambiente, postura ou roupa do retratado, ...); • Comparar retratos entre si, apontando semelhanças e diferenças; • Implementar o gosto das crianças pelas atividades plásticas; • Valorizar a criatividade; 					necessidades das famílias.		<p>atividade são relevantes para a sua vida;</p> <ul style="list-style-type: none"> • Envolver-se em atividades que estimulam o debate e a discussão sobre o tema; • Procura por atividades e programas a si destinados; • Usar os materiais de apoio disponibilizados; • Número de famílias participantes em atividades e que visitam a CMMOS; • As atividades ou programas educativos cativam vários tipos de famílias; • Aumento do número de visitantes; • Interesse externo por parceiros; 	
--	---	--	--	--	--	----------------------------	--	--	--

	<ul style="list-style-type: none"> • Ampliar o espírito de entreajuda; • Investir na partilha de ideias e conhecimentos entre gerações; • Compreender os processos inerentes à fotografia estenopeica; • Construir uma máquina fotográfica <i>pinhole</i>; • Perceber os processos de revelação fotográfica; • Criar um retrato de família. 							<ul style="list-style-type: none"> • Procura por atividades e programas destinados a famílias. 	
--	---	--	--	--	--	--	--	---	--

(Baseado no modelo lógico enunciado em Semedo, no prelo.)

Apêndice N – Quadro síntese geral da temática

Categoria	Descrição	Bibliografia
COMPOSIÇÃO / TIPOS DE FAMÍLIA	Compostas por indivíduos de diferentes idades e capacidades intelectuais e físicas;	Dierking, 1989, p. 9
	21 tipos: família díade nuclear, família grávida, família nuclear ou simples, família alargada ou extensa, família com prole extensa ou numerosa, família reconstruída, combinada ou recombina, família homossexual, família monoparental, família dança a dois, família unitária, família de coabitação, família comunitária, família hospedeira, família adotiva, família consanguínea, família com dependente, família com fantasma, família acordeão, família flutuante, família descontrolada, família múltipla;	Gomes, 2015, p. 15
CARATERÍSTICAS DAS FAMÍLIAS	É o espaço de relação afetiva onde se constrói a identidade de cada membro;	Gomes, 2015, p. 15
	Grupo que passa mais tempo no museu;	Sandifer, 1997, p. 689
	Apresentam várias formas e tamanhos;	Dierking, 1989, p. 9
	Unidade social multigeracional;	Dierking, 1989, p. 9
	Privacidade, consciência coletiva não perceptível às pessoas de fora, relações permanentes, tradições partilhadas e colagem de interesses/qualidades individuais;	Schänzel & Smith, 2014, p. 126
	Visitam museus com uma agenda específica;	Dierking, 1989, p. 9
MOTIVAÇÕES PARA VISITAR MUSEUS	Como forma de ensinar e transmitir conhecimento às crianças;	Stanton, 1999, p. 7
	Por motivos sociais e de entretenimento, mas também para aprender;	Sterry & Beaumont, 2006, p. 225
	A partilha é uma das grandes motivações;	Jonchéry & Biraud, 2014, p. 89

	Não há apenas um motivo, mas sim um cruzamento de vários;	Santos, 2014, p. 21
COMPORTAMENTOS DURANTE A VISITA	Variedade de comportamentos, dependendo das suas expectativas, mas também da familiaridade com o museu, da idade das crianças e das relações entre os seus membros	Jonchéry & Biraud, 2014, p. 90
	22 tipos comportamentais: aproximar e afastar (aproximar; juntar-se a outro; afastar), observar , manipular (individual; em grupo), ler (olhar para gráficos; em voz alta; ler a totalidade de informação), mostrar e informar (mostrar; informar), discutir (título da exposição; relacionar/descrever; questões sobre conteúdo; questões sobre interação; comentário favorável; comentário desfavorável), interagir com outros grupos , outros (pedir ajuda; terminar; confortar; afligir);	Diamond, 1986, pp. 143, 146
	Comportamentos são, muitas das vezes, sistemáticos e inteligentes;	Hilke, 1988, p. 121
	As famílias agem de forma premeditada assim que entram no museu;	Dierking, 1989, p. 10
	Comportamento ordeiro e previsível;	Falk, 1991, p. 50
	Oito tipos de resposta “parental”: zelador, suporte, ajudante, iniciante, assistente, parceiro, líder, demonstrador;	Brown, 1995, pp. 67-68
	O comportamento mais comum é passar pelas exposições sem mudar o ritmo de visita – olhar e prosseguir;	Choya, 2008, p. 17
APRENDIZAGEM FAMILIAR	Depende do contexto pessoal, sociocultural e físico;	Falk & Dierking, 2000, p. 92
	Significativamente relacionada com o tempo gasto numa exposição;	Borun, Chambers e Cleghorn, 1996, p. 135

	Pode ser facilitada através da exibição e do design da mesma, se essa seguir sete características: multifacetada, multiutilizador, multi-resultado, acessível, multimodal, legível e relevante;	Borun & Dritsas, 1997, p. 190
	Contribui para melhorar o comportamento das crianças e para aumentar a sua realização e participação em atividades sociais;	Renaissance North West, 2009, p. 8
NECESSIDADES E LIMITAÇÕES	Grupo desafiante de servir;	Dierking, 1989, p. 9
	As despesas relacionadas com a visita ao museu (transporte, ingresso) podem impedir a mesma de acontecer;	Santos, 2014, p. 20
	Necessitam de espaços de apoio ao cuidado das crianças e acessibilidades específicas.	Hooper-Greenhill, 1998, pp. 140-141